

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DE LITERATURA
LITERATURA COMPARADA

*A Condição Crítica de André Malraux
no Brasil e na Espanha*

recepção crítica das obras

La Condition humaine, L'Espoir e Antimémoires

Clarissa Laus Pereira Oliveira

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tania Franco Carvalhal

Porto Alegre
2006

Clarissa Laus Pereira Oliveira

*A Condição Crítica de André Malraux
no Brasil e na Espanha*

recepção crítica das obras

La Condition humaine, L'Espoir e Antimémoires

Banca examinadora :
Prof^a. Dr^a. Tania Franco Carvalho (Orientadora)
Prof^a. Dr^a. Lúcia Sá Rebello
Prof^a. Dr^a. Regina da Costa da Silveira
Prof. Dr. Edson Rosa da Silva
Prof. Dr. Ubiratan Paiva de Oliveira

Porto Alegre,
2006

O rio atinge os objetivos porque aprendeu a contornar os obstáculos.
André Malraux

Para meus pais, Antônio e Maria Marta, e meus irmãos, Tina e Toninho.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Tania Franco Carvalhal que, com confiança, entusiasmo e experiência, encorajou-me e orientou-me neste percurso, meu carinho e imensa gratidão.

Meu reconhecimento especial ao Prof. Edson Rosa da Silva, grande malrucciano brasileiro, pelos preciosos conselhos.

À Prof^a Assumpta Camps, orientadora na etapa do doutorado realizada na Universitat de Barcelona (Espanha).

Sou profundamente grata

à Prof^a Lúcia de Sá Rebello pela amizade e por suas observações pertinentes;

à Prof^a Sara Viola que introduziu-me ao mundo das traduções;

à Dona Elvira Farreras i Valentí (*in memoriam*) pela inesquecível manhã que passamos juntas na sua casa em El Puxet, fazendo-me sentir próxima a André Malraux;

aos meus queridos amigos brasileiros, franceses e espanhóis, e familiares que participaram destes quatro anos incentivando-me, apoiando-me e entendendo meus momentos de ausência;

a tia Bernadete que participou de todas as etapas com carinho, apoio e confiança;

aos amigos Dante e Ângela que me receberam de braços abertos no Rio de Janeiro;

a Mazé pela amizade e pela torcida.

Sou eternamente grata à minha mãe que leu e releu estas páginas, sempre disponível a me ajudar.

Agradeço, pela colaboração,

à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial ao Curso de Pós-Graduação em Letras;

à Universitat de Barcelona (Espanha);

aos Arxius de la Casa de l'Ardiaca (Arquivo Público), Barcelona;

à Association Amitiés Internationales André Malraux, Paris (França);

ao Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, Porto Alegre;

à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, do Ministério da Educação;

à Biblioteca Nacional;

à Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Resumo

O presente trabalho trata da recepção crítica, no Brasil e na Espanha, de três obras do escritor francês André Malraux - *La Condition humaine*, *L'Espoir* e *Antimémoires*. A análise fundamenta-se em alguns princípios teóricos da Literatura Comparada e utiliza noções básicas da Estética da Recepção, da Crítica Literária e da Tradução. O estudo reúne e analisa textos publicados em jornais e revistas, literários e jornalísticos, no período compreendido entre 1933, ano da publicação de *La Condition humaine* e 2001, ano do centenário de nascimento do escritor. Compõem também o *corpus* alguns textos produzidos em momentos de especial interesse da biografia do autor (participação na Guerra Civil Espanhola, visita ao Brasil, falecimento e transferência das cinzas para o Panthéon parisiense). Além da pesquisa em jornais e revistas, a Internet foi também uma fonte importante de informações. O estudo mostra que Malraux despertou inicialmente a atenção dos críticos e leitores com seus romances ideológicos, participativos e até revolucionários, adequados ao horizonte de expectativa dos leitores da época, dominada então pela política e pela ideologia, assim como revela que o interesse das gerações pós-guerra por Malraux se justifica pelo valor estético de suas obras. A pesquisa evidencia uma diferença significativa entre o Brasil e a Espanha no que se refere, de um lado, ao número de edições das obras traduzidas e, de outro, ao momento em que ocorreram as traduções. Na Espanha, a tradução começou somente a partir da década de 60, enquanto que no Brasil, de 1933 a 1973, registrou-se uma edição em português a cada década, fato que se repetiu na década de 90 e em 2001. Conta-se um total de 36 edições na Espanha e de apenas 7 edições no Brasil das três obras estudadas. Estes dados são apresentados em gráficos nos anexos da tese, assim como quatro tabelas com as máximas malrucianas, as edições das traduções brasileiras e espanholas das obras, a malruciana brasileira e a malruciana espanhola. Nos anexos, pode-se ler também o discurso pronunciado por Malraux em Madri, no dia 7 de julho de 1937 e, a título de ilustração, seguem-se fotos de Barcelona durante a Guerra Civil, com referências aos locais feitas por Malraux em *L'Espoir*. A bibliografia comporta, em diferentes itens, referências a textos das críticas brasileira e espanhola, a textos encontrados na Internet e às obras consultadas para a fundamentação teórica da pesquisa.

Abstract

The present thesis deals with the critical reception, in Brazil and in Spain, of three works by the French writer André Malraux – *The Human Condition*, *Hope*, and *Antimemoirs*. The analysis is based upon some theoretical principles of Comparative Literature and on basic concepts of the Reception Theory, Literary Criticism, and Translation. The study unites and analyses texts published in periodicals, both literary and journalistic, in the span that goes from 1933, the year of publication of *The Human Condition*, to 2001, the year of the centenary of the writer's birth. The corpus also comprehends some texts produced in special moments of the author's biography (his participation in the Spanish Civil War, his visit to Brazil, his death and the transfer of his ashes to the Pantheon in Paris). Besides the research in journals, magazines, and newspapers, Internet was also an important source of information. The study shows that at first Malraux triggered the attention of critics and readers because of his ideological, engaged and even revolutionary novels which satisfied the horizon of expectations of the readers of an age dominated by politics and ideology, but it also reveals that the interest of post-war generations for Malraux is justified by the aesthetic excellence of his works. The research undertaken shows a meaningful difference between Brazil and Spain on what concerns, on one side, the number of editions of translated works and, on the other side, the time at which the translations appeared. In Spain, the translations began to appear only in the 1960s whereas in Brazil, from 1933 to 1973, there was one Portuguese translation per decade, a phenomenon that also occurred in the 1990s and in 2001. A total of 36 editions is found in Spain and only 7 editions in Brazil, of the three works under scrutiny. These data are presented in graphics annexed to this thesis which also brings four tables with Malraux's maxims, the editions of Brazilian and Spanish translations, the Brazilian critique and the Spanish one on Malraux. In the appendices one can also read Malraux's speech delivered in Madrid on July 7, 1937 followed by illustrating photographs of Barcelona during the Civil War, with references to the places described by Malraux in *Hope*. The bibliography includes, in different items, references to Brazilian and Spanish pieces of criticism, to texts found in the Internet and to the works consulted for the theoretical foundation of the research.

Résumé

Cette étude est consacrée à la réception critique, au Brésil et en Espagne, de trois oeuvres de l'écrivain français André Malraux - *La Condition humaine*, *L'Espoir* et *Antimémoires*. L'analyse a ses fondements théoriques dans la Littérature Comparée et elle emprunte quelques notions de base à l'Esthétique de la Réception, à la Critique Littéraire et à la Traduction. L'étude rassemble et analyse des textes critiques publiés dans des journaux et des revues, littéraires et journalistiques, pendant la période comprise entre 1933, moment de la publication de *La Condition humaine*, et 2001, l'année du centenaire de naissance de l'écrivain. D'autres textes, produits à l'occasion de dates spéciales pour la biographie de l'auteur (la participation à la Guerre Civil Espagnole, la visite au Brésil, la mort et le transfert des cendres au Panthéon parisien) ont été incorporés au *corpus*. Ainsi que la recherche dans des journaux et des revues, l'Internet a été elle aussi une importante source d'informations. L'étude montre que Malraux a d'abord réveillé l'attention des critiques et des lecteurs par ses romans idéologiques, participatifs et même révolutionnaires, qui étaient en accord avec l'horizon d'attente des lecteurs de l'époque, dominée par la politique et par l'idéologie. Pourtant, c'est l'esthétique de ses oeuvres qui justifie l'intérêt des générations d'après-guerre par l'oeuvre de Malraux. La recherche met en évidence une différence significative entre le Brésil et l'Espagne en ce qui concerne, d'un côté, le nombre d'éditions des oeuvres traduites et, de l'autre, le moment où ces traductions ont été réalisées. En Espagne, la traduction n'a commencé qu'à partir des années 60, pendant qu'au Brésil, de 1933 à 1973, on a enregistré une édition en portugais dans chaque décennie, ce qui s'est répété dans les années 90 et à l'an 2001. On compte un total de 36 éditions en Espagne et de seulement 7 éditions au Brésil des trois oeuvres étudiées. Ces données sont présentées dans des tableaux aux annexes, ainsi que quatre grilles qui contiennent les maximes malruxiennes, les éditions des traductions brésiliennes et espagnoles des oeuvres, la malruxienne brésilienne et l'espagnole. On peut encore lire dans les annexes le discours prononcé par Malraux à Madrid, le 7 juillet 1937 et, à titre d'illustration, il y a des photos de Barcelone à l'époque de la Guerre Civil, suivies de références aux lieux décrits faites par Malraux dans *L'Espoir*. La bibliographie comprend les références des textes critiques brésiliens et espagnols, des textes trouvés sur Internet et des oeuvres consultées pour la fondation théorique de la recherche.

Resumen

Este trabajo trata de la recepción crítica, en Brasil y en España, de tres obras del escritor francés André Malraux - *La condición humana*, *La esperanza* y *Antimemorias*. El análisis está fundamentado en algunos principios teóricos de la Literatura Comparada y utiliza nociones básicas de la Estética de la Recepción, de la Crítica Literaria y de la Traducción. La investigación reúne y analiza textos publicados en periódicos y revistas, literarios y periodísticos, en el período comprendido entre 1933, año de la publicación de *La condición humana* y 2001, año del centenario de nacimiento del escritor. Hacen parte del *corpus* algunos textos producidos en momentos de especial interés de la biografía del autor (participación en la Guerra Civil Española, visita a Brasil, fallecimiento y traslado de las cenizas al Panteón parisino). Además de la investigación en periódicos y revistas, la Internet fue también una fuente importante de informaciones. El estudio muestra que, al principio, Malraux despertó la atención de los críticos y lectores con sus novelas ideológicas, participativas e incluso revolucionarias, adecuadas al horizonte de expectativas de los lectores de la época, entonces dominada por la política y por la ideología, así como revela que el interés de las generaciones pos-guerra por Malraux se justifica por el valor estético de sus obras. La investigación evidencia una diferencia significativa entre Brasil y España en lo que se refiere, por un lado, al número de ediciones de las obras traducidas y, por el otro, al momento en el cual se realizaron las traducciones. En España, la traducción comenzó solamente a partir de la década de 60, mientras que en Brasil, de 1933 à 1973, se ha registrado una edición en portugués en cada década, hecho que se repite en la década de 90 y en 2001. Se puede contar un total de 36 ediciones en España y de solo 7 ediciones en Brasil de las tres obras estudiadas. Estos datos son presentados en gráficos en el anexo de la tesis. Se presentan además cuatro cuadros con las máximas malrucianas, las ediciones de las traducciones brasileñas y españolas de las obras, la malruciana brasileña y la malruciana española. En los anexos, se puede leer asimismo la ponencia pronunciada por Malraux en Madrid, el 7 de julio de 1937 y, a título de ilustración, se incluyen fotos de Barcelona durante la Guerra Civil, con referencias a los sitios descritos por Malraux en *La esperanza*. La bibliografía tiene, en diferentes ítems, referencias a los textos de las críticas brasileña y española, a los textos encontrados en Internet y a las obras consultadas para la instrumentación teórica del trabajo.

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1	
INSTRUMENTAL TEÓRICO	18
1.1 Literatura Comparada	18
1.2 Estética da Recepção	25
1.3 Crítica Literária	29
1.4 Tradução	32
Capítulo 2	
O UNIVERSO DE MALRAUX	40
2.1 Malraux: homem, tempo e arte	40
2.2 A arte a serviço do homem	47
Capítulo 3	
LA CONDITION HUMAINE – UMA OBRA MESTRA	54
3.1 Um romance laureado	55
3.2 O ser e o fazer, segundo os críticos	59
3.3 Traduções no Brasil e na Espanha	63
3.4 A metamorfose artística	69
Capítulo 4	
A ESPERANÇA ESPANHOLA	73
4.1 Um olhar sobre a História: <i>L'Espoir</i>	80
4.2 <i>L'Espoir</i> em tradução no Brasil e na Espanha	85
4.3 Por trás das câmeras: <i>Sierra de Teruel (Espoir)</i>	90
4.4 A voz da ex-secretária	99
Capítulo 5	
ANTIMÉMOIRES	108
5.1 Um sucesso editorial	108
5.2 Novas edições	113
Capítulo 6	
MALRAUX E OS ESCRITORES DO SEU TEMPO	116
6.1 Parâmetros da crítica brasileira	116
6.2 Parâmetros da crítica espanhola	119
6.3 Semprún: o Malraux espanhol	122
6.4 Contribuições malrucianas	124
Capítulo 7	
A CRÍTICA BIOGRÁFICA	128
7.1 No Brasil, um hóspede permanente - 1959	129
7.1.1 Evento diplomático	129
7.1.2 Maratona de 5 dias	132
7.1.3 Político “vira casaca”?	136
7.1.4 Escritor e crítico de arte	141

7.1.5 Repercussões	145
7.2 A voz que silenciou - 1976	148
7.3 A conquista da eternidade - 1996	160
7.4 Tributo a Malraux - 2001	168
Capítulo 8	
MALRAUX NA INTERNET	173
8.1 Críticas <i>on line</i>	176
8.2 <i>Sierra de Teruel (Espoir)</i> nos cinemas espanhóis	182
8.3 Escuadrilla España e a Guerra Civil	184
8.4 www.andremalraux.br	185
8.5 O político, o literato, o filósofo...	186
8.6 Escritor engajado	192
8.7 O legado de Malraux em biografias	194
8.8 Comemorações do centenário de nascimento	197
8.9 Os discursos de 1959 - mais de 40 anos depois...	200
8.10 Museu Imaginário - um conceito malruciano	202
8.11 Malraux como protagonista de um romance policial	206
8.12 Máximas de Malraux	207
Conclusão	209
Bibliografia	214
1. BIBLIOGRAFIA GERAL	215
2. BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA	240
2.1 Textos consultados para a fundamentação teórica	240
2.2 Malruciana brasileira	242
2.3 Malruciana espanhola	251
2.4 Textos brasileiros dedicados a Malraux crítico de arte	260
2.5 Malraux na Internet	261
Sumário dos Anexos	266
Anexo 1	
Discurso de Malraux, Madri, 7 de julho de 1937	267
Anexo 2	
Máximas de Malraux	269
Anexo 3	
Tabela das edições das traduções brasileiras e espanholas das obras de Malraux	272
Anexo 4	
Gráfico indicativo da frequência das edições das traduções brasileiras e espanholas das obras de Malraux	279
Anexo 5	
Gráficos indicativos da frequência das edições das traduções brasileiras e espanholas de <i>La Condition humaine</i> , <i>L'Espoir</i> e <i>Antimémoires</i>	280
5.1 Por obra de 1933 a 2001	280

5.2 Por obra de 1933 a 2001: Gráfico 1 (Brasil) e Gráfico 2 (Espanha)	281
Anexo 6	
Malruciana brasileira (1933-2001)	282
6.1 Por ano de publicação dos artigos	282
6.2 Por fonte da publicação	287
6.3 www.andremalraux.br	292
Anexo 7	
Malruciana espanhola (1933-2001)	294
7.1 Por ano de publicação dos artigos	294
7.2 Por fonte da publicação	302
7.3 www.andremalraux.es	310
Anexo 8	
Gráficos indicativos da frequência de publicação dos textos críticos – por decênio – no período estudado (1933-2001)	313
8.1 Malruciana brasileira	313
8.2 Malruciana espanhola	313
Anexo 9	
Fotografias de Barcelona durante a Guerra Civil	314
Foto 1 – Avinguda Tibidabo	315
Fotos 2 e 3 – Caserna de Pedralbes	316
Foto 4 – Plaza Cataluña	317
Fotos 5 e 6 – Rambla Cataluña e Central telefônica	318
Foto 7 – Hotel Colón	319
Foto 8 – Plaza Cataluña	320
Fotos 9 e 10 – Atarazanas e Fortaleza de Montjuïc	321

Introdução

No ano da comemoração do centenário do escritor André Malraux – 2001 - optei por sugerir a leitura de *La Condition humaine* aos meus alunos da disciplina de Literatura Francesa, do curso de Letras-Francês, da Universidade Federal de Santa Catarina. A leitura e as discussões que decorreram desta escolha serviram como mola propulsora para o presente trabalho.

A partir de então, senti que era necessário ir além, aprofundar o objeto de estudo e torná-lo acessível a um número maior de pessoas, pois ele me parecia digno do esforço a ser despendido. Inicialmente, a pesquisa visava à análise da recepção crítica de toda a obra de André Malraux, especificamente no Brasil.

Surgiu então a oportunidade de aproximar-me mais de uma parte da história do próprio Malraux, que está diretamente ligada à sua produção literária. Fui à Espanha para verificar a real participação de Malraux na Guerra Civil Espanhola e pesquisar *in loco* a produção de uma de suas obras maiores – *L’Espoir* – para saber de que forma a crítica espanhola recebera a contribuição do escritor francês.

Foi-me concedida pela CAPES uma bolsa sanduíche, para que realizasse a pesquisa na Universitat de Barcelona, sob a co-orientação da Professora Dr^a Assumpta Camps. Naquele momento o projeto da pesquisa foi reavaliado e decidi trabalhar também com a análise da recepção crítica na Espanha. Como o âmbito da pesquisa expandiu-se significativamente, resolvi dirigi-la para as três obras que considero mais importantes da produção romanesca do escritor: *La Condition humaine* (1933), *L’Espoir* (1937) e *Antimémoires* (1968). Tendo assim recortado o *corpus*, fixei então os objetivos: através dos textos publicados em jornais e revistas, literários e jornalísticos, analisar a recepção pela crítica literária brasileira e pela crítica literária espanhola dos três romances referidos. Dessa forma, ao aproximar leitores do século XXI a André Malraux e sua produção literária, ambos muito representativos da primeira metade do século passado, a pesquisa deverá contribuir para uma divulgação ampla e revelar a dimensão do reconhecimento do valor do escritor e de sua obra pelo público.

Uma vez definidos o tema e seus recortes, preocupei-me em pesquisar os pressupostos teóricos que determinariam a análise dos documentos. Assim, no primeiro capítulo, “Instrumental teórico: Literatura Comparada, Estética da Recepção, Crítica Literária e Tradução”, traço as linhas gerais para a definição de um instrumental teórico que fundamenta a pesquisa de campo e dá as bases teóricas da argumentação. Percorro então alguns estudos consistentes sobre o assunto, como o esboço de Susan Bassnett sobre Literatura Comparada, seguindo-se Eduardo Coutinho, que

verificou o sentido e a função que a Literatura Comparada desempenhou na América Latina e como ela ajudou a reconfigurar as identidades da produção literária latino-americana. Revejo também as contribuições de Tania Franco Carvalhal, a primeira Presidente da ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada – e sublinho em seus últimos trabalhos a idéia de que é preciso ver a Literatura Comparada como uma disciplina que põe em relação diferentes campos das Ciências Humanas, sendo, por isso, interdisciplinar. Foi sob este prisma de interdisciplinaridade que procurei ver e entender as críticas sobre Malraux, um homem e um escritor pouco convencional, que fez da literatura sua profissão, mas também esteve presente nas artes plásticas, na política, nas lutas ideológicas. Ou seja, foi preciso levar em conta aspectos da sociologia, da história e da cultura reunidos todos num único instrumento: a literatura malruciana.

Igualmente significativas foram as informações dadas por Edson Rosa da Silva, especialista brasileiro na obra de André Malraux. Edson tem uma ampla bibliografia que abrange as diversas facetas malrucianas e que forneceram dados e análises importantes sobre, por exemplo, Malraux e o cinema, o homem Malraux, a vinda de Malraux ao Brasil.

Dentro da Literatura Comparada recorri também à Estética da Recepção, que analisa a literatura por outros ângulos e não apenas por aquele centrado no texto lingüístico. Em conseqüência, ganharam importância o autor e, principalmente, os leitores – aqui representados de forma especial pelos críticos literários e jornalistas - e seus respectivos contextos. Tal abordagem mostrou-se apropriadamente útil para explicar o sucesso das obras malrucianas nos diferentes momentos históricos e justificar também os períodos de eclipse.

O *corpus* deste trabalho é formado exclusivamente por textos críticos de literatos e jornalistas, responsáveis, muitas vezes, pela aceitação ou rejeição de uma obra por terem em suas mãos os meios privilegiados de divulgação. No entanto, esse papel do crítico é discutido pelos teóricos. Há aqueles que acreditam que o papel do crítico seja de ser um intermediário entre o leitor e a obra, enquanto outros preferem dizer que o crítico deve ser antes de tudo um leitor.

Como Malraux foi muitas vezes lido em tradução, e como a tradução é, ela também, um importante mediador nas relações interculturais, valho-me de algumas colocações interessantes feitas por professores, tradutores e teóricos como Itamar Even-Zohar, Lawrence Venuti, Gerald Gillespie, Tania Carvalhal. Estes servem de embasamento teórico para a análise do processo de recepção das obras traduzidas, pois, como já foi referido, as traduções foram fundamentais na disseminação da leitura das obras malrucianas em diferentes países. E, como no reverso de uma mesma moeda, a análise da recepção das traduções dessas obras ajuda a entender os próprios momentos culturais. Esclareço que o objeto específico deste trabalho é a recepção crítica das três obras traduzidas, sem, no entanto, pretender avaliar tecnicamente o processo tradutório de cada

uma, o que requer uma outra abordagem.

O conjunto de textos de crítica brasileira e espanhola sobre a obra de Malraux constitui um *corpus* que foi até agora relativamente pouco estudado no Brasil e na Espanha. Nesse sentido, o grande mérito da pesquisa é reunir uma extensa documentação, em línguas portuguesa e castelhana, que até este momento encontrava-se dispersa. Pesquisei em jornais e revistas, literários ou não, na Internet, em obras dedicadas a Malraux, nos diferentes prefácios às edições das traduções brasileiras e espanholas, em busca de documentos que se referissem principalmente às obras *La Condition humaine*, *L'Espoir* e *Antimémoires*.

O *corpus* restringe-se a esses três livros acima porque eles são representativos do conjunto da obra literária de Malraux, seja pelo momento político e social que refletem, seja por sua importância pessoal e literária na vida do autor. O primeiro, *La Condition humaine*, cujo cenário foi a Revolução Chinesa de 1927, foi ganhador do prêmio francês de literatura, *Goncourt*, em 1933. O segundo, *L'Espoir*, teve importância por retratar fatos vivenciados durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e por ter inspirado o único filme produzido por Malraux, *Sierra de Teruel* (*Espoir*). E o terceiro livro selecionado, *Antimémoires*, sua última obra romanesca, relata episódios da vida pessoal do autor e seus encontros com personalidades políticas.

Dessa forma, no capítulo 2, apresento dados gerais sobre André Malraux: escritor, crítico de arte, cineasta, ministro da informação e da cultura na França. Suas impressões sobre o homem e sobre o mundo, assim como suas experiências com as guerras, as artes e com a política ficaram registradas em sua produção literária, tanto em obras de ficção quanto em ensaios críticos. Nenhuma de suas facetas escapou aos olhos brasileiros e espanhóis, porém, a melhor maneira de conhecê-lo e compreendê-lo é lendo seus livros, tarefa realizada pelos críticos no Brasil e na Espanha, que de certa maneira contribuirão para uma melhor compreensão dessa leitura.

A análise dos documentos críticos encontrados sobre as três obras selecionadas estão nos capítulos seguintes. O capítulo 3, dedicado a *La Condition humaine*, inicia-se com as reações dos críticos que estavam com as atenções voltadas para Paris, em dezembro de 1933, *Goncourt*. A partir de então muitas observações serão feitas sobre este romance que se tornou um clássico da literatura mundial. Sobre a última tradução brasileira do livro, tive a oportunidade de conversar com o tradutor, Ivo Barroso, cujos comentários foram incorporados ao trabalho.

No capítulo seguinte estão reunidos os documentos referentes ao livro *L'Espoir* e ao filme *Sierra de Teruel* (*Espoir*). Apesar deste trabalho tratar da recepção das obras literárias, seria impossível negligenciar a produção cinematográfica de Malraux, visto que uma obra está direta e intimamente ligada à outra. Esta é a única obra da qual temos um *feedback* da origem, ou seja, *L'Espoir* é sobre a Guerra Civil Espanhola e é o olhar crítico espanhol que revelará a fidelidade de

Malraux ao espírito de luta deste povo. Uma das poucas pessoas que ainda podia dar um testemunho das dificuldades e das conquistas vivenciadas durante a realização do filme *Sierra de Teruel*, na Catalunha, era a senhora Elvira Farreras i Valentí, de quem tive o prazer de ouvir de viva voz as histórias da época em que foi secretária de Malraux.

O último capítulo da recepção crítica literária destina-se a *Antimémoires*. Apesar de ter tido uma recepção significativamente menor que as outras duas obras, os artigos demonstram que a receptividade correspondeu à expectativa criada por um silêncio quebrado após dez anos.

No levantamento dos textos críticos aparecem paralelismos entre Malraux e diferentes escritores, alguns antecessores, outros de seu tempo, nomes que surgem nas críticas encontradas. No capítulo 6, estão os parâmetros da crítica brasileira e da crítica espanhola para as características que esses escritores têm em comum e de que forma Malraux contribui ainda hoje com as análises políticas e artísticas.

Além do seu conteúdo crítico, o *corpus* revela momentos de especial interesse de jornalistas e escritores, brasileiros e espanhóis, decorrentes de alguns episódios que marcaram a relação de Malraux com os respectivos países e que foram essenciais na sua biografia, como a participação de 1936 a 1937 na Guerra Civil Espanhola, a visita ao Brasil, em agosto de 1959, o falecimento, em 23 de novembro de 1976, a transferência das cinzas para o Panthéon parisiense, em novembro de 1996 e, finalmente, as comemorações do centenário de nascimento, em 2001. No capítulo 7 são apresentados os textos que foram motivados por estes episódios.

As principais fontes de pesquisa dos documentos analisados nos capítulos anteriores no Brasil foram os jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de São Paulo*, *O Correio da Manhã*, o suplemento literário *Letras e Artes* do jornal *A Manhã*, *Correio do Povo*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e a *Revista Branca*. Na Espanha, pesquisei nos jornais *El País*, suplemento literário *Babélica*, *La Vanguardia Española*, *El Mundo*, e nas revistas *El Urogallo*, *Quimera* e *Camp de l'Arpa*.

O capítulo 8 compreende a análise de textos encontrados da Internet. Como a Internet é uma difusora importante das idéias e das obras de Malraux, optei por separar em um capítulo específico os documentos encontrados neste meio de comunicação. Uma vez que a metodologia de pesquisa na Internet é diferente daquela empregada na pesquisa em jornais e revistas, preferi, nesta parte, dividir os textos em doze subtemas destacados nos *sites* brasileiros e espanhóis.

O recorte cronológico do *corpus* da pesquisa teve como ponto de partida os primeiros trabalhos publicados sobre *La Condition humaine* (1933) até o ano 2001, significativo para o conjunto da obra, em função da comemoração do centenário. Assim, o trabalho reúne uma vasta

bibliografia crítica, tanto brasileira como espanhola, anexos com tabelas que facilitarão a identificação dos artigos, seus autores e suas fontes, e ainda gráficos que explicitarão dados sobre a produção crítica.

Integram a tese cinco anexos. O anexo 1 apresenta o discurso feito por Malraux durante o II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura, em Valência, em 1937 e, no anexo 2, lê-se as máximas de Malraux encontradas nas páginas da Internet e os *sites* onde elas podem ser acessadas.

O anexo 3 é constituído por uma tabela das traduções brasileiras e espanholas de todas as obras de Malraux, com as indicações de ano de lançamento na França e datas, tradutores e editores nos outros dois países, o que permite melhor observar a manifestação tradutória no Brasil e na Espanha. Nos dois anexos seguintes, encontramos um gráfico indicativo da frequência das edições das traduções brasileiras e espanholas de todas as obras de André Malraux (anexo 4) e dois gráficos indicativos da frequência das edições das traduções brasileiras e espanholas de *La Condition humaine*, *L'Espoir* e *Antimémoires* (anexo 5).

Nos anexos 6 e 7 estão organizados, em tabelas, todos os artigos das malrucianas brasileira e espanhola, destacando as datas de publicação, as fontes em que foram encontradas e os *sites* dos documentos que compuseram o capítulo 8 – “Malraux na Internet”. No anexo 8 estão dois gráficos indicativos da frequência de publicação dos textos críticos – por decênio – no período estudado (1933-2001), no Brasil e na Espanha. O último anexo trás fotografias de Barcelona durante a Guerra Civil ilustrando trechos de *L'Espoir*.

Enfim, em todo o percurso deste estudo, foi preponderante a preocupação em traçar com fidelidade para os admiradores, leitores e comunidade acadêmica as linhas gerais do universo literário e imaginário dos críticos e leitores, brasileiros e espanhóis, sobre a literatura de André Malraux.

capítulo 1

Instrumental teórico

Esse capítulo inicial apresenta os fundamentos do estudo que será desenvolvido nos capítulos que seguem. São considerações gerais sobre a disciplina na qual enquadraremos a pesquisa, ou seja, a Literatura Comparada.

Abordamos aspectos de uma de suas vertentes teóricas – a estética da recepção – assim como tratamos de alguns intermediários importantes que estarão no centro de interesse da pesquisa – a crítica literária e a tradução. Também consideramos interessante introduzir nesse primeiro capítulo alguns dados gerais sobre o universo de Malraux, sua produção literária, sua atuação no mundo das artes e da política.

1.1 Literatura Comparada

Uma pergunta freqüentemente dirigida a quem trabalha com Literatura Comparada é o que é Literatura Comparada e o que ela compara. A resposta de Susan Bassnett parece satisfazer os mais apressados:

se trata del estudio de textos a través de diferentes culturas, que abarca un ámbito interdisciplinario y que tiene que ver con modelos de conexión entre las literaturas a través del tiempo y del espacio.¹

Porém, sabemos, e a própria Susan Bassnett o sabe também, que não é assim tão simples e que a disciplina desenvolveu-se e abrangeu outras áreas afins.

¹ BASSNETT, Susan. ¿Qué significa Literatura Comparada hoy? *Comparative Literature. A Critical Introduction*. Oxford: Blackwell, 1993a. Trad. de NAUPERT, Cristina.

No artigo “¿Qué significa Literatura Comparada hoy?”, a autora faz um apanhado geral da história das teorias que discutiram e argumentaram o ser e o fazer do comparatismo. Ela retorna às primeiras discussões, quando Matthew Arnold propôs na sua conferência inaugural de 1857, em Oxford, que só se pode compreender uma literatura a partir do momento em que se estabelecem relações com outras.

Bassnett seguiu com a perspectiva de Goethe que, ao criar o conceito de *Weltliteratur*, pretendia que não existissem fronteiras na literatura, já que ela é feita de conexões e associações com as demais.

Ainda quando a discussão estava apenas começando, em 1903, Benedetto Croce argumentou que o termo literatura comparada não era claro e, como o objeto de estudo era a história da literatura, propôs que aquela deveria chamar-se história literária.

Contrapondo-se à idéia de Croce, Charles Mills Gayley esclareceu que a literatura é um meio de pensamento por inteiro variante de acordo com as condições sociais do indivíduo, por influências e oportunidades, mas sempre impulsionada pelas necessidades e aspirações do ser humano. A essa premissa, aproximou-se François Jost, em 1974, acrescentando que a literatura comparada também representa uma visão geral da literatura do mundo. O mesmo disseram René Wellek e Austin Warren, “la literatura es una; igual que el arte y la humanidad son una”.

No entanto, porque partiam de uma visão muito idealista, ainda no final do século XX, os críticos continuavam se deparando com as mesmas questões de antes, visando definir o objeto de estudo e o cânone comparativos, além das dificuldades de selecionar o que se deve comparar.

Na década de 40, René Wellek e Austin Warren escreveram *Teoria da Literatura*, obra que foi de extrema importância para a teoria literária. Nos anos que se seguiram, já em meados do século, René Wellek apontou a crise da literatura comparada, criticando os estudos de fontes e influências, percebendo que a idéia dos valores unitários para a literatura começara a desmoronar-se. Pela primeira vez, observou-se que a atenção, que antes estava centrada na comparação de textos e nas suas influências, transferiu-se para o papel do leitor e para as relações entre o texto e o contexto em que fora produzido.

Enquanto se discutia a função da literatura comparada no Ocidente, em outras partes do mundo ela despertava interesse. No Oriente, a literatura comparada foi a responsável pelo surgimento de nacionalismos na literatura de países como a Índia, a China e o Japão. “Aquí

no tiene ningún sentido pensar que literatura nacional y comparada pudieran ser incompatibles”, afirmou Susan Bassnett a respeito da apropriação que o Oriente começou a fazer da disciplina da comparada. E continuou,

es evidente que este uso del término [literaturas subnacionais] y la consiguiente aportación al campo de la literatura comparada significan un cambio radical de perspectiva y una revalorización del discurso de la literatura ‘nacional’.²

A autora estudou as diferentes manifestações da literatura comparada em literaturas fora do âmbito europeu e norte-americano e conclui que o panorama atual apresenta-se extremamente variado, pois os estudos comparativos mudam de acordo com a sua localização. No Brasil e na China, por exemplo, utiliza-se a literatura comparada de maneira construtiva, pois ela está abrindo as portas para o problema do cânone. O enfoque que se dá nesses países é sobre a cultura nacional, investigações que visam a saber como ela foi afetada pelas importações. Isso nos remete aos primórdios da disciplina na Europa, quando surgiu o termo “Literatura Comparada”, porque foi exatamente numa época em que as nações estavam sendo obrigadas a traçar novas fronteiras, constituindo debates sobre a cultura e a identidade nacionais. No final do século XX, a história da literatura comparada entrou em um novo período, e naturalmente, poderá mudar com o decorrer dos anos.

No Brasil, a Literatura Comparada começou ser institucionalizada na década de 80, quando as Universidades incluíram esses estudos em seus currículos e criou-se a Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). A Literatura Brasileira, que tinha atingido “o grau de um nacionalismo desvairado, isolacionista, marcado como barreira cultural, excludente”, passou a dar-se conta de que “literatura nacional não é literatura nacionalista e patriótica”.³

Para exemplificar a produção crítica comparatista brasileira, Nancy de Castro refere-se às obras *Textos críticos*, de Augusto Meyer e *Literatura Comparada*, de Tania Franco Carvalhal, ambos do Rio Grande do Sul, porém pertencentes a épocas distintas.

Foi Augusto Meyer que antecipou, no Brasil, no período da sua produção, 1935 a 1965, a noção de supranacional. Apesar da obra crítica comparatista do escritor gaúcho ser brasileira, nacional, ela está no mesmo patamar de obras ensaísticas da Literatura Comparada

² *Ibidem*, p. 93.

³ CASTRO, *ibidem*, *idem*, 1988, p. 118.

internacional.

Tania Franco Carvalhal, por sua vez, representa um marco inicial na produção acadêmica sobre Literatura Comparada nas Universidades brasileiras.

Para Tania Franco Carvalhal⁴, em seu artigo “La Littérature Comparée dans le monde: Questions et Méthodes”, Literatura Comparada permite uma compreensão do outro como integração cultural. A disciplina se instalou aos poucos na área da interdisciplinaridade, pois as fronteiras entre teoria, crítica, institucionalidade, literatura, entre outros, torna-se cada vez menor. A Literatura Comparada deixou de ter apenas como função o relato da história da literatura para exercer outras funções. Segundo a pesquisadora gaúcha,

surgida de uma necessidade de evitar o fechamento em si das nações recém constituídas e com uma intenção de cosmopolitismo literário, a Literatura Comparada deixa de exercer essa função ‘internacionalista’ para converter-se em uma disciplina que põe em relação diferentes campos das Ciências Humanas.⁵

A autora define ainda a Literatura Comparada como um conjunto de perguntas específicas cujas respostas exigem uma metodologia também específica e é atualmente plural. Na verdade, a comparação deve ser um “instrumento de trabalho” com o qual se pode, através do contraste, observar e identificar elementos semelhantes ou até mesmo díspares.

Ainda no Brasil, também Eduardo Coutinho dedicou-se ao estudo da Literatura Comparada, com pesquisas dirigidas especificamente a Literatura Comparada na América Latina. Coutinho procura delinear o sentido e a função que ela desempenhou nesse continente e como ajudou a reconfigurar as identidades na produção literária latino-americana. Como no artigo “Sentido e função da Literatura Comparada na América Latina”, no qual faz um objetivo percurso histórico da prática e teorização do comparativismo, descrevendo as correntes que contribuíram para a formação da disciplina. Até os anos 70, na América Latina, esta prática existia baseada nos estudos da escola francesa de fontes e influências, e o comparativismo estava marcado por uma perspectiva historicista, atuando como “um elemento ratificador do discurso da dependência cultural”. Por isso, o texto fonte, quase

⁴ CARVALHAL, Tania Franco. La Littérature Comparée dans le monde: Questions et Méthodes. *Comparative Literature worldwide: Issues and Methods/La Littérature Comparée dans le monde: Questions et Méthodes*. Porto Alegre: L&PM/VITAE/AILC, 1997, p. 9-14.

⁵ CARVALHAL, Tania Franco. Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Niterói: Abralic/Ed. Rocco, 1991.

sempre uma obra européia ou norte-americana, era considerado superior, enquanto que o outro ficava relegado a nível secundário. Podia-se facilmente identificar o sentimento de colonizado, ainda muito hoje presente no continente latino-americano, porém, atualmente, depois de questionamentos sobre as diferenças culturais, esse sentimento ocupa um espaço importante nas reflexões sobre o continente.

Foi a partir de finais da década de 70, com o Desconstrucionismo de Jacques Derrida, valorizando a diferença, a perspectiva histórica e o contexto, que a Literatura Comparada na América Latina começou a rever sua prática:

...o texto segundo no processo da comparação não é mais apenas o ‘devidor’, mas também o responsável pela revitalização do primeiro, e a relação entre ambos, em vez de unidirecional, adquire sentido de reciprocidade, tornando-se, em consequência, mais rica e dinâmica.⁶

O que antes era considerado “cultura dominada” passa a ser visto como uma resposta criativa e é valorizado como tal. Porém, apenas assinalar as diferenças não foi o suficiente para desvincular-se do eurocentrismo. Foi necessário que outra tendência do pensamento contemporâneo dissesse que era preciso estudar as diferenças dentro do sistema do qual a literatura latino-americana fazia parte.

Assim, Angel Rama, em 1982, empregou o termo “transculturização” para definir o processo de apropriação da cultura européia pela latino-americana, que, como já teriam proposto diversos críticos, como o nosso Oswald de Andrade, é uma releitura da literatura européia dentro de um sistema composto por tendências e formas.

A proposta de Oswald de Andrade, que em 1922 deu origem ao movimento da Antropofagia, buscou uma relação de igualdade real da cultura brasileira com aquilo que havia de bom na arte estrangeira. O projeto antropofágico queria também resolver impasses anteriores quando iniciou-se a reflexão sobre a cultura no Brasil. A intenção era de dialogar com a Europa, até então lugar de produção do conhecimento, para construir uma interpretação brasileira.

O movimento acentuou a crise que Machado de Assis⁷ já testemunhara no final do século XIX em “Instinto de nacionalidade”, isto é, a busca do sentimento de nacionalidade.

⁶ COUTINHO, Eduardo. Sentido e função da Literatura Comparada na América Latina. In *Literatura Comparada na América Latina*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2003, p. 20.

⁷ MACHADO DE ASSIS, J. M. Instinto de nacionalidade. In *Crítica literária*. Rio de Janeiro: Jackson, 1957.

Oswald de Andrade pretendia construir a nossa própria imagem através da criatividade, imaginação e memória. Para tanto, evitou usar antagonismos radicais, preferiu a “mestiçagem cultural”. Segundo Vera Figueiredo, Oswald de Andrade

ao assumir o paradoxo primitivo-modernista, adota uma ótica culturalmente descentrada: o reconhecimento da importância da técnica serve para neutralizar a tentação de interpretar comodamente o atraso como manifestação de uma força criadora original, não contaminada pelos vícios europeus; a valorização dos aspectos mestiços da cultura brasileira – o desrecalque não se restringe só à herança indígena, mas se estende a toda diferença resultante da mistura de raças e valores – serve para controlar o volume ‘do grito imperioso de brancura em mim’.⁸

Conforme observa Eduardo Coutinho, a esses dados deve-se acrescentar a análise do sistema a que pertencem – a literatura e a tradição cultural do continente – e suas manifestações específicas.

Assim, na América Latina, o comparativismo somente terá sentido se ele abordar o fenômeno literário da tradição do continente, dando origem a um diálogo de culturas. Se é inegável que a literatura latino-americana continua sofrendo influência das literaturas européias e norte-americanas, sabe-se também que tais aspectos são modificados quando da sua apropriação, passando a adotar elementos próprios.

No Brasil, a Literatura Comparada acompanhou os debates europeus e norte-americanos, procurando adaptar-se a eles. No artigo, “A crítica comparatista no Brasil”, antes de entrar diretamente no assunto proposto pelo título, Nancy Campi de Castro preocupa-se em definir o fazer da Literatura Comparada:

não é o objeto, ou seja, a Literatura que compara, mas é a ciência comparatista que faz uso da Literatura para os estudos comparados. O que, obviamente, determina o objeto e a maneira comparatista de com ele trabalhar, em termos crítico-teóricos.⁹

A autora aponta também, por ordem cronológica, alguns dos teóricos que tentaram definir maneiras de trabalhar com literatura comparada e crítica: 1931, Paul Van Tieghem, em

⁸ FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Antropofagia no país de sobremesa. In *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Salvador: ABRALIC, nº 4, p. 59, 2000.

⁹ CASTRO, Nancy Campi de. A crítica comparatista no Brasil. In *Limiares Críticos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1988, p. 113.

La littérature comparée; 1943, Renato Poggioli, em *Dictionary of World Literature*; 1968, Ulrich Weisstein, em *Introducción a la Literatura Comparada*; 1969, A. Owen Aldridge, em *Comparative Literature: Matter and Method*; 1974, François Jost, em *Introduction to Comparative Literature*; 1985, Cláudio Guillén, em *Entre lo uno y lo diverso*.

Ao comentar as cinco áreas de estudos comparatistas definidas por Cláudio Guillén, Nancy Castro estendeu-se na chamada “internacionalidade nas relações literárias”. Nesta área, um dos problemas colocados foi o da tradução, que se dá dentro de contextos sociais e políticos duplos, representados pelo emissor e pelo receptor.

No processo de adequação da teoria, a literatura comparada sofreu várias mudanças de conceito e prática. No final da década de 80, a literatura mudou da perspectiva do nacional para um ponto de vista internacional, ou melhor, supranacional, buscando um “imenso cosmos cultural, passível de constantes transformações”, explica Nancy Castro. Sendo assim, a visão do crítico deve mudar também e passar a ser capaz de enxergar esse “cosmos cultural” e nele perceber, com um certo distanciamento crítico, os sentimentos em diferentes tempos e espaços.

Para exemplificar o que acontece com a literatura comparada, Nancy Campi de Castro reproduziu trecho de um artigo que Octavio Paz escreveu para o jornal espanhol *El País*, em 1983:

A arte é irredutível à terra, ao povo e ao momento que a produzem; no entanto, ela é inseparável deles... A obra é uma forma que se desprende do solo e não ocupa lugar no espaço: é uma imagem. Só que a imagem exige corpo porque está presa a um solo e a um momento: quatro árvores que se elevam de um charco ao céu, um pouco de água ou de luz que escorre entre os dedos de uma mão, a reconciliação de um triângulo verde e de um círculo laranja. A obra de arte nos deixa entrever, por um instante, o lá no aqui, o sempre no agora.¹⁰

O objetivo de Nancy Castro é ilustrar a idéia de que, no pensamento moderno, a noção de nacional mescla-se com a de internacional, assim como outras bipolaridades também estão sendo levadas em consideração, como unidade/multiplicidade, monismo/pluralismo. Segundo a autora, são essas relações dialéticas que aguçam a percepção crítica e comparatista.

¹⁰ Apud, CASTRO, *Ibidem*, p. 116. PAZ, Octavio. Pintado en México. *El País*, Madri, 7 nov. 1983.

1.2 Estética da Recepção

A estética da recepção é uma das teorias que compõem as diversas abordagens possíveis dentro da Literatura Comparada. Depois das teses dos professores da Universidade de Constança, na Alemanha, a Literatura passou a ser estudada por outros ângulos e não apenas por aquele centrado no texto lingüístico. A questão do leitor e da leitura, assim como a própria criação (sócio)-textual começaram a ganhar importância quando relacionados à recepção literária.

O próprio termo “recepção”, que apareceu pela primeira vez em 1932 na obra de L. P. Price, somente a partir de 1970, com os trabalhos de Hans-Robert Jauss¹¹ e Wolfgang Iser, deixou de ser genérico e passou a significar mais que simplesmente o ato de receber, passou a indicar também o ato de “apropriar-se”. Pois, conforme afirmou Lawrence Venuti, “nenhuma cultura nacional jamais se desenvolveu sem encontros com o estrangeiro”¹².

Jauss pretendia resolver algumas questões de ordem histórica e literária, e queria saber até que ponto a história influencia na análise da literatura e, por sua vez, qual o papel que a literatura pode ter na história de uma civilização. Assim, propõe um diálogo inédito entre história e literatura, diálogo que é intermediado pelo papel de leitores, que devem estar no centro do fenômeno da comunicação literária, junto com o texto e o autor. Criticou os estudos que levavam em consideração apenas a história da obra e do autor, sem pensar que poderiam existir outros fatores extralingüísticos influenciando a concepção da obra de arte ou da obra literária. Quase nunca se havia falado na história do público, na história dos leitores.

Até então a preocupação dos críticos estava centrada na produção da obra (o autor e os fatos históricos que o condicionavam) ou no texto literário propriamente dito. Com os trabalhos realizados por Jauss o leitor passou a ser levado em consideração.

Jauss sugere que o leitor seja parte da análise, pois, segundo ele, a literatura e a arte só se tornarão processo histórico concreto quando observadas as experiências daqueles que acolheram e julgaram as obras; o destinatário demonstra o verdadeiro valor da obra, aceitando-a ou recusando-a, escolhendo-a ou esquecendo-a.

¹¹ JAUSS, Hans Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Trad. de MAILLARD, Claude. Paris: Gallimard, 1978.

¹² VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução*. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 201.

Sabemos que, para os estruturalistas que antecedem Jauss, a comunicação lingüística era o resultado de três elementos: o emissor, a mensagem e o receptor. O teórico alemão preocupou-se com a recepção da mensagem, pois as épocas literárias, sociais e políticas tanto da produção quanto da recepção da mensagem são diferentes. Dessa maneira, a linguagem utilizada pelo emissor estará inserida no seu contexto histórico, que não é necessariamente o mesmo do receptor. Assim como o receptor (leitor) pode a qualquer momento interromper a comunicação (leitura) para retomá-la em outro momento. Tal interrupção também poderá influenciar na recepção da obra, pois o contexto do leitor está sujeito a alterações cotidianas e inesperadas.

Michael Riffaterre define o fenômeno literário de duas formas. A primeira: “o fenômeno literário não é somente o texto, mas também o leitor e o conjunto das possíveis reações do leitor ao texto – enunciado e enunciação”¹³.

Na comunicação literária apresentada pelo teórico, um texto ou um enunciado pode ser reconstituído pelo leitor que perceberá o texto através de uma historicidade, uma verdade por ele construída. Riffaterre enumera três conseqüências da comunicação literária: 1) a comunicação é um jogo no qual a presença do autor é codificada, ou seja, é ele próprio quem fornece uma chave para que o leitor decodifique o texto; 2) o leitor reconstitui o texto de acordo com seu comportamento habitual na comunicação ordinária, ou seja, apesar da ausência do autor no texto, o leitor consegue imaginá-lo; 3) a realidade e o autor são sucedâneos do texto, porém não se deve confundir o autor criado pelo leitor com o autor histórico.

O segundo ponto abordado: “o texto é um código limitativo e prescritivo”, ou seja, diferentemente da comunicação comum, o texto controla sua própria decodificação, ou melhor, “liberdade e não-liberdade de interpretação estão igualmente codificadas no enunciado”.

O contexto histórico passa a ser considerado na análise da recepção de um texto literário, pois o ato de compreender uma obra é também fruto de influências históricas. A distância no tempo pode facilitar ou não esta compreensão, conforme dito anteriormente, já que o leitor está muitas vezes inserido num contexto histórico, que nem sempre é o mesmo em que estava o autor ao produzir a obra.

¹³ RIFFATERRE, Michael. *A produção do texto*. São Paulo: Martins Fontes Editora LTDA, 1989, p. 4. Trad. de PAIVA, Eliane Fitipaldi Pereira Lima de.

Por ser um conjunto de intertextos, um texto literário evoca coisas lidas e já familiares ao público. O público pode estar pré-disposto, ou não, a aceitá-lo. Sendo assim a questão da subjetividade ou da interpretação pressupõe o contexto vivido da percepção estética. É preciso então que o horizonte de compreensão seja levado em consideração, pois ele está além da simples subjetividade. De acordo com Jauss,

le texte nouveau évoque pour le lecteur (ou l'auditeur) l'horizon des attentes et des règles du jeu avec lequel des textes antérieurs l'ont familiarisé; cet horizon est ensuite, au fil de la lecture, varié, corrigé, modifié, ou simplement reproduit.¹⁴

Em decorrência disso, uma obra pode ter o seu valor modificado no tempo, pois as gerações têm tradições que são diferentes de uma para a outra, e é com a experiência do leitor que a obra será interpretada.

No entanto, Claudio Guillén, em “De influencias y convenciones”, diz que as relações literárias podem ser significativas no nível meramente sincrônico contanto que revelem um sistema comum de convenções, e não ter apenas que provar um certo parentesco histórico, ou uma influência direta, ou uma corrente temática ou uma premissa nacional. Para Guillén o que na verdade influencia uma geração literária é a tradição.

Una constelación de convenciones determina el medio de expresión de una generación literaria – el repertorio de posibilidades que un escritor comparte con sus rivales vivos-. Las tradiciones suponen la competencia de los escritores con sus antepasados. Estas coordinadas colectivas no consienten tan sólo, o regulan, la composición de una obra. Topamos con ellas en la lectura – en la vivencia del lector -, sintiendo ahí su efecto.¹⁵

Logo, é necessário que essas diferenças sejam levadas em consideração, pois só assim é realmente possível entender o porquê de diferentes interpretações para uma mesma obra e também do resultado da sua recepção, que por vezes pode ser compreendida quando do seu lançamento ou só vir a ter o seu interesse despertado anos mais tarde e vice-versa. As múltiplas interpretações dependerão do momento histórico em que ela é lida, uma vez que os leitores também estão inseridos num contexto sócio-histórico-cultural que, como se sabe,

¹⁴ JAUSS, *op. cit.*, 1978, p. 13.

¹⁵ GUILLÉN, Claudio. De influencias y convenciones. *Teorías de la literatura literaria*, Madri: Espasa Calpe, 1989, p. 105.

pode não ser necessariamente o mesmo da obra. E ainda assim, mesmo quando lida por contemporâneos, esta pode ser interpretada de diferentes maneiras visto o histórico sócio-cultural de seus leitores.

Jauss chamou de “horizonte de expectativa” o diálogo que se estabelece entre leitor e obra, sendo que essa poderá ser um texto do passado temporal do leitor. O encontro do texto e do leitor se dá quando se leva em consideração os contextos de ambos, denominado “fusão de horizontes”.

Como se vê, em contraposição a seus antecessores estruturalistas, Jauss procurou demonstrar que a História está diretamente ligada à Literatura e que esta sofre influência direta da primeira. Ele promoveu uma orientação teórica fundada no reconhecimento da historicidade da arte, de seu significado no conjunto da vida social, sem excluir a história. Este é um aspecto polêmico da sua teoria e a ele Hans Ulrich Gumbrecht dedicou um estudo no qual dialoga com a teoria da estética da recepção. Gumbrecht foi bastante claro ao afirmar que, apesar da literatura ter impacto na história, quando o objetivo da sua recepção for de modificar a ação social dos leitores, nem sempre é possível provar e descrever os efeitos finais.

Ao tentar redeterminar o campo e as tarefas que a crítica literária projeta no horizonte cultural, Gumbrecht discutiu dois aspectos: especificar as novas questões surgidas depois da mudança de paradigma e definir qual a integração dessa nova forma de crítica literária na sociologia da comunicação. Para ele, a tarefa da crítica literária deve ser vista

como um esforço reconstutivo cujo propósito é compreender as condições sob as quais vários significados de um determinado texto são gerados por leitores cujas disposições receptivas possuem diferentes mediações históricas e sociais.¹⁶

Ou seja, a recepção de um texto é determinada pelas diferentes disposições receptivas do leitor. Ao levar-se em conta este aspecto, a questão do significado correto ou do leitor ideal deixam de ser o foco das análises.

Da mesma forma, a intenção do autor volta a ganhar um papel importante dentro da perspectiva de Gumbrecht, pois o contexto, o momento histórico e o próprio efeito pretendido

¹⁶ GUMBRECHT, Hans Ulrich. As conseqüências da estética da recepção: um início postergado. In ROCHA, João Cezar de Castro. (org.) *Corpo e Forma*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998, p. 23-46.

por um autor são elementos que interferirão na recepção da obra.

Outros autores se manifestaram sobre o conceito de horizonte de expectativa. Joseph Jurt cita Jauss e a teoria de horizonte de expectativa dizendo que Jauss distingue o texto como artefato e como objeto de estética. O horizonte de expectativa se manifesta em sinais, chamadas, indicações do texto que pressupõe uma disposição específica do público virtual no qual o autor pensa. Assim, é a partir da reconstituição do horizonte de expectativa que é possível observar os fatos literários na sua historicidade.

Para Jurt, Jauss privilegia o elemento estético como fator determinante do processo de recepção. Ou seja, ele se preocupa sobretudo com a repercussão estética e não social da recepção, pois a repercussão social é para Jauss uma consequência da comunicação literária.

Também Philippe Lejeune¹⁷ discute o conceito de horizonte de expectativa, afirmando que este é um excelente artifício para se pensar sobre a evolução histórica, pois o próprio horizonte de expectativa pode ser mudado por um texto novo. A esse afastamento da obra nova e do horizonte de expectativa chama-se de distância estética e só se pode observar a distância estética de uma obra quando se observa as reações do público e os julgamentos da crítica.

Outro autor que discutiu em profundidade os conceitos da estética da recepção foi Yves Chevrel. Segundo Chevrel a teoria foi evoluindo, chamando a atenção para o valor estético do texto, mas não produziu os efeitos que se esperava porque negligenciou muito o fator “histórico” das obras de arte, criando uma certa confusão entre o papel do autor, do leitor e do texto.

1.3 Crítica Literária

No papel de leitor encontra-se também o crítico literário, mas em condições próprias, privilegiadas, pois é um leitor que sistematiza e registra suas impressões para a posteridade.

Na nota de abertura de *Literatura e vida literária - diário e confissões*, Álvaro Lins dedicou o livro “(...) aos amigos literários, aos leitores que não são apenas observadores

¹⁷Apud, JURT, Joseph. *La réception de la littérature par la critique journalistique. Lectures de Bernanos 1926-1936*. Paris: Editions Jean-Michel Place, 1980.

distantes e frios, mas que vivem com o autor em misteriosa comunhão de afinidades.(...)”¹⁸ pois, segundo ele, o escritor faz suas obras para estes amigos. Está claro que este escritor dá importância para o seu leitor, e que está consciente de que será lido também por profissionais da sua área, pois observa ainda que a obra não é dedicada aos amigos pessoais, mas aos amigos literários. Seriam eles também os críticos?

Apesar de ter sido publicado há quase meio século, *A anatomia da crítica. Quatro ensaios*, de Northrop Frye, apresenta uma visão da crítica literária que merece ser resgatada por contribuir com definições que dão o devido valor à atividade crítica. Ele define crítica como “a obra conjunta da erudição e do gosto voltados para a literatura; uma parte do que é variadamente chamada educação liberal, cultural ou estudos das humanidades”.¹⁹

E ainda parte do princípio “que a crítica não é simplesmente uma parte dessa atividade mais ampla, mas uma parte essencial” e que deve construir uma estrutura sistemática do conhecimento, ela não deve ser apenas uma expressão de gostos e fazer oscilar autores entre os melhores e os piores. A crítica pode falar pela arte e “é uma estrutura de pensamento e de saber com seu tanto de independência da arte com a qual trabalha”, no entanto, ela nasce da arte e daí originam-se seus postulados e axiomas. O campo de atividade da crítica é a arte, o que não quer dizer que ela seja seu parasita. A atividade crítica é autônoma e tem uma estrutura conceptual específica. O que vai fazer a distinção entre parasitismo literário e a atitude crítica é a presença da ciência na segunda atividade. Pois a ciência muda o caráter, do casual para o causal, do fortuito e intuitivo para o sistemático. Por isso o crítico literário deve ter um conhecimento significativo de literatura.

Frye afirma também que num certo momento o crítico é “revendedor”, pois ele influencia leitores que vão ou não comprar e ler os livros. Além do que, ele também é consumidor de literatura. Outros autores, como Ulrich Weisstein²⁰, classificaram-no por isso de “intermediário” ou “mediador” entre o leitor e a obra. Quem coloca o leitor em contato com as obras são os intermediários, que são os tradutores, os críticos, os pesquisadores, os viajantes, assim como os livros e as revistas.

¹⁸ LINS, Álvaro. *Literatura e vida literária - diário e confissões*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1963.

¹⁹ FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica. Quatro ensaios*. São Paulo: Cultrix, 1957.

²⁰ WEISSTEIN, Ulrich. “Influencia” e “imitación”. *Introducción a la literatura comparada*. Barcelona: Planeta, 1975.

Yves Chevrel²¹, em “Écrire l’histoire des lectures?”, também define tipos de leitores: o primeiro, é o leitor “dentro do texto”, leitor ficcional, elemento do universo fictício do autor, é um personagem. Um segundo tipo é o leitor “implicado” ou “implícito”. O último tipo de leitor é o leitor real, aquele que leu e reagiu ao texto. Mas esse tipo de leitor pode ser classificado ainda em três subdivisões: o leitor re-criador (escritor), o leitor que reflete sobre a obra (o crítico), o leitor que lê, mas não deixa registro.

Desta maneira, o crítico está posicionado entre autor e leitor, participando das atribuições e requisitos de ambos. E conforme for o olhar crítico que estiver analisando a obra, o tempo do passado que se refletirá no presente será prolongado ou não. Lisa Block de Behar conclui que,

neste sentido, toda crítica é responsável pela continuidade, é posterior aos textos literários dos quais se ocupa, uma posteridade que é tempo consecutivo e suspensão do tempo, a glória.²²

Em todos os livros que lemos existe um diálogo implícito entre autor, narrador, personagens e leitor. A participação do leitor é muitas vezes necessária para a construção de uma obra. Às vezes o texto deixa brancos que devem ser preenchidos pelo leitor, outras vezes ele o interroga diretamente. A própria crítica jornalística desempenha um papel muito importante, pois é também uma leitura. Segundo Joseph Jurt, nesse tipo de fonte – os jornais - o condicionamento social é provavelmente mais importante que as interferências de ordem psíquica.

O espanhol Fernando Valls procurou estabelecer um panorama de como está a crítica literária jornalística em pleno século XXI, na Espanha, e apreciou minuciosamente a atividade de alguns críticos, expondo sua opinião de como deveria ser a atitude de um profissional dessa área. Para ele, a função do crítico é aproximar o texto do leitor, usando de precisão terminológica. Valls concorda com Block de Behar ao afirmar que o tempo da crítica é o presente, porém com uma vocação de futuro para continuar sustentando-se. Ele refere-se a algumas obrigações da crítica espanhola:

²¹ CHEVREL, Yves. *Écrire l’histoire des lectures?, L’histoire littéraire aujourd’hui*. In BEHAR, Henri e FAYOLLE, Roger (orgs.). Paris: Armand Colin Ed., 1990.

²² BEHAR, Lisa Block de. A invenção teórica do discurso crítico latino-americano. In *Limiares Críticos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1998, p. 22.

hoy, como nunca, la crítica puede y debe ser comparada. [...] Debe situar, asimismo, aquello que se está escribiendo, primero en su contexto nacional, sin olvidar la referencia hispanoamericana, la de nuestra propia lengua, y también la universal. Debería ser siempre, por tanto, un diálogo con la trayectoria del autor, con su texto, así como con la vida que representa y no sólo con la historia literaria. Por el contrario, la crítica no debe ser nunca normativa, sino explicativa, imaginativa y valorativa.²³

No entanto, atualmente, segundo Valls, a crítica está caracterizada pelo desconhecimento, arbitrariedade, preconceito, falsidade e precipitação. O seu dever deveria ser de ir contra o relativismo do gosto e a favor do cânone, da hierarquização, da defesa dos valores estéticos, literários, da complexidade e da exigência, até então questionados sem verdadeiro fundamento. Assim como os autores dos livros, o crítico deve singularizar-se e ser sobretudo leitor, mais do que crítico.

1.4 Tradução

Assim, a Literatura Comparada se transforma conforme vai criando vínculos com outros tipos de procedimentos literários, como por exemplo, a tradução. Esta é um mediador nas relações interculturais e integra noções vindas de diferentes reflexões literárias, reformulando conceitos e paradigmas. Através da tradução um texto passa a fazer parte do sistema literário no qual ele está sendo introduzido. Pois esta é a função da tradução: assimilar, inscrever um “texto estrangeiro com inteligibilidades e interesses domésticos”²⁴.

Como explica Tania Carvalhal,

mesmo que vários leitores possam ler uma obra no original, o texto não integra o sistema literário enquanto não for traduzido, enquanto uma forma apropriada ou uma dicção própria não for alcançada na tradição que passa a integrar. Assim, a tradução tem um papel decisivo na transmissão das influências literárias. Frequentemente, a obra traduzida é que diretamente ecoa nos leitores e não o original.²⁵

²³ VALLS, Fernando. El sentido de la realidad y el ejercicio crítico. In RODENAS, Domingo. (org.) *La crítica literaria en la prensa*. Madri: Estudios y ensayos Marenostum, 2003, p. 75-83.

²⁴ VENUTI, *op. cit.*, 2002, p. 27.

²⁵ CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio. Ensaio de literatura comparada*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003, p. 230.

A prática da atividade tradutória é exercida desde muitas décadas, no entanto, até os nossos dias, ainda é uma atividade à procura de uma teoria que a defina e esclareça. As teorias desenvolvidas sobre ela estão em constante evolução. Da mesma forma que a tarefa do tradutor, seu papel nesta função, seus direitos e obrigações também estão sendo constantemente avaliados e (re)discutidos.

George Steiner resgatou, dentro da história da literatura ocidental, exemplos que justificassem sua afirmação de que “tout acte de recevoir une forme signifiante, dans le langage, dans l’art, dans la musique, est comparatif.” Sabemos que o ato comparativo engloba inúmeras atitudes, porém uma delas é comum a todas as áreas, que é a de se trazer a coisa nova para um contexto familiar, ou seja, um pré-conceito histórico, social e técnico é inerente à interpretação. E, segundo Steiner, a tradução é a maior responsável pela aproximação do outro. A literatura comparada poderá compreender o outro através do resultado da tradução. Além disso, a tradução tem um papel fundamental na participação da definição da recepção e da disseminação de uma obra através do tempo e lugar. O autor explica que

tout ce qui se passe entre les langues, entre les textes de périodes historiques ou de formes littéraires différentes, les interactions complexes d’une traduction nouvelle et de celles qui l’ont précédée, l’ancienne mais toujours vivante rivalité de la ‘lettre’ et de ‘l’esprit’, tout ce commerce est bien celui de la littérature comparée.²⁶

Susan Bassnett chamou a atenção para os estudos da tradução. E citou Itamar Even-Zohar, da Universidade de Tel Aviv, para ilustrar o importante papel que a tradução tem em momentos de grandes mudanças culturais:

Even-Zohar mantiene que una actividad traductora extensiva se desarrolla en aquellos momentos en los que una cultura se encuentra en transición, cuando entra en una fase prerrevolucionaria. Siempre en estas circunstancias desempeña la traducción un papel fundamental.²⁷

Gerald Gillespie, em um artigo de título bastante original “¿Rinoceronte, unicórnio o quimera? Visión polisistémica de una posible tipología de la literatura comparada en el próximo siglo”, defende duas teorias que influenciaram a prática da literatura comparada, são

²⁶ STEINER, George. Lire en frontier. *Passions Impunies*. Paris: Gallimard, 1996, p. 132.

²⁷ BASSNETT, *op. cit.*, 1993a, p. 100.

elas: a teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar e a da poética comparada de Earl Miner.

Gerald Gillespie acredita que a teoria do polissistema de Even-Zohar teve um grande impacto na área da tradução e da estética da recepção por ocupar-se dos momentos de mudança que ocorrem dentro dos sistemas de produção literária, dos fatores que interagem com tal produção, além de observar a estabilidade, as tensões, as interferências, as transferências e os ajustes que aparecem na vida das culturas do passado ou do presente. Even-Zohar ajuda a revelar os elementos que influenciam na vida literária de um grupo étnico apenas levando em conta as pessoas que moram no local, sem preocupar-se com suas fronteiras geográficas e políticas.

Neste mesmo artigo, o autor cita Earl Miner que demonstrou que o encontro de duas culturas com modelos artísticos muito diferentes faz com que se compreenda de forma crítica a natureza de todos os modelos.

Os sistemas mudam por influências internas e externas. Para Gillespie, a literatura comparada deveria, com a tese dos dois teóricos, Even-Zohar (polissistemas) e Miner (poética comparada), aprender a

reconocer las importantes diferencias de tamaño, estructura de repertorio, dinámica, tiempo de desarrollo particular clave, y el relativo aislamiento de las interacciones simbióticas, marcadas en la variedad de literaturas orales y escritas.²⁸

A conclusão a que chega Gerald Gillespie é de que a teoria dos polissistemas expande nossa esfera de pesquisa além dos fatores que constituem os atos da fala e nos permite considerar os códigos que operam nas instituições socioculturais nos quais os sistemas literários estão presentes.

De acordo com Tania Franco Carvalhal²⁹, a tradução é um ato criativo por ser paralelamente prática de produção textual e criação literária. É certo que existem diferenças em ambas atividades, no entanto elas se completam. Se o tradutor sempre sabe onde começar, uma vez que o texto no qual ele trabalhará já está obviamente escrito, o escritor que fará uma

²⁸ GILLESPIE, Gerald. ¿Rinoceronte, unicornio o quimera? Visión polisitémica de una posible tipología de la literatura comparada en el próximo siglo. In ROMERO, D. *Orientaciones en Literatura Comparada*. Madrid: Arco, 1998, p. 177.

²⁹ CARVALHAL, Tania Franco. A Tradução Literária. In *Organon*. Porto Alegre: Instituto de Letras, 1993, cap. 7, p. 47-52.

criação livre tem o seu início delimitado. Porém, não podemos dizer que o escritor parte do ponto zero, pois ele tem uma “série de referenciais (literários e não-literários) que ele redimensiona de modo particular”. As atitudes de um escritor serão praticamente as mesmas de um tradutor, pois vários elementos estão envolvidos no processo criativo como, por exemplo, apropriações, transposições e deformações, assim como o ato da leitura que será ainda uma tradução, pois ler é transferir, reconhecendo uma alteridade.

Tania Carvalhal reconhece que “toda tradução literária é uma das possíveis versões de um texto original”, logo, toda tradução é um texto reescrito e uma das leituras possíveis deste texto. O tradutor transfere para uma determinada tradição literária um texto estrangeiro, sendo esta transposição também uma prática de produção textual, paralela, segundo Tania, à própria criação literária.

É por isso que Octavio Paz, em *Traducción: literatura y literalidad*, diz que a “criação poética e a tradução são operações gêmeas”, pois a tradução alimenta a criação literária e a atividade tradutória está relacionada com a produção criativa pessoal.

Para Octavio Paz, falar é dar nomes aos objetos para que estes tenham um significado que possa ser compreendido por todos, e assim, estabelecer trocas lingüísticas para possibilitar a comunicação. Ele afirma que “aprender a falar é aprender a traduzir”, uma vez que ambas atividades são decodificadoras de sentido. Ao colocar o aprendizado da fala em relação direta com o aprendizado da tradução, Paz nos mostra que a tradução dentro de uma língua não é tão diferente da tradução entre duas línguas, pois o ato de nomear opera uma tradução de significado.

As línguas estão carregadas de diferenças históricas, sociais, culturais, de uma visão de mundo singular. A tradução não apenas suprime as diferenças como as revela plenamente, disse Paz. E é através da tradução que uma civilização toma conhecimento da outra, de sua maneira de pensar o mundo.

O autor de *Traducción: literatura y literalidad* partiu do princípio de que cada signo e cada frase é a tradução de outro signo e de outra frase pois não existe texto original. Todos são traduções de traduções.

Cada texto es único y, simultáneamente, es la traducción de otro texto. Ningún texto es su esencia, es ya una traducción: primero, del mundo no-verbal y, después, porque cada signo y cada frase es la traducción de otro signo y de otra frase. Pero ese razonamiento puede invertirse sin perder validez: todos los

textos son originales porque cada traducción es distinta. Cada traducción es, hasta cierto punto, una invención y así constituye un texto único.³⁰

Para Paz, tradução é uma operação literária pois, exceto em traduções científicas, deve-se traduzir o sentido. Logo, tradução literal não é tradução, já que está muito próxima do dicionário, pois a verdadeira tradução transforma o original.

Por sua vez, Susan Bassnett³¹ em “Da Literatura Comparada aos Estudos da Tradução” lembra que, até os anos 70, a tradução de um texto era considerada inferior ao original. Porém, a partir desta data, os estudos sobre a tradução deram uma nova perspectiva e restabeleceram um novo valor para esta atividade. Foi Itamar Evan-Zohar, já referido anteriormente, um dos primeiros a definir seu objeto de estudo como “Estudos da Tradução” e a criar a “Teoria dos Polissistemas”.

Segundo esta teoria, a literatura traduzida desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento de diferentes culturas, ou seja, percebeu-se que ela faz parte do sistema literário. Este novo ponto de vista contraria as noções de traição predominantes no processo tradutório. Como explica Lori Chamberlain³² em “Gênero e a Metáfora da Tradução”, a noção mais recorrente é a metáfora das ‘belas infiéis’ (*les belles infidèles*), ou seja, a tradução (como mulher) é vista como traidora do texto original (como marido, pai ou autor).

Assim, a partir da nova perspectiva desenvolvida pela equipe de Itamar Evan-Zohar, ocorreu uma grande mudança na percepção da atividade tradutória, que deixou de ser considerada como uma atividade secundária, marginal e passou a ser vista como uma força modeladora básica dentro da história literária, ou seja, a história começou a estudar a tradução como força modeladora da cultura.

No desenvolvimento dos estudos da tradução, Bassnett define ainda três fases distintas: a primeira fase desafiou os conceitos da lingüística quanto à avaliação não-sistemática e desenvolveu a teoria de equivalência entre os sistemas; a segunda fase tratou principalmente do mapeamento, delineou os padrões da atividade tradutória em determinados períodos da história; e finalmente, a terceira é definida pela autora como sendo o estágio pós-estruturalista segundo o qual a tradução é considerada uma série de processos de manipulação

³⁰ PAZ, Octavio. *Traducción: literatura y literaridad*. Barcelona: Tusquets, 1975, p. 9.

³¹ BASSNETT, Susan. From Comparative Literature to Translation Studies. In *Comparative literature: a critical introduction*. Oxford: Blacknell, 1993b. Trad. de FRANCISCO, Amanda Ramos. Da literatura comparada aos estudos da tradução.

³² CHAMBERLAIN, Lori. Gênero e a Metáfora da Tradução. In OTTONI, P. (org.). *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

textual, nos quais o conceito de pluralidade substitui o da fidelidade a um texto-fonte, e a noção de originalidade é confrontada com outras perspectivas.

Assim, recorrendo a André Lefevere, Bassnett, acredita que a tradução deve ser vista como uma importante estratégia literária que o exame das traduções em um determinado sistema literário poderá apontar padrões de mudança na recepção desse sistema.

A palavra ‘tradução’ desencadeia diferentes tipos de perguntas, respostas, argumentos e teorias. Na história literária pensou-se em tradução como: possessão, traição (já mencionado anteriormente), cópia e, mais recentemente, como sobrevida. Atualmente, a atividade tradutória não é mais relegada ao papel secundário dentro das literaturas, mas é considerada como um fator enriquecedor da literatura-alvo e como revelador da cultura-fonte. A relação de poder até então presente entre fonte e alvo, superior/inferior não existe mais.

Por sua vez, Mona Baker³³, em “Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução?”, buscou respostas para elucidar a relação que existe entre a linguística e os estudos culturais, discussão que está motivando os estudiosos da tradução. Ela acredita que tanto a linguística quanto os estudos culturais podem contribuir muito para os estudos da tradução, pois ambos a complementam e devem ser a eles integrados. Segundo Baker, tentativas de estabelecer paradigmas como resposta aos problemas de tradução são tanto ingênuas quanto perigosas e podem dificultar futuros avanços da disciplina.

Concordamos com André Lefevere³⁴ quando afirma em “The System: Patronage” que os textos canonizados são refratados e conhecidos através de uma série de adaptações e versões dentro de um sistema cultural. José Paulo Paes³⁵, em *Tradução. A ponte necessária*, considera que a “função principal da crítica de tradução é destacar e estudar os fenômenos da refração tradutória”. Estas se manifestam também através da crítica, do ensino, da historiografia, das antologias, etc, que além de apresentarem o texto original aos leitores, influenciam a forma de recepção por parte de tais leitores. Pois, conforme comentado anteriormente, a tradução enriquece o sistema literário alvo, é ela que possibilita uma maior abrangência no público alvo. E será então através da tradução que os críticos e leitores poderão analisar a que ponto uma obra estrangeira influenciou determinados autores, sendo

³³ BAKER, Mona. Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução? In MARTINS, M. A. P. *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Ed. Lucena, 1999, p. 18.

³⁴ LEFEVERE, André. The System: Patronage. In __. *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. Londres: Routledge, 1992.

³⁵ PAES, José Paulo. *Tradução. A ponte necessária*. São Paulo: Ática, 1990, p. 110.

um importante elemento nas trocas culturais.

As diferentes discussões permitem afirmar, como faz Ignácio Antônio Neis³⁶, que a tradução é, assim como a Literatura Comparada, uma atividade interdisciplinar, ou seja, ela engloba paradigmas lingüísticos, filológicos, etnológicos, antropológicos, psicológicos, sociológicos, lexicológicos, históricos, semióticos, das teorias da comunicação, da informática, das telecomunicações, da estilística, da poética, da análise do discurso, das teorias do texto e da literatura, sem esquecer da hermenêutica, da filosofia e da filosofia da linguagem. Mesmo assim, muitas perguntas ainda permeiam a atividade tradutória: traduzir o estilo ou traduzir o sentido? as metáforas podem ser traduzidas? qual é realmente a verdadeira tarefa do tradutor?

³⁶ NEIS, Ignácio Antônio. Por uma poética da tradução para *A Mesa*. Trad. de NEIS, I. A. e PETERSON, M. A. *Mesa*. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 121.

capítulo 2

O universo de Malraux

2.1 Homem, tempo e arte

Não é tarefa simples sintetizar a personalidade e as atitudes de André Malraux. Ele ajudou a fazer a História da primeira metade do século XX, agindo, refletindo, questionando, inventando e reinventando os principais momentos e ideologias deste que foi o período definidor das décadas seguintes. Homem de idéias. Homem de ações. André Malraux não foi apenas romancista, fez literatura com e durante os principais acontecimentos da primeira metade do século XX: Revolução Chinesa, Guerra Civil Espanhola, Segunda Guerra Mundial.

Na Guerra Civil Espanhola, comandou uma esquadrilha sem nunca ter pilotado um avião. Cineasta de um único filme, levou às telas cenas de seu livro sobre esta guerra. Um apaixonado pelas artes, sobretudo a oriental, exerceu a atividade de crítico de arte, criando o conceito de museu imaginário. Durante dez anos foi o único Ministro da Cultura do governo do General Charles De Gaulle. Também foi o único Ministro sem ter diploma de curso superior, o que não o impediu de ser um político de importante expressão na França, fazendo-se respeitar no seu país e no exterior. Porém, sua grande atuação, que exerceu por toda a vida, foi defender a solidariedade, a fraternidade e a dignidade entre os homens.

Como se vê, Malraux foi um homem multi e interdisciplinar, como revela a seguir o relato sucinto de suas atividades de escritor, crítico e ministro, com opiniões daqueles que o observaram no calor das ações.

Como homem das letras, suas aventuras originaram algumas das mais importantes obras literárias do século XX. Sua expedição pela selva cambojana resultou em uma detenção sob acusação de roubo de peças arqueológicas e na redação de *La Voie Royale* (1930).

A Revolução Chinesa o inspirou a escrever *Les Conquérants* (1928) e *La Condition humaine* (1933), esta última ganhadora do importante prêmio de literatura francesa, o *Goncourt*.

Na Guerra Civil Espanhola, Malraux trocou temporariamente a ficção pela realidade, as palavras-arma por uma esquadrilha aérea, vivenciando batalhas reais. Terminada sua ação, as batalhas foram imortalizadas nas palavras dos personagens de *L'Espoir* (1937) e dos intérpretes do filme *Sierra de Teruel (Espoir)* (1939).

Depois de ferido e levado a um campo de concentração nazista, durante a Segunda Guerra Mundial, publicou *Les Noyers d'Altenburg* (1943). Em 1967, Malraux decidiu contar aspectos de sua vida pública e impressões pessoais e, uma vez mais, surpreendeu com *Antimémoires*.

Paralelamente às obras de ficção, o escritor dedicou-se a ensaios sobre arte, cinema e literatura, registrados nos três tomos de *La Psychologie de l'Art* (1947, 1948 e 1950), que reagrupam, entre outros, *Le Musée imaginaire*. Muitos críticos e estudiosos das artes plásticas dedicaram-se a observar esta outra faceta malruciana. No Brasil, em particular dois professores de Literatura Francesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Prof. Dr. Edson Rosa da Silva e Prof. Dr. Marcelo Jacques de Moraes, consagraram estudos a Malraux e continuam averiguando o papel da arte em sua obra.³⁷

Uma das expressões marcantes dos anos 30 aos 60 na vida literária francesa e também brasileira, Malraux “definiu e deu vida aos seus mitos e dramas e preocupou-se com a história da arte como representação do homem”.³⁸

A crítica jornalística brasileira estava muito atenta a tudo o que acontecia no velho continente, a ponto de divulgar fatos do cotidiano dos escritores, como atesta o suplemento literário *Letras e Artes* ao publicar a nota “Malraux e Camus estão doentes”.³⁹ Apesar de acamado por causa de doença do estômago, Malraux lançaria o terceiro volume de *La Psychologie de l'Art: Monnaie de l'Absolu*. Meses mais tarde, uma outra nota informava que ele já se recuperava e que estava deixando Paris para passar férias em Concarneau.⁴⁰ O mesmo jornal fez questão de cumprimentar o escritor pelos seus cinquenta anos, definidos como os de “uma existência movimentada e cheia de peripécias que faz lembrar o *vivere pericolosamente* da Renascença”.⁴¹

³⁷ Ver na Bibliografia 2.4 referências dos artigos que tratam da arte em Malraux.

³⁸ BARATA, Mário. Artes e Museus – Transcrições sobre André Malraux. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, Segunda Sessão, p. 2.

³⁹ MALRAUX E CAMUS ESTÃO DOENTES. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 23 jul. 1950, sup. lit. Letras e Artes, nº 172, p. 7.

⁴⁰ AS FÉRIAS DE MALRAUX E ROBERT MERLE. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 1 out. 1950, sup. lit. Letras e Artes, nº 179, p. 6.

⁴¹ OS CINCOENTA ANOS DE MALRAUX. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1952, sup. lit. Letras e Artes, nº 240, p. 11.

Toda esta atenção dedicada à pessoa de Malraux se explicava por sua erudição invejável, acompanhada de tiques nervosos que impressionavam os que dele se aproximavam. Em março de 1948, realizou-se um comício gaullista, em Paris. Motivado pela presença do escritor, o jornalista brasileiro Carlos Reverbel foi assistir ao comício no Velodrôme d’Hiver. Os políticos filiados ao partido RPF (*Rassemblement du Peuple Français*), cuja figura principal era o General Charles De Gaulle, discursaram para uma platéia de 6000 pessoas. Porém, toda a atenção de Carlos Reverbel estava voltada para Malraux, observando cada gesto, “suas mãos não cessaram de agitar-se durante todo o comício, quase sempre em gestos ou adejos gratuitos, arte pela arte”⁴².

Como se sabe, Malraux participou de muitos congressos e proferiu inúmeras palestras. Uma delas teve lugar em abril de 1947, em outro comício do RPF, em uma sala lotada por estudantes e por professores que vieram escutá-lo na Universidade de Paris, a Sorbonne. Napoleão Augusto Lopes lembrou que na Sorbonne, desde o século XIII, muitos conferencistas dirigiram-se ao público com o propósito de divulgar a cultura humanista. Scoto, por exemplo, o orador de 1290, argumentou razões para a aceitação da Imaculada Conceição da Virgem Maria, seguindo pelo caminho da origem da vida sobrenatural, enquanto que, séculos mais tarde, Malraux questionou a razão da vida e da morte. Concluiu o jornalista que as duas conferências foram “como dois rostos de um mesmo homem europeu”, sendo que a primeira tratou do humanismo, sobretudo do humanismo europeu, e a segunda falou sobre arte, sobre a Europa como continente criador e descobridor.⁴³

Em outra ocasião, em maio de 1950, Malraux participou do Congresso Internacional de Defesa da Liberdade de Cultura, em Paris, fazendo rir o público ao mostrar quadros de pintores russos contemporâneos.⁴⁴

Seu interesse pelas artes não era maior que seu espírito militante em defesa de seus ideais. Por isso, como em tudo o que fazia, dedicou-se de corpo e alma ao cargo que lhe foi conferido pelo grande líder político do pós-guerra, o General Charles De Gaulle, afastando-se por 10 anos dos textos literários. Anos depois, as impressões deixadas por tal experiência inspirariam *Antimémoires* (1967) e *Les Chaînes qu’on abat* (1972), uma obra que recria o ambiente e a conversação com De Gaulle, certo dia de novembro em Colombey-les-Deux-Eglises.

⁴² REVERBEL, Carlos. Um comício com André Malraux. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 10 abr. 1948, p. 4.

⁴³ LOPES, Napoleão, Augusto. Malraux na Sorbonne. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 6 abr. 1947, sup. lit. Letras e Artes, n° 37, p. 4 e 7.

⁴⁴ QUADROS BURGUESES DE PINTORES COMUNISTAS. *Revista Branca*, Rio de Janeiro, p. 1, set. 1952.

A sua participação no governo gaullista durou de 1959 a 1969, quando exerceu o cargo de Ministro da Cultura. Sua filha, Florence Malraux, sintetizou a adesão incondicional do pai na afirmação “a única mulher que amou foi Charles De Gaulle”, porque via nele a grandeza humana. O Ministério de Cultura da França foi criado especialmente para Malraux, tornando-o o primeiro Ministro da Cultura francês, que consagrou a política cultural como campo próprio da ação governamental.⁴⁵ Atitude que influenciaria outros países europeus, inclusive a Espanha.

Na opinião de Frederico dos Reys Coutinho,

o destino de ambos e a marcha da história fizeram que ocorresse em nossos dias o fato excepcional da aproximação duradoura de um líder político de expressão mundial e de um escritor notável do seu tempo.⁴⁶

Enquanto que para muitos, o fato de Malraux tornar-se um gaullista era uma traição ao ideal da sua juventude, para Janine Mossuz,

na dureza da guerra, Malraux descobre que pode existir entre os franceses uma verdadeira fraternidade viril, a mesma que procurou na China e na Espanha. Seu objetivo, antes mesmo da proclamação da paz, será o de trabalhar para perpetuar esta fraternidade num movimento político que conserve intactos a energia e o sentimento comunitário da Resistência.⁴⁷

Como qualquer personagem da vida pública de um país, Malraux recebeu críticas e elogios, assim como suas atitudes e teorias repercutem até hoje e influenciam outros governos. Por exemplo, em entrevista do diretor de um jornal português ao jornalista espanhol Jaime Arias⁴⁸, cujo tema era o ano cultural na cidade do Porto, discutiu-se até que ponto a cultura é elitista. Jaime Arias citou o decreto no qual Malraux definiu as funções do Ministério e esclareceu que se podia entender por cultura um conjunto de criação da arte e do espírito. Segundo o jornalista, Malraux, um dos responsáveis pelo *boom* cultural do século XX, foi pioneiro em demonstrar a necessidade do diálogo entre a arte Ocidental e a Oriental.

⁴⁵ GINER, Salvador. MORATÓ, Arturo Rodríguez. La necesaria política cultural. *El País*, Madri, 5 jul. 2000.

⁴⁶ COUTINHO, Frederico dos Reys. Malraux, De Gaulle e a última homenagem. *Boletim de Ariel, mensário crítico-bibliográfico*, Rio de Janeiro, vol. 1, p. 18, jul. 1973.

⁴⁷ MOSSUZ, Janine. Malraux e o degaullismo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14-15 set. 1969. Caderno Especial, p. 3.

⁴⁸ ARIAS, Jaime. Cultura y elitismo. *La Vanguardia*, Barcelona, 8 set. 2001.

Os anos de Malraux como Ministro não foram sempre dourados, o que levou Maria Teresa de Freitas a escrever “Poder, mau negócio para artista”. Para ela, a experiência de Malraux servia como exemplo da “dificuldade de um intelectual em comungar com a administração da coisa pública e sair ileso”. O texto foi motivado pela desvinculação, em 1985, do Ministério da Cultura em relação ao Ministério da Educação, cuja direção foi então recusada por uma personalidade respeitada no mundo artístico brasileiro.

Muitos acontecimentos também colocaram em prova o governo de De Gaulle e todo o seu Ministério. A guerra com a Argélia, que lutava pela sua independência, foi um deles. Muitos se surpreenderam com a participação e o apoio de Malraux às decisões de De Gaulle. Como disse Maria Teresa de Freitas:

todos se espantam ao ver esse homem, que tanto lutara outrora pelos direitos humanos, nada ou quase nada fazer pela Argélia em guerra – nem mesmo reagir contra a apreensão de livros que denunciavam torturas, ou contra a proscrição de 121 signatários pertencentes ao meio artístico – entres os quais, aliás, sua própria filha, cineasta – de um manifesto nesse sentido.⁴⁹

Porém, em 1959, o General francês iniciou um diálogo com os líderes argelinos, criando a expectativa de que concederia uma relativa, porém substancial, autonomia à Argélia. Assim, o jornal *Correio da Manhã*, terminou o artigo “A Argélia com De Gaulle e Malraux”:

de De Gaulle e Malraux, portanto, espera-se não que ganhe a guerra da Argélia: isso até Mussolini conseguiu na Etiópia. Espera-se que estendam a mão fraterna aos argelinos e mostrem como a liberdade desejada pelo mundo inteiro dá perfeitamente, sem diminuir, para vigorar na Argélia como na França.⁵⁰

Superadas as turbulências deste período, anos mais tarde, a revolta estudantil de maio de 1968 fora o marco do declínio daquele governo. Algumas atitudes do Ministro Malraux impressionaram negativamente, como a destituição de Jean Louis Barrault, diretor do Teatro Nacional Odéon, acusando-o de ter dado declarações em favor dos manifestos dos estudantes

⁴⁹ FREITAS, Maria Teresa de. Poder, mau negócio para artista. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 jun. 1985, sup. lit. Folhetim, nº 438, p. 2-3.

⁵⁰ A ARGÉLIA COM DE GAULLE E MALRAUX. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1959, p. 6.

contra o governo gaullista. Além de Barrault, em outra ocasião, alguns jornalistas também foram demitidos por terem participado do movimento grevista dos meses de maio e junho, gerando insegurança e colocando em perigo o governo de De Gaulle. A política gaullista foi muitas vezes criticada, e em diferentes países, pelas atitudes autoritárias que estavam causando estupefação e inquietação, indignação e pessimismo, tanto nos meios teatrais quanto na sociedade de modo geral.⁵¹

Durante sua permanência no ministério, além de ter organizado grandes exposições que levaram aos museus um público considerável, de ter feito longas viagens em intercâmbios internacionais e de ter lavado as fachadas de Paris, o maior dos projetos de Malraux foi a criação das *Maisons de Culture*. Esse empreendimento teve por fim a democratização da cultura e a descentralização da ação cultural, permitindo que, em todos os cantos da França, as pessoas tivessem acesso a ela. Porém, constatou-se que em 1980 as *Maisons de Culture* estavam passando por sérios problemas, porque até então tinham sido administradas por uma entidade sem fins lucrativos que contava com a ajuda financeira do Estado e de municipalidades. Os problemas eram tantos que elas começaram a correr o risco de passar para as mãos do setor privado.

O jornalista espanhol Feliciano Fidalgo⁵² comentou que se, no início, a iniciativa recebeu apoio e participação de todas as partes interessadas, tempos depois surgiram os detratores que começaram a ver esses centros como lugar de expressão dos revolucionários contra a ordem.

No projeto original, Malraux tinha previsto colocar uma *Casa de Cultura* em cada um dos 95 departamentos franceses, porém, em 1980, apenas 16 ainda estavam funcionando. As *Casas* não conseguiram atingir a população mais desfavorecida, como tinha sido previsto inicialmente, dificultando a prosperidade do projeto e gerando inúmeras críticas. A causa da falência da instituição veio de vários grupos: dos sindicatos, dos tecnocratas da cultura, dos funcionários e dos criadores, que praticavam a demagogia sem pudor para predicar a democracia cultural de cada um.

A preocupação constante de Malraux foi a divulgação, se não de todas, pelo menos de algumas obras de arte, pois ele acreditava que aquelas pessoas que tivessem a possibilidade de se confrontar com uma criação artística autêntica descobririam a existência de um outro

⁵¹ F. F. La destitución del director del "Odéon". *La Vanguardia Española*, Barcelona, 6 set. 1968, p. 15.

⁵² FIDALGO, Feliciano. El Estado francés piensa pasar a manos privadas la tarea de animación cultural. *El País*, Madrid, 22 jul. 1980, p. 28.

mundo, diferente daquele da vida cotidiana, em que a imortalidade se daria através da arte.⁵³

Em 1981, Francisco Umbral⁵⁴ informou que o então Presidente da República Francesa, François Mitterrand, pretendia nacionalizar a cultura na França. O jornalista espanhol estava de acordo com a atitude de Mitterrand que, na sua opinião, ao contrário do que fizeram Malraux e De Gaulle, não iria inibir a arte, a cultura e a crítica. Infelizmente, Umbral não soube interpretar os atos de Malraux, um apologista para quem a arte era a grande expressão da humanidade.

Como podemos perceber, a presença de Malraux no governo gerou muitas críticas e dividiu opiniões, inclusive no meio literário. Para alguns, o fato de Malraux estar no Ministério da Cultura poderia trazer novas idéias para pessoas sem perspectiva.⁵⁵ Para outros, um intelectual não seria necessariamente um bom ministro, como para Maria Teresa de Freitas, mencionada anteriormente, e para o escritor Félix de Azúa que, ao falar do Ministro de Cultura Espanhol, criticou aqueles homens de idéias que um dia ocuparam o mesmo cargo, mas colocando Malraux como exceção.

Lo peor que puede haber en un ministerio de Cultura es un hombre de ideas. O bien es Malraux – que entonces lo hace igual de mal, aunque dos o tres cosas puedan tener un cierto interés, como limpiar París – o no es Malraux y entonces es un desastre.⁵⁶

Mais recentemente, em função do lançamento da biografia escrita por Olivier Todd, *André Malraux, une vie*, Joan de Sagarra⁵⁷ também foi bastante duro ao comparar o livro do General Paul Aussaresses sobre as torturas na guerra da Argélia com a biografia publicada. Aussaresses participou diretamente dos conflitos argelinos e, por isso, na época, foi criticado por Malraux. Porém, quando Malraux passou a fazer parte do governo de De Gaulle, ocultou o que ainda estava acontecendo na Argélia. Jean Lacouture tentou justificar esta omissão em uma das primeiras obras biográficas sobre o escritor, *André Malraux, une vie dans le siècle*, apontando-a como fruto da falta de conhecimento de Malraux sobre o que realmente acontecera no norte da África.

⁵³ MOSSUZ, *op. cit.*, 1969, p. 3.

⁵⁴ UMBRAL, Francisco. Spleen de Paris. La nacionalización de la incultura. *El País*, Madri, 24 nov. 1981, p. 31.

⁵⁵ LA ROSA, Tristán. Las *Antimemorias* de André Malraux. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 24 set. 1967, p. 18.

⁵⁶ SAGARRA, Joan de. Azúa trabaja en su primer texto dramático. *El País*, Madri, 4 abr. 1991.

⁵⁷ SAGARRA, Joan de. Malraux, en la panza del buey. *El País*, Barcelona, 6 maio 2001.

Como Ministro, Malraux criou uma lei que permitiu à França montar um acervo com obras de Picasso. O artigo “La lección de Francia”⁵⁸ foi uma provocadora tentativa de mostrar para a Espanha a importância que o país vizinho dedicava às obras e à memória do pintor espanhol. O texto demonstra grande inconformismo, pois, enquanto se discutia em qual museu espanhol colocar o quadro *Guernica*, em Paris organizava-se uma exposição com oitocentas obras do pintor e preparava-se um local para deixá-las expostas permanentemente, onde atualmente é o Museu Picasso. Com essa atitude, André Malraux possibilitou que a França enriquecesse seu patrimônio artístico com tesouros de tamanha natureza.

Vários artigos foram escritos sobre o assunto e foram publicados no jornal *El País*⁵⁹, o que em si mesmo já era um fato louvável, pois mostrava a preocupação com a cultura. Se algum dia o questionamento de Malraux sobre arte ou indústria tivera sentido, naquele momento já não tinha mais, nem no cinema nem na maior parte da produção cultural, uma vez que as referências se modificaram com a evolução das sociedades e dos horizontes de expectativa.

Dentro da mesma perspectiva, Manuel J. Borja-Villel⁶⁰, diretor do Museu d’Art Contemporani de Barcelona, criticou a maneira como os organizadores do Fórum Universal das Culturas desenvolveram e encaminharam o verdadeiro papel do evento que aconteceria em 2004, em Barcelona. E assim corrigiu Malraux, dizendo que a cultura já não pode mais ser exibida em termos de mero acesso, como pretendia, mas que deveria ser compreendida como negociação entre os diferentes sujeitos e coletivos que constituem uma sociedade.

2.2 A arte a serviço do homem

Ao mesmo tempo em que desnuda a reação da crítica com relação a Malraux, a análise dos trabalhos publicados entre 1933 até 2001, que são formas explícitas de recepção, delineia um importante panorama das condições de compreensão e de interpretação por parte da crítica e aponta características da situação política internacional daquele momento.

⁵⁸ LA LECCIÓN DE FRANCIA. *El País*, Madri, 16 out. 1979, p. 2.

⁵⁹ BUSTAMANTE, Enrique. It’s the content, stupid! *El País*, Madri, 13 out. 2000.

⁶⁰ BORJA-VILLEL, Manuel J. La cultura como reclamo. *La Vanguardia*, Barcelona, 9 set. 2001.

Os críticos brasileiros e espanhóis foram muitas vezes atraídos pelas publicações de Malraux, tanto no domínio da política quanto no da crítica de arte.

Na primeira metade do século XX, na literatura, o romance foi o gênero em voga e substituiu a tragédia, a poesia, a sátira, a epístola, tornando-se psicológico, picaresco, introspectivo, sociológico, político, metafísico, existencial; romance de ambiente, romance de aventura, romance-ensaio, romance panfleto, romance-plaquette (em caracteres de Bíblia), romance-Oceano (em tipos formiga). Na década de 30, a tendência era fazer da literatura uma testemunha dos acontecimentos contemporâneos. Os autores substituíram a realidade fictícia pela realidade vivida na História em curso. E assim é o universo romanesco de Malraux, cuja obra teve início na década de 20 e até hoje continua a ser traduzida e estudada em todo o mundo.

A composição textual de Malraux está muito próxima da técnica cinematográfica, com alternância de planos, com um encadeamento narrativo que difere dos romances clássicos. Como demonstrou o Professor Edson Rosa da Silva,

a presença e a evolução dos debates no decorrer do livro contribuem para a unidade da narrativa sobretudo porque as cenas de ação ilustram os temas discutidos. [...] *L'Espoir* exige uma grande participação do leitor na descoberta de sua composição.⁶¹

Em crítica sobre um livro de Arthur Koestler, um romance político, Cândido Mota Filho⁶² explica que a primeira metade do século XX, extremamente política, produziu romances nos quais as ideologias tiveram a preferência nas preocupações literárias. O romance passou a ser participativo e, como disse o crítico, “os vivos é que vivem em suas páginas”. Para exemplificar a reprodução da realidade vivida na obra literária, ele recorreu a *La Condition humaine*, pois Malraux antes de ser um admirável romancista era um repórter e um revolucionário.

Outro escritor, Frederico dos Reys Coutinho⁶³, que até o momento foi o único tradutor para a língua portuguesa de *Le Temps du mépris*, também foi um dos poucos brasileiros a escrever um livro analisando aspectos da vida e das obras de Malraux. Em *André Malraux*.

⁶¹ SILVA, Edson Rosa da. *As (Não-)Fronteiras Espaço-Temporais em L'Espoir de André Malraux*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1978.

⁶² MOTA FILHO, Cândido. Koestler. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 18 jan. 1948, p. 11.

⁶³ COUTINHO, Frederico dos Reys. *André Malraux. Três aspectos e uma síntese: a aventura, a política, a arte*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1ª ed., 1971.

Três aspectos e uma síntese: a aventura, a política, a arte, ele assumiu sua admiração pelo escritor francês cultivada desde as primeiras obras. Entretanto, teria sido a leitura de *Antimémoires* que elucidaria detalhes da obra malruciana ainda não desvendados para este leitor. No ensaio, o crítico brasileiro esmiúça em praticamente toda a produção literária as conseqüências em Malraux dos fatos que vivenciou e a maneira como ele as colocou nas vozes de seus principais personagens.

Os primeiros cinquenta anos do século XX assistiram a grandes escritores e pensadores que transpuseram para a literatura temas da inteligência e do coração humanos. Nesta época conturbada por revoluções, tanto no Brasil quanto na Europa, Coutinho destaca Malraux como sendo o que melhor transcreveu a experiência pessoal: vivida, pensada e transposta para a arte. Pois, para Malraux, era necessário “transformar em consciência a mais ampla experiência possível”⁶⁴.

Em 1935, apareceu a primeira obra malruciana traduzida ao português por Heitor Moniz: *Os Conquistadores*, exatamente quando começava a surgir no Brasil a idéia de arte literária como um instrumento a serviço do homem. A literatura deveria estar engajada nos acontecimentos do momento e deles tirar sua lição. Uma grande modificação estava ocorrendo na economia, política e cultura brasileiras, culminando na Revolução de 30. João Luiz Lafetá formulou uma explicação para o sentimento que estava atingindo grande parte dos intelectuais do país desta época. O resultado foi uma maior produção e recepção de romances de discussão social e metafísica, de denúncia, de combate e ensaios históricos e sociológicos.

A necessidade de se voltar para a problemática social brasileira torna-se aguda com a irrupção de um movimento revolucionário e o “sibaritismo” da primeira fase modernista é deixado para trás, as experimentações formais são abandonadas em favor de uma literatura social.⁶⁵

Este momento de mudanças, de reflexão sobre a função da literatura, o papel do escritor, as ligações da ideologia com a arte não se limitou ao Brasil. Era da Europa que vinham estas diferentes ideologias que disputavam entre si: o fascismo e o nazismo, o comunismo e o socialismo, o liberalismo e o capitalismo. No Brasil, por exemplo, enquanto o Partido Comunista Brasileiro é oficializado, Jackson de Figueiredo cria um grupo de

⁶⁴ MALRAUX, André. *A Esperança*. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

⁶⁵ LAFETÁ, João Luiz. A literatura subjugada. In *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000, p. 126. Col. Espírito Crítico.

pequenos-burgueses católicos e direitistas.

Os textos brasileiros produzidos neste decênio de 30 comungam com o estilo malruciano: linguagem despida, tom coloquial, presença do popular, esteticamente pouco inventivo. Ao analisar as críticas jornalísticas de Tristão de Athayde, Lafetá citou a passagem de um texto na qual o crítico ilustrou, com os exemplos de Malraux e Mauriac, a afirmação de que a dimensão metafísica valoriza a obra literária sem ser incompatível com o estético.

Ambos demonstram, entretanto, a possibilidade de ser o artista um homem que crê numa verdade, seja ela religiosa ou revolucionária, e portanto repelindo o superficialismo literário corrente, dos que ficam pelas beiras e pelas descrições, com medo de perderem a imparcialidade (no que se revelam apenas a sua fraqueza de caráter, como homens e como escritores) – e apesar disto, ou por isto mesmo, sendo incapazes de dar vida e verdade a toda a variedade humana.⁶⁶

Frederico dos Reis Coutinho salientou que a literatura malruciana é aquela dos “escritores atuantes, comunicativos e apaixonados, que procuram ir além do que produzem”. O crítico reforçou o que já foi repetido diversas vezes por praticamente todos aqueles que estudaram Malraux, que a sua verdade está no homem, está em dar à presença humana um sentido e uma finalidade na vida e na história.

Levando-se em conta que Malraux era ateu, impressiona a maneira como ele via o homem e a sua situação perante a vida e o mundo. Apesar de rejeitar o espiritualismo, Malraux agiu muitas vezes como sendo um daqueles que,

insatisfeito com os esforços da razão, optasse por considerar os temas que o preocupam num movimento angustiado da alma e não à fria luz do pensamento.⁶⁷

A partir de então e por algum tempo, a literatura brasileira privilegiou a problemática política e a consciência ideológica prevalecerá em relação à consciência estética.

Na Espanha, o livro *La crítica literaria en la prensa* assinala o papel da crítica literária nos jornais espanhóis desde finais do século XIX até o início do século XXI. No artigo “La

⁶⁶ Apud, LAFETÁ, *ibidem*, p. 133-134. ATHAYDE, Tristão de. *O espírito e o mundo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. p. 51.

⁶⁷ COUTINHO, *op. cit.*, 1971, p. 104.

crítica literaria en la prensa del siglo XX”, Domingo Ródenas de Moya⁶⁸ traçou a historiografia da crítica literária nos jornais da primeira década ao final do século. Este início foi influenciado pelas idéias de Ortega y Gasset, para quem o crítico literário deveria deixar de ser um juiz, prática até então adotada, para tornar-se advogado da obra de arte, aquele que observa se ela logrou atingir o resultado que o autor pretendia.

Como mencionado anteriormente, na década de 30 tanto os escritores brasileiros quanto os europeus tomaram consciência de que era necessário assumir um compromisso social dentro das próprias obras. Assim como no Brasil, na Espanha a primeira obra de Malraux traduzida para o espanhol foi *Los Conquistadores*, em 1929, e mais tarde, em 1933, apareceu o primeiro artigo sobre *La Condition humaine*, por ocasião do Prêmio *Goncourt*.

Como ocorreu na segunda fase dos Modernistas Brasileiros, também a vanguarda espanhola *Arte Nuevo* e a crítica literária jornalística estavam dominadas pelo pragmatismo político e buscavam dar uma função social para a literatura. Ali também a arte estética cedia lugar à arte ideológica. A partir de 1936, com o início da Guerra Civil, a crítica espanhola sofreu com a chegada dos franquistas ao poder, em 1939, onde permaneceram até os anos 70. Finalmente, no final do século XX, a crítica literária viveu um florescimento com o surgimento de vários suplementos culturais divulgando sólidas críticas, cujos autores são, na sua maioria, professores universitários.

Mas não foram apenas os profissionais das letras que revelaram suas impressões sobre o escritor francês. Leitores ordinários também as registraram, como o autor do artigo “A sociedade: o Mito Malraux”, que preferiu identificar-se com as iniciais L.M. Emocionado com a presença de Malraux no Brasil, em agosto de 1959, declarou que não faria a análise de obras, mas que apenas testemunharia a respeito da influência que o escritor francês havia causado na sua geração dos anos 30. Para ele, que leu o livro logo após o lançamento em Paris, *La Condition humaine* foi uma das obras que maior e mais funda impressão causou. No entanto, foi uma impressão mais política do que literária.

A fascinação exercida pela figura do homem de ação Malraux, na época, hoje me parece mais um dos aspectos do romantismo que no fundo era nossa marca registrada, a nossa divisa inconsciente e a nossa forma de nos situarmos na vida e na literatura.⁶⁹

⁶⁸ MOYA, Domingo Ródenas de. La crítica literaria en la prensa del siglo XX. In _____. *La crítica literaria en la prensa*. Madri: Estudios y Ensayos Marenostrum, 2003, p. 183-213.

⁶⁹ L.M. A Sociedade: o Mito Malraux. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 ago. 1959, p. 9.

Na conclusão do artigo, ele confessa que se emociona porque o escritor francês o faz lembrar-se de sua mocidade, e revela que Malraux foi um herói para aqueles jovens das gerações de 30 e 40, que eram contra os fascistas espanhóis, que exaltavam a Rússia comunista e que rejeitavam com indignação os retratos de Hitler.

capítulo 3

La Condition humaine **- uma obra mestra -**

O primeiro grande sucesso literário de Malraux é um romance conhecido e aplaudido pela crítica de diferentes países. Foi publicado em 1933, pela editora Gallimard e tem como tema a insurreição comunista em Xangai. O livro relata em páginas belíssimas episódios contextualizados na China, em 1927, entre os quais, os combates de rua entre as forças revolucionárias e as tropas do Kuomintang (partido nacionalista), encabeçadas pelo General Chiang-Kai-Shek.

O romance apresenta uma galeria de personagens que marcariam não apenas a literatura malruciana, mas toda uma geração de leitores. Dois se destacam: Kyo Gisors, 28 anos, filho de uma japonesa e de um filósofo francês marxista, organizador de sindicatos a favor de obreiros e camponeses; e Tchen, um terrorista de 25 anos, chinês, marxista, amigo de Kyo.

Quando os dois descobrem que os comunistas de Xangai são abandonados pelo Komintern (Partido Comunista chinês), Tchen, que luta ao lado dos comunistas, decide travar uma luta solitária contra Chiang-Kai-Shek, mas morre após duas tentativas frustradas de atentado.

Todos aqueles que se engajaram na insurreição são perseguidos pelo general e tentam resistir de todas as maneiras. Kyo e os principais militantes são presos e assassinados em uma das cenas mais bonitas e tocantes da obra, da mesma forma que os comunistas são massacrados pelas tropas inimigas nas batalhas de rua.

Apesar do triunfo de Chiang-Kai-Shek e do fim trágico daqueles que participaram do levante, a revolução mudou o curso da História e não impediu a vitória moral dos heróis.

Malraux estava tão bem informado do que estava acontecendo na China que muitos chegaram a pensar que ele tivesse participado das manifestações. No entanto, Malraux esteve no país naquele período de greves e protestos sem ter participado efetivamente de nenhum. Desta vez, ele não passou de um mero espectador, ao contrário do que aconteceria na Espanha anos mais tarde.

3.1 Um romance laureado

Em dezembro de 1933, *La Condition humaine* foi eleito pela academia *Goncourt* como o melhor romance francês do ano. O prêmio *Goncourt* causava grande euforia e expectativa, tanto no meio literário quanto no público mais interessado pela literatura. Apesar de ser uma recompensa destinada apenas para escritores de língua francesa, no Brasil e na Espanha aguardava-se ansiosamente a revelação do premiado do ano. Por isso, rapidamente os jornais anunciavam e comentavam sobre a obra ganhadora. *La Condition humaine* passou por um critério de seleção rígido que permitia apenas romances em prosa e considerava a juventude, a originalidade do talento do escritor e as tentativas novas e audaciosas do pensamento e da forma.

Quando *La Condition humaine* foi editada, em 1933, o Brasil estava passando por um período de mudança de comportamento e de pensamento. Após a Semana da Arte Moderna, em São Paulo, em 1922, os intelectuais brasileiros passaram a se preocupar em fazer do Brasil um país com características próprias e com um futuro promissor. Como esta obra foi uma das primeiras que uniu ideologia e ação, e foi vencedora do prêmio *Goncourt*, de 1933, nossos intelectuais se sentiram atraídos pelas reflexões que Malraux desenvolveu sobre a situação do momento.

Em janeiro de 1934, imediatamente após a premiação do *Goncourt*, o mensário crítico-bibliográfico brasileiro *Boletim de Ariel* anunciou o laureado fazendo uma brevíssima análise de outro livro de Malraux, *Les Conquérants*. Ressaltando o estilo de documentário e a tendência literária do momento, terminou dizendo que

a rigor, os livros de André Malraux não passam de altas e fortes reportagens. Mas, neste momento em que a literatura é acima de tudo “informação” moral e racial, nada mais proveitoso que uma reportagem bem feita.⁷⁰

No número seguinte, o *Boletim* analisou *La Condition humaine*, comentando que

⁷⁰ PRÊMIOS LITERÁRIOS. *Boletim de Ariel*, mensário crítico-bibliográfico, Rio de Janeiro, nº 4, p. 103, jan. 1934.

Malraux atinge assim diretamente ao *pathos* exaltante, sem transição pelos modos dos sentimentos individuais, dando expressão ao sentimento comum de angústia das criaturas humanas.⁷¹

Ambos os artigos deixam evidente que o momento social e político brasileiro era de angústia, de desconfiança e de desinformação. As obras malrucianas contribuíram para amenizar o clima de tensão pelo qual estava-se passando.

E, finalmente, dois números depois deste exemplar, o mesmo *Boletim*⁷² já anunciava o sucesso de crítica que a obra obteve nos meios literários franceses, citando as opiniões de alguns críticos locais: “Louvores que se manifestaram em unanimidade não comum”.

No entanto, em 1950, não havia unanimidade na apreciação dos críticos brasileiros sobre *La Condition humaine*, se levarmos em conta o que disse o jornal *Correio da Manhã*⁷³. Ali foi publicada uma pequena nota, na última página, explicando o que é o Prêmio *Goncourt*, quem o concedia, a quantia oferecida como reconhecimento e a relação dos laureados desde o primeiro, de 1903 até 1949. A opinião de que desde a premiação de *A la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust, em 1919, nenhuma obra de igual importância recebera o *Goncourt* foi compartilhada por boa parte da crítica, ainda que alguns críticos se dissessem decepcionados com a premiação de Malraux.

Juan Aramburu, jornalista espanhol de um periódico de Barcelona, *La Vanguardia Española*, foi um dos primeiros, na Espanha, a escrever sobre o ganhador do prêmio *Goncourt* de 1933, que nesta época, já era uma personalidade bastante conhecida no meio literário francês. Por isso, tentou justificar a decepção dos críticos com a designação do *Goncourt* para *La Condition humaine*, pois, segundo ele, o prestígio de Malraux já estava consolidado no meio literário.

La designación del joven escritor ha causado cierta decepción en los medios literarios, porque en realidad el prestigio de Malraux rebasa ya el marco de esa clase de recompensas. Los académicos de la *Goncourt* no han hecho ningún descubrimiento y se han limitado a refrendar una notoriedad bien cimentada con obras importantes.⁷⁴

⁷¹ A CONDIÇÃO HUMANA. *Boletim de Ariel, mensário crítico-bibliográfico*, Rio de Janeiro, nº 5, p. 125, fev. 1934.

⁷² BOLETIM DE ARIEL, MENSÁRIO CRÍTICO-BIBLIOGRÁFICO, Rio de Janeiro, nº 7, p. 196, abr. 1934.

⁷³ O PRÊMIO GONCOURT. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1950, últ. pág.

⁷⁴ ARAMBURU, Juan. Crónica de París: Los premios *Goncourt* y *Renaudot*. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 14 dez. 1933, p. 5.

A repercussão do prêmio atribuído a Malraux continuou nos meses que se seguiram. O jornal catalão *El Matí* também não ficou fora do acontecimento literário do ano e, no início do mês de janeiro de 1934, teceu comentários sobre as obras ganhadoras dos prêmios literários franceses que haviam sido distribuídos no mês anterior. Ao contrário de Juan Aramburu, o jornalista Ramon Esquerra⁷⁵ considerou justa a qualificação de *La Condition humaine* como o melhor romance de 1933. Apesar de Malraux não ter recebido um prêmio por *Les Conquérants*, a esperada condecoração foi-lhe atribuída por mérito e não como uma forma de compensação, pois ele era um dos romancistas mais interessantes e consideráveis da época. Essa foi também a opinião de Léon Pierre-Quint, importante crítico francês, para quem desde Marcel Proust, a Academia do *Goncourt* não premiara escritor tão importante. Ele classificou a obra de “romance de aventuras” e sublinhou que tanto a posição política do escritor quanto a sua própria obra mereciam ser tratadas com especial atenção.

Três meses depois da premiação, o mesmo Ramon Esquerra⁷⁶ corrigiu-se afirmando que os romances de Malraux não são romances de aventura, mas o caráter aventureiro pode ser atribuído à moral do autor e à de todos os seus personagens. Mais que romances de aventura, os livros trazem o estilo de grandes reportagens, misturando fatos reais com ficção.

Logo, não foi por acaso que Malraux escolheu o Extremo Oriente para escrever *La Condition humaine*. Era lá o local apropriado para que o escritor pudesse desenvolver suas idéias, uma vez que a China e a Indochina estavam vivendo momentos de revoltas políticas e nacionalistas. Inicialmente, poucos críticos detiveram-se na análise de aspectos formais do romance e Esquerra abordou este aspecto e comentou a criação dos personagens - chineses, europeus, revolucionários, contra-revolucionários que representavam a mistura e confusão de idéias que estavam sendo vividas e discutidas na época. Também apontou o motivo que levava esses personagens a tornarem-se niilistas: a tomada de consciência da realidade que é diferente da idealizada por eles. Por isso, os heróis dos romances de Malraux são inconformados e amargos, qualidade acentuada pela própria narração e estilo do escritor. Comparou-os com os de Dostoiewsky e com os de Dickens pela intensidade de sentimentos e ações que existem neles e que os tornam inesquecíveis ao leitor.

Assim como na França e na Espanha, vimos que também no Brasil, após o resultado final dos concursos literários franceses, as obras eram comentadas pelos críticos.

⁷⁵ ESQUERRA, Ramon. França: Premis literaris. *El Matí*, Barcelona, 3 jan. 1934, nº 1435, p. 9.

⁷⁶ ESQUERRA, Ramon. Malraux i el nihilisme. *El Matí*, Barcelona, 7 mar. 1934, nº 1489, p. 9.

O jornal *Correio da Manhã*⁷⁷ informou que o editor Chevret, de Mônaco, havia lançado a *Coleção de 'Prêmios Goncourt'*, reunindo todos os livros que haviam sido premiados até então. Constatou que uma das condições impostas pelas regras do concurso, a de que o romance tivesse sempre a preferência sobre todos os gêneros, sempre fora cumprida à risca. No entanto, apesar do Prêmio *Goncourt* servir de estímulo para os escritores, ele não criou um estilo ou uma corrente “Goncourt”, já que a escolha do melhor romance do ano não segue uma tendência de escola ou processo, não existindo assim semelhança entre eles. A glória dos livros premiados é inerente a cada um e independente da compensação. De todos os laureados, foram destacados sete cuja glória é reconhecida, dentre eles, Malraux.

Além das atribuições de prêmios consagrados, os jornais costumam publicar listas dos melhores “do ano” ou até “do século”. *La Condition humaine* tem sido citada entre os melhores, conforme se lê em alguns dos jornais consultados na pesquisa.

Na França, um corpo de jurados composto por onze literatos, entre eles Paul Guth⁷⁸, designaram os doze melhores romances franceses da metade do século XX. A reunião aconteceu no Hotel Ritz, em Paris, e o tribunal teve dificuldades em selecionar, num período que ia de 1900 até 1950, aqueles que seriam considerados os melhores. Na primeira reunião, eles relacionaram vinte e cinco autores e não obras, entre os quais André Malraux. Depois de muita discussão, chegaram finalmente à lista final que incluiu *La Condition humaine*.

No final do século, em 1999, uma outra seleção indicou os “100 melhores romances do século”. O jornal *Folha de São Paulo*⁷⁹ divulgou os eleitos e *A Condição Humana* apareceu em quadragésimo lugar. No texto “O dia que resume o século”⁸⁰, no *site* da editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, encontram-se as informações que complementam aquele artigo: o texto do *Jornal A Folha* foi extraído do *Caderno Mais!* e redigido por Adriano Schwartz. Os convidados pela *Folha de São Paulo* para a seleção do livro do século fizeram parte de uma banca de dez críticos e escritores, cujos nomes foram mantidos em segredo. Sobre a classificação, explicou-se que os jurados listaram os dez primeiros livros em ordem hierárquica de preferência e os outros noventa não obedeceram a uma classificação valorativa. Logo, a posição ocupada pela obra malruciana não implicou julgamento de valor em relação aos noventa classificados.

⁷⁷ DESCAVES, Pierre. Uma coleção de “Prêmios Goncourt”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1950, p. 3.

⁷⁸ GUTH, Paul. Como foram designados os doze melhores romances franceses do meio do século. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 jun. 1950, p. 2.

⁷⁹ OS 100 MELHORES ROMANCES DO SÉCULO. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 jan. 1999.

⁸⁰ SCHWARTZ, Adriano. O dia que resume o século. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 jan. 1999, sup. lit. *Caderno Mais!*

3.2 O ser e o fazer, segundo os críticos

Certos aspectos do romance são mais freqüentemente abordados pelos críticos. Alguns se prendem à relação dos fatos narrados na obra com os fatos conhecidos da vida do autor e de sua postura ideológica. Esse é o caso de Michel D. Kanenka, no artigo “Literatura: André Malraux, o esboço de uma ideologia”. O crítico demonstrou um sentimento de dúvida, que não foi só dele, que o acompanhava quando estudava a relação entre criador e personagem. Confessou que, por vezes, ocorreu-lhe que o personagem fosse o porta-voz do seu autor, chegando à conclusão de que a biografia do autor está distribuída entre os vários personagens por ele criados. Através de exemplos, procurou provar a veracidade da sua afirmação de que *La Condition humaine* é autobiográfica, sendo o terrorista Tchen o “alter-ego” malruciano.

Em *La Condition humaine*, Gisors, o velho professor chinês liberal por inclinação, mas alheio a qualquer ação política, observa Tchen, seu antigo discípulo, hoje comunista militante. Compreende logo que “este jovem era incapaz de viver de uma ideologia que não se transformasse imediatamente em ação”. A ação é um imperativo categórico de Malraux e Tchen um dos seus múltiplos “alter-ego”.⁸¹

A esse respeito, diria mais tarde o escritor espanhol Max Aub, contribuição importantíssima para a produção do filme *Sierra de Teruel (L’Espoir)*, é impossível separar o homem do seu tempo, ainda mais quando se trata do tempo vivido por Malraux. Um tempo que, como poucos, marcou a história do mundo e ficou registrado nas páginas e na vida malrucianas, sem, no entanto, tornar sua obra autobiográfica.

André Malraux a vécu ces soubresauts de très près. Mais dire que son oeuvre est une biographie, au pays de Rousseau, Chateaubriand ou Gide, serait ridicule. Les livres d’André Malraux ne sont pas plus ou moins autobiographiques que la plupart des romans de notre temps.⁸²

Michel Kanenka prossegue dizendo que Malraux tem uma visão bastante desanimadora sobre a vida e que a consciência da vida só pode significar angústia. O crítico

⁸¹ KANENKA, Michel. André Malraux, o esboço de uma ideologia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1959, p. 8 e Segundo Caderno, p. 2.

⁸² AUB, Max. André Malraux et le cinéma. *Archivos de la Filmoteca. Revista de estudios historicos sobre la imagen*. Valencia, nº 3, p. 27, set-nov. 1989.

encontrou um poeta checo de língua alemã, que foi secretário de Auguste Rodin, Rainer Maria Rilke, que no seu poema sobre a noite de Gethsemane⁸³, compartilha da mesma visão de Malraux. Outro exemplo oferecido por Kanenka de depoimento sobre a impassibilidade do universo diante da miséria dos esforços humanos foi o quadro *A queda de Ícaro*, de Brueghel, o Velho.

Enfim, concluiu afirmando que Malraux encontrou, na sua compreensão profunda da arte, uma justificativa para a existência terrestre sem recorrer a um Deus a fim de lhe pedir “um apaziguamento que a fraqueza erigi”. E este esforço para salvar a parte mais nobre do homem daria, mais tarde, origem ao *Musée Imaginaire*, *La Voie du Silence* e *La Métamorphose des Dieux*.

Em 1935, Malraux lançou *Le Temps du mépris* e o *Boletim de Ariel* publicou talvez a primeira crítica brasileira sobre aquele romance, escrita por Lúcia Miguel Pereira, na qual ela revelou considerar o livro anterior, *La Condition humaine*, “uma das maiores obras contemporâneas”. E profetizou que esta obra estava “destinada a durar, afixar a arte e a mentalidade deste segundo quartel do século XX”. Ao comentar as duas obras acima, fez uma afirmação que poderia se estender para as obras que viriam depois, como *L'Espoir*,

a fraternidade de Malraux é alguma coisa de muito grave, de muito íntimo para se traduzir em palavras. Fraternidade, chamou-a ele. Aliás, se existe um espírito inteiramente viril, másculo, cheio de confiança no esforço, no valor do homem, é o de Malraux. Daí a sua sobriedade, a sua força, a sua simpatia pela ação, pelos homens enérgicos. O sofrimento das suas personagens leva ao domínio de si e dos acontecimentos. Gente forte, viril, a dor não a degrada; dignifica. A sua força moral se sobrepõe aos padecimentos físicos. É gente para quem a vida tem um sentido, um sentido espiritual.⁸⁴

Lucia Miguel Pereira fez uma análise que bem corresponde à sua conhecida postura crítica: ela sempre procurou nas obras a espiritualidade e a introspecção do autor, mesmo reconhecendo a tendência de Malraux para valorizar a ação e a aventura, acima de qualquer metafísica. Ela escreveu em 1940 sobre autores modernos cujos romances resultavam num único livro, com muitos enxertos, os quais trazem no título o mesmo preceito: conhecer a si mesmo. Ao comentar a obra de Lucia Miguel Pereira, Antonio Candido referiu-se a esse e a

⁸³ “Die nacht war keine ungemaine/So gehen hunderte vorbel/...ach irgendeine/Die wartet bis es wieder Morgen sei.”

⁸⁴ PEREIRA, Lucia Miguel. André Malraux – *Le Temps du mépris* – N.R.F. 1934. *Boletim de Ariel*, mensário crítico-bibliográfico, Rio de Janeiro, nº 11, p. 297, ago. 1935.

artigos anteriores, como um de 1934, no qual a crítica havia dito que *A Condição Humana* correspondia exatamente ao que considerou romance moderno. E ainda, a um terceiro artigo deste mesmo ano, no qual a escritora considerou Malraux

a mais completa organização de romancista dos nossos dias, porque alia a força na ação à finura na introspecção, porque compreende igualmente a aventura e a análise.⁸⁵

O professor de literatura francesa da Universidade de São Paulo, Ítalo Caroni, motivado pelo desaparecimento de Malraux, em 1976, analisou sua obra no artigo “O romancista da condição humana”. Alguns pontos abordados coincidem com os da análise feita por Lúcia Miguel Pereira anos antes, revelando um possível conhecimento daquele texto pelo crítico. Também para ele, *A Condição Humana* é a obra que melhor define a essência da mensagem do autor. Seus personagens não possuem um passado histórico, eles são consciências e afirmam suas visões do mundo no tempo presente. Não obstante, a obra não é um romance histórico, a realidade apenas empresta seu contexto para que a ficção se desenvolva.

O estudioso confirma o que dissemos anteriormente sobre a identificação da geração de 30 e 40 com as obras malrucianas.

Se a mensagem de *La Condition Humaine* sensibilizou a tal ponto as novas gerações, foi sem dúvida alguma porque ela se revestiu de traços heróicos e fraternais, porque, coroando a maioria dos primeiros escritos de Malraux, propôs ao homem sem crença uma nova crença, a do engajamento na história. Uma nova religião, a da ação.⁸⁶

Além do engajamento histórico, como sabemos outra novidade trazida pela *Condição Humana* foi a sua forma romanesca, pois a ação se desenvolve no presente e em um único cenário, num ritmo denso e ameaçador, utilizando uma técnica cinematográfica.

Em estudo publicado no *Caderno de Sábado*, do *Jornal da Tarde*, Maria José Moreira França analisa o romance, que segundo ela se tece em torno de três linhas de força: uma mística, uma disciplina, um jogo, e o que faz com que ele tenha sempre um tom atual é o fato de permanecer

⁸⁵ CANDIDO, Antonio. Lucia. *Jornal do Brasil*, 13 mar. 1993.

⁸⁶ CARONI, Italo. O romancista da condição humana. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12 dez. 1976, Suplemento Cultural, nº 9, p. 4.

como grande obra literária, levantando questionamentos que independem de uma conjuntura histórica porque podem ser os questionamentos do ser humano empenhado em outras crenças e lutas, em qualquer tempo ou lugar.⁸⁷

Assim como Ítalo Calvino foi motivado pela morte de Malraux, o escritor catalão Baltasar Porcel⁸⁸ também escreveu um artigo sobre a obra do francês. O estudo criticou a exagerada segregação metafísica malruciana que, segundo ele, provavelmente, era tipicamente francesa. Apontou ainda aspectos herméticos da obra, exemplificando com uma passagem de *La Condition humaine* que considerou “absolutamente ininteligível”. No entanto, esse aspecto não prejudicou a obra que continuou, apesar disso, sendo notável, angustiada e interessante. O crítico catalão mostrou-se um conhecedor da China, da forma de ser, da cultura e da filosofia dos chineses e por isso acredita que *La Condition humaine* não seja um romance autenticamente chinês. As metafísicas existenciais das personagens chinesas apresentadas na obra são, na verdade, questionamentos franceses anacronicamente transplantados pelo autor do livro.

Porcel talvez tenha sido o único a entender que os fatos descritos nas obras de Malraux eram resultado de uma visão analítica francesa. Por esta razão não se pode dizer que *La Condition humaine* seja uma obra chinesa, assim como mais tarde *L'Espoir* tampouco será uma obra tipicamente espanhola.

O escritor Baltasar Porcel comentou também o testemunho que a ex-mulher e escritora, Clara Malraux, deixou nas suas memórias, explicando que uma das razões da sua separação de Malraux foi porque ela ficava sempre dando testemunho da realidade, enquanto ele inventava as situações. O mesmo se deu com o romance *La Condition humaine*, pois segundo Clara, o escritor não esteve na China, ele relatou os fatos que ouviu, mas não vivenciou. Situação incômoda para Malraux que, como escritor, dava-se o direito de inventar, pois a mistificação, a recriação é fator essencial para um artista e um romancista que não é um contador.

Assim como outros críticos, Jorge de Sena, que foi um dos tradutores para o português de *La Condition humaine*, interpretou as tomadas de posição política do escritor francês como atitudes contraditórias. Ele elencou no prefácio à sua tradução aspectos da vida de Malraux

⁸⁷ FRANÇA, Maria José Moreira. O vigor de *A Condição Humana*. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 23 maio 1998, sup. lit. Caderno de Sábado.

⁸⁸ PORCEL, Baltasar. Malraux, en escorzo. Individualidad y contradicciones. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 26 nov. 1976, p. 8.

que revelavam diferentes posições políticas e ideológicas: deu testemunho das convulsões da nova China; foi o primeiro a denunciar ao mundo a existência de campos de concentração nazis; alistou-se como aviador ao lado da Espanha Republicana; rompeu com o Partido Comunista; lutou na Resistência, foi feito prisioneiro e libertado pelas F.F.I.; comandou a brigada Alsácia-Lorena; ligou-se ao General De Gaulle de quem tornou-se Ministro da Informação do gabinete de União Nacional; seguindo De Gaulle, abandonou a ação política do movimento; dedicou-se à crítica de arte; entregou-se à “metamorfose dos deuses”; e, finalmente, reapareceu ao lado do General De Gaulle como Ministro da Cultura.

Em função das atitudes do seu autor, sua obra foi por muitas vezes incompreendida ou condenada. *A Condição Humana* é um longo comentário moralista sobre a solidão e a morte, sobre a ação e o destino humano. A fraternidade é um dos temas fundamentais, uma forma de trazer para si a consciência de que este sentimento é a maneira de acabar com a solidão dos homens.

Ainda no prefácio, Jorge de Sena disse que a leitura do romance leva a uma “nostalgia da grandeza e da dignidade humanas, como se estas fossem algo que tivesse perdido e que, em face do destino, cada homem pode encontrar”⁸⁹.

Esta obra é de um extraordinário valor por ser ao mesmo tempo um testemunho do momento histórico, uma meditação moralista, uma intensa e asfixiante ação romanesca, tudo apresentado em estilo admirável.

3.3 Traduções no Brasil e na Espanha

Até o ano de 2001, o setor editorial brasileiro havia colocado à disposição dos leitores quatro traduções da obra, cada uma realizada por uma editora e um tradutor diferentes.

Com uma distância temporal razoável para o contexto da época, no final da década de 40, foi publicada, pela Editora Mundo Latino, a primeira edição brasileira de *La Condition humaine*, traduzida por Lívio de Almeida. Em 1960, a Editora Guáira, de Curitiba, fez novo lançamento.

⁸⁹ SENA, Jorge de. Pref. à MALRAUX, André. *A Condição Humana*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, col. Dois Mundos, jan. 56 – ago. 58.

Em 1972, o leitor brasileiro reencontrou-se com Malraux na coleção “Os imortais da literatura universal”, da Editora Abril Cultural, em tradução portuguesa de Jorge de Sena para quem *A Condição Humana* é um dos grandes livros do nosso tempo e uma obra-prima da literatura universal, classificando-a como

uma das mais pungentes, sóbrias e penetrantes obras de que a ficção se serviu para expor uma concepção simultânea desesperada e nobre da ‘condição humana’.⁹⁰

Sena, que considera Malraux um “aventureiro da literatura e da arte” com uma técnica perfeita e estilo clássico, concorda com François Mauriac, que definiu Malraux como um “filho preclaro da velha sociedade européia” mas que, no entanto, não aceitava as imposições daquela civilização.

Depois da morte de Malraux, em novembro de 1976, o leitor brasileiro viu-se privado de traduções das obras. As edições se esgotaram e nenhuma editora manifestou interesse na re-edição. Porém em 1998, a Editora Record voltou a editar *A Condição Humana*, na tradução feita por Ivo Barroso. Este lançamento fez parte do projeto da editora chamado “Grandes Traduções”, incluindo-a entre os grandes livros estrangeiros merecedores de novas traduções.

Na contra-capa dessa edição, a obra é apresentada como um “relato ficcionalizado” dos acontecimentos que deram início à Revolução Chinesa escrito em forma de reportagem e com depoimentos pessoais de Malraux.

Assim como Jorge de Sena, Ivo Barroso⁹¹ escreveu o prefácio explicando por que essa é uma obra atemporal. O título do prefácio é um indício de seu conteúdo: “André Malraux, a testemunha do futuro”. Malraux escreveu uma obra datada, *Revolução Chinesa* de 1927, mas que, no entanto, é o relato de situações de vidas humanas que prosseguem e por isso, sua narrativa é atemporal, pertencente ao passado, ao presente e ao futuro da humanidade.

Foi procurando saber o impacto causado no leitor atual e descobrir a “força espantosa” que reveste esta ficção que o tradutor iniciou seu texto, o que revela a preocupação de Barroso com o horizonte de expectativa da obra e do leitor. Ele encontrou algumas justificativas para o contínuo interesse que o livro desperta nos leitores: a obra permanece legível e empolgante e

⁹⁰ SENA, *ibidem*, jan. 56 – ago. 58.

⁹¹ BARROSO, Ivo. André Malraux, a testemunha do futuro. Pref. à MALRAUX, André. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Ed.Record, col. Grandes Traduções, 1998, p. 9-17.

mantém a vitalidade da narrativa. Porque o livro tem essas características, o tradutor considera *A Condição Humana* um clássico. Comparou Malraux a Rimbaud por terem conseguido realizar uma obra-vida e definiu o primeiro como “uma das maiores personalidades para não dizer personagens do nosso século”.

Conforme revelou Cláudio Figueiredo⁹², quando Ivo Barroso recebeu a incumbência deste trabalho, sua última tradução em prosa, ele foi para a França para trabalhar num centro de pesquisas especializado em tradução.

Ivo Barroso esteve em Florianópolis, no dia 29 de abril de 2005, a convite do Núcleo de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina⁹³. No evento *O perfil do tradutor literário no Brasil 1970-2004*, ele proferiu a palestra “Da tradução livre à tradução integral – roteiro de uma experiência”, um relato de sua experiência pessoal como tradutor de obras de Péric, Rimbaud, Shakespeare, Malraux, Eliot e Baudelaire.

Barroso, que também é escritor, afirmou fazer tradução literal-literária, ou seja, ele procura manter todas as características do texto original no texto traduzido. Para isso, segundo ele, é preciso que o tradutor tenha um conhecimento profundo da língua para a qual traduz, pois ele é um co-autor.

Na ocasião, tivemos a oportunidade de fazer algumas perguntas sobre o trabalho realizado com a obra malruciana. Transcrevo, abaixo, alguns trechos do depoimento que nos foi dado oralmente. A respeito de como foi escolhido para realizar tal tarefa, ele disse:

O Editor queria lançar o livro. Botou um anúncio no jornal, no *Jornal do Brasil*: “Procura-se um tradutor”. Inclusive falavam que iam pagar muito bem, se não me engano uns dez mil dólares. Era uma coisa assim. Era uma quantia bastante significativa para a época, em termos de tradução. Que precisava da tradução ser feita num tempo recorde, por uma pessoa que conhecesse a obra do Malraux. Eu conhecia o *Museu Imaginário*. Não conhecia a *Condição Humana*. Eu vendo o anúncio escrevi pra lá: “Olha, já aconteceu comigo uma coisa semelhante. Vocês procuraram um tradutor para o Umberto Eco, eu me apresentei e o seu pai [Alfredo Machado] disse que eu era a pessoa indicada e agora estou me apresentando também para o Malraux”. E ele [o editor da Record] imediatamente aceitou a oferta. Passei a traduzir o Malraux, sem conhecer a obra, sem sequer ter lido a obra. Eu não conhecia o texto.

⁹² FIGUEIREDO, Cláudio. O tradutor. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 jun. 1997, p. 2.

⁹³ ALVES, Hamilton. Uma tarde com Ivo Barroso. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 7 maio 2005, sup. Variedades: Cultura, p. 16.

Apesar de nunca ter lido *La Condition humaine*, Barroso confessou ser um grande admirador do escritor francês, e assim justificou sua motivação por este trabalho:

Primeiro que eu conheci muito bem o Malraux. Eu tinha morado na França e ele tinha um programa na televisão que era espantoso, a sua erudição, pelo conhecimento museológico, ele conhecia tudo de arte. Ele era uma festa para o espírito, o programa dele na televisão francesa. Então, eu fiquei apaixonado pelo Malraux. Nos últimos programas ele estava com uma deficiência de articulação. Bom, eu conhecia o *Museu Imaginário*, mas a *Condição Humana* eu nunca tinha lido. Quando eu comecei a ler, eu descobri que o livro era extraordinário. E fiz uma coisa que eu nunca faço, eu li todo o livro antes de traduzir. Quando eu estou traduzindo alguma coisa, ou eu já conheço aquele texto ou então eu não quero conhecer e vou conhecendo à medida que vou traduzindo. Isso é muito raro acontecer, mas aconteceu algumas vezes. No caso do Malraux, a leitura foi tão empolgante que eu li todo o livro antes de traduzi-lo para tomar um contato imediato com ele. Aquela aventura, o negócio de queimar as pessoas no forno do trem... aquilo é terrível!

Por ser um experiente tradutor de grandes prosadores e poetas, a prática tradutória de *La Condition humaine* não representou uma grande dificuldade para Ivo Barroso, conforme ele explica:

E ao mesmo tempo em que eu ia lendo, eu ia vendo a problemática do livro, como é que eu ia selecionar tais e tais casos. Não tinha muitos problemas não. O maior era com os diálogos, que eu tinha que dar a mesma naturalidade que eles tinham em francês. E aí sim, eu via o que ficava melhor. O Malraux não é um autor difícil de ser traduzido. Perek por exemplo é uma dificuldade incrível. O Malraux não, ele é um livro de linguagem normal. Você tem que ter uma certa cultura para traduzir. Há referências históricas ali de revoluções, de personagens que você precisa saber quem eram e o que fizeram para você não se enganar nas referências.

Ao contrário dos brasileiros, argentinos e outros hispanófonos não tardaram muito a ler *La condición humana* em castelhano. A primeira tradução apareceu em 1936, na revista argentina *Sur*, de Buenos Aires. Victoria Ocampo⁹⁴, leitora, crítica e amiga de Malraux, não economizou palavras para dizer o quanto a obra a surpreendeu positivamente, classificando-a como o melhor livro que leu naquela época, além de ter sido esta tradução a razão do primeiro contato entre escritor e leitora-crítica. Se *La condición humana* despertou o fervor na leitora, anos mais tarde, a obra *Huéspedes de paso (Hôtes de passage)* foi a confirmação da sua admiração pelo escritor.

⁹⁴ OCAMPO, Victoria. Conciencia de su propia grandeza. *El País*, Madri, 5 dez. 1976, p. 18.

Na época em que a Academia Francesa de Letras estava querendo trazer Malraux para junto da Instituição, Victoria Ocampo foi a responsável por persuadi-lo para que aceitasse o convite de ingressar entre os imortais. Foi uma tentativa que ela mesma sabia fracassada, pois outras haviam sido feitas antes e, evidentemente, negadas. E como era esperado, uma vez mais Malraux recusou o convite, justificando que não havia razão para aceitá-lo.

Apenas em 1966 a obra foi publicada por uma editora espanhola, a Editora Aymá, de Barcelona. Passaram-se cinco anos para que a editora Edhasa, também de Barcelona, lançasse a primeira das sete edições que se seguiram. Até 2001, vinte e dois lançamentos haviam sido feitos por nove editoras espanholas, sendo apenas uma de Madri e as outras, de Barcelona. De 1971 até 2001, as editoras não pararam de imprimir a tradução de *La condición humana* feita por um único tradutor: César A. Comet.

Em 1995, a editora RBA, de Barcelona, lançou *La condición humana* na coleção “Clásicos del siglo XX”. O prefácio ficou sob a responsabilidade do professor José Maria Valverde⁹⁵, da Universitat de Barcelona, e se divide em duas partes: a primeira, biográfica e a segunda, um resumo da obra. Na primeira parte, o professor afirmou que Malraux fez arqueologia no Camboja, fato que não é confirmado pelos biógrafos. Quando comentou sua ligação com De Gaulle, disse que causou decepção para alguns, mas deu ao cargo de Ministro de Cultura da França um prestígio que foi além do político. Comentou também a literatura de Malraux, considerando-o autor de grandes obras, tanto os ensaios sobre arte quanto os livros de reflexão sobre a sua própria vida. Disse também ser *La condición humana* a obra mais lembrada do escritor e *La Esperanza* uma obra mais metafísica que política.

Da mesma forma que Ivo Barroso, o professor José M. Valverde buscou uma explicação para a contínua atração que faz com que Malraux seja lido ainda nos dias atuais e concluiu que é o fato do escritor francês ter sido um pensador capaz de observar todos os lados do conflito humano, uma vez que para ele a literatura era um impulso vital e moral.

Na Espanha existem quatro línguas oficiais: o castelhano, o catalão, o euskera e o galego. Porém, a única província espanhola que leu a obra no idioma da região foi a Catalunha, que, em 1966 e em 1985, viu publicada, em catalão, a tradução de Salvador Vives pela Editora Proa. Desde a Guerra Civil Espanhola, Malraux estabeleceu uma relação estreita com a região e com os catalães. Foi ali que, em 1938, após ter participado diretamente da guerra nos primeiros meses de 1936, ele voltaria para filmar *Sierra de Teruel*, baseado em

⁹⁵ VALVERDE, José Maria. André Malraux: un luchador romántico. Pref. à MALRAUX, André. *La Condición humana*. Barcelona: RBA Editores, S.A., Coll. Narrativa Actual. Clásicos del Siglo XX, 1995.

L'Espoir. Apesar de nunca mais retornar à Espanha por causa da vitória dos franquistas, Malraux manteve até a sua morte uma correspondência epistolar com amigos catalães.

No prólogo da primeira edição de *La Condió humana*, Maurici Serrahima⁹⁶ reafirmou que graças ao prêmio *Goncourt* esta obra lançou Malraux ao grande público com uma crítica favorável. Mesmo os que não concordavam com os ataques que Malraux começou a fazer à ideologia comunista, souberam preservar o valor literário da obra, independentemente da posição política.

Maurici Serrahima foi da opinião que, nos três livros anteriores à Segunda Guerra Mundial, havia uma maior precisão nos compromissos ideológicos, ao lado de um sentimento maior de fraternidade com os homens, seus sofrimentos e lutas.

Desde jovem, Malraux fez algumas viagens pelo Oriente, que foram determinantes na sua vida e obra. Essa característica de viajante manifestou-se ainda na sua adolescência e chamou a atenção de Juan Aramburu, pois a maioria dos franceses não tinha o hábito de viajar. O crítico espanhol não foi o único a afirmar, erroneamente, que Malraux recebeu o diploma da Escola de Línguas Orientais e que morou vários anos na China. Hoje, com todas as biografias e estudos realizados sobre o autor, já se conhece detalhes da sua vida e é possível desfazer o mal entendido que muitas vezes povoava a imaginação dos críticos. É absolutamente conhecido o interesse de Malraux pelas obras de arte orientais, como também se sabe que ele nunca obteve um diploma superior, apesar de ter freqüentado algumas aulas. Malraux esteve na China em várias oportunidades, sem jamais ter morado lá e só permaneceu um longo período na Indochina por questões legais.

Malraux ocupou um lugar bem definido na Literatura Francesa contemporânea graças ao seu estilo cinematográfico e às suas preocupações filosóficas. São objetos de elogios a atualidade e a preocupação social e ideológica do jovem escritor que se diferenciou dos demais porque, enquanto ele refletia e agia sobre o mundo que o cercava, os outros continuavam escrevendo cenas da vida burguesa e campesinas do século anterior.

Com base no que foi exposto acima, é possível perceber que, para alguns, a obra é escrita como reportagem, mais que como romance, porque narra fatos que efetivamente ocorreram. Outros consideram *La Condition humaine* um romance histórico, pois mescla fatos reais com ficção. Porém, para a maioria, seu mérito é ser uma obra que engrandece a ação

⁹⁶ SERRAHIMA, Maurici. Pref. à MALRAUX, André. *La Condió humana*. Barcelona: Edicions Proa, 1ª ed., 1966, p. 5-12. Trad. de Salvador Vives.

humana, o homem definindo seu destino, sua dignidade depende de seus atos em favor dos outros – fraternidade. Também considera-se como um romance introspectivo, pois analisa os sentimentos humanos diante da morte, da ação, do destino e da solidão.

Quanto às traduções, a Espanha superou em muito o Brasil nas edições de *La Condition humaine*. De 1966 até 2001, diferentes editoras publicaram vinte e duas vezes a única tradução para o espanhol realizada por César Comet, em 1966. No Brasil, porém, os tradutores não se repetiram, mas nós tivemos apenas quatro edições da obra em português. Esses dados demonstram que, na Espanha, existe uma tradição de leitura de *La Condición humana*, o que já não acontece no Brasil.

3.4 A metamorfose artística

A obra de Malraux extrapolou os meios literários para estar presente em eventos de diferentes origens. Em 1992, durante a Expo de Sevilha, o pavilhão da França foi o de maior êxito pelo seu equilíbrio arquitetônico e a sua coerência dos conteúdos. Dos vários objetos que foram expostos, estava um capítulo do manuscrito em francês de *La Condition humaine*.⁹⁷ A função deste exemplar foi de ilustrar, junto com outros, as mudanças ocorridas nas impressões e nas técnicas audiovisuais. O mérito de Malraux está em ter sido selecionado entre tantos escritores. Possivelmente, os organizadores do pavilhão preferiram Malraux pela aproximação que ele teve e continua tendo com a Espanha e os espanhóis em função do livro *L'Espoir* e do filme *Sierra de Teruel*. No entanto, é provável que *La Condition humaine* tenha sido a obra exposta por ter recebido o prêmio *Goncourt*, ao contrário de *L'Espoir*.

Conforme artigos publicados no jornal *El País*, “Michael Cimino: ‘El cine actual es un puro ‘remake’”⁹⁸ e “Michael Cimino rodará *La condición humana*”⁹⁹, o escritor e cineasta americano Michael Cimino apenas revelou ter o projeto de filmar *La Condition humaine*, na China, mas não entrou em detalhes sobre as filmagens. Esta é a segunda vez que um cineasta interessa-se pela obra. A primeira vez foi em 1934. A idéia partiu do próprio Malraux que,

⁹⁷ RUBIO, Andrés F. 25.000 personas al día se asoman al “pozo de las imágenes” de Francia. *El País*, Sevilha, 5 maio 1992.

⁹⁸ L.G. Michael Cimino: “El cine actual es un puro ‘remake’”. *El País*, Madri, 2 set. 2001.

⁹⁹ EL PAÍS. Michael Cimino rodará *La condición humana*. *El País*, Madri, 9 nov. 2001.

estando na Rússia, manteve contato com a produtora Mejrabpomfilm e com um diretor soviético Alexandre Dovjenko e outro holandês, Joris Ivens. Porém o projeto nunca saiu do papel.

Se as telas ainda não tiveram o prazer de projetar *La Condition humaine*, o teatro já teve o privilégio de encená-la duas vezes. Na temporada de 1954/55, Thierry Maulnier dirigiu a montagem da adaptação do livro. Na crítica de teatro, disse Sábato Magaldi que

o adaptador procurou, sobretudo, transmitir fielmente a grandeza da obra original. Na pior das hipóteses, a leitura da peça seria mais uma oportunidade de louvar o romance.¹⁰⁰

A obra foi encenada em vinte e cinco quadros, o que para o crítico brasileiro causou uma certa debilidade da estrutura cênica. E, na tentativa de manter-se fiel ao texto, Thierry Maulnier acabou transformando a peça num resumo dialogado da obra. Sábato Magaldi fez ainda uma sinopse comentada da *Condição Humana* e disse que Malraux é um “dos poucos autores a ter noção da miséria humana” e da “necessidade de instaurar sobre essa miséria uma vida autêntica”.

Anos mais tarde, o grande coreógrafo francês Maurice Béjart apresentou, em Barcelona, Valência e Madri, a coreografia *Malraux ou la métamorphose des dieux*, baseada em textos de *L'Espoir* e *La Condition humaine* e também na concepção de vida de Malraux.¹⁰¹ Para o coreógrafo, tratava-se de uma biografia imaginária construída à maneira de um jogo com a morte, já que Malraux está muito perto do mito de Fausto¹⁰² e foi uma figura fundamental no século XX. Béjart¹⁰³ confessou ter sofrido influência de Malraux, a tal ponto que nesta obra até mesmo a música identifica-se com o próprio escritor: toca Beethoven que Malraux admirava e fragmentos de guitarra espanhola, uma referência à sua vivência na Espanha.

Mercedes Rico que, depois de ter feito duras observações ao cenário da peça (“parecen la ilustración de una campaña profiláctica contra el SIDA”), à coreografia (“casi siempre

¹⁰⁰ MAGALDI, Sábato. Teatro: *A Condição Humana*. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 ago. 1959, sup. lit., p. 5.

¹⁰¹ TORRES, Rosana. Béjart, un coreógrafo que busca su inspiración en los más pequeños actos de la vida. *El País*, Madri, 21 out. 1987.

¹⁰² MURIAS, Carlos. Béjart estrenará en Barcelona su última coreografía. *El País*, Madri, 30 set. 1987.

¹⁰³ A. F. Un hombre de acción. *El País*, Madri, 15 set. 1987.

ceñida al más plano academicismo”) e às roupas, concluiu que, de qualquer maneira, era imprescindível que esta obra de Béjart viesse a Madri como prato forte do Festival de Outono. O público do Festival respondeu bem ao que a crítica chamou de “nueva invención béjartiana”, pois

hay que pensar que no sólo porque: se sentía halagado de participar, en una obra complicada ni que: aplaudía retrospectivamente al Béjart, de hace 20 años, sino porque el desbordamiento de escenas y efectos, creando una sucesión de explosiones en el último tercio, termina por producir, a pesar de todo, una especie de agotada admiración a la que es difícil sustraerse.¹⁰⁴

Enfim, apesar da crítica ter se decepcionado com este trabalho, soma-se ao sucesso de público o fato de Béjart ter sido o principal responsável pela popularização da dança na Europa e Malraux uma figura chave da esquerda européia.

¹⁰⁴ RICO, Mercedes. Un espectáculo flojo. *El País*, Madri, 23 out. 1987.

capítulo 4

A Esperança espanhola

Se *La Condition humaine*, cujo tema não é espanhol, foi uma obra lida e bastante comentada pelos espanhóis, pode-se imaginar a recepção crítica que teve o romance *L'Espoir*, contextualizado na Espanha e vivido *in loco* pelo seu autor. Entretanto, antes mesmo da publicação do romance, a presença do escritor no país foi assunto para vários jornalistas.

Foi em maio de 1936 que a Guerra Civil Espanhola começou a demonstrar seus sintomas reais de que a situação no país estava ficando insustentável. Por isso, no dia 18 de maio desse mesmo ano, André Malraux, o dramaturgo Henri-René Lenormand e Jean Cassou foram a Madri como delegados da Associação Internacional dos Escritores para a Defesa da Cultura, para expressar sua simpatia pela Frente Popular espanhola. Começava, então, o engajamento de Malraux na luta contra o fascismo.

No dia seguinte a essa visita, o jornal *La Vanguardia Española*¹⁰⁵ contou, em uma nota, que os escritores foram recebidos com um banquete do qual participaram umas trezentas pessoas. No final do jantar, Jean Cassou, em nome dos colegas, pronunciou um discurso de solidariedade à Frente Popular espanhola.

A acolhida calorosa da comitiva pela meios de comunicação jornalística madrilenha e pelos intelectuais espanhóis foi comentada por Robert S. Thornberry no seu minucioso estudo intitulado *André Malraux et l'Espagne*. Conforme narrou Thornberry, *Política*, o jornal da esquerda republicana publicou, no dia 29 de maio de 1936, uma nota assinada por alguns homens de letras de importância nacional convocando outros para reunir-se com os três representantes franceses:

¹⁰⁵ BANQUETE EN HONOR DE LOS SEÑORES LENORMAND, CASSOU Y MALRAUX. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 24 maio 1936, p. 25.

La llegada a España de los ilustres escritores franceses, H. R. Lenormand, André Malraux y Jean Cassou significa para los intelectuales españoles el contacto con lo mejor del pensamiento francés. El triunfo del Frente Popular en nuestro país y el suyo ha permitido esta visita que nosotros queremos aprovechar para reunir en torno a ellos cuanto polítics, artistas, escritores e intelectuales sientan simpatía por su obra literaria y por lo que estos escritores significan para Francia.¹⁰⁶

No dia 22 de maio de 1936, no Ateneo de Madri, foi a vez de Malraux pronunciar um discurso sobre “El movimiento universal por la defensa de la cultura”, considerado pelo jornal *Claridad*, da ala esquerda do partido socialista espanhol, como uma conferência magnífica. Este foi o início de uma luta que Malraux encabeçaria com outros escritores contra o fascismo e a favor dos republicanos e, como sempre, da dignidade e da fraternidade humanas.

Mais tarde, já em plena Guerra Civil, no dia 4 de julho de 1937, iniciou-se em Valência, Madri e Barcelona o *II Congreso Internacional de Escritores*, do qual participaram oitenta escritores representantes de vinte e oito países. O jornal *ABC*¹⁰⁷ relatou diariamente os eventos do congresso, enquanto que *La Vanguardia Española*¹⁰⁸ apenas mencionou o acontecimento. Porém, ao informar os nomes dos congressistas que estavam chegando, referiu-se a Malraux como o famoso novelista francês que estava à frente da expedição vinda da França.

No primeiro dia do congresso, por proposta de Corpus Braga, Malraux e outros escritores representantes das delegações de seus respectivos países integraram a presidência do Congresso ao lado do chefe de Governo da República, Negrín, e dos ministros Hernández, Giral, Zugazagoitia e Giner de los Ríos. Começaria aqui uma relação de amizade e comprometimento entre Malraux e Juan Negrín que daria, mais tarde, todo tipo de ajuda e facilidades para que *Sierra de Teruel* fosse filmado na Espanha.

No segundo dia, foi oferecido um banquete em que vários congressistas expuseram suas idéias. O jornal *ABC* não publicou e tão pouco emitiu comentários sobre o que foi dito nesta ocasião. Porém, não pôde abster-se de fazer um breve elogio ao discurso¹⁰⁹ proferido

¹⁰⁶ Apud THORNBERRY, Robert S. *André Malraux et l'Espagne*. Librairie Genebra: Droz, 1977, p. 24. *Política*, 20 maio 1936, p. 1.

¹⁰⁷ a. LOS INTELLECTUALES ANTIFASCISTAS. *ABC*, Madri, 6 jul. 1937, p. 8. b. SEGUNDO CONGRESO INTERNACIONAL DE ESCRITORES. LOS CONGRESISTAS EXTRANJEROS TIDEN TRIBUTO A LOS DEFENSORES Y AL PUEBLO DE MADRI EN UNA SOLEMNE SESION PUBLICA. *ABC*, Madri, 8 jul. 1937, p. 9. c. CONGRESO DE INTELLECTUALES. LA SESIÓN DE AYER. *ABC*, Madri, 9 jul. 1937, p. 8.

¹⁰⁸ EL CONGRESO DE LOS INTELLECTUALES PARA LA DEFENSA DE LA CULTURA. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 4 jul. 1937, p. 3.

¹⁰⁹ Texto do discurso no Anexo 1.

por Malraux no dia 7, no Cine Salamanca, em Madri, quando já era responsável pela esquadrilha *España*. Disse o jornal que o Tenente Coronel da aviação republicana, em “conmovedora elocuencia”, expôs a solidariedade mundial com a Espanha. Segundo Thornberry¹¹⁰, dos quatro discursos pronunciados por Malraux, três continuam inéditos, apenas esse recebeu destaque na meios de comunicação.

Malraux esteve muito presente nas atividades daquele congresso, a tal ponto que na quarta sessão foi escolhido como redator de um chamamento¹¹¹ para que todos os escritores do mundo ajudassem a Espanha na luta republicana.

Mesmo sem nunca ter pilotado um avião, organizou a primeira Brigada Internacional, composta por voluntários estrangeiros. Nos primeiros meses, de 20 de julho de 1936 até a primavera de 1937, a brigada chamou-se *Escuadrilla España*, porém quando os mercenários tiveram que deixar o país, decidiu-se rebatizar a esquadrilha para marcar um novo início. Por isso, em homenagem a seu primeiro comandante, passou a chamar-se *Escuadrilla André Malraux*.

Nesta pesquisa não nos detemos no papel desenvolvido pela esquadrilha, mas a literatura sobre o tema demonstra que existem opiniões contraditórias. Alguns consideraram que a ajuda de Malraux foi essencial para organizar as Brigadas no início da guerra, enquanto outros o menosprezaram a ponto de achar que a atuação militar do Francês foi um desastre.

Sobre este tema, Paul Nothomb escreveu *Malraux en España*, com depoimentos dos que participaram da *Escuadrilla España*, para esclarecer as funções de Malraux junto aos republicanos, provando o quanto ele foi importante para a união e organização do grupo. Este livro conta a experiência coletiva da esquadrilha internacional *España* e julga os resultados reais do comunismo idealizado pela juventude da época. Paul Nothomb, que também integrou a esquadrilha, revela o comportamento e a filosofia política de Malraux durante a guerra. O livro começa assim:

Los historiadores destructores de leyendas en este caso habrán perdido el tiempo. El autor de *L'Espoir combatió en efecto* en España. Comandó *realmente* una formación aérea extranjera, al servicio de la República Española. Participó *personalmente* en incursiones de bombardeo sobre las líneas enemigas, etcétera.¹¹² (grifos de Nothomb)

¹¹⁰ THORNBERRY, *op. cit.*, 1977, p. 67.

¹¹¹ BRAGA, Corpus. El II Congreso Internacional de Escritores. Su significación. *Hora de España*, nº 8, Valência, p. 5-10, ago. 1937.

¹¹² NOTHOMB, Paul. *Malraux en España*. Edhasa: Barcelona, 2001, p. 9. Trad. De José Carlos Cataño.

Em 1938, quando já não havia mais esquadrilha, Malraux retornou a Barcelona com donativos em dinheiro, resultado da contribuição de diversos escritores. Por essa atitude, *La Vanguardia Española* que o considerou um famoso romancista, denominou-o então “grande amigo da república” e relembrou sua colaboração com a Espanha no início da guerra. Chamou também a atenção dos espanhóis para o reconhecimento que lhe deveriam dar, referindo-se à *La Condition humaine* como uma maravilha e ao seu autor como camarada, dando-lhe as boas vindas com emoção e gratidão comovida.

Malraux não manteve com outros países, com exceção da França, relação semelhante à que teve com o povo espanhol. Na Espanha, ainda nos nossos dias, quando a Guerra Civil é mencionada, faz-se, inevitavelmente, menção a Malraux. Ora ao livro, ora ao filme, ora à participação direta na guerra como organizador da esquadrilha *España*. Assim afirmou Xavier Pla¹¹³ em “Vida en la 84 Brigada Mixta” que “hablar de la Guerra Civil Española significa pensar en Malraux (...)”, principalmente por ter ele recriado em *L’Espoir* sua experiência em um dos conflitos mais ideológicos do século XX.

A evidência de que Guerra Civil Espanhola e Malraux mantêm um vínculo que vai além do artístico e ideológico está na frequência com que ele é mencionado cada vez que um evento trata da guerra. Por exemplo, a emissora de rádio francesa France Culture¹¹⁴ divulgou, em 1986, um programa sobre a Guerra Civil Espanhola, no qual foram transmitidas gravações de época com declarações e o escritor Jorge Semprún, um dos participantes do debate, fez um paralelo da posição política de Malraux e da de George Orwell.

Contudo, o inverso também é verdadeiro, Malraux traz à tona “a última guerra romântica”. Na França, por exemplo, conforme informou Antonio Gardo¹¹⁵, motivados pelo traslado das cinzas do escritor francês ao Panthéon, em 1996, ouviu-se no rádio e na televisão comentários e ilustrações desses anos terríveis para o povo espanhol. Em novembro de 2000, num debate sobre literatura e Guerra Civil Espanhola, os escritores Rosa Regàs e Juan Bonilla¹¹⁶, que haviam lançado três novos títulos sobre o assunto, comentaram que existem poucos romances sobre o tema e a maior parte deles não resiste ao tempo. Porém, para Juan Bonilla, *L’Espoir* está entre as melhores obras que contam a intra-história do conflito.

¹¹³ PLA, Xavier. Vida en la 84 Brigada Mixta. *La Vanguardia*, Barcelona, 5 mar. 2003.

¹¹⁴ EL PAÍS. France Culture emite un programa sobre la Guerra Civil Española. *El País*, Madri, 13 ago. 1986, p. 38.

¹¹⁵ GARDO, Antonio. ¿Comenzó la II Guerra Mundial en España? *El País*, Madri, 5 fev. 1997.

¹¹⁶ GÓMEZ, Juan J. Regàs y Bonilla lamentan la falta de novelas sobre la Guerra Civil. *El País*, Madri, 29 nov. 2000.

Como sabemos, Malraux não foi o único a deixar gravado para sempre na literatura o relato de sua experiência em solo espanhol. A Guerra Civil Espanhola reuniu diversos escritores que dedicaram a ela seus versos e prosas e através deles tornaram-se conhecidos em seus países. Uma vez de regresso, esses escritores continuaram a luta pela dignidade. Entre as que marcaram, como as de W. H. Auden, Pablo Neruda, César Vallejo, T. S. Elliot, há também, segundo Miguel Mora¹¹⁷, aquelas que decepcionaram, como, por exemplo, a mais lida em todo o mundo: de George Orwell, *Homenaje a Cataluña* (1938). No entanto, muitos críticos reconhecem que a intervenção de Malraux, Orwell e Ernest Hemingway ajudou a conscientizar as pessoas de que o que estava acontecendo na Espanha era um perigo para o resto da Europa.

No início dos anos 90, Maryse Bertrand de Muñoz realizou um trabalho de bibliografia comentada sobre a produção artística e literária durante e sobre a Guerra Civil. Essa pesquisa resultou em quatro livros sobre a poesia, o romance e o teatro. Dos três gêneros artísticos, a poesia foi a que teve um número maior de produção, o teatro o menor e o romance demorou a dar “bons frutos”. A bibliografia novelística de 1936 até nossos dias é enorme, mas os espanhóis, apesar de mais numerosos, não foram os únicos a escrever sobre a Guerra Civil, também os franceses, os italianos, os ingleses, os alemães, os holandeses, os russos, os noruegueses e os finlandeses se dedicaram ao tema.

Dos estrangeiros mencionados, Malraux foi o primeiro a ser citado e recebeu um grande parágrafo sobre *L'Espoir* que, segundo a pesquisa, foi e continua sendo a obra estrangeira mais citada quando relacionada a essa guerra. No entanto, por ser uma obra complexa, de leitura difícil, não é um livro conhecido pelo público em geral.

Para todos, confessou Maryse, esta novela era un himno a la dignidad humana, a la fraternidad, y como reza su título, una inmensa esperanza para los hombres de acceder a esta dignidad por la ‘revolución’.¹¹⁸

Em reconhecimento à dedicação que o escritor francês continuou expressando à causa espanhola, na ocasião das Olimpíadas de Barcelona, em 1992, a cidade homenageou o escritor com a praça *André Malraux*. Embora as razões não fossem tão evidentes, porém não menos

¹¹⁷ MORA, Miguel. Malefakis sostiene que la crueldad de Franco alargó la Guerra Civil. *El País*, Madrid, 28 nov. 1996.

¹¹⁸ MUÑOZ, Maryse Bertrand de. La Guerra Civil Española y la creación literaria. *Anthropos. Revista de documentación científica de la cultura*, Barcelona, nº 148, p. 6-24, set. 1993.

importantes, também a Universidade de São Paulo condecorou André Malraux com o título de *Doutor Honoris Causa* quando ele ali esteve, em agosto de 1959.

Quando o escritor espanhol Jorge Semprún, como Ministro da Cultura da Espanha, participou de um debate na Casa de Espanha de Paris, numa homenagem a André Malraux e à *Escuadrilla Española*, falou da relação de conflito entre o escritor e o comunismo.¹¹⁹ Analisando *L'Espoir*, mencionou as censuras e fatos ocultados por Malraux na obra para não prejudicar o movimento da época. Destacou que essa obra foi o legado mais forte que se tem na literatura contra o comunismo stalinista.

Em outro momento, afirmou que é preciso seguir pensando criticamente o que foi a Guerra Civil Espanhola, pois enquanto alguns dizem que foi um equívoco resistir, outros, nos quais ele se inclui, estão convencidos de que a guerra foi justa. E para Semprún, *L'Espoir* e *Sierra de Teruel* são motivos, pretextos para pensar em ambas as coisas.

Él [Malraux] no las pensó aunque dijera en las *Antimemorias*: “esta guerra fue justa y fue un orgullo participar en ella”. Es necesario pensar, más allá de Malraux, con Malraux y contra Malraux, esa contradicción de la guerra justa y la estrategia no inocente, culpable.¹²⁰

Admirador confesso de *L'Espoir*, Semprún revelou que já leu e releu o livro algumas vezes e voltará a fazê-lo antes de morrer. Tanta devoção refletiu-se também na sua própria produção, pois “lo volví a leer cuando hice *Las dos memorias* y allí aparece una reflexión de Malraux”.

Sobre o stalinismo, em “El debate político de *La Esperanza* de Malraux”, Robert S. Thornberry fez um estudo léxico de *La Esperanza* para provar que Malraux era a favor da democracia e não, como disse Lucien Goldmann, no estudo *Pour une sociologie du roman*, que esta novela foi escrita a partir de uma perspectiva stalinista.

O crítico elencou palavras, expressões e frases que se referem à democracia, à República, ao povo, ao proletariado, às massas e aos camponeses para retificar a opinião de Lucien Goldmann. E chegou à conclusão de que o colega interpretou como uma perspectiva stalinista o que na realidade era

¹¹⁹ SOROLLA, José A. Semprún modificará el reglamento del Cervantes para retirar al ministro de Cultura del jurado. *El País*, Madri, 12 dez. 1989.

¹²⁰ SEMPRÚN, Jorge. Prólogo. *Archivos de la Filmoteca. Revista de estudios históricos sobre la imagen*. Valencia, nº 3, p. 9, set-nov. 1989.

un alegato elocuente y emotivo en favor de la democracia, en favor del gobierno republicano elegido democráticamente por una mayoría de los españoles en 1936 y en defensa del gobierno legítimo de España.¹²¹

No Brasil, o Professor Edson Rosa da Silva¹²² também analisou a estrutura do romance. No tocante ao léxico, um dos aspectos verificados foi o uso da simbologia animal freqüente na obra, pois é um dos recursos utilizados por Malraux para acentuar o desaparecimento da dignidade humana. Para mostrar que é um processo recorrente no estilo malruciano, Edson cita diferentes obras, entre elas, um trecho de *L'Espoir*:

Les révolutionnaires se taisaient parce qu'ils étaient révolutionnaires ; les autres [...] pensaient que le silence est la seule sagesse des prisonniers : les insectes menacés essaient de se confondre avec les branches.¹²³

Para Lluís Bassets¹²⁴, em “Malraux, la nostalgia de España”, *L'Espoir* é a melhor narração e a que está mais próxima da experiência vivida por Malraux. No entanto, apesar dessa relação de vida e literatura com a República Espanhola, Bassets acredita que a Espanha posteriormente tenha quase desaparecido da obra de Malraux. Jorge Semprún discorda dessa afirmação dizendo que, apesar de nunca mais ter retornado à Espanha após a produção de *Sierra de Teruel*, em 1939, Malraux ainda se interessava por ela, a ponto de escrever alguns textos sobre artistas espanhóis, como Goya e Picasso. Concordou, no entanto, que existiu um evidente esquecimento de Malraux pela própria Espanha franquista, pois, naquele momento histórico, o escritor tornou-se para ela uma *persona no grata*.

A experiência de Malraux na Espanha ficou de tal forma marcada em sua vida que, meses antes de falecer, ele escreveu uma carta solicitando seu ingresso na Asociación de Antiguos Aviadores de la Segunda República. Como disse o Sr. Jaime Mata, promotor da Associação, Malraux continuava sentindo-se aviador da República Espanhola. Na epístola, Malraux solicitou que fosse transmitida sua

¹²¹ THORNBERRY, Robert S. El debate político en *La Esperanza* de Malraux. *Anthropos. Revista de documentación científica de la Cultura*, Barcelona, nº 148, p. 69-72, set. 1993.

¹²² SILVA, *op. cit.*, 1978.

¹²³ *apud* SILVA, *ibidem*, 1978, p. 79, MALRAUX, André. *L'Espoir*. Paris: Gallimard, 1970, p. 246.

¹²⁴ BASSETS, Lluís. Malraux, la nostalgia de España. *El País*, Madrid, 15 dez. 2001, sup. lit. Babéla, p. 15.

más profunda admiración a nuestros valerosos pilotos, cuyo entusiasmo ha merecido el respecto de todo el mundo por su lucha por la democracia, la justicia y la libertad en nuestra querida España.¹²⁵

Num texto em que Hugh Thomas¹²⁶ comenta um filme sobre o POUM – Partido Obrero de Unificación Marxista, lembra que Malraux definiu uma época durante a Guerra Civil Espanhola como “ilusión lírica”. A definição de Malraux, que teve como primeiro objetivo intitular um capítulo da obra *L’Espoir*, para H. Thomas ela passa também a nomear um momento histórico. É interessante observar que nesse caso, a literatura serviu para definir fatos reais, ou seja, a vida imitou a obra.

4.1 Um olhar sobre a História: *L’Espoir*

Enquanto *La Condition humaine* está dividida em sete partes, sendo que as quatro primeiras são marcadas por datas e as três últimas não são identificadas, este romance está organizado em três grandes partes, *L’Illusion Lyrique*, *Le Manzanarès* e *L’Espoir*, que nos dão algumas referências espaciais e temporais.

L’Illusion Lyrique descreve o entusiasmo revolucionário dos primeiros dias de guerra, o clima de euforia, a aparente desorganização, as ações heróicas de alguns grupos isolados, onde já se manifesta a ineficácia militar do que no princípio era, sobretudo, uma festa da fraternidade. Na análise de Edson Rosa da Silva¹²⁷, nesta primeira parte Malraux não criticou o clima lírico, apenas participou dos acontecimentos compreendendo os sentimentos de esperança que move cada personagem. O capítulo termina com a tomada de Toledo pelos nacionalistas, fazendo com que os milicianos fugissem, e com o fuzilamento de Hernández, simbolizando o fim do idealismo.

Le Manzanarès trata da organização do combate e relata as vitórias dos republicanos, os que fugiram de Toledo e os que vieram da Frente do Sudoeste, que tentaram se organizar

¹²⁵ A.Q. Malraux pide el ingreso en la Asociación de Aviadores de la República. *El País*, Madri, 25 jul. 1976, p. 14.

¹²⁶ THOMAS, Hugh. Homenaje a Aragón. *El País*, Madri, 10 out. 1995.

¹²⁷ SILVA, Edson Rosa da. Organizar o Apocalipse. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 9 jun. 2001, sup. lit. Jornal de resenhas, p. 5.

novamente. Madri é abandonada pelo governo republicano e atacada por bombardeios. Malraux se apoiou em fatos históricos para relatar os acontecimentos, debater a legitimidade da guerra, defender a justiça e lutar pela dignidade do homem. Porém, a ficção também tomou grande parte do romance, “como se só a arte fosse capaz de ‘dar aos homens (muitas vezes esquecidos pela história oficial) consciência da grandeza que ignoram em si mesmos’”, conforme expressão de Malraux, que inventa personagens para “encenar a luta do homem universal contra a morte”. É deparando-se com a situação trágica do homem diante do seu destino que o autor quer mostrar a condição humana, tema mais recorrente da sua obra.

É na última parte, que repete o título geral do romance, *L'Espoir*, que está o famoso episódio da queda de um avião nas montanhas de Teruel. Esta cena foi reproduzida no filme, *Sierra de Teruel (Espoir)*, e ficou conhecida pela sua grandiosidade e caráter épico. Neste capítulo final, a organização das tropas republicanas começa a traduzir-se em resultados, gerando uma esperança de vitória final. Edson termina o artigo dizendo que

se, durante 40 anos, *A Esperança* foi a história de um sonho sempre adiado, a realidade acabou por dar razão à ficção: sonho poético/sonho profético que se realizou.

Das obras malrucianas, *L'Espoir* é o romance mais extenso e, como muitos críticos disseram, de uma narrativa (aparentemente) desestruturada. Nesta obra, efetivamente, a ação não avança linearmente e tampouco os conflitos deixados em aberto são solucionados no decorrer da narração, pois, no percurso histórico, os personagens desaparecem e morrem. A continuidade é estabelecida pelos personagens principais (funcionalmente necessários ou ideologicamente representativos) que dão uma coerência progressiva ao relato.

A respeito deste rosário de fragmentos, na introdução da obra em espanhol, edição de 1995 da Editora Cátedra, afirmou José María Fernández Cardo que

el texto de Malraux en esta novela es un texto más bien fragmentado; las partes, por abundante y varias que parezcan, van constituyendo paulatinamente un objeto bastante unitario, acorde con la visión del autor, que pone a su servicio una instancia narrativa rayana en la omnisciencia, con capacidad para organizar los espacios y los tiempos (ficcionesales y narrados), los discursos (dichos o pensados) y las acciones de los personajes, y de entre éstos algunos con un grado más que relevante de lo que cabría calificar de vinculación autobiográfica.¹²⁸

¹²⁸ CARDO, José María Fernández. Pref. à MALRAUX, André. *La Esperanza*. Madri: Cátedra, 1995, p. 63-64.

Assim como ocorreu com a crítica de *La Condition humaine*, os críticos detiveram-se em alguns aspectos, muitos deles também percebidos no primeiro romance. Na crítica acima, há vinculação autobiográfica com os personagens, e nas que seguem, a obra é vista como uma “crônica de guerra”, ou seja, uma reportagem que registra fatos históricos e que funde a ação e a análise do que leva o homem a agir – sua dignidade e espírito de fraternidade.

Como, por exemplo, no artigo “La gran novela de la Guerra Civil”¹²⁹, no qual foram observados estes dois aspectos. O autor afirmou que *L’Espoir* marcou a relação de Malraux com a esquerda francesa e comunista. Uma “crônica da guerra” que o jornalista considerou dotada de um discurso atual, pois segundo ele, “Malraux nos habla a través de sus personajes (Manuel, Hernández), de la esperanza, de la dignidad del hombre, de la fraternidad”.

Por sua vez, Juan Marichal, que é historiador, abordou *L’Espoir* do ponto de vista da História. De acordo com “Malraux y la perennidad literaria de la guerra española”, o escritor francês sabia muito bem o que estava indo fazer na Espanha, quando chegou em julho de 1936 e sua atitude teve muita repercussão nos meios literários europeus e americanos. *L’Espoir*, de fato, marcou o início de uma literatura sobre a Guerra Civil Espanhola, assim como *La Condition humaine* foi um dos primeiros romances a fundir análise com ação. Sendo assim, como tinha sido com a China anteriormente, nesta época, a Espanha era o lugar apropriado para Malraux, lugar onde ele podia ser um homem de ação e, ao mesmo tempo, analisar os atos em si mesmos.

Juan Marichal afirma ainda que, se *La Esperanza* foi um sucesso mundial, provavelmente também influenciou algum leitor a participar das Brigadas Internacionais. Não se pode ter provas concretas dessa influência, mas Marichal aponta dois escritores que declaradamente deixaram-se influenciar por *L’Espoir* e pelo seu autor: Wilbur M. Frohock, que dedicou sua atividade intelectual a Malraux e Claude Roy, que relatou

cómo él y dos amigos íntimos, en los años terriblemente sombríos de 1940 y 1941, leían – o más bien se apoyaban en *L’Espoir* – para mantener justamente su esperanza de patriotas franceses.¹³⁰

¹²⁹ M. R. R., La gran novela de la Guerra Civil. *El País*, Madri, 7 jul. 2001, sup. lit. Babélica, p. 16.

¹³⁰ MARICHAL, Juan. Malraux y la perennidad literaria de la guerra española. *El País*, Madri, 23 nov. 1996, p. 11.

Com esta obra sobre a Guerra Civil, Malraux conquistou os espanhóis. Juan Marichal pergunta-se até onde o escritor francês atuou sobre os defensores internacionais da Segunda República, já que o texto é *comunitário* e não comunista. E recomendou aos jovens espanhóis a leitura da obra para que eles soubessem “cómo en aquellos héroes de 1936, foráneos y españoles, actuaba un móvil profundo: la defensa de la dignidad humana”.

Jorge Semprún, que é um estudioso respeitado da obra malruciana, escreveu o prólogo para o livro de Paul Nothomb, citado anteriormente, *Malraux en Espagne*, que acabara de ser traduzido para o espanhol em função das comemorações do centenário de nascimento do escritor francês. “*Malraux en Espagne* es un libro bello y serio: documento histórico de primer orden, por un lado; perfecto éxito artístico, por otro”, afirmou Semprún. Numa espécie de acerto de contas e por rancor, anos depois do final da guerra, os republicanos escreveram vários absurdos sobre a esquadilha de Malraux. Porém, como já dissemos, Nothomb, do ponto de vista histórico, colocou as coisas em seus devidos lugares e analisou de forma clara e convincente a relação de Malraux com os comunistas. Sobre *L'Espoir*, afirmou Semprún:

es una buena muestra de ello [independencia creativa y de pensamiento]: novella soberba, original en su estructura formal, brillante, polifónica, espléndida; profunda y rica en el debate, la reflexión política e ideológica que constituye su sustancia.¹³¹

Em novembro de 1996, uma semana depois do evento comemorativo dos 20 anos de morte de Malraux, o caderno literário *Babélica* publicou um artigo de Ricardo Muñoz Suay¹³² sobre o testemunho literário (*L'Espoir*) e cinematográfico (*Sierra de Teruel*). O crítico definiu a personalidade de Malraux em duas palavras: pensamento e ação. Considerou *Sierra de Teruel* “un canto a la grandeza de la solidaridad a la que tan fiel fue siempre el escritor y hombre de acción.”

Para falar da contemporaneidade da Guerra Civil Espanhola, Ricardo Muñoz de Suay partiu de uma frase do próprio Malraux segundo a qual a obra de arte pertence ao tempo real, ao seu tempo e ao nosso. Para Malraux, em sua existência de homem de ação e de pensamento, a Espanha se converteu em uma obsessão, em uma justificativa épica. A Espanha suscitava tamanho interesse no escritor, que ele seguidamente referia-se a ela em entrevistas e depoimentos, a tal ponto de afirmar que teria abandonado o cargo de Ministro se, como chefe

¹³¹ SEMPRÚN, Jorge. La aventura fraternal. *El País*, Madri, 15 dez. 2001, sup. lit. Babélica, p. 14-15.

¹³² SUAY, Ricardo Muñoz. La Esperanza de Malraux. *El País*, Madri, 30 nov. 1996, sup. lit. Babélica, p. 2-3.

do governo francês, Charles De Gaulle tivesse visitado a Espanha enquanto o General Franco fosse vivo.

Segundo o crítico, na obra literária malruciana, *L'Espoir* representa tanto a paixão pela criação literária quanto pela recriação histórica, transformando-a sem prejudicá-la; uma genial reportagem da tragédia espanhola.

Com respeito à categorização de reportagem, Edson Rosa da Silva prefere dizer que, antes de tudo, *L'Espoir* é

Uma busca do sentido do destino do homem. Embora a narrativa se situe dentro dos limites da Espanha e os fatos narrados sejam os da Guerra Civil, o sentido profundo da obra não se confina a esses mesmos limites mas só se realiza plenamente na imensidão cósmica na qual o homem se acha lançado.¹³³

Para o escritor e poeta espanhol, José Bergamín¹³⁴, que foi companheiro de Malraux na Guerra Civil, no que se referia à diferença humana, Malraux tinha preferência pela revolução popular espanhola do que pela chinesa. Para ele, o título *L'Espoir* define “con viva y poética verdad significativa el sentido total del libro” e seria a continuação da esperança viva de *La Condition humaine*, por isso, relacionou os dois títulos numa única frase que definiria, segundo ele, a obra malruciana: “la condición humana de la esperanza”. Assim, considerou que a condição humana da esperança foi a desesperação na vida de Malraux, cuja conclusão apareceria em obras posteriores (*La Lutte avec l'ange*) ou então na própria trajetória de vida pública do escritor francês (*Antimémoires*). O escritor espanhol traçou em três etapas uma trajetória da vida de Malraux (Revolução Chinesa, Revolução Espanhola e Resistência Francesa) que chamou de experiência reveladora da fidelidade de Malraux com ele mesmo.

Assim como fez com *La Condition humaine*, Michel D. Kanenka analisou *L'Espoir* como sendo auto-biográfico e concluiu que nos dois contextos descritos e vivenciados pelo autor (China e Espanha), existe um grande sofrimento, no entanto, para Malraux, a dor, o sofrimento, a humilhação e a morte são parte integrantes da dignidade humana: “Il n’y a pas de dignité qui ne se fonde sur la douleur”. E a esperança e a ação são as armas de defesa. Sobre o estilo do autor, o crítico disse que

¹³³ SILVA, *op. cit.*, 1978, p. 46.

¹³⁴ BERGAMIN, José. La condición humana y la esperanza. *El País*, Madri, 24 nov. 1976, p. 21.

de visibilidade artística super aguda Malraux ressentido a respiração da terra, o movimento das esferas celestes. As páginas que são anotadas no diário da guerra da Espanha são interrompidas por páginas de poesia pura, verdadeiras orações da paz na natureza, ao sol do verão, ao primeiro sopro do outono.¹³⁵

Nos diferentes textos críticos analisados acima, é possível apontar aspectos considerados de destaque no romance em questão, como sua característica de romance-reportagem, suas inspirações autobiográficas e as análises morais e filosóficas sobre a importância da ação no destino dos homens. A vida que é dignificada por atos de fraternidade. Esses mesmos aspectos também aparecem nas críticas referentes a *La Condition humaine*, romance analisado no capítulo anterior. O romance que é história e arte a um só tempo.

4.2 *L'Espoir* em tradução no Brasil e na Espanha

Assim como *La Condition humaine*, *L'Espoir* também foi traduzido para o português do Brasil e para o castelhano da Espanha. O primeiro artigo encontrado sobre uma tradução brasileira do romance foi no jornal *Correio do Povo*¹³⁶, de Porto Alegre, que, em 20 de setembro de 1940, anunciou a tradução de *A Esperança*, por David Jardim Junior, da Editora Guayra Limitada, de Curitiba. Omitindo observações sobre aspectos técnicos da tradução, o artigo teceu comentários elogiosos sobre autor e obra, salientando que “a Editora Guayra entregou ao público da língua portuguesa um dos mais sérios e interessantes livros da atualidade”.

Passaram-se sessenta e um anos até que a obra recebesse nova edição no Brasil. Graças às festividades comemorativas do centenário e com o apoio do Ministério da Cultura da França, a Editora Record incumbiu Eliana Aguiar da tarefa de traduzir *L'Espoir* novamente. A revista *VEJA*¹³⁷, de janeiro de 2001, comparou *A Esperança* com a *Guernica* de Picasso e recomendou a leitura.

Pode-se ler algumas informações sobre esta publicação no jornal *O Estado de São*

¹³⁵ KANENKA, *op. cit.*, 1959, p. 8.

¹³⁶ LIVROS NOVOS. *Correio do Povo*, Rio de Janeiro, 20 set. 1940, p. 5.

¹³⁷ *VEJA*, nº 3, ed. Abril, edição 1684, ano 34, p. 129, 24 jan. 2001.

*Paulo*¹³⁸, de 21 de janeiro de 2001: nome da editora, número de páginas, preço do volume e telefone para contato. Em duas frases comenta-se a classificação da obra na época de seu lançamento em Paris, quando a crítica não sabia distingui-la entre romance ou reportagem e foram tecidos elogios aos relatos e às ações de Malraux. O tema da obra *A Esperança* foi generalizado como um “relato das lutas do século 20”, mas sabe-se que esta obra de Malraux é o relato de lutas ocorridas na Guerra Civil Espanhola de 1936 e não uma generalização de eventos bélicos de um século.

Os brasileiros tiveram a oportunidade de ler *A Esperança* apenas três anos depois da publicação francesa, enquanto que, por questões políticas e ideológicas, os espanhóis aguardaram quatro décadas. Por isso que, apesar da sua aparição ter sido muito esperada, a primeira tradução para o espanhol só apareceu em dezembro de 1978, sendo que a primeira edição em francês ocorreu em 1937. O jornal *La Vanguardia* anunciou em 7 de dezembro de 1978, na sessão “Libros recibidos”¹³⁹, a chegada desta tradução realizada por José Bianco, pelas Editoras Edhasa/Sudamericana (a primeira editora é de Barcelona e a segunda, de Buenos Aires). José Bianco foi o único tradutor de *L’Espoir*, que teve onze edições em seis editoras diferentes.

Esta tradução apareceu como um acontecimento cultural de fundamental importância. Ela foi justificada por Rodolfo Alonso¹⁴⁰ num artigo chamado “40 años después, Malraux aún pelea en España”, publicado em 1979, explicando que Malraux só permitiu a tradução de *L’Espoir* depois da saída do General Franco do poder, em 1975, o que explica também a falta de referências a obras anteriores a esta data. Veremos mais adiante que tal afirmação não é um consenso geral.

Segundo Rodolfo Alonso, o livro permite várias leituras que são realizadas de acordo com o significado que a resistência do povo espanhol teve para Malraux, encarnando o horror, a coragem, a glória, o heroísmo e muito mais do que aconteceu durante a Guerra Civil, que não foi apenas um combate de homens, mas também de idéias.

Alonso considerou a tradução de José Bianco excelente, adequada à obra malruciana, que é tensa, dura e vital. Para ele, a História, a ação e a literatura nunca estiveram tão próximas, a ponto de não saber quem escreve a quem: “si Malraux a España, o si el pueblo

¹³⁸ A ESPERANÇA. Disponível em: <<http://www.estado.com.br/jornal/01/01/21/news289.html>>. Acesso em: 24 jul. 2001.

¹³⁹ LIBROS RECIBIDOS. *La Vanguardia*, Barcelona, 7 dez. 1978, p. 53.

¹⁴⁰ ALONSO, Rodolfo. 40 años después, Malraux aún pelea en España. *Camp de l’Arpa*, Barcelona, p. 63-64, fev-mar. 1979.

español a Malraux, si la Historia a los libros, si los libros al Hombre, si los manes eternos de la tragedia”. Segundo o crítico, esta obra prova que os heróis, os santos, os mártires sempre existiram e sempre existirão.

As reedições da primeira tradução de *L'Espoir* continuaram. Em 1995, a revista literária *El Urogallo* comentou, na sessão “Libros del mes”¹⁴¹, a publicação pela editora Cátedra. Qualificada de grande romance e seu autor apontado como uma das mais lúcidas testemunhas da Guerra Civil, o prólogo assinado por José María Fernández Cardo afirmou a importância da obra e apontou um aspecto importante da literatura de Malraux que é o de ser uma “literatura comprometida”, isto é, que assume posições ideológicas e políticas.

No prólogo, no capítulo “Recepción de *La Esperanza*; Lecturas”, ao contrário do que foi dito por outros, José Maria Fernández Cardo aponta também para o fato de que a referida obra não é História, é apenas uma obra de ficção de uma literatura estrangeira, o que justificaria o fato do romance não ter despertado o interesse da Península nos primeiros momentos.

Por más que verse sobre hechos históricos, y que además es una novela firmada por un autor de otra literatura, lo que significa que mira los hechos desde otra cultura y que, por obvio que resulte, los ha contado originariamente en otra lengua, lo que tampoco parece inconsecuente a poco que se considere que cada lengua expresa una relación distinta con el entorno, el mundo y los hombres...¹⁴²

Assim como Baltasar Porcel havia observado em relação a *Condição Humana* e à cultura e ideologias chinesas, esse crítico assinala a visão “estrangeira” de Malraux, no sentido de que, mesmo tendo participado ativamente do conflito que ele retrata em *A Esperança*, ele considerou os fatos – primeiro, na China e depois, na Espanha – a partir de uma cultura diferente, a francesa e os expressou no seu próprio idioma.

A medida que se vai penetrando na fortuna crítica da obra malruciana, é possível perceber que os aspectos formais são menos estudados que os aspectos históricos e ideológicos da obra. É também o que observa Cardo. Ele cita Philippe Carrard, estudioso francês da obra de Malraux, que, no livro *Malraux ou le récit hybride, essai sur les techniques narratives dans L'Espoir*, fez essa análise para a crítica francesa, e que nós poderíamos

¹⁴¹ LIBROS DEL MES. NARRATIVA EXTRANJERA. *El Urogallo*, Madrid, nº 110-111, p. 136, jul-ago. 1995.

¹⁴² CARDO, *op. cit.*, 1995, p. 55.

estender para as críticas espanhola e brasileira, ou seja, que a tendência geral da crítica malruciana foi interessar-se pelos temas abordados nas obras e a visão do mundo do autor, marginalizando a análise do trabalho da produção textual. Cardo pergunta então:

¿Será que el texto de Malraux impone unas formas de lectura y dificulta otras?... ¿Pero es posible una lectura de *La Esperanza* sin salir de la literatura?...

São duas interrogações que muitos trabalhos tentam solucionar.

Em 2001, a editora Edhasa reeditou, pela quarta vez, *L'Espoir. Sierra de Teruel*. O artigo “La gran novela de la Guerra Civil”¹⁴³ também comentou a aparição dessa edição comemorativa do centenário de nascimento do escritor francês. A novidade foi o acréscimo da expressão *Sierra de Teruel* ao título original *L'Espoir*, resultando o título do livro igual ao da versão cinematográfica.

Em correspondência com o editor Josep Mengal, fomos informados que optou-se por manter o título da obra em francês e acrescentar o título do filme, pois “en la traducción se perdía parte de las connotaciones de la forma francesa, y se añadió la referencia a *Sierra de Teruel* para aclarar a qué obra nos referíamos”. Pensamos que a alteração da tradução literal que já vinha sendo repetida há tantos anos pode levar à confusão, fazendo parecer que a obra em questão seja o roteiro do filme.

Na Espanha, o jornal *El Mundo*¹⁴⁴ fez uma pesquisa para saber quais livros, escritos em castelhano durante o século XX, marcaram a vida de leitores e especialistas espanhóis. Nesta primeira etapa, os selecionados para darem suas opiniões foram o compositor Cristóbal Halffter, o pintor Juan Genovés, o então adjunto da direção do Clube Desportivo Real Madrid, Emilio Butragueño, o então diretor do Museu Reina Sofía, Juan Manuel Bonet e o historiador Juan Pablo Fusi. Este último fez uma seleção cronológica que começou na pré-guerra, seguiu pela Guerra Civil, depois pelo período que ele mesmo chamou de grande pós-guerra e finalmente o pós-franquismo. No segundo período, ele destacou o livro *El laberinto mágico*, de Max Aub, e comparou-o a *La Esperanza*, de Malraux e a *Por quién doblan las campanas*, de Hemingway, obras que considerou como “algunas de las novelas más famosas sobre la Guerra Civil”.

¹⁴³ M. R. R., *op. cit.*, 2001, p. 16.

¹⁴⁴ EL MUNDO. Las novelas que marcaran las vidas de... Cristóbal Halffter, Juan Genovés, Butragueño, Juan Manuel Bonet y Juan Pablo Fusi. Disponível em: <<http://www.elmundo.es/elmundolibro/2000/12/27/anticuario/977863201.html>>. Acesso em: 16 jul. 2004.

4.3 Por trás das câmeras: *Sierra de Teruel (Espoir)*

Como vimos acima, em *L'Espoir* Malraux recriou sua experiência em um dos conflitos mais ideológicos do século XX e trouxe à tona “a última guerra romântica”. Mas não foi apenas na literatura que ele deixou seu testemunho. Meio ano depois do lançamento literário em Paris, Malraux voltou à Espanha para, de julho de 1938 a janeiro de 1939, produzir e dirigir o único filme de sua carreira, chamado *Sierra de Teruel (Espoir)* que contém imagens reais de uma Espanha destruída pelo conflito. É importante observar que *Sierra de Teruel* não aspirava ser uma adaptação do livro *L'Espoir*, o que realmente não aconteceu. Como constatou o cineasta Paulo Emílio Sales Gomes, poucos foram os pontos de contato com o livro.

Na realidade, a única passagem calcada diretamente no romance é o ataque ao campo de aviação fascista com seus prolongamentos: a queda de um aparelho nas montanhas e a descida dos feridos transportados pelos camponeses. Tanto no livro como na fita aparece o caso do automóvel lançado contra um canhão, mas num contexto diverso de ações, e aí cessam as semelhanças episódicas entre uma obra e outra.¹⁴⁵

Para o próprio André Malraux, a diferença existente entre o livro e o filme era que este último foi escrito em linguagem visual e auditiva e contava algumas ações, sem a pretensão de transpor todos os episódios do romance. Para José María Fernández Cardo, no entanto, um outro aspecto marca a importância do filme e o destaca em relação à obra literária:

la gran diferencia con relación a la novela: mientras que ésta es una obra narrativa de la literatura francesa, la película es española, los personajes hablan en español la obra acabada se presenta como versión subtitulada en francés.¹⁴⁶

Assim, se o livro pertence à literatura francesa, o filme é genuinamente uma obra de arte espanhola. No entanto, não podemos negligenciar o fato do roteiro escrito por Malraux ter sido em francês e que foi na tradução de Max Aub para o espanhol que foi lido pela

¹⁴⁵ SALES GOMES, Paulo Emílio. Cinema: contribuições de Malraux. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 ago. 1959, sup. lit., p. 5.

¹⁴⁶ CARDÓ, *op. cit.*, 1995, p. 76.

equipe. Na realidade, de espanhol temos a locação, a história, os atores e muitos integrantes da equipe técnica. Como alguns críticos mencionaram, *L'Espoir* e *Sierra de Teruel* representam a visão de um francês sobre a Guerra Civil Espanhola.

Entretanto, para Jorge Semprún, leitor assíduo de *L'Espoir*, que assistiu a *Sierra de Teruel* duas vezes, em 1940 e 1946, existe outra diferença bastante grande entre as duas obras: o filme recria para o cinema apenas um momento do livro, sendo por isso inferior. Ele assim se expressa:

Pero para mí *Sierra de Teruel* es un capítulo de la novela, un momento. Y dentro de ese capítulo e de esa limitación hay momentos bellísimos, desde luego. (...) Hay páginas fascinantes de escritura romántica en *L'Espoir* y también imágenes espléndidas en *Sierra de Teruel*. La coincidencia entre esa febrilidad del sentido de la fraternidad, del sentido del compromiso, de la pasión y el compromiso de la solidaridad, están muy bellamente en el libro y en la película. Pero debo decir, sin embargo, que *Sierra de Teruel* siempre ha sido para mí inferior a *L'Espoir*.¹⁴⁷

Resta-nos acrescentar que, usando diferentes expressões artísticas, Malraux foi fiel ao seu ideal de fraternidade pela ação. Contudo, estrear e difundir o filme não foram tarefas fáceis. Houve problemas na produção e na montagem. A estréia teve que ser privada, para um *petit comité*, em Paris, no final do mês de julho de 1939, contando com a presença do Presidente do Governo Republicano Espanhol no exílio, Juan Negrín, e de alguns membros do seu gabinete. Em agosto, foi a vez de escritores e intelectuais franceses assistirem à obra-prima de Malraux. Como não tardaria muito a acontecer, em setembro o governo francês de Daladier proibiu que continuassem exibindo *Sierra de Teruel*. Somente depois da Segunda Guerra Mundial, em junho de 1945, novamente em Paris, no cinema Max Linder, é que o filme teria sua primeira projeção pública, que foi apresentada pelo Mouvement de Libération Nationale e, segundo Max Aub, coroada com o principal prêmio internacional do cinema da nova época, o *Louis Delluc*.¹⁴⁸

Apenas no final do ano, em dezembro de 45, ele seria comercializado na França. Neste momento, substituiu-se o nome *Sierra de Teruel* (nome escolhido por Malraux) por *Espoir*, o que faz com que até hoje nos refiramos ao filme como *Sierra de Teruel (Espoir)*.

¹⁴⁷ SEMPRÚN, *op. cit.*, 1989, p. 7.

¹⁴⁸ AUB, *op. cit.*, 1989, p. 43.

Llamábase *Sierra de Teruel*. Antes, en el papel, llevó el nombre de *Sang de gauche*. Los créditos de la película, hechos en 1944, la rebautizaron *L'Espoir*; fueron redactados mientras Malraux se batía en las marchas de Alemania, contou Max Aub.¹⁴⁹

Na Espanha, a primeira projeção pública aconteceria trinta e oito anos depois do filme estar terminado, em 1977, na Fundación Miró de Barcelona. Por essa razão, a primeira notícia que encontramos da apresentação do filme em televisão espanhola foi no dia 24 de novembro de 1979, no jornal *El País*¹⁵⁰, que anunciou a transmissão na sessão de programas televisivos. A apresentação ocorreu após o debate organizado pelo programa *La clave* sobre os estrangeiros na Guerra Civil, com a participação ao vivo de escritores e ex-brigadistas. Na sinopse chama-se a atenção para o fato daquele filme ser o único realizado por Malraux e a narração é apresentada como sendo seca e documental, porém às vezes poética. Ao contrário dos brasileiros, os espanhóis tiveram várias outras oportunidades de assistir ao *Sierra de Teruel*. Como, por exemplo, por ocasião do aniversário de cinquenta anos do filme, comemorados pela Embaixada espanhola em Paris com a sua projeção, exposições, debates e sessões sobre a pintura espanhola vista por Malraux.¹⁵¹ Ao mesmo tempo, a Casa de Espanha, em Paris, também organizou, durante dez dias, exposições artísticas, bibliográfica, fotográfica e projeções de filmes e documentários relacionados ao escritor-cineasta.

Também no evento comemorativo ao 60º aniversário do final da Guerra Civil Espanhola, realizado em Olot, não faltou a produção cinematográfica malruciana, que foi projetada como uma tentativa de despertar a solidariedade para com a República Espanhola.¹⁵² Ainda nos nossos dias existe uma cópia disponível ao público na Filmoteca de Barcelona.

Ángeles Durán¹⁵³ retornou a alguns vilarejos que ilustraram *Sierra de Teruel* com o intuito de verificar como eles se encontravam sessenta anos depois. Contudo, os encontrou tão mudados que a pesquisadora não teve certeza se esses povoados realmente cederam suas ruas e praças para a filmagem ou se apenas o nome foi tomado emprestado. Algumas pequenas cidades do sudoeste de Castilha guardam ainda vestígios do passado tanto na paisagem como na memória da sua gente. A pesquisadora constatou que os vilarejos do interior evoluíram

¹⁴⁹ AUB, *ibidem*, 1989, p. 41.

¹⁵⁰ RELAÑO, Alfredo. Fútbol y Guerra Civil. *El País*, Madri, 24 nov. 1979, p. 25.

¹⁵¹ J. A. S. Unas imágenes de Malraux. *El País*, Madri, 12 dez. 1989.

¹⁵² MASO, Marta. Girona recuerda el final de la Guerra Civil. *El País*, Madri, 7 fev. 1999.

¹⁵³ DURÁN, Ángeles. Sesenta años después. *El País*, Valência, 21 dez. 1999.

mais lentamente que os do litoral. Deve-se levar em conta que as gravações ocorreram durante a guerra que destruiu muitas cidades e talvez por isso, hoje, não seja mais possível reconstituir alguns cenários, porém, a essência deles está imortalizada no filme.

Mas não é somente na Espanha e na França que a Guerra Civil mantém acesa sua chama. Na Itália, durante o segundo semestre de 1987, ocorreu em Florença o ciclo de cinema sobre as Frentes Populares Espanholas e Francesas, intitulado “Paradisi Perduti. Spagna – Francia: Il cinema dei Fronti Popolari”¹⁵⁴, organizado pela Mediateca Regionale Toscana, em colaboração com a Fimoteca Espanhola de Madri e o Instituto Francês de Florença. *Sierra de Teruel (Espoir)* foi apresentado entre outros filmes e documentários de mesmo tema.

O crítico de cinema Ángel Fernández-Santos¹⁵⁵ escreveu alguns artigos que demonstram sua admiração pela obra cinematográfica. Em 1995, foi realizada uma eleição dos quarenta e dois melhores filmes espanhóis e o crítico não economizou palavras para demonstrar seu desagrado com o resultado final. Na sua opinião, enquanto uns não precisavam estar naquela lista, outros que merecidamente deveriam constar dela ficaram de fora, por exemplo, *Sierra de Teruel*, que resume a Espanha pelos quatro cantos e que foi feito por profissionais espanhóis.

E ao comentar o filme *Tierra y libertad*, de Ken Loach e Jim Allen, disse que “con *L’Espoir* de Malraux - continene el más bello tributo que el cine ha dado a la memoria de la España libre.”¹⁵⁶ Em artigo anterior a este, Fernández-Santos¹⁵⁷ criticou a censura na época do franquismo que não permitiu a divulgação de *Sierra de Teruel*, filme que, na sua opinião, contou da melhor forma a Guerra Civil Espanhola.

Ainda sobre cinema, o estudioso criticou alguns literatos que decidiram ser cineastas sem conhecimento técnico e experiência no assunto. Chamou de quase milagrosa exceção o fato de Malraux ter assumido a direção de *Sierra de Teruel* – que ele chamou apenas de *La Esperanza* – e obtido como resultado um filme genial, pois estava “urgido por la necesidad de contribuir del modo que fuese a la victoria del lado libre en la Guerra Civil Española.”¹⁵⁸

No Brasil, da mesma forma que na Espanha, *A Esperança* e *Sierra de Teruel* também foram censurados. Durante a V Bienal, em 1959, os Serviços Culturais do Consulado Geral da

¹⁵⁴ CISTERÓ, Mertxe. Ciclo de cine en Florencia sobre la historia de los frentes populares de España y Francia. *La Vanguardia*, Barcelona, 26 nov. 1987, p. 40.

¹⁵⁵ FERNÁNDEZ-SANTOS, Ángel. Estar y ser, según los criterios de oficio. *El País*, Madri, 2 jul. 1995.

¹⁵⁶ FERNÁNDEZ-SANTOS, Ángel. Conmovera derrota. *El País*, Madri, 7 abr. 1995.

¹⁵⁷ FERNÁNDEZ-SANTOS, Ángel. Otros vacíos, otras ofensas. *El País*, Madri, 2 jul. 1993.

¹⁵⁸ FERNÁNDEZ-SANTOS, Ángel. El novelista Ray Loriga inicia un prometedor pero torpe viaje en el relato cinematográfico. *El País*, Madri, 31 out. 1997.

Espanha, em São Paulo, proibiram a exibição do filme, assim como também foi proibida a publicação de um capítulo do livro num semanário de oposição de São Paulo, *O Movimento*, por “suscitar questões ideológicas, éticas e até mesmo metafísicas”.¹⁵⁹

Em março de 1999, a Asociación de Amigos de las Brigadas Internacionales com a Junta de Castilla-La Mancha e outras instituições organizaram no Museu de Albacete, cidade sede das Brigadas Internacionais durante a guerra, uma exposição sobre estas Brigadas. Foram apresentados painéis, fotografias, armas, uniformes, cartazes, documentos e objetos de uso cotidiano dos militares. Malraux foi citado por Miguel Angel Villena¹⁶⁰, no artigo “Las Brigadas regresan a Albacete”, como um nome-chave da história do século XX e que teve um papel destacado na solidariedade internacional com a causa republicana. Durante a exposição, *Sierra de Teruel* foi objeto de discussão e análise junto a outras produções cinematográficas do mesmo tema, consideradas testemunhas da luta e das tarefas dos internacionalistas. Conforme informou Edson Rosa da Silva¹⁶¹, neste mesmo ano, em 20 de abril de 1999, em Paris, em uma única sessão, promovida pela Sociedade “Amitiés Internationales André Malraux”, foi apresentada a versão original do filme *Sierra de Teruel*. A ela esteve presente Paul Nothomb, amigo de Malraux e integrante da Esquadrilha “Espanña”.

Compartilhando da mesma opinião de Miguel Angel Villena, para Ricardo Muñoz Suay o filme

testimonia el talento creador de su autor, su empeño narrativo en amortiguar una escritura discontinua y la vingencia de ese pasaje de la historia de la humanidad en la que la fraternidad se convierte en ilusión lírica y en epitafio.¹⁶²

Não só aspectos ideológicos foram reconhecidos e louvados, mas o filme também teve méritos reconhecidos no que se refere ao aspecto formal, pois além de apresentar uma nova linguagem cinematográfica, com elipses, foi o primeiro a utilizar tempo e espaços reais. Na opinião de Muñoz Suay, dos filmes que abordam o tema da Guerra Civil, o de Malraux foi e continua sendo o mais importante.

¹⁵⁹ SILVA, *op. cit.*, 2001, p. 5.

¹⁶⁰ VILLENA, Miguel Ángel. Las Brigadas regresan a Albacete. *El País*, Madri, 29 mar. 1999.

¹⁶¹ SILVA, Edson Rosa da. André Malraux e o cinema. *Alea: Estudos Neolatinos*. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 37-58, 1999.

¹⁶² SUAY, *op. cit.*, 1996, p. 2-3.

A relação de Malraux com o cinema foi várias vezes comentada e analisada por críticos brasileiros.

Pela renovação formal que o filme apresenta, o cineasta brasileiro Paulo Emílio Sales Gomes considerou que Malraux foi o criador do neo-realismo cinematográfico. Na sua coluna “Cinema”, no jornal *O Estado de São Paulo*, Sales Gomes confessa que o significado da paixão que a Guerra Civil Espanhola deixou na sua geração só pode ser transmitido pela linguagem artística. Nesse contexto, o filme de Malraux “reflete muito dos dramas e esperanças do século”, e a história encarregou-se de destacá-lo e transformá-lo “numa expressão de esperança indefinida”. Ele diz:

é, entretanto, difícil encontrar outro filme tão marcado em suas origens pela mais imediata historicidade. Além de obra de arte, *Espoir* é quase um flagrante documental.¹⁶³

Assim como seus livros, também o filme malrucciano apresenta-se como uma grande reportagem, documento irrefutável de um momento histórico.

Como sabemos, Malraux enfrentou inúmeras e diversas dificuldades para rodar *Sierra de Teruel*, devido aos problemas inerentes à guerra. Assim, a edição foi prejudicada e o resultado final ficou fragmentado. No entanto, para o cineasta brasileiro, esta fragmentação “não comprometeu a sua integridade artística”.

As imagens e diálogos da obra definem admiravelmente um dos fundamentos do universo moral de Malraux: a incessante ruptura através da ação é de uma perplexidade sempre renovada a respeito da vida e da morte.

Este artigo de Sales Gomes sobre cinema, “Contribuições de Malraux”, foi escrito quando da visita do Ministro Francês ao Brasil. Na ocasião realizou-se, no Rio de Janeiro, o Festival “História do Cinema Francês”, durante o qual os brasileiros tiveram a oportunidade de assistir uma vez mais a *Sierra de Teruel*. Como se não bastasse a sua “heróica aventura” cinematográfica e a publicação do ensaio *Esquisse d'une psychologie du cinéma*, Malraux reforçou seu profundo interesse e preocupação pela divulgação, preservação e apoio ao cinema. Paulo Emílio Sales Gomes concluiu o artigo desta forma:

¹⁶³ SALES GOMES, *op. cit.*, 1959, p. 5.

É ele a primeira personalidade governamental de alto nível, pelo menos no Ocidente, a compreender de fato e enfrentar o problema da cultura cinematográfica. Já era tempo.

Se no Brasil a apresentação do filme ficou restrita a ocasiões e salas especiais, na Espanha sua existência é muito mais freqüentemente assinalada, o que não surpreende, pelo próprio conteúdo da obra.

A Filmoteca da cidade de Valência edita uma revista de estudos históricos sobre a imagem chamada *Archivos de la Filmoteca*, cujo número 3 foi dedicado exclusivamente a *Sierra de Teruel (Espoir)*. No volume encontra-se o roteiro, na íntegra, e todos os documentos escritos e gráficos sobre o filme, além de uma ficha técnica completa. Conforme o artigo do jornal *El País*¹⁶⁴, em 1968 havia sido publicada por Max Aub, no México uma primeira versão desse roteiro. Porém, na publicação recente está a versão definitiva com indicações técnicas e modificações que não puderam ser feitas na anterior, além do manuscrito original da tradução para o espanhol feito pelo mesmo Max Aub. Grande parte do material (roteiro, textos, cartas e fotografias) foi doação da viúva de Aub, Perpetua Barjau.

A segunda versão do roteiro de *Sierra de Teruel (Espoir)* apareceu novamente em 1977 com fotografias das filmagens e dos bastidores.¹⁶⁵ Tratado como documento único, original, testemunho de uma época crucial da Espanha, foi lançado apenas em espanhol por vontade expressa de Malraux.

É revelador que ainda em 2001 o filme continue atraindo o interesse de pesquisadores e do público espanhol. Numa retrospectiva sobre o cineasta Portabella, realizada no Museu de Arte Contemporânea de Barcelona¹⁶⁶, em fevereiro de 2001, entre filmes de vários autores contemporâneos a ele, foi projetado também o *Sierra de Teruel*, por considerarem que estes filmes contextualizam o produtor e o cineasta Portabella.¹⁶⁷

Este fato reforça a afirmação de que há ainda nos dias de hoje interesse pelo filme e sublinha a freqüência com que ele é apresentado, não apenas em exposições ou eventos sobre a Guerra Civil Espanhola. Em março desse mesmo ano, a BTV espanhola transmitiu *Sierra de*

¹⁶⁴ BELTRAN, Adolf. La Filmoteca valenciana publica el guión original de “Sierra de Teruel”. *El País*, Madri, 15 nov. 1989, p. 38.

¹⁶⁵ ANDRÉ MALRAUX – SIERRA DE TERRUEL, CINE CLUB, 9. *Camp de l’Arpa, revista literària*, Barcelona, n° 40, p. 29, jan. 1977.

¹⁶⁶ EL MACBA DEDICA UNA AMPLIA RETROSPECTIVA AL CINE DE PORTABELLA. *La Vanguardia*, Barcelona, 1 fev. 2001.

¹⁶⁷ T.C./C.S. Una variada filmoteca particular ocupa el Macba. *El País*, Barcelona, 1 fev. 2001.

Teruel, considerando-o “una gran película republicana del cine español, un filme de ficción rodado con un estilo realista, casi documental”.¹⁶⁸

A cidade de Sevilha igualmente homenageou Malraux com a projeção de *Sierra de Teruel* na Cinemateca sevilhana de UGT¹⁶⁹, por ocasião da comemoração do centenário de Malraux. A homenagem coincidiu também com o 70º aniversário da Proclamação da II República Espanhola.

Para Lluís Bassets, *Sierra de Teruel* é um documento excepcional e “un hito de la cinematografía de guerra” anterior àqueles que foram produzidos na Segunda Guerra Mundial.

Teria Malraux imaginado que seu filme, inacabado e produzido em condições quase heróicas, seria até mesmo considerado como uma inovação das técnicas cinematográficas? De uma história diferente daquela que ele mesmo viveu e imortalizou? Estaria ele consciente do precioso documento que estava produzindo, testemunho de um momento crucial da história de um povo e que seria lembrado e homenageado até os dias atuais? Seguramente, enquanto a Guerra Civil Espanhola for lembrada e revivida, *Sierra de Teruel* terá seu lugar garantido nas telas das cinematecas espanholas.

Podemos estender os questionamentos acima também ao romance. Jorge Semprún teria dado respostas às perguntas no prólogo do número especial dos *Archivos de la Filmoteca*, justificando, assim, a procura ininterrupta dos leitores e admiradores de Malraux.

Estoy convencido de que Malraux era totalmente consciente del equilibrio de la novela y de su valor universal, porque si sólo hubiera sido una novela-reportaje de compañero de viaje del estalinismo, ese valor se habría agotado ya.¹⁷⁰

É impossível falar da produção de *Sierra de Teruel* sem mencionar a participação fundamental do escritor Max Aub, para quem este foi um trabalho marcante e essencial. Para a comemoração dos cem anos de Max Aub, em 2003, Valência, a cidade onde viveu desde sua infância até o exílio, no México, organizou uma exposição sobre a vida e obra do escritor. Entre os vários documentos expostos, havia alguns referentes a Malraux, que continua a ser

¹⁶⁸ TV-PELÍCULAS. *La Vanguardia*, Barcelona, 23 mar. 2001.

¹⁶⁹ S. B. La Cinemateca sevillana de UGT homenagea a André Malraux. *El País*, Madri, 25 out. 2001.

¹⁷⁰ SEMPRÚN, *op. cit.*, 1989, p. 5.

freqüentemente mencionado e lembrado na Espanha também graças a Max Aub.¹⁷¹

Toda a experiência de Aub junto à equipe está relatada no número especial dos *Archivos de la Filmoteca*, já mencionado. O escritor valenciano foi o responsável pela tradução do roteiro e dos diálogos do francês para o espanhol, uma vez que Malraux não falava espanhol, assim como responsável também pela organização da equipe, sendo, além de ajudante de direção, ajudante de produção. Aub fazia a contabilidade, organizava os horários de filmagem, construía cenários, selecionava os lugares para as cenas externas, selecionava atores, técnicos e exercia funções de propaganda e ainda mantinha o moral da equipe que estava trabalhando em difíceis condições.¹⁷²

Así se ha escrito siempre la historia: hice muchas cosas, desgañitarme entre otras, dormir poco y, para descansar, discutir con Hemingway, por la noche en el Hotel Majestic, al acabar de poner a punto el trabajo del día siguiente.¹⁷³

Max Aub só voltou a assistir ao filme em 1958, em Paris. Apesar de todas as dificuldades e imprevistos impostos pela situação do país, o resultado extrapolou as fronteiras da arte. Para Aub,

en esta película desigual, deshecha, está sin embargo, a mi juicio, un capítulo esencial del cine de nuestro tiempo – de mi tiempo – cuando el fascismo daba cara a cara su nombre, y Malraux tendió, con ella, sobre la poesía de la soledad y de la muerte, un puente de fraternidad humana. Se hundió: quedan estas ruinas. Y otras, desde luego. No es un documental sino un documento. Un homenaje del pueblo español a tantos venidos de cien partes del mundo para defenderle, y, espejo de los mismos, un homenaje de éstos al pueblo español, defensor entonces de su honra y su libertad.¹⁷⁴

Assim como *Sierra de Teruel* recebeu influência direta de Max Aub, pois Malraux era um estreante da sétima arte, o inverso também é verdadeiro. Pode-se sentir a presença do cinema nas obras *Campo cerrado* e *Campo francés* que Aub escreveu logo após participar das

¹⁷¹ SÒRIA, Enric. Un universo en singular. *La Vanguardia*, Barcelona, 12 mar. 2003.

¹⁷² GUBERN, Román. Max Aub en el cine. *Insula. Revista bibliográfica de ciencias y letras*. Madri, nº 320-321, p. 11, jul-ago. 1973.

¹⁷³ AUB, *op. cit.*, 1989, p. 42.

¹⁷⁴ AUB, *ibidem*, 1989, p. 43.

rodagens.¹⁷⁵

Nos conta Samuel Amell que “la relación entre *L’Espoir* novela, *Sierra de Teruel* filme, y los “Campos”, sobre todo *Campo cerrado*, es algo de sumo interés.” *Campo francés* foi um *sketch* cinematográfico e como o próprio Aub confessou, “mis ojos se habían acostumbrado a mirar por ‘le petit bout de la lunette’”. Em se tratando da relação desta última obra com a obra malruciana, a consequência está na utilização de autênticos fatos e cenários, pois *Sierra de Teruel* foi um dos primeiros filmes a serem produzidos assim.

Mas Aub não foi o único a venerar o Francês por ocasião de sua presença na Espanha. Outra personagem teve participação ativa na vida de Malraux naquele momento difícil, como veremos a seguir.

4.4 A voz da ex-secretária

Elvira Farreras i Valentí¹⁷⁶ (1914-2005) foi escritora, articulista e, fato que marcaria para sempre a sua vida, trabalhou na equipe de Malraux durante as gravações do filme, em Barcelona. Em “Malraux: recuerdos barcelonenses”¹⁷⁷ revelou sua experiência ao lado do escritor francês, considerando-a um dos melhores momentos da sua vida. Trabalhando neste projeto, ela testemunhou as dificuldades enfrentadas por Malraux para conseguir rodar o filme, como encontrar estúdio para gravações e atores.

Aos olhos de Elvira, Malraux era um homem fantástico que ela chamou de “gran hombre que dedicó a España tantos afanes, horas y energías” e, na sua opinião, foi na Espanha que o escritor viveu os melhores anos da vida dele.

Para a ex-secretária, apesar do tempo percorrido, várias cenas de *Sierra de Teruel* mantêm o sentido trágico e uma certa técnica atual. A melhor homenagem póstuma que se poderia dar a ele seria projetar o filme para que aqueles que não o viram, ou não leram a obra, tivessem idéia de quem foi André Malraux.

¹⁷⁵ AMELL, Samuel. Max Aub, André Malraux y Luis Buñuel: cine y literatura. *Cuadernos para Investigación de la Literatura Hispánica*. Madri: Fundación Universitaria Española. Seminario “Menéndez Pelayo”, nº 19, 1994.

¹⁷⁶ SANCHÍS, Ima. “Dalí era un hombre triste”. *La Vanguardia*, Barcelona, 14 jan. 2004.

¹⁷⁷ VALENTÍ, Elvira Farreras i. Malraux: recuerdos barceloneses. *La Vanguardia*, Barcelona, 24 nov. 1996, p. 54.

Tivemos a oportunidade de conhecer pessoalmente Elvira Farreras i Valentí, que então contava com 90 anos. A entrevista realizou-se no dia 17 de maio de 2004, na sua casa em Barcelona, na sala de visitas, entre quadros e esculturas de Miró e de Picasso, e em meio a livros de André Malraux e de Max Aub. Elvira Farreras, com o entusiasmo de quem viveu uma grande aventura, relatou como foi que se aproximou de Malraux, a convivência com o escritor, com a equipe de filmagem e as ocasiões em que pode revê-lo. Ela guardou com muito zelo a correspondência com o escritor por um longo tempo, pois a amizade dos dois atravessou fronteiras e durou até a morte do Francês.

Quando Malraux faleceu, não pôde deixar de homenageá-lo com um testemunho emocionado (“Escribí el artículo cuando murió Malraux, llorando casi”)¹⁷⁸. Num apanhado biográfico e literário de Malraux, explicou como foi a atuação do escritor durante o período da Guerra Civil. Contou que em troca da ajuda que Malraux conseguiu nos Estados Unidos para comprar ambulâncias para os republicanos, o então Presidente Espanhol Negrín ofereceu apoio para que o escritor montasse um espetáculo de propaganda pela causa republicana. Foi então que Malraux decidiu levar para o cinema trechos de seu livro *L’Espoir*. A grande maioria dos técnicos e atores foram espanhóis e as cenas exteriores foram filmadas nas ruas Santa Anna e Montcada, de Barcelona, em Tarragona e em Monistrol.

“Treballar amb Malraux va ser interessantíssim”¹⁷⁹, confessou a catalã que trabalhou com ele de junho de 1938 a janeiro de 1939, três dias antes da entrada de Franco em Barcelona. Seguem trechos da entrevista na qual relata como trabalhavam:

Como hablaba bastante bien francés y escribía y sabía taquigrafía francesa (Malraux no hablaba español), le ayudé muchísimo y además con Max Aub, que también era colaborador suyo, quedamos con mucha amistad. Así es que, Malraux dictaba cosas y yo escribía lo que él me decía y Max Aub traducía lo que había escrito en español, tuve trabajando casi siete meses largos, casi ocho.

Na época, Elvira trabalhava no Ministério de Armamento como intérprete da língua alemã para um coronel russo e foi convidada para ser intérprete de Malraux por Mari-Luz Morales, escritora e que foi inclusive diretora do jornal *La Vanguardia* durante a República.

¹⁷⁸ VALENTI, Elvira Farreras i. Para rodar *L’Espoir*. Cuando fui secretaria de Malraux. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 24 nov. 1976, p. 31.

¹⁷⁹ RIBAS, Antoni. *Elvira Farreras i Joan Gaspar: Memòries. Art i Vida a Barcelona. 1911-1996*. Barcelona: Ed. La Campana, mar. 1997, p. 38.

Como el despacho donde estaba la fundación Malraux estaba muy cerca, a mitad del camino de mi casa, más cerca que del Ministerio de Armamento, entonces dije “pues voy a probar”. Mi presenté y le dije “mire, yo hablo francés, si no hay en este sitio una persona que hable francés, pruébeme.” Y enseguida me dijo que sí.

Começaram a trabalhar em um local emprestado pela Comisaría de Propaganda de la Generalidad da Catalunya. A equipe se reunia na sala cedida por Jaime Miratvilles, conselheiro de Cultura da Prefeitura.

En esta habitación a veces se juntaban cuarenta personas, porque ahí se tenían que hacer todo y estaban pues los actores que tenían que subir a trabajar al estudio de Montjuich, Orfea, que se quemó, ya no existe. Los técnicos que dirigían la película, los fotógrafos, los secretarios, los del sindicato que controlaban los trabajadores de película porque todo el mundo tenía que estar sindicado. Allí éramos tres secretarias, Zoé Ramires, Marta Santa Olalla y yo, Elvira Farreras. Pero las otras dos no sabían tanto francés y yo tenía mucho más trabajo. Y allí se juntaban todos de la película: franceses, españoles, catalanes de todo había allí. Pero nunca hubo ningún problema grande.

Além do local para trabalhar, o Presidente Negrín colocou à disposição de Malraux carros com soldados que serviam de choferes. Durante sua permanência em Barcelona, Malraux hospedou-se no hotel Ritz, onde vivia com sua segunda esposa, Josette Clotis. Max Aub permaneceu no hotel Majestic.

Y entonces como muchas veces Malraux no podía trabajar en el despacho, yo iba con el chofer y la maquina de escribir, que no era portátil. El chofer corría la maquina, nos íbamos al hotel Ritz, subía en la habitación y allí Malraux me dictaba lo que cambiaba del guión de la película, porque a veces había que hacer cambios porque no había lo que se necesitaba. Él quería que la película saliera según lo que quería... Malraux quería que saliera vacas y como no habían vacas salieran corderos. Y entonces cuando cambiaba el guión, me lo dictaba, y yo o el chofer entonces corría la maquina y me iba al hotel Majestic donde estaba Max Aub. Y allí estaba Max Aub y a veces Mari-Luz Morales, y él le traducía al español. Yo sabía taquigrafía más o menos y entonces me iba con el chofer, la maquina, hasta el despacho y allí lo picaba a maquina.

Desta experiência, muitas amizades permaneceram e marcaram a vida da secretária.

Estábamos muy amigos y también con Max Aub hizo una gran amistad hasta que murió. Tengo varios libros dedicados a Max Aub. La historia con Max Aub es otra también muy larga y muy diferente. Así fue, también hizo mucha amistad con un asistente cinematográfico que después fue catedrático de cine en Bruselas que se llamaba Denis Marion. Este era lo que ayudaba porque Malraux de cine no sabía nada. Y ese era el técnico más o menos que me ayudaba con los operadores que eran Louis Pagés, que había hecho *La kermesse héroïque* y con Denis Marion fuimos amigos hasta que murió hacen dos o tres años con más de 96 o 97 años.

Como dissemos anteriormente, a senhora Elvira guarda uma boa imagem daquele escritor, aspirante a diretor de cinema:

Muy atento, muy amable. En aquellos momentos, muy interesado por la película. Porque tenía la gran ilusión de hacer esa película para que después se proyectara en el extranjero y así recaudar fondos para la República Española. Él había hecho una gran amistad con Negrín, que era Presidente de la República Española, y Negrín le dio toda clase de facilidades para rodar la película en España. Pero como Madrid estaba sitiado, se rodó en Barcelona. Entonces el gobierno de Madrid ya se había trasladado a Barcelona. [Malraux] Se entendía muy bien con todo el mundo, pero cuando quería una cosa, quería que se hiciera bien hecha. Era exigente pero con mucho cariño, era exigente con mucha educación.

Ela participou ativamente da organização do filme, esteve presente em todos os momentos, pois Malraux não falava espanhol e precisava dela para comunicar-se com os técnicos e com os atores. Apesar do clima tenso que cobria o país, alguns momentos da filmagem foram de descontração.

Hay una escena de la película que un coche sale de un patio que tiene que ir contra un cañón enemigo que está bombardeando. El coche sale de un patio, que actualmente es el museo Picasso. En la película se ve una ventana gótica que hay en el museo Picasso. Y este coche después al atacar el cañón lo ataca en Tarragona. Cuando el coche sale del patio para ir contra el cañón, baja por unas calles de Tarragona, y va a chocar contra el cañón para destruirlo. Y una de las veces este cañón tira una bala y por poco toca una barca de pescadores. Yo estuve en Tarragona también rodando por las murallas y todo. Hay bastante fotos. En Collbató, una montaña cerca de Montserrat, hay la gran bajada de la película que es preciosa que todavía ahora impresiona. Había más de tres mil personas entre soldados y gente del pueblo. La gente del pueblo trabajaba muy a gusto. Estaba divertido, así como estaba la época triste de la guerra, era una cosa distinta que se vivía. Todos sabían que estaban haciendo una película.

Em janeiro de 1938, foi preciso abandonar Barcelona, pois as tropas franquistas estavam entrando na cidade. A equipe da filmagem viu-se obrigada a recolher todo o material e a transportá-lo, em caminhões, até a França. Foi quando o diretor e a secretária se despediram:

Cuando nos despedimos, estábamos en la montaña de Montjuich, donde estaba el estudio Orfea que es donde se rodaba la película. Estábamos Max Aub, Malraux, yo y al lejos se veía humo de los ejércitos de Franco que se acercaban de Barcelona. Y nos despedimos, y Malraux dijo aquella frase famosa: Les Perses! Es el recuerdo que tengo último, ya nos despedimos. Ya no nos vimos más. Él se fue. Yo, el 24 de enero, volví al despacho de la Diagonal, ya no había nada, más que unas cuatro fotos y cuatro papeles. Se lo habían llevado todo en camión desde a Francia. La terminaran en Joinville con franceses vestidos de “paísesos” catalanes, con la barretina.

Porém, apesar de todas as dificuldades e de Malraux nunca mais ter retornado à Espanha, Elvira logrou manter contato com ele:

Había mucha dificultad para salir de España, un tiempo. Y cuando yo empecé a ir a Paris, Malraux ya era tan importante que les daban recuerdos de mi parte. Siempre les mandaba a través de Denis Marion que entonces sí que nos veíamos mucho. Georges Auric, es músico, un gran músico francés que fue director de la Opera de Paris y era amigo de Malraux. Y este sí venía muy a menudo a Barcelona y entonces le decía cuando veas a Malraux dele recuerdos. Y un día, me dijo, “¿sabes que he dicho a Malraux?: Votre ancienne secrétaire et devenue mon chauffeur.” Porque le llevaba siempre en mi coche. (...) Cada año por navidad me contestaba. Tengo copias de las cartas que me enviaba. Menos cuando murieron los hijos que no me contestó. El año que no me contestó.

No entanto, foram poucas as vezes em que tiveram a oportunidade de encontrar-se pessoalmente. Uma delas, em 1966, aconteceu em Paris, durante uma grande exposição em homenagem a Picasso organizada pelo então Ministro André Malraux.

Organizó una exposición de gran homenaje a Picasso que llevaban cuadros de Barcelona, entre ellos el *Arlequín*, que está en el Museo Picasso. Yo fui a esta inauguración y me puso al lado del Arlequín. Y cuando pasó Malraux, yo le saludé, y le dije: “L’Arlequín y yo hemos venido de Barcelona para saludarle y felicitarle”. Me dió un abrazo y me dijo: “Au fond vous n’avez pas changé”. Y después nos vimos en Sant Paul de Vence y ya no lo vi nunca más.

A Senhora Ferreras teve a oportunidade de conhecer Clara Malraux e Josette Clotis. Como dissemos, Josette morava com Malraux em Barcelona, porém Clara só foi até lá para tratar do divórcio com o ex-marido:

Clara la conocí porque vino a Barcelona. Yo tomé un susto cuando vino a Barcelona. Me llamó por teléfono: “Je suis Madame Malraux, je suis à Portbou, j’espère qu’on m’envoie une voiture pour venir à Barcelone”. Y dije: “Monsieur Malraux hay una señora que dice que es Mme Malraux que le manden un coche que va venir a Barcelona”. “Sí, es mi mujer que viene para hablar del divorcio”. Y estuvo dos días en Barcelona. Yo le acompañé de tiendas a comprar cosas por Barcelona y la enseñé unas cuantas cosas. Se alojó en el hotel Majestic, no se alojó en el Ritz. Muy simpática, seria pero muy simpática. Todo muy correcta. No la vi nunca más.

Sobre a primeira exibição do filme em Barcelona:

Tardó mucho, mucho tiempo después, en el 28 de enero de 1977. Porque esta película fue destruida en Francia, los nazis habían mandado destruir todas las copias que habían. Solo se salvó una copia por casualidad. Que ahora dicen que fue un señor... hay hecho una historia sobre el que salvó la película. Un señor que se llama Antonio Cícero hay escrito una novela que habla del que salvó esta película. Entonces, no se pudo exhibir en Francia hasta acabada la guerra. Claro y aquí en España un tanto muchísimo más. Me parece que la primera vez fue en la Fundación Miró.

Alguns estudiosos dizem que Malraux não queria que sua obra fosse publicada na Espanha enquanto o general Franco estivesse vivo. Aliás, a única vez que Malraux se indispôs com Charles De Gaulle foi quando o general quis visitar a Espanha durante a ditadura franquista. Elvira Ferreras discordou desta informação:

No, eso no es verdad... Malraux no veía inconveniente que se publicara en español. Al revés. Malraux quería, estaba haciendo una obra sobre Goya, y quería venir a España, al Prado. Entonces le dijeron a la Embajada: “le dejamos ir al Prado pero tiene primero que ir a saludar a Franco”. Y Malraux dijo: “Pues yo a Franco no lo quiero ver. No voy al Prado”. Y no vino. Porque le daban permiso para venir en España, al Prado. Pero con esta condición no quiso venir. En España no había nadie que se atreviera a publicarla aquí. No era por culpa de Malraux. Era por culpa de Franco que no se publicaba. Estaba prohibido por la censura. Malraux no tenía ningún inconveniente, al contrario. Quería mucho a España.

De fato, como já vimos, a primeira tradução para o espanhol apareceria apenas em 1978. Em novembro de 1976, o *Estado de São Paulo* informou que nenhuma versão espanhola do romance circulava na Espanha no momento, confirmando o que nos disse D. Elvira,

não chegou nunca às mãos da assessora no Ministério de Informação porque os editores não se atreveram a encaminhá-lo para ser autorizada previamente a sua publicação. Segundo a legislação espanhola, que data de 1966, todos os livros editados em espanhol devem ser submetidos ao controle do Ministério da Informação antes de serem postos à venda.¹⁸⁰

Como leitora de Malraux, tem preferência por uma obra por uma razão pessoal e muito especial:

La que más me gusta es *La Tête d'Obsidienne* porque habla de mi. Habla de un encuentro que tuvimos en la Fundación Maeght [em St. Paul de Vence, França, no dia 13 de julho de 1973] cuando tiene una gran exposición en honor de Malraux y yo pude ir y ahí nos encontramos. Y en el libro ese habla que encontró a su antigua secretaria.

Esta referência é evidente no trecho de *La Tête d'Obsidienne*:

Le dîner de la Fondation a lieu au restaurant de Mougins. Au-dessus de nous, Notre-Dame-de-Vie, sans lumière. (...) La secrétaire espagnole qui m'assistait en 1938 quand je dirigeais en Catalogne la mise en scène de *L'Espoir* ; elle possède l'une des grandes galeries de Barcelone. Avec elle, je retrouve la Rambla des Fleurs pleine d'aubépines et traversée d'ombres, la nuit dans Madrid clandestine où erraient seuls les aveugles qui chantaient *L'Internationale*, et un fonctionnaire français tout occupé de ses serins pendant que les files noires des réfugiés franchissaient la frontière.¹⁸¹

Elvira tinha opinião formada a respeito da biografia escrita por Olivier Todd, *Malraux. Une vie*, que inclusive esteve pesquisando em seu arquivo particular:

¹⁸⁰ A ESPERANÇA NÃO CIRCULA EM VERSAO ESPANHOLA. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 nov. 1976, p. 25.

¹⁸¹ MALRAUX, André. *La Tête d'Obsidienne*. Paris, 1974, p. 211.

Todd fue un poco cruel con Malraux, porque lo conoció de viejo y seguramente había cambiado. Había pasado casi 40 años y la persona cambia. Y había pasado muchas cosas, se cambia de carácter. Seguramente después de ser Ministro tenía que ser un poco más vanidoso, quizás. Esas cosas siempre afectan un poco y cuando era aquí no era tan importante como era cuando lo conoció. Malraux cuando estuvo aquí era muy normal. Un poco autoritario porque quería que hiciera esto y aquello otro, pero orgulloso no. Era amigo de todo mundo, tenía muy buenos amigos entre los políticos españoles. Después es natural que se volva orgulloso, un hombre que mandó tanto y durante tanto tiempo y transformó Paris y hizo muchísimas cosas.

Elvira Farreras i Valentí tornou-se referência no seu país quando o tema é *Sierra de Teruel*. Até o domingo de Páscoa de março de 2005, Elvira Farreras faleceu nesta data aos 91 anos de idade, ela era uma das poucas pessoas que podia ainda, na Espanha, dar testemunho pessoal dessa experiência única. A prova disso foi que em maio de 2001, em função das festividades do centenário de nascimento de Malraux, o centro Méditerranéen de Littérature organizou, em Perpignan, na França, um colóquio e convidou-a para uma intervenção, após a projeção de *Sierra de Teruel*. Com muita graça e humildade, esta senhora se alegrava de poder contribuir com a biografia do escritor: “Sí, sigo haciendo conferencias, eso que tengo 90 años! En Perpignan me invitaron, me pagaron el hotel y todo (risos)”.

Talvez o depoimento que nos deu tão gentilmente em maio de 2004, já com problemas de saúde, tenha sido uma das últimas oportunidades que teve de falar sobre aqueles momentos inesquecíveis de sua vida.

capítulo 5

Antimémoires

5.1 Um sucesso editorial

Após a Segunda Guerra Mundial, a autobiografia tornou-se bastante comum entre os escritores, que viviam uma nova realidade, múltipla e fragmentada. A presença da história, os relatos histórico-sociais invadem esses textos que começam com relatos pessoais mas acabam tomando, como dirão alguns críticos, dimensões históricas.

Como vimos nos capítulos anteriores, em sua produção romanesca, Malraux mesclou acontecimentos da biografia com a ficção. Em *Antimémoires* lemos as ações, aventuras, encontros com as personalidades do momento (Nehru, Mao-Tsé-Tung e De Gaulle), relatos de numerosas viagens ao redor do mundo, que permitiram a Malraux meditar sobre as artes e os povos, como no episódio em que descreve a multidão de Porto Príncipe de sua tribuna de orador. Por ser uma obra complexa, parece-nos desnecessário resumi-la aqui.

O título da obra provoca o leitor que espera ler as memórias de Malraux, no entanto, o autor foge à regra das autobiografias típicas, pois ao contrário dos outros escritores, suas memórias não são publicadas no crepúsculo da vida, mas em 1967, quando tinha 66 anos e estava em plena vida ativa, nem tampouco ele faz com elas uma introspecção do tempo que passou.

Quebrando um silêncio de dez anos, em 1967, André Malraux, uma vez mais, movimentou o meio editorial. Havia grande curiosidade do público leitor em relação à publicação de uma autobiografia cujo autor, além de ser o Ministro, era também amigo íntimo do General De Gaulle. Sendo um homem público, sabia-se que suas recordações englobariam os principais momentos da História mundial da primeira metade do século XX, dos quais participara pessoalmente.

No dia 15 de setembro de 1967, o jornal *O Estado de São Paulo*¹⁸² noticiou o lançamento da obra previsto para o dia 18. Segundo o jornalista, aquele era o “acontecimento literário mais comentado em Paris nos últimos dias”. Tais acontecimentos literários não eram novidade para Malraux que, mais de 30 anos antes, despertara a crítica ao receber o *Goncourt*, em 1933.

A imprensa estava em prontidão para dar a notícia e ela veio direto de Paris, através de Gilles Lapouge, que testemunhou pessoalmente a euforia editorial:

Posto à venda hoje [18 set. 1967], em todas as livrarias de Paris, o novo livro de Malraux, *Antimémoires*, anuncia-se desde logo como um acontecimento literário mundial. A primeira tiragem de 600 páginas foi fixada no total de 90.000 exemplares e o editor Gallimard já recebeu muitos pedidos de tradução provenientes de todos os países – exceto da U.R.S.S. que, como se sabe, se dispensa de pagar direitos autorais por suas traduções.¹⁸³

Segundo Lapouge, a obra mostrou-se fiel à vida do autor.

Dias depois, também a *Folha de São Paulo*¹⁸⁴ anunciou com satisfação o lançamento do livro. O artigo “*Antimemórias* de André Malraux: uma reportagem de nosso tempo” resumiu as idéias principais da obra que estava sendo “esperada ansiosamente em todos os países”.

Organizado em seis subtítulos: “O sábio e o elefante”, “A Rainha de Sabá”, “De Gaulle”, “Charles e Victor”, “Nehru e Mao” e “A glória de ser Malraux”, o extenso artigo comentou a página de rosto que contém uma citação de um texto budista, passou pelo relato dos encontros de Malraux com alguns homens de seu tempo até os questionamentos sobre a morte.

Ao contrário de Gilles Lapouge, o autor do artigo concluiu que Malraux “não diz afinal nada sobre si mesmo”. Como o título do artigo indica, o jornalista leu a obra malruciana como sendo uma reportagem, ou seja, relatos de acontecimentos da História na qual ele também estava inserido.

¹⁸² A.F.P. Malraux publicará memória. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 set. 1967, p. 9.

¹⁸³ LAPOUGE, Gilles. Malraux lançou as suas “*Antimémoires*”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 set. 1967, p. 9.

¹⁸⁴ J.G.N.M. “*Antimemórias*” de André Malraux: uma reportagem de nosso tempo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 set. 1967.

Os críticos brasileiros que escreveram sobre este lançamento foram unânimes ao afirmar que, de fato, a publicação das *Antimémoires*, de Malraux, constituiu um dos mais importantes acontecimentos editoriais do século. Entre eles, o interessante depoimento de Leyla Perrone Moisés, justificando a expectativa em torno desta publicação pelos seguintes fatores:

O romancista Malraux se calou há cerca de 20 anos. Seu último romance, *La lutte avec l'ange*, ficou semi-inédito por ter sido mutilado pela Gestapo. A admiração por Malraux, no findar da Segunda Guerra Mundial, era imensa. Sua vida era quase uma lenda épica. Aos 40 anos, este homem tinha sido figura importante em três grandes acontecimentos mundiais: a Revolução Chinesa, a Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra Mundial. Em qualquer lugar onde se jogasse o destino do mundo (como ele próprio disse), lá estava Malraux.¹⁸⁵

Leyla Perrone Moisés comunga com o jornalista da *Folha de São Paulo* (J.G.N.M.) a opinião de que quem procurou a verdadeira face do homem Malraux em *Antimémoires* ficou desiludido. A Malraux só importam os grandes acontecimentos que transformam o mundo e as situações humanas que favoreçam a meditação filosófica e não os fatos pessoais que só a ele dizem respeito.

O Malraux que escreveu as “memórias” é o da História, o da arte, o Ministro escritor que dialoga com Nehru, Mao-Tsé-Tung e De Gaulle. Aquele que com objetividade é capaz de fornecer uma visão panorâmica do mundo em que vivemos. É por isso que nesta obra pode-se ter uma visão menos facetada do autor, ou talvez, porque nela estejam reunidas todas as suas facetas. Ainda comenta Leyla P. Moisés no mesmo texto:

Nas *Antimémoires* encontramos a revisão do “herói sem causa”, a meditação sobre a relatividade da história e a exaltação do sagrado artístico. Aqui, como em toda a obra de Malraux, confrontam-se três pontos: o da natureza, o da história e o da arte. (...)

Os três planos - natureza, história e arte – e suas reações, estão muito claros nas *Antimémoires*. Os acontecimentos históricos nela evocados têm sempre como pano de fundo a vida da natureza e o seu ritmo imutável. A oposição da natureza à ação humana, que já aparecera em seus romances como tema de meditação, volta às *Antimémoires* de forma insistente. (...)

Em determinado momento das *Antimémoires* os três planos se encontram e se conjugam, em algumas das mais extraordinárias páginas de Malraux. Falam então, ao mesmo tempo a natureza, a história e a arte.

¹⁸⁵ PERRONE MOISÉS, Leyla. As *Antimemórias* de Malraux. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 fev. 1968, sup. lit., p. 1.

Segundo informou o *Estado de São Paulo*¹⁸⁶, no dia 26 de setembro, Malraux já era êxito em vendas e a primeira edição de *Antimémoires* havia se esgotado. Lançada a segunda edição, a venda atingiu os 100 mil exemplares. O interesse pela obra foi tão grande que os livreiros parisienses acreditavam que dentro de mais dois dias venderiam ao todo 150 mil exemplares.

Uma notícia, que nos parece curiosa pelo fato de dar uma informação que, aparentemente, não interessaria diretamente ao leitor brasileiro, mas que passa a ter importância para a recepção de Malraux por ser prova da admiração do público leitor pela sua literatura, foi a que divulgou o *Estado de São Paulo* menos de um mês depois da publicação das “memórias” em Paris:

Antimemórias, de André Malraux, será publicado em tradução inglesa nos Estados Unidos, no próximo outono, pela editora, “Holt, Reinhardt and Winstan” que adquiriu por 350 mil dólares os direitos de publicação e a reprodução do primeiro volume à opção para os demais.¹⁸⁷

A procura desenfreada pela obra só se repetiu, no Brasil, quase 10 anos depois, quando do falecimento do autor. Por coincidência, na mesma semana realizava-se no Rio de Janeiro a “Semana dos livros” e o acontecimento provocou uma procura em massa por *Antimemórias*, a ponto de esgotar a edição brasileira.¹⁸⁸

Tal entusiasmo foi igualmente manifestado na Espanha. Apenas quatro dias depois do lançamento do livro, Tristán La Rosa¹⁸⁹, o correspondente do jornal espanhol *El País* na capital francesa, publicou uma crítica sobre a obra também considerada por ele de um “porvenir que se pierde en el futuro”.

Para o crítico espanhol, o mérito de *Antimémoires* está em ser mais que uma autobiografia. Assim como avaliou a crítica brasileira Leyla P. Moisés, é um livro de relatos de acontecimentos históricos e não simplesmente uma justificativa pessoal do autor. No entanto, Tristán La Rosa duvidou que a harmonia existencial confessada na obra tenha realmente acontecido e levantou uma questão que continua sendo atual e da qual as biografias se esforçam para dar conta: a de que nós, leitores, ignoramos onde está a verdade em Malraux.

¹⁸⁶ A.F.P. Malraux é êxito de vendas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 set. 1967, p. 14.

¹⁸⁷ A.F.P. Livro de Malraux em inglês. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 4 out. 1967, p. 7.

¹⁸⁸ MALRAUX ESGOTA. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 nov. 1976, p. 8.

¹⁸⁹ LA ROSA, *op. cit.*, 1967a, p. 18.

O crítico espanhol desconfiou que, mais uma vez, Malraux havia falado através do personagem.

A desconfiança de La Rosa faz sentido, na medida em que se sabe que a narrativa autobiográfica tende a assimilar aos poucos as técnicas da ficção, aproximando-a do gênero romanesco. Porém, não se pode confundir o narrador ficcional com o relato autobiográfico, uma vez que aqui o objeto é o próprio autor/narrador. Nesta obra, Malraux foi o autor, o narrador e o personagem. Para Maria Teresa de Freitas¹⁹⁰, Malraux “diluiu a sua identidade privada no seu ‘eu’ artístico”, numa forma de desconstrução, ou seja, como diz o título da obra é uma anti-memória, uma negação do “eu”.

Poucos meses depois da primeira notícia da publicação de *Antimémoires*, Tristán La Rosa¹⁹¹ publicou, desta vez numa coluna sobre política, um outro artigo no qual fez novamente referência ao livro. O assunto foi a relação que o Partido Comunista mantinha com o General De Gaulle. Apesar de apoiar a decisão do General referente à entrada da Grã Bretanha no Mercado Comum Europeu, muitas diferenças ainda se faziam presentes entre eles. Sendo assim, o crítico apenas aludiu à obra com uma citação da frase pronunciada por Charles De Gaulle em relação ao Partido comunista, dando à *Antimemorias* um valor de documento, de testemunho das opiniões de políticos da época.

Também Nur Yalman¹⁹², no artigo “Modernización y religión en el Islam”, apropriou-se de *Antimémoires* como documentação histórica, pois, para exemplificar como cada sociedade muçulmana trata o Islã, utilizou uma passagem que descreve o Oriente como “un viejo árabe sobre su burro, durmiendo el sueño inviolable del Islam”. Nur Yalman mostrou que o Islã não é inviolável como pretendia Malraux e a prova disso foi o ataque de 11 de setembro de 2001, em New York, que segundo o analista, “ha hecho añicos tales ilusiones [as de Malraux]”.

Finalmente, Frederico dos Reis Coutinho afirmou que *Antimemórias* é um livro sem precisão biográfica e sem cronologia rigorosa, um resumo da vida de Malraux e uma ilustração de tudo o que ele escreveu: “o senso do mistério da condição e do destino do ser humano e o esforço para compreendê-lo.”¹⁹³

¹⁹⁰ FREITAS, Maria Teresa de. Ficção e história na autobiografia francesa contemporânea. *Literatura e Memória cultural*. Vol. 2. Belo Horizonte: ABRALIC, p. 85-90, 1991.

¹⁹¹ LA ROSA, Tristán. París: El partido comunista sigue apoyando a de Gaulle en su actitud ante Gran Bretaña. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 28 dez. 1967b, p. 14.

¹⁹² YALMAN, Nur. Modernización y religión en el Islam. *La Vanguardia*, Barcelona, 18 nov. 2001.

¹⁹³ COUTINHO, *op. cit.*, 1971, p. 147.

5.2 Novas edições

Essa “autobiografia” malruciana seguiu despertando interesse nas novas gerações. Vinte e cinco anos depois da primeira edição, em maio de 1992, numa breve resenha sem assinatura, o jornal espanhol *El País*¹⁹⁴, no caderno de literatura *Babélica*, anunciou com satisfação a iniciativa da editora Círculo de Lectores em relançar o *Antimemorias*, que desde a primeira edição, fora traduzida por Enrique Pezzoni. A informação de *El País* veio acompanhada de uma pequena apresentação e com o comentário de que mesmo se Malraux não tratou essa obra como a sua autobiografia, *Antimemorias* é um texto capital para compreender este autor controvertido e ao mesmo tempo fascinante.

É interessante observar que, assim como em *La Condition humaine* e *L'Espoir*, *Antimémoires* teve apenas um tradutor para edições espanholas. No Brasil as publicações restringiram-se à de 1968, numa única tradução realizada por Moacir W. de Castro e editada pela Editora Difusão Européia do Livro. A primeira edição em espanhol teve partes suprimidas em 1968, reeditada em 1976 e 1977, pela Editorial Suramericana, de Buenos Aires. Por esse motivo, a última publicação foi aclamada, pois está completa, restituída das partes que faltavam do original.

A revista literária *El Urogallo* não ficou fora do acontecimento literário e também anunciou a nova edição na seção “Libros del mes (junio)”¹⁹⁵. A revista observou o mesmo que o jornal *El País*, de que vinte e cinco anos depois da primeira edição em espanhol, esta última chegaria com acréscimos importantes. No anúncio, *Antimemorias* foi classificada como autobiografia, apesar de todas as diferenças que apresenta em relação às autobiografias clássicas. Percebe-se um leve tom crítico aos intelectuais de então, na brevíssima apresentação de que Malraux “pertenece a una estirpe que parece extinguida, la del intelectual comprometido que unió pensamiento y acción”, e que o fato de ter sido Ministro da Cultura de De Gaulle foi uma evolução sem contradizer sua lucidez.

Na edição de julho-agosto, esta mesma revista publicou o artigo “André Malraux. La sombra de Nietzsche”, de Juan Angel Juristo¹⁹⁶, que comenta mais uma vez a reedição na íntegra de *Antimemorias*. Este foi o único artigo que mencionou as razões que levaram o editor da primeira versão a cortar páginas, ou seja, o corte de aproximadamente cem páginas

¹⁹⁴ LAS ANTIMEMORIAS DE MALRAUX. *El País*, Madri, 9 maio 1992, sup. lit. Babélica, p. 21.

¹⁹⁵ LIBROS DEL MES. ANTIMEMORIAS. *El Urogallo*, Madri, nº 73, p. 92, jun. 1992.

¹⁹⁶ JURISTO, Juan Angel. André Malraux. La sombra de Nietzsche. *El Urogallo*, Madri, nº 74/75, p. 30-33, jul/ago. 1992.

foi devido à falta de espaço. Para o crítico, a reedição, da obra, uma simbologia artística que reflete sobre a própria vida do autor, colocou Malraux novamente em foco e levou o leitor de volta a um tempo em que se percebia a influência de Nietzsche. Outro aspecto que contribuiu para a atração que o livro exerce sobre os leitores é a descrição das conversas com homens ilustres da época – Mao, Nehru, De Gaulle.

Além das críticas favoráveis, também surgiram opiniões diferentes, como o artigo “¿Intelectual o aventurero?”, de Luis Antonio de Villela¹⁹⁷ para quem *Antimémoires* é muito mais convencional do que seu título indica.

¹⁹⁷ VILLENA, Luis Antonio de. ¿Intelectual o aventurero? *El Mundo*, Madri, 31 out.-6 nov. 2001, sup. lit. El Cultural, p. 12.

capítulo 6

Malraux e os escritores de seu tempo

6.1 Parâmetros da crítica brasileira

Quando André Malraux atingiu seu auge literário em 1933, com a publicação de *La Condition humaine*, ele já não era um iniciante, pois o público leitor e os críticos brasileiros e espanhóis já o conheciam de *Lunes en papier* (1921), de *La Tentation de l'Occident* (1926) e de *Les Conquérants* (1928).

No Brasil, mesmo depois da Semana de Arte Moderna de 1922, a intelectualidade continuava mantendo laços com a Europa, onde o romance estava centrado nas questões existenciais do ser humano. Os parâmetros dos escritores brasileiros eram, freqüentemente e ainda, os escritores europeus. Esta “colonização” persistente pode ser notada nas críticas jornalísticas dos nossos literatos, nas quais predominavam análises de obras estrangeiras.

Na década de trinta, a literatura engajou-se nos problemas sociais e políticos do momento e passou a servir de meio de divulgação de discussões ideológicas. Nesta nova era literária, Malraux surgiu como um arauto de um mundo novo que iria resgatar a angústia original do homem e fazer dela a fonte de uma nova época. Pois o homem de Malraux está só e, para sair dessa solidão, ele parte para a ação, que é a repulsa da humilhação. Porém, o escritor não foi o único a refletir sobre o homem, esta foi uma tendência de época e por essa razão, ele será comparado e citado pelos críticos ao lado de escritores como Camus, Céline e Byron, entre muitos outros.

É interessante referir algumas dessas críticas que ilustram com fartura de exemplos a afirmação acima. Ao comentar o livro *Portrait de notre héros*, de R. M. Albérès, sobre o romance moderno, um romance predominantemente de idéias, Cyro dos Anjos¹⁹⁸ posicionou Malraux ao lado de Faulkner e Kafka. Para que o novo fosse compreendido, os críticos faziam análises através da comparação com o antigo.

¹⁹⁸ ANJOS, Cyro dos. O Romance Moderno. *Revista Branca*, Rio de Janeiro, nº 3, p. 9 e 27, 1948.

Assim também o fez Luiz Annibal Falcão¹⁹⁹, que comparou os romances franceses daquele momento aos antigos, procurando entender a construção das novas obras. Para definir o que era o romance, ele enumerou vários gêneros, passando pelos naturalistas e pelos psicológicos, que dominaram a França no final do século XIX e início do XX. O período do pós Primeira Guerra foi ainda de observação psicológica, imbuídos da filosofia, da introspecção, do lirismo, da fantasia e do realismo que floresceram na França.

O autor mencionou Malraux, cuja complexidade do romance se tornou possível pelos antagonismos individuais para mostrar que naquele período os novos romances não eram mais dirigidos ao interior, mas a grupos, a uma coletividade. Não mais apareciam personagens de heróis solitários, predominavam então a descrição e a análise de conjuntos ou de aglomerados de indivíduos. Existia liberdade dentro do romance, com perigos e obstáculos ao escritor, que exprimia a época tumultuada pela qual estava atravessando.

O mesmo Luiz Annibal Falcão²⁰⁰, posteriormente, disse que a literatura sofreu influências da crueldade, da confusão de valores do século XX, o mais trágico que se tinha na memória. Ele analisou e comparou escritores que, nesse contexto de desunião e desordem, reagiram com energia e com desespero à procura do fundamental. Esses escritores produziram obras cujos heróis não se conformavam com a situação, tinham uma missão a cumprir e cujas ações eram antes de tudo uma revolta. Assim são os heróis de Malraux, que encontram na ação os seus objetivos e que estão determinados a construir um futuro através da solidão, sem amparo nem busca divina.

Das obras de Malraux, Falcão referiu-se a três: *Les Conquérants*, *La Condition humaine* e *L'Espoir*. Das duas primeiras, disse que “é a conquista da dignidade do homem frente à solidão, à morte, ao aviltamento”. E que na terceira obra citada “a paixão humana de Malraux deixou de ser pessoal para se tornar social e humana”, explicando assim a psicologia subjacente à atitude de muitos revolucionários da época que morriam por certos credos políticos, “num fanatismo sem objeto”. Desde o início de sua carreira como escritor, Malraux expôs o tema da miséria do homem e do que ele pôde fazer com a sua grandeza que deveria servir de fundo aos temas literários da época. A rebelião era muitas vezes consequência da situação do momento, mas os homens ainda não conseguiam vislumbrar o caminho no qual iriam enveredar.

¹⁹⁹ FALCÃO, Luiz Annibal. Posição do Romance Francês. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 dez. 1949, p. 5.

²⁰⁰ FALCÃO, Luiz Annibal. Rebelados. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 5 fev. 1950, p. 7.

Assim como muitos críticos faziam referência a autores antigos para legitimar a obra de Malraux, a partir de certo momento, ele passou a ser parâmetro para legitimar outros autores, seus contemporâneos ou mais novos. No sentido de mostrar como as angústias do momento em que viviam autores e críticos deixavam marcas na obra de muitos escritores, uma nota da *Revista Branca*²⁰¹ sobre a morte do escritor belga Charles Plisnier comparou-o a Malraux. Como o francês, o belga também fez parte do Partido Comunista e escreveu um livro com o qual ganhou o prêmio Goncourt de 1937, *Faux Passeport*, sobre sua experiência no Partido. Ele também exerceu atividade revolucionária e, mais que isso, as semelhanças estão igualmente na rudeza da obra, que dá testemunho da ação do escritor numa época de tragédia. Entretanto, equivocou-se a *Revista Branca*, pois Malraux não participou efetivamente do Partido Comunista, apenas com ele compartilhava as mesmas idéias e algumas ações.

Antoine de Saint-Exupéry é outro escritor que, mesmo sem ter exercido atividade revolucionária, é constantemente comparado a André Malraux. Apontam-se semelhanças tanto no domínio da literatura quanto na vida pessoal, pois ambos são conhecidos como escritores que colocaram aventuras realmente vividas nas suas obras ficcionais. O aspecto que mais aproxima os dois é o espírito aventureiro, a tal ponto que são conhecidos como romancistas da aventura. Ambos foram citados por Georges Duhamel, numa entrevista concedida a Louis Wiznitzer²⁰², como os nomes principais daquela geração.

Assim como Georges Duhamel, Francisco Iglesias²⁰³ concorda que as obras de Saint-Ex e as de André Malraux se distinguem das demais pela aventura e pela ação. No entanto, para o primeiro não era preciso correr riscos para viver, enquanto que Malraux encontrava no risco a própria razão da vida, dando mais aventura à sua experiência. Embora existam pontos em comum entre as obras dos dois franceses, um paralelo entre elas seria desvantajoso para Saint-Exupéry, uma vez que Malraux seria mais rico e apresentaria uma penetração psicológica e vigor ideológico ausentes na obra do autor de *Terre des hommes*.

As comparações com escritores contemporâneos não pararam aí. André Malraux também é lembrado em artigo que se refere a outro escritor francês, Emmanuel Mounier, por

²⁰¹ A MORTE DE CHARLES PLISNIER, *Revista Branca*, Rio de Janeiro, p. 11, out. 1952.

²⁰² WIZNITZER, Louis. "Letras e Artes" ouve Georges Duhamel em Paris. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 10 jul. 1949, sup. lit. Letras e Artes, nº 130, p. 5.

²⁰³ IGLESIAS, Francisco. Lembrando Saint-Exupéry. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1950, p. 4.

ocasião da sua morte. Raymundo Souza Dantas²⁰⁴ considerou Mounier um “observador e filósofo dos costumes de seu tempo” que “procurava um essencial muito parecido com o fundamental de Malraux”, com a diferença que Malraux procurava o fundamental no campo de batalha e Mounier combatia a desordem que oprime o homem num “ambiente em que os nervos não são levados às emoções do herói”.

No suplemento literário *Letras e Artes*, Jean Vignaud²⁰⁵ classificou os espíritos franceses na literatura da década de 40. Na categoria “espírito social”, Malraux apareceu ao lado de Georges Duhamel, Jules Romains, Émile Zola, Victor Hugo, Voltaire.

Outra referência recorrente é a comparação com Camus. Jean Botrot²⁰⁶, que assinou a nota dedicada ao novo livro de Camus, *Actuelles*, teceu grandes elogios ao livro e disse que Malraux, seguido de Camus, aparece como um dos chefes da literatura da década de 50.

Em outra entrevista realizada por Louis Wiznitzer²⁰⁷, Zervos, o editor dos *Cahiers d'Art*, apresentou Malraux como paradigma para outros críticos de arte, sugerindo que esses se aproximassem mais dos pintores para “preocupar-se com as intenções dos mesmos, sentir e pensar com os pintores”. Para ele, os críticos tornaram-se técnicos e não sabiam emitir um julgamento são e profundo sobre a obra, ao contrário de Malraux, que ao demonstrar sua faceta de crítico de arte, era capaz de “constituir sondagens mais profundas, penetrações mais amplas, embora muito literárias, por vezes”.

6.2 Parâmetros da crítica espanhola

Igualmente na Espanha, as obras de Malraux foram lidas por muitos críticos que, registrando suas experiências e impressões, repetem alguns nomes já referidos nas comparações, confirmando as análises dos críticos brasileiros.

²⁰⁴ DANTAS, Raymundo Souza. A contribuição de Emmanuel Mounier. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 23 abr. 1950, sup. lit. *Letras e Artes*, nº 162, p. 7.

²⁰⁵ CLASSIFICAÇÃO DOS ESPÍRITOS FRANCESES. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 22 maio. 1949, sup. lit. *Letras e Artes*, p. 14.

²⁰⁶ BOTROT, Jean. O novo livro de Camus. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 8 out. 1950, sup. lit. *Letras e Artes*, nº 180, p. 2.

²⁰⁷ WIZNITZER, Louis. A arte não é uma revolta contra a natureza – diz Zervos. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 20 jan. 1952, sup. lit. *Letras e Artes*, nº 237, p. 6, 7 e 10.

Na comparação que José Bergamín²⁰⁸ fez de Malraux com quatro escritores (Barrès, Hugo, Byron e Nietzsche), observou que ele está separado de Barrès pelo “miedo o cansancio de la tragedia”, características que o aproximam de Victor Hugo e de Byron. E de Nietzsche pela afirmação trágica da vida que fundamenta sua obra.

O espanhol Gino Raymond analisou a atitude dos personagens malrucianos no artigo “André Malraux y el dilema radical”. Para ele, as idéias de Trotsky, de Saint-Just e de Nietzsche influenciaram a vida e a obra do escritor francês, que se identificava com Trotsky pela crença marxista de que a revolução era o meio indispensável para a ação. O próprio Trotsky analisou e criticou obras de Malraux, considerando *Les Conquistadores* um fracasso em termos de ação ideológica. Porém, fez críticas positivas para *La Condition humaine*, declarando que o romance não tinha por pretensão ensinar filosofia e que era uma verdadeira obra de arte.

Gino Raymond comparou também as opiniões políticas e os personagens de Malraux com os de Maurras, Drieu e Barrès. Apesar de terem posições políticas diferentes, havia entre eles pontos comuns. Malraux, Drieu e Barrès compartilham a preferência pela ação frente ao intelectualismo. Segundo ele:

en su prefacio a *Mademoiselle Monk*, Malraux subraya la habilidad de Maurras a la hora de ‘hacer del orden algo admirable, por cuanto que todo orden representa la belleza y la fuerza’. Esto es indicativo, sin embargo, no ya de una convicción política en la que coincidiesen ambos autores, sino de una común sensibilidad.²⁰⁹

Para o crítico, o que assemelha os heróis de Barrès aos de Malraux é a incessante procura por ambições onde o *eu* ocupa o centro, buscando a justificativa para a sua existência. Da mesma forma, Drieu e Malraux têm em comum a necessidade de definir o homem através de suas ações. Malraux foi menos radical que os escritores de direita acima mencionados, mas contrastava com o escritor esquerdista Ferdinand Céline. Porém, na visão do mundo de Malraux, de Drieu e de Céline é possível discernir uma oposição entre o *eu* e o *todo*. Sendo que é esse *todo*, que está vivo, que exalta a qualidade humana do *eu*. *L’Espoir* confirma o compromisso que Malraux tinha com o *todo*, com o social, que já havia se manifestado em obras anteriores, ultrapassando o contexto histórico, colocando em evidência os valores

²⁰⁸ BERGAMIN, *op. cit.*, 1976, p. 21.

²⁰⁹ RAYMOND, Gino. André Malraux y el dilema radical. *Debats*, Valência: Ediciones Alfons el Magnànim. Institució Valenciana d’Estudis i Investigació, nº 26, p. 97-105, dez. 1988.

fraternos, a luta coletiva, a lealdade a uma causa política. Ele considerou, em termos de forma e conteúdo, *L'Espoir* melhor trabalhada e aprofundada que *La Condition humaine*.

E da mesma forma que Gino Raymond, Juan Luis Panero²¹⁰ aproximou Drieu La Rochelle de Malraux. O espanhol aproveitou o lançamento de uma tradução espanhola de uma das obras de Drieu para comentar sobre sua vida, suas obras e suas críticas. Como conclusão, afirmou que, por não ter a inteligência de Malraux, Drieu era inferior como escritor.

O escritor e crítico catalão Manuel Vázquez Montalbán²¹¹ comparou Malraux ao escritor italiano Alberto Moravia, chamando-os de netos de Nietzsche. Ambos partiam da náusea ante a conduta burguesa baseada na dupla verdade, afirmou Montalbán, que qualificou a visão dos dois escritores: a de Malraux como sendo épica e a de Moravia, psicológica, mas ambas históricas, porque refletem dimensões diferentes e complementárias da condição humana, em uma cultura situada entre a morte de Deus e a morte do Homem. Para Montalbán, além de terem iniciado a carreira de escritores ainda jovens, ambos retrataram o que o crítico chamou de ‘canibalismo’: Malraux retratou um canibalismo histórico de entre-guerras e Moravia, um canibalismo interpessoal para provar que o homem burguês é um ser irrecuperável e egoísta.

Pelo estudo do legado crítico, pode-se ter certeza que Malraux foi leitura obrigatória e tema de discussão de toda uma geração que baseava sua ideologia nas premissas de esquerda. Assim, Montalbán lembrou suas conversas com Alfonso Carlos Comín, outro grande admirador de Malraux. Em texto comemorativo dos vinte anos de morte de Comín, ao comentar sua militância política, Vázquez Montalbán²¹² reafirmou o interesse que Malraux suscitava nos militantes de partidos de esquerda.

Para Manuel Vázquez Montalbán²¹³, Malraux serviu de modelo também para Régis Debray, escritor e assessor especial do Presidente François Mitterand, ambos intelectuais comprometidos com a utopia em uma época em que parecia mais fácil colocar as idéias em prática.

²¹⁰ PANERO, Juan Luis. Los espejos del suicida. *El País*, Madrid, 30 maio 1992.

²¹¹ MONTALBÁN, Manuel Vázquez. Entre el canibalismo y la gastronomía. *El País*, Madrid, 27 set. 1990, p. 38.

²¹² MONTALBÁN, Manuel Vázquez. Comín. *El País*, Madrid, 24 jul. 2000.

²¹³ MONTALBÁN, Manuel Vázquez. La ambición secreta del eslabón perdido. *El País*, Madrid, 18 jan. 1985, p. 23.

Outro espanhol, Alberto Miguez²¹⁴, comparou a obra, *El indeseable*, de Régis Debray, com *La Condition humaine* e *L'Espoir*, ainda que considerasse as duas últimas de melhor qualidade. Apesar dos conteúdos serem diferentes, a obra de Debray lhe pareceu uma homenagem a Malraux ou, menos benevolente, uma medíocre imitação ou de aproximação defeituosa a um gênero perdido.

Para muitos críticos, a tríade Sartre, Malraux e Camus é referência necessária para a compreensão das contradições fundamentais do pensamento do século XX. Segundo Horacio Vázquez Rial²¹⁵, os três foram uma parte decisiva desse século. Sartre carecia da beleza e elegância de Malraux e de Camus e seduzia apenas por sua inteligência. Malraux atuou politicamente de acordo com as circunstâncias, enquanto que Sartre manteve sempre seu mesmo ponto de vista político.

6.3 Semprún: o Malraux espanhol

En fait, Semprún a été souvent nommé « le Malraux espagnol », assimilation fondée sur le fait que l'ancien militant communiste au pseudonyme de Federico Sánchez s'est consacré à la création d'une oeuvre littéraire de caractère nettement autobiographique et à la collaboration à des films de contenu politique, en devenant par la suite ministre de la Culture du gouvernement espagnol de 1988 à 1991, c'est-à-dire à l'époque du troisième des quatre mandats des socialistes présidés par Felipe González.
Jaime Céspedes²¹⁶

Dos críticos e escritores espanhóis que escreveram sobre Malraux, aquele que se destacou pela dedicação ao estudo da obra, à admiração declarada pelo humanista francês e que sofreu grande influência da literatura, ideologia e estética malrucianas foi o escritor espanhol Jorge Semprún, que apesar de acreditar que o intelectual não pode mais ser um militante, continua afirmando que ele deve manter-se comprometido como cidadão. Nas palestras que proferiu na Universidad Internacional Menéndez Pelayo, de Santander,

²¹⁴ MIGUEZ, Alberto. Malraux, pero menos. *El País*, Madri, 10 abr. 1977, p. 20.

²¹⁵ RIAL, Horacio Vázquez. Vindicación de Jean-Paul Sartre. *El País*, Madri, 20 ago. 1987.

²¹⁶ CÉSPEDES, Jaime. André Malraux chez Jorge Semprún: l'héritage d'une quête. *Revue André Malraux review. Figures de l'altérité*, Oklahoma, vol. 33, nº 1, p. 87-99, 2006.

intituladas “El compromiso del intelectual y la historia de nuestro tiempo”²¹⁷ e “Gide, Malraux y Sartre: el compromiso intelectual”²¹⁸, Malraux serviu de modelo de intelectual comprometido, cuja atitude manifestou-se desde a vanguarda literária de seus escritos de juventude até a filosofia da arte, no seu comprometimento físico na luta anticolonialista, na Guerra da Espanha, na resistência francesa e depois, como ministro, no governo do General Charles De Gaulle.

Com “El Malraux español”, Florentino Heras Díez²¹⁹ pretendeu demonstrar sua indignação a críticas que o escritor Jorge Semprún vinha recebendo de jornalistas espanhóis, chamando-o pejorativamente de ‘francês’. Como leitor e admirador de Semprún, Florentino Heras Díez lhe fez vários elogios e o chamou de *Malraux espanhol*, pois tanto Malraux quanto Semprún foram ministros da Cultura de seus respectivos países, graças aos quais a cultura, segundo ele, recuperou a maiúscula e deixou de ser sinônimo de folclore.

Outro jornalista que também comentou os pontos de semelhança entre os dois escritores foi Juan Goytisolo²²⁰, afirmando que a literatura de Jorge Semprún assemelha-se a *La Esperanza* de Malraux por causa da discussão filosófica, política e literária, características da literatura europeia do século XX.

Malraux exerceu um papel fundamental na vida e obras de Jorge Semprún. Nascido vinte e dois anos após o primeiro, a leitura de *L’Espoir* mudou a vida deste ou, ao menos, sua atitude perante a vida, confirmando, assim a frase de Justo Navarro: “mientras se leen los libros, éstos tienen una música, que se apodera del lector y sigue con él una vez que el libro se acaba”.²²¹

A influência malruciana é de tal forma expressiva em Semprún que Jaime Céspedes arrisca dizer que

l’oeuvre de Malraux constitue l’influence littéraire la plus marquante chez Semprún, à tel point qu’on peut dire sans ambages que l’oeuvre de Semprún serait différente s’il ne l’avait pas connue, tandis que l’oeuvre d’autres écrivains ne s’avère pas tellement déterminante.²²²

²¹⁷ SAMPEDRO, Javier. Jorge Semprún llama a los intelectuales al compromiso y pone como modelo a Malraux. *El País*, Madri, 15 jul. 1997.

²¹⁸ GAMEZ, Ana. Universidade de verano. Jorge Semprún acusa. El escritor critica que los intelectuales no se comprometan contra el racismo. *La Vanguardia*, Barcelona, 21 ago. 2001.

²¹⁹ DÍEZ, Florentino Heras. El Malraux español. *El País*, Madri, 21 dez. 1989, p. 19.

²²⁰ GOYTISOLO, Juan. Una novela europea. *El País*, Madri, 9 ago. 1998.

²²¹ CRUZ, Juan. La musica de la literatura. *El País*, Madri, 18 abr. 1998.

²²² CÉSPEDES, *op. cit.*, 2006, p. 86.

Nas obras semprunianas, entre elas *L'Écriture ou la vie*²²³, *Le Grand voyage*²²⁴, *Federico Sánchez vous salue bien*²²⁵, vários pontos em comum com Malraux são possíveis de serem observados, como: a influência e o engajamento ideológico por uma convicção pessoal, as questões sobre a morte e sobre o homem, a escritura autobiográfica apoiada na essência da experiência vivida mais do que na exatidão dos fatos, o espírito crítico e autocrítico, a presença da arte. Esta herança malruciana fez com que Semprún contribuísse com a literatura espanhola, sobretudo após 1977, quando ele começou a escrever na sua língua materna, o espanhol.

6.4 Contribuições malrucianas

Ainda hoje, os livros de Malraux, com suas análises profundas das tragédias humanas, inspiram outros escritores e jornalistas para comentar situações da atualidade. O jornalista Rafael Vallbona recorreu a Malraux para criticar severamente os então governantes da região da Catalunha, Pepe Rubianes e Pasqual Maragall. Segundo palavras do próprio jornalista, “los números de Pepe son la elipsis total de la tragedia humana; la condición de Malraux puesta en escena en forma de tira cómica y agridulce a la vez”.²²⁶

Quando ainda estudante, Rafael Vallbona leu Malraux pela primeira vez e entendeu apenas as ações, mas ao relê-lo mais tarde, compreendeu algumas coisas do drama humano.

Além de fundamentar críticas políticas, Malraux também inspira os críticos de arte, como muito bem ilustra o documentário produzido nos 250 anos da morte do pintor espanhol Francisco Goya: *Goya, pintar hasta perder la cabeza*, onde textos de vários escritores, entre eles Malraux, foram mesclados a pinturas de Goya, a apresentações de música, de teatro, de dança e opereta.²²⁷

É indiscutível a contribuição de Malraux, como escritor e como homem público, para as artes em geral. A proposta de museu imaginário, criação malruciana, é outra contribuição

²²³ SEMPRUN, Jorge. *L'Écriture ou la vie*. Paris: Gallimard, 1994.

²²⁴ SEMPRUN, Jorge. *Le Grand voyage*. Paris: Gallimard, 1963.

²²⁵ SEMPRUN, Jorge. *Federico Sánchez vous salue bien*. Paris: Grasset, 1993.

²²⁶ VALLBONA, Rafael. La condición humana. *El Mundo Catalunya*, Barcelona, 27 nov. 1996, p. 12.

²²⁷ RIVAS, Rosa. Una ópera videográfica conmemora esta noche la muerte de Goya. *El País*, Madri, 28 mar. 1996.

para o mundo das artes que atravessou fronteiras e permanece viva. Por exemplo, o artista catalão Antoni Tapiès publicou um livro com ilustrações de suas obras, chamando-o de museu imaginário. No entanto, como disse Lluís Permanyer²²⁸, crítico do livro de Tapiès, esse livro pouco tem a ver com o museu imaginário de Malraux, pois apresenta aos seus leitores a arte verdadeira.

Para uma análise da recepção de Malraux na Espanha, o fato de Tapiès ter intitulado seu livro com uma expressão cunhada pelo francês tem um significado considerável, pois mostra como a participação do escritor na guerra do país vizinho ainda está viva no imaginário cultural, tanto dos espanhóis como dos próprios franceses. Até mesmo as aventuras de Malraux pela Ásia têm inspirado textos nem sempre literários. O repórter norte-americano Christopher Jones escreveu uma reportagem para o jornal *The New York Times* sobre o Camboja. Descobriu-se que a tal notícia era falsa, inspirada em viagens anteriores pela Ásia, conversas com os responsáveis pelos *kmers vermelhos* em Paris, além de plágio de frases de *La voie royale*.²²⁹ A farsa foi descoberta por outros jornais e o autor confessou.

O “recurso literário” utilizado por Malraux, vivendo e, às vezes, inventando fatos e aventuras para descrevê-los como vividos por ele, tem encontrado seguidores. Em recente biografia de Carlos Fuentes, este assegura que gostaria, na sua autobiografia, de fazer o que Malraux fez em *Antimémoires*, ou seja, reproduzir fatos reais em meio a fatos inventados. Assim, relataria amores que gostaria de ter vivido e experiências por que queria ter passado²³⁰.

A influência de Malraux tem-se revelado igualmente fecunda, não só em obras ecléticas nos mais variados campos das letras e das artes, como também em grandes nomes da literatura ocidental, como é o caso do peruano Mario Vargas Llosa. Em 1995, o escritor recebeu o prêmio *Cervantes* da Literatura Espanhola e, no discurso que pronunciou no dia da cerimônia de entrega dos prêmios, Vargas Llosa²³¹ comentou as influências que recebeu das leituras de sua juventude, nas quais incluiu Malraux²³². Em outra ocasião, em palestra sobre seus livros, realizada na Universitat de Barcelona, o escritor afirmou que, na época em que

²²⁸ PERMANYER, Lluís. Libros. *L'art i els seus llocs/El arte y sus lugares*. El museo imaginario de Tapiès. *La Vanguardia*, Barcelona, 18 fev. 2000.

²²⁹ VILARO, Ramon. El “New York Times” publicó un reportaje inventado sobre Camboya. *El País*, Madrid, 25 fev. 1982, p. 6.

²³⁰ GARCÍA, Rocío. El escritor mexicano Carlos Fuentes asegura que la ficción es más cierta que la vida. *El País*, Madrid, 7 jul. 1995.

²³¹ VARGAS LLOSA, Mario. La tentación de lo imposible. *El País*, Madrid, 25 abr. 1995.

²³² TOMEIO, Carlos. Vargas Llosa reconoce el origen de su vocación en las lecturas de su niñez. *El País*, Soria, 3 jul. 1997.

escrevia *Los jefes*, foi consideravelmente influenciado por Malraux, a ponto de decidir que “la literatura era lo mejor que existía en la vida.”²³³ Para Vargas Llosa²³⁴, Malraux foi o escritor que melhor soube descrever cenas coletivas, de movimentos de massa e, por isso, a grande influência que exerceu em seu primeiro livro. Chega a comparar experiências da sua adolescência, vividas no colégio militar, no Peru, com as descritas por Malraux em suas obras. No entanto, lamentou que este tenha perdido e continue perdendo leitores, que não seja reconhecido pela crítica e público como era nos anos 50 e 60, quando influenciava todo o mundo ocidental, inclusive a América Latina.

O poeta galego Manuel Rives lançou sua antologia lírica e com ela uma gravação em disco com treze poemas musicados. O título desta obra é *O pobo da noite*, inspirada em um discurso, conforme explica o poeta:

una expresión tomada del discurso fúnebre de André Malraux ante el ataúde de Jean Moulin, el líder de la resistencia francesa. Malraux aludía a los héroes que lucharon contra la ocupación nazi. Rivas la ha hecho suya para homenajear a otro tipo de seres que también viven en la clandestinidad, ‘esa hermandad secreta que aún lee poesía y que, como los héroes de Malraux, mantiene la lámpara encendida en medio de la noche.’²³⁵

Assim como na França, os romancistas brasileiros dos anos 30 também desenvolveram uma visão crítica da sociedade, conseqüentemente criando uma literatura engajada. No entanto, a literatura brasileira apresentou uma nova característica: ao lado do engajamento social coexistiu a pesquisa estética, concluindo assim Maria Teresa de Freitas, “où l’imaginaire non seulement ne s’oppose pas au réel, mais aussi en est la condition même, où la réalité politique se fusionne avec la fantaisie”.²³⁶

A respeito da influência que a literatura brasileira da década de 30 tenha recebido do romance malruciano, Maria Teresa de Freitas afirmou que nesta época se desenvolvia, no Brasil, uma corrente neo-naturalista extremamente engajada socialmente. Os escritores que se

²³³ GUARDIA, María Asunción. Vargas Llosa recupera su biblioteca. El autor presenta en Barcelona *Conversación en la catedral y La casa verde*, reeditados por Alfaguara. *La Vanguardia*, Barcelona, 21 abr. 1999.

²³⁴ GOMEZ, José Martí. La génesis de un escritor. El día en que Vargas Llosa contó cómo nacieron sus cuatro primeras obras. *La Vanguardia*, Barcelona, 25 abr. 1999.

²³⁵ HERMIDA, Xosé. Los poemas de Manuel Rivas salen a la venta junto a un disco. *El País*, Madrid, 14 dez. 1996, p. 35.

²³⁶ FREITAS, Maria Teresa de. Vers une nouvelle forme narrative littéraire : l’Entre-Deux-Guerres français et le Modernisme brésilien. In Congresso Nacional de Professores de Francês, 8º, Porto Alegre, 1987. *Revista ELOS. O francês no Brasil*, Porto Alegre, p. 32-36, 1987.

preocuparam com essa literatura fundada na análise das realidades sociais das diferentes regiões do país foram principalmente Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Erico Veríssimo, Armando Fontes. Afirmou a crítica que

Caminho de Pedra, le troisième roman de R. de Queiroz, écrit en 1936, est éminemment politique, de caractère idéologique trotskiste – ce qui ne va pas sans faire penser aux romans d'André Malraux (et *L'Espoir* date presque de la même année), où tout tourne autour de l'engagement politique antifasciste.²³⁷

Os escritores brasileiros e espanhóis dividiram com Malraux as mesmas idéias de luta pelo social, pela solidariedade, dignidade do homem. Como vimos, esta era uma tendência da época. Por isso, o que aproxima Malraux dos autores citados acima é mais do que o estilo literário, é principalmente, o caráter ideológico e político de suas obras.

Conhecer exatamente a maneira como são apresentados e como se manifestam esses pontos de contato entre a literatura de Malraux e obras de ficção das literaturas brasileira e espanhola é uma interessante pesquisa que ainda está por ser realizada no Brasil e na Espanha.

²³⁷ FREITAS, *op. cit.*, 1987.

capítulo 7

A crítica biográfica

Como vimos nos capítulos anteriores, as obras e a biografia de Malraux não podem ser desvinculadas uma da outra. Se o escritor não tivesse sido um homem de ação e de reflexão, ele jamais teria escrito *La Condition humaine*, por exemplo. Além da personalidade forte e marcante, Malraux teve o privilégio de fazer parte da geração que viveu intensamente, participando inclusive diretamente, dos, até hoje, maiores e mais importantes conflitos internacionais: primeira e segunda guerras mundiais, Guerra Civil Espanhola; além de ter sido testemunha da construção da capital do nosso país, Brasília.

Os setenta e cinco anos vividos intensamente e dedicados não apenas à França, mas também em construir um mundo mais solidário, fraterno, humano e cultural deixaram, como não poderia deixar de ser, marcas na História.

Quando, em agosto de 1959, Malraux esteve no Brasil como Ministro da Cultura da França, representando o General Charles De Gaulle, os jornais brasileiros noticiaram, incansavelmente, sua trajetória pelo país e testemunharam a recepção dos governantes e intelectuais. Os jornais, de norte a sul, acompanharam passo a passo o ilustre visitante que já era bem conhecido pelos intelectuais e universitários locais.

Por ter sido uma figura de grande expressão, seu falecimento, em 23 de novembro de 1976, foi sentido e noticiado com emoção no Brasil e na Espanha. O homem era francês, mas quem morria era o personagem que havia distribuído esperança de um mundo mais justo, sempre a favor do lado mais fraco.

Da mesma maneira, quando o governo francês decidiu homenagear os vinte anos da morte do escritor, em novembro de 1996, transferindo suas cinzas para o Panthéon, em Paris, os jornalistas estavam lá para acompanhar de perto o evento.

Significativas foram também as comemorações do centenário de nascimento durante o mês de novembro de 2001. Inúmeros escritores e jornalistas se manifestaram, as editoras relançaram algumas obras e editaram novas biografias.

Neste capítulo veremos como os críticos, os jornalistas e os leitores brasileiros e espanhóis reagiram nestes momentos importantes na biografia do autor.

7.1 No Brasil, um hóspede permanente - 1959

7.1.1 Evento diplomático

Foi como Ministro da Cultura da França, representando o Presidente Charles De Gaulle, que Malraux esteve no Brasil, em agosto de 1959. Muita expectativa antecipou a visita às cidades de Brasília, do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Ouro Preto, que tiveram a sua rotina quebrada. Nelas foram especialmente organizados eventos, festivais, jantares, encontros com intelectuais, estudantes e personalidades políticas. Visitas culturais foram previstas para o visitante que não foi recebido apenas como um Ministro de Estado, mas, principalmente, como um importante escritor e, acima de tudo, como o homem que participou ativamente dos momentos decisivos da História, transpondo-os para a Literatura. Ainda estava muito viva na memória dos brasileiros a imagem do intelectual que lutou com o povo e em sua defesa, e que imortalizou em suas obras literárias a ideologia, a esperança e o papel do herói a favor da condição humana de liberdade e justiça.

Ainda em Paris, Malraux teve uma amostra da receptividade calorosa brasileira, pois o Embaixador do Brasil na França, Carlos Alves de Souza, ofereceu um almoço no qual tomaram parte diferentes personalidades francesas e brasileiras. Ao erguer um brinde ao Ministro, o Embaixador disse:

Ergo a minha taça ao êxito da viagem do Ministro Malraux ao Brasil certo de que ela constituirá uma feliz ocasião de aproximação entre dois povos já fortemente unidos pelos laços espirituais que seus interesses comuns não poderão deixar se não de reforçar. Essa visita dará ao meu país a oportunidade de prestar homenagem não só ao homem cuja reputação intelectual ultrapassou as fronteiras da França para se tornar universal, mas também ao representante altamente qualificado de um governo presidido por um dos estadistas mais respeitados e admirados pelos meus compatriotas. Bebo à saúde do Sr. Malraux, meu amigo pessoal e agora meu compatriota, a quem, segundo a imprensa internacional, a cidade do Rio de Janeiro acaba de conferir o título de Cidadão de Honra.²³⁸

²³⁸ OFERECIDO UM ALMOÇO AO SR. ANDRÉ MALRAUX. *O Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 21 ago. 1959, últ. pág.

De fato, nas semanas que antecederam a chegada, no Rio de Janeiro o Prefeito Sá F. Alvim assinou o requerimento do Vereador Murilo Miranda, um admirador de Malraux pela sua inteligência e descortino literário, concedendo ao ilustre visitante o título de “Cidadão Carioca”.²³⁹ O mesmo Vereador enviou um ofício para o Chefe do Executivo Municipal propondo que o Ministro de De Gaulle palestrassem, no Teatro Municipal, sobre a reforma que estava realizando em Paris com o objetivo de dar novos rumos ao teatro francês. Também não descartou a possibilidade de adaptar a mesma reforma para o sistema artístico brasileiro.

Os novos rumos que Malraux pretendia dar às companhias ou instituições teatrais subvencionadas pelo Estado francês constavam de revalorização da tragédia. Por isso, ele criticou a *Comédie Française* que, na sua opinião, não estava dando tanta importância à tragédia em favor de uma maior porcentagem de representações de comédia.²⁴⁰

De acordo com o *Diário de Notícias*²⁴¹, o recente Ministro (pois sua nomeação dera-se um mês antes, no dia 24 de julho de 1959) veio trazendo uma mensagem especial e pessoal do Presidente Charles De Gaulle para cada Chefe de Estado que visitava. Sua viagem não se limitou ao Brasil, teve início aqui, mas também estendeu-se ao Peru, ao Chile, à Argentina e ao Uruguai.²⁴²

*O Jornal*²⁴³, além de dar as boas vindas ao “embaixador da mentalidade” que inspirava a V República instaurada na França por De Gaulle, desejou que a relação entre Brasil e França se estreitasse ainda mais, numa cooperação cultural e econômica. E na véspera da chegada, este mesmo jornal resumiu alguns dados da vida do literato francês (sua participação na Guerra Civil Espanhola, na Segunda Guerra Mundial, no governo gaullista) e elencou algumas de suas obras literárias mais representativas.²⁴⁴

O evento assumiu um caráter de prestígio nacional, sendo comentado em diferentes jornais, nas diversas regiões do país. Assim, encontramos a divulgação da notícia também no

²³⁹ ANDRÉ MALRAUX CHEGARÁ AO BRASIL COMO “CIDADÃO CARIOCA”. *O Globo*, 17 ago. 1959, p. 6.

²⁴⁰ LETRAS ESTRANGEIRAS: MALRAUX E A TRAGÉDIA. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 set. 1959, Primeiro Caderno, p. 9.

²⁴¹ MALRAUX VEM DIA 24 COM MENSAGEM DE DE GAULLE. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 ago. 1959, capa.

²⁴² ANDRÉ MALRAUX PARTE AMANHÃ DE PARIS. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 ago. 1959, capa.

²⁴³ MALRAUX, EMBAIXADOR DA CULTURA FRANCESA. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959, p. 4.

²⁴⁴ CHEGA AMANHÃ EM VISITA AO BRASIL O MINISTRO MALRAUX. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 ago. 1959, p. 5.

Sul pelo jornal *Correio do Povo*²⁴⁵, de Porto Alegre, ainda no início do mês de agosto.

Por sua vez, o jornal carioca *Correio da Manhã* anunciou a vinda do Ministro com as seguintes palavras:

Chegará na próxima segunda-feira [24 ago. 1959] a esta capital para uma visita ao Brasil de cinco dias, a convite do Governo Brasileiro, o escritor francês André Malraux e Ministro de Estado para os assuntos culturais do Governo da França. Além de escritor renomado, o senhor Malraux teve destacada atuação na campanha contra o nazismo através do Comitê Mundial Antifascista e da Liga Internacional contra o anti-semitismo. Participou da Guerra Civil Espanhola ao lado das forças do governo e depois como oficial do exército francês na última conflagração mundial, sendo preso em 1944, pela Gestapo, mas conseguiu fugir e tomou parte na luta clandestina contra a ocupação.²⁴⁶

Se o Ministro Malraux já estava causando euforia antes mesmo da sua chegada, a partir do momento em que pisou o solo brasileiro, os meios de comunicação nacionais noticiaram incansavelmente todos os eventos realizados, as entrevistas dadas e os comentários dos críticos sobre o escritor e o político. Uma vez que André Malraux vinha como representante do Chefe de Estado Francês, era inevitável que a França estivesse em pauta, principalmente porque naquele momento o governo gaullista estava passando por uma situação crítica de guerra contra a Argélia.

7.1.2 Maratona de 5 dias

Na sua estada de cinco dias no país, o Ministro pronunciou palestras nas Universidades de São Paulo, no Ministério de Educação, na Academia Brasileira de Letras e foi recebido no Itamarati pelo Presidente Juscelino Kubitschek. Em Minas Gerais, a cidade histórica de Ouro Preto recebeu o escritor para uma visita às obras do Aleijadinho.²⁴⁷

Ao desembarcar no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, Galeão, no dia 24 de

²⁴⁵ MINISTRO FRANCÊS DEVERÁ VISITAR A AMÉRICA DO SUL. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 7 ago. 1959, p. 1.

²⁴⁶ ANDRÉ MALRAUX CHEGARÁ SEGUNDA-FEIRA AO RIO. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1959, p. 3.

²⁴⁷ MALRAUX VAI CONHECER OBRAS DO ALEIJADINHO. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1959, p. 5.

agosto de 1959, às 8h15min, Malraux era aguardado por numerosa comitiva, da qual faziam parte o General Nelson de Melo, Chefe da Casa Militar da Presidência da República, o Chanceler Horácio Lafer, Senhor Raul Vicenzi, Chefe do cerimonial do Itamarati, Bernardo Hardion, Embaixador da França no Brasil, jornalistas e outras autoridades. Malraux não veio sozinho, chegou acompanhado de sua esposa Madeleine Malraux, do Chefe de Gabinete, Albert Buret, do Conselheiro técnico, Pierre Moineau, e de um membro do seu gabinete, Serge Arvengas.

No desembarque, Malraux fez uma alocução declarando que sua vinda fora motivada por dois objetivos: elaborar um plano mundial das explorações das riquezas naturais e desenvolver uma forma de cultura para a nova geração que pudesse satisfazer as aspirações dos países da América Latina e da França. Os brasileiros puderam ler a alocução em vários jornais, tais como *Correio do Povo*²⁴⁸, de Porto Alegre, e *O Estado de São Paulo*²⁴⁹.

O *Correio da Manhã* resumiu e transcreveu algumas idéias proferidas no primeiro discurso em solo brasileiro sobre as riquezas naturais e a cultura, como a que segue:

O Brasil, para os países europeus, é a pátria da esperança e do poder. (...) A minha vinda a este país se prende a dois pontos de grande importância, visando o seu desenvolvimento cultural de grande interesse para a França que espera muito desta grande nação sul-americana a ela ligada por vínculos mais profundos do que a simples cordialidade diplomática.²⁵⁰

Do Rio de Janeiro, Malraux seguiu para Brasília. Ali esteve no dia 25 de agosto para lançar a pedra fundamental do edifício da Embaixada da França e da Maison de France. Estava acompanhado do Embaixador da França, Bernard Hardion e foi recebido pelo Presidente Juscelino Kubitschek, com quem se havia encontrado brevemente no Palácio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

O jornal gaúcho *Correio do Povo*²⁵¹ também informou a agenda do dia 25, durante o qual o Ministro visitou Horácio Lafer, no Itamarati, o Senado e a Câmara dos Deputados. Nesta visita foi recebido no gabinete do Vice-Presidente do Senado, Filinto Muller, que estava acompanhado de vários Senadores, entre os quais Afonso Arinos, Presidente da comissão de

²⁴⁸ ANDRÉ MALRAUX CHEGOU AO RIO. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25 ago. 1959, últ. pág.

²⁴⁹ MALRAUX AO CHEGAR AO RIO: “BRASIL, PAÍS DE ESPERANÇA”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 ago. 1959, capa.

²⁵⁰ MALRAUX NO RIO: “O BRASIL É A PÁTRIA DA ESPERANÇA”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959, p. 4 e últ. pág.

²⁵¹ A RECEPÇÃO OFICIAL. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25 ago. 1959, últ. pág.

relações exteriores, que o saudou em francês. No dia anterior, Malraux havia visitado o Ministro Horácio Lafer com quem esteve durante uma hora fazendo uma visita cordial, uma simples troca de cumprimentos, tendo sido um ponto central da conversa o acordo internacional do café.²⁵² Na saída, comentou a delicadeza e a educação da imprensa brasileira, perguntando ao Ministro Brasileiro:

Mas aqui no Brasil é assim? A imprensa é admitida no Ministério e entra na própria sala do Ministro? Como é diferente em França, pois lá, inclusive, eles não estão sempre sorrindo e nem se dirigem com tal delicadeza aos entrevistados.²⁵³

O retorno ao Rio de Janeiro, juntamente com as primeiras palavras dirigidas aos jornalistas brasileiros, e o primeiro encontro com o Ministro Lafer foram divulgados pelos grandes jornais. Além dos fatos já citados, o *Diário de Notícias*²⁵⁴ acrescentou uma breve biografia e citou algumas das principais obras do escritor.

Malraux deixou no jornalista de *O Jornal*²⁵⁵, do Rio de Janeiro, a impressão de um homem extrovertido, simpático e “sobretudo demonstrando uma grande intimidade com a evolução da arte no Brasil”. Na recepção oferecida na Câmara de Deputados, o Salão Nobre ficou lotado de pessoas para assistir ao diálogo com o Deputado Raymundo Padilha. Malraux opinou sobre a tensão entre a Inglaterra e a França e sobre a oposição que os aliados estavam fazendo ao seu país na questão das experiências nucleares no Saara; referiu-se a Carlos Lacerda, que havia conhecido em Paris, como “um opositor vigoroso”; ao falar de arte, surpreendeu pelo conhecimento da realidade brasileira, elogiando o urbanista Lúcio Costa e considerando a arquitetura de Brasília como genuinamente brasileira; e, finalmente, depois da menção feita pelo Deputado à escultura do “Profeta Isaías”, de Aleijadinho, no livro *Le Musée Imaginaire*, Malraux falou sobre a vida, obra e estilo do escultor mineiro.

A ida de Malraux para São Paulo também foi acompanhada de perto pelos meios de comunicação. Uma reportagem do *Correio do Povo*²⁵⁶ revela extenso conhecimento da

²⁵² LAFER E MALRAUX CONVERSARAM SOBRE O ACORDO DO CAFÉ. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1959, capa.

²⁵³ CORREIO DA MANHÃ, *op. cit.*, 25 ago. 1959, p. 4 e últ. pág.

²⁵⁴ ANDRÉ MALRAUX: A FRANÇA CRÊ NA AUDÁCIA DO BRASIL. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959, capa e p. 2.

²⁵⁵ MALRAUX: SAUDAÇÃO AO BRASIL COMO “O PAÍS DA ESPERANÇA”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959, capa e p. 8.

²⁵⁶ ANDRÉ MALRAUX EM SÃO PAULO. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27 ago. 1959, p. 7.

personalidade política do escritor e artista considerando-o “um verdadeiro resumo de todos os personagens de seus romances”.

Os paulistanos se prepararam para receber o ilustre visitante. Na véspera da sua chegada, na sede da Aliança Francesa, estudantes tiveram a oportunidade de assistir ao curso ministrado pelo professor Claude Robert sobre literatura contemporânea, cujo tema foi o escritor André Malraux. Além disso, todos os membros da Casa da Cultura Francesa – Aliança Francesa – foram convidados a participar do coquetel oferecido ao visitante na Casa de Portugal.²⁵⁷

Na edição do dia 26 de agosto, o jornal *O Estado de São Paulo*²⁵⁸ informou a agenda do Ministro na capital paulistana. Como aconteceu em todas as cidades onde esteve, as classes dos intelectuais, jornalistas e políticos o aguardavam com expectativa. Malraux teve um dia intenso: na noite do desembarque, foi jantar na residência de Francisco Matarazzo Sobrinho; no dia seguinte, visitou o Governador Carvalho Pinto, almoçou na residência do Cônsul Geral da França, visitou a reitoria da Universidade de São Paulo, recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* da mesma Universidade, inaugurou o Centro de Documentação Técnica da Casa da Cultura Francesa, e a última atividade na cidade de São Paulo foi uma entrevista à imprensa concedida no Hotel Jaraguá, onde estava hospedado.

Este breve contato de vinte e dois minutos com os jornalistas foi relatado na capa da edição do dia 27 de agosto do jornal *O Estado de São Paulo*. O grupo estava, inicialmente, dividido entre aqueles que o admiravam e aqueles que tinham deixado de admirá-lo, e o interesse maior dos que o assistiam era pelo papel de escritor e não pela condição de Ministro. No entanto, o articulista confessou que apesar de terem ouvido o Ministro da França, no final da entrevista, Malraux conquistara a audiência. O jornalista conseguiu resumir a razão pela qual a platéia reunida no Hotel Jaraguá, e toda uma geração, sentiam-se atraídas pelo escritor francês:

se há um homem que mais do que qualquer outro tenha influenciado a geração que tentou desesperadamente encontrar-se durante a última guerra e que hoje, um pouco por toda a parte, nos surge como responsável pela marcha da humanidade, ele é sem dúvida André Malraux. Até 1945, a sua vida foi uma permanente e dramática encarnação das lutas e problemas de uma época, indelevelmente marcada pelo espírito revolucionário. Ninguém como ele desceu às raízes da existência, soube tornar claro o que antes era confuso,

²⁵⁷ CONFERÊNCIA SOBRE MALRAUX. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 ago. 1959, p. 10.

²⁵⁸ A CONDIÇÃO DE MINISTRO. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 ago. 1959, capa.

ninguém como ele explicou o homem a si próprio. Ao lê-lo tinha-se a sensação da descoberta profunda e definitiva.²⁵⁹

Na página 13 desta mesma edição do jornal paulista, pode-se ler um resumo em forma de tópicos dos principais assuntos tratados durante a breve entrevista, cujas respostas demonstram a “inteligência dominante e o magnetismo” malrucianos.²⁶⁰

De volta ao Rio de Janeiro, Malraux visitou o Museu de Arte Moderna. Percorreu todas as dependências (sala da maquete, jardins, atelier de gravuras, salas das exposições) acompanhado pelo Presidente e Embaixador Maurício de Nabuco, pela Diretora do Executivo Senhora Niomar Muniz Sodré e pelos Conselheiros Afonso Eduardo Reidy e Carlos Flexa Ribeiro. A comitiva e inúmeros convidados ligados ao MAM e às letras cariocas almoçaram na cantina do museu, que foi inaugurada no evento.²⁶¹

Ainda no Rio de Janeiro, Malraux foi recebido para o “Chá das 5” na Academia Brasileira de Letras pelo seu então Presidente, Austregésilo de Athayde, por membros da diretoria e grande número de titulares, tais como Elmano Cardim, Rodrigo Otávio, Alceu Amoroso Lima, Levy Carneiro e Viana Moog que ali compareceram a fim de receber o representante da cultura daquele país amigo. Na ocasião, o escritor francês foi eleito sócio-correspondente da Academia Brasileira de Letras.

7.1.3 Político “vira casaca”?

A coluna “Momento internacional”, do jornal *Diário de Notícias*, criticou com veemência a figura de Malraux como intelectual francês engajado politicamente e ainda muito influente na América Latina. Isto é, um intelectual de “esquerda” que aceitou participar de um governo considerado de “direita”.

²⁵⁹ MALRAUX MINISTRO E HOMEM EM UM ENCONTRO INCOMUM. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 ago. 1959, capa.

²⁶⁰ MALRAUX, DE GAULLE, MAO E A OBSESSÃO. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 ago. 1959, p. 13.

²⁶¹ EM CONTATO COM O MUNDO ARTÍSTICO, MALRAUX INAUGUROU CANTINA DO MUSEU. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1959, p. 3.

Malraux é bem o exemplo do escritor que pensa tudo ser permitido quando se tem talento. Gênero muito apreciado pelos feminóides e pelas mentalidades de um subnietzschismo com atraso de mais de meio século, mas ainda vigente em camadas da classe média européia e, por efeito colonizador, nos países da América Latina.²⁶²

O artigo deixou claro que, se a representação fosse apenas intelectual, a França estaria melhor figurada num Albert Camus ou num Jean-Paul Sartre. Porém Malraux era um homem forte no governo de Charles de Gaulle que precisava, no momento, ter sua imagem vinculada a um homem de confiança. O fato do Malraux da *Condição Humana* e da *Esperança*, engajado em causas revolucionárias, estar participando do governo gaullista gerou, segundo o articulista, um sentimento de traição.

O mais melancólico da presença de Malraux é termos de mentalmente confrontar o servidor de uma política que inclui a guerra da Argélia, e a entrada de Franco na OTAN, com as suas grandes páginas, sobretudo de *Condition humaine* e de *L'Espoir*. Quem sofre junto conosco são os seus personagens que se sentem traídos pelo criador.

Esse sentimento de traição também foi compartilhado por José Arthur Rios, crítico da situação política pela qual o Brasil estava passando na década de 50 e, inclusive, da construção de Brasília. Seu desapontamento foi porque Malraux se submeteu, inevitavelmente, às instituições. Ainda de acordo com o seu ponto de vista, Malraux tornou-se um oficial do Estado Francês, no qual era impossível reconhecer o autor de *L'Espoir*, de *La Condition humaine* e de *Les Conquérants*.

Não há como identificar esse intelectual na pessoa que distribui amabilidades, ouve com sorriso digestivo o Sr. Horácio Lafer falar em “revolução pacífica”, é forçado a extasiar-se diante de Brasília fingindo não perceber o que ela representa da alienação coletiva; e é obrigado, ele crítico de arte refinadíssimo, a elogiar a arquitetura de Feira Internacional do Palácio da Alvorada.²⁶³

Sem entrar no mérito de tais observações, a posição política do crítico fica ainda mais evidente na conclusão do artigo, quando afirma que a visita de André Malraux nada acrescentou ao Brasil e à França, ao contrário do que ocorreria se tivessem vindo em seu lugar um Père Voillaume e um Abbé Pierre, cuja contribuição teria sido muito maior.

²⁶² A VISITA DE MALRAUX. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959, p. 4.

²⁶³ RIOS, José Arthur. A metamorfose do Sr. Malraux. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 ago. 1959, p. 5.

O *Correio do Povo* apontou a contradição que foi atribuída a Malraux por unir-se ao governo de direita de De Gaulle, depois de ter manifestado seu desagrado com tal ideologia ao integrar, em 1934, o Comitê Mundial Antifascista. Contudo, ao contrário do artigo publicado dois dias antes no *Diário de Notícias*²⁶⁴, comentado anteriormente, e o de José Arthur Rios, para o jornal gaúcho seus admiradores e defensores não interpretaram tal mudança como uma atitude contraditória, justificando que Malraux foi

um homem que sempre procurou na coerência entre o pensamento e a ação o sentido da vida, a solução para a angústia - esse escritor apontado desde o desaparecimento de Gide, como o maior artista da França e uma das mais agudas inteligências do mundo contemporâneo.²⁶⁵

Ao contrário do que fez a crítica da época, Frederico dos R. Coutinho não subestimou a fase em que Malraux comprometeu-se, como escritor e combatente, nas lutas contra o fascismo e na Resistência Francesa, pois ela encerra dados para a compreensão do que seria produzido depois e dos principais traços de sua personalidade incomum. No seu livro, apresentou as conseqüências que os primeiros anos de ação, de perigo, de comprometimento em choques e movimentos coletivos vividos na Ásia tiveram na vida e na obra do francês. Desde então, como se pode ver, Malraux nortearia sua vida pela ação e sua obra por romances de fundo político-social. Serão frutos desta experiência as obras *A Estrada Real*, *A Tentação do Ocidente*, *Os Conquistadores* e *A Condição Humana*.

Frederico dos Reis Coutinho abordou também o comunismo e a relação com o General Charles De Gaulle nas obras malrucianas. Para o crítico, permanecia o enigma da aproximação do autor esquerdista de *A Condição Humana* com o Estadista de direita. Para solucionar o dilema, Coutinho interpretou “o episódio à luz do que se depreende das ações do homem e dos livros do escritor”. Considerou que os primeiros sinais do afastamento de Malraux do comunismo já estavam presentes em *A Esperança*.

O povo que luta não são as multidões animadas pela ilusão de um “paraíso soviético”, como as de Cantão e Xangai, onde havia possibilidade de o Komintern estabelecer um governo à sua feição, mas lembra o povo francês que lutou pela liberdade em toda a França contra o inimigo interno e, mais feliz que o espanhol, bateu em Valmy as forças da contra-revolução.²⁶⁶

²⁶⁴ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, *op. cit.*, 25 ago. 1959, p. 4.

²⁶⁵ CORREIO DO POVO, *op. cit.*, 27 ago. 1959, p. 7.

²⁶⁶ COUTINHO, *op. cit.*, 1971, p. 62.

Segundo Coutinho, *As Nogueiras de Altenburg* foram o marco da separação de Malraux com o comunismo, apesar de Malraux nunca ter-se filiado ao Partido Comunista. Considera-se sua não associação ao Partido como uma maneira de poder resguardar sua liberdade de iniciativa e de criação, afastando-as de qualquer orientação partidária.

A Academia de Letras dos estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo enviou, através do jornal *O Estado de São Paulo*, uma mensagem ao ilustre visitante, que era na verdade uma manifestação de cunho essencialmente político em protesto contra a guerra da Argélia. A breve mensagem, assinada por Moraci Ribeiro Doval e José Carlos Abbate, revela o reconhecimento dos estudantes em relação à influência exercida por Malraux nos meios intelectuais e políticos em função de suas obras, atitudes e pensamentos. Por ter sido escrita por um grupo de estudantes universitários, demonstra o interesse dos jovens da época não apenas pela literatura malruciana, como também pelos problemas estrangeiros, conforme se verifica pelo teor do texto abaixo:

Associando-se às homenagens tributadas a Sua Excelência Ministro de Estado Francês André Malraux e considerando sua condição de escritor e homem de lutas, ligado a quase todos os movimentos pela causa da justiça processados neste século, considerando ainda a influência exercida por seus exemplos e por suas idéias entre os intelectuais de todo o mundo, particularmente a juventude, a Academia de Letras da USP vem, ao mesmo tempo que presta esta homenagem, manifestar a Sua Excelência, a esperança de que, coerente com estes exemplos e idéias na posição de Homem de Estado, contribua para a solução pacífica e justa do conflito argelino, cuja característica de luta contra a opressão é a que sempre determinou a participação do escritor e revolucionário em acontecimentos históricos. Fundados na mensagem contida neste passado, a Academia de Letras espera que esta homenagem encontre repercussão junto a quem sempre considerou como de suprema dignidade humana, agora em jogo nesta luta pela auto determinação de um povo.²⁶⁷

O representante do *Correio da Manhã* publicou uma entrevista que gostaria de ter feito com Malraux, mas que não fez porque, conforme constatou, “tentar entrevistar Malraux numa recepção é como tentar entrevistar o Vesúvio numa sala de visitas: ou não se faz a entrevista ou a sala explode”.²⁶⁸

A dita recepção foi um coquetel oferecido pela Embaixada da França para o qual foram convidados alguns jornalistas e políticos. E aquele não era o melhor momento para certas indagações. Nesta entrevista imaginária, o jornalista relacionou algumas perguntas

²⁶⁷ MALRAUX CHEGA HOJE A SÃO PAULO, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 ago. 1959, p. 9.

²⁶⁸ ENTREVISTA IMAGINÁRIA COM MALRAUX. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959.

sobre a posição política do escritor francês:

Muita gente pergunta como é que você, que lutou pela esquerda na China e na Espanha, ingressou na direita desde que apoiou De Gaulle em 1946. Tenho a impressão que você nunca foi exatamente da esquerda como não é agora da direita e sim que sempre tentou desenvolver ao máximo as suas potencialidades heróicas. Isto é ou não é verdade? É ou não é verdade que você considera mais importante que o homem se ultrapasse no seu isolamento do que se lance a pura defesa de alguma idéia importante para a coletividade? Outra pergunta: não fosse o seu cargo atual de Ministro da França, você não defenderia de novo Dimitrof, não como “comunista”, mas como homem injustiçado e muito mais heróico que seus inimigos?

Sobre o problema da Argélia:

Quando você, ao escrever seu primeiro livro, *A tentação do Ocidente*, e ao ver antes de Sartre o absurdo como um verme no coração da civilização ocidental, não estava profetizando o fim dessa civilização pelo menos como portadora de verdades eternas, não estava de antemão condenando as ambições da França no além-mar e na Argélia, por exemplo? Outra: no prefácio que escreveu ao livro de Alleg, *Latition*, Sartre, ao observar que os franceses torturavam mulçumanos na Argélia, concluiu que os habitantes de qualquer país são capazes de torturar seus semelhantes e que Hitler foi apenas um precursor. Você diria que isso é verdade?

E, finalmente sobre arte:

E afinal, você acha que a arte, isto é, as vozes que nos falam do silêncio da alma do homem, podem substituir o ímpeto religioso e que um museu imaginário pode conter e abranger as cóleras do homem como faziam as catedrais?

Como já mencionamos, nesta época, a França estava em guerra com a Argélia e isto rendeu a Malraux críticas de diversos setores da sociedade. Para o Professor Edson Rosa da Silva, a visita do Ministro teve também por objetivo defender a política gaullista e sua preocupação ficou registrada na entrevista coletiva que deu na Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, a 27 de agosto. Nos seus discursos, ele privilegiou o papel da cultura e da arte em prol da liberdade e da dignidade humanas. E por isso, Edson afirmou ser

inegável que era o romancista da fraternidade e o homem de posições engajadas que os brasileiros queriam encontrar, e não o porta-voz de uma política contestável.²⁶⁹

Esta entrevista coletiva no auditório da ABI foi publicada no jornal *Correio da Manhã* e no *Estado de São Paulo*²⁷⁰. Os jornalistas brasileiros fizeram perguntas sobre arte e religião, heróis, Argélia, torturas, censura, política e psicanálise, respondendo, de certa forma, à *Entrevista imaginária com Malraux*, citada anteriormente. A impressão que o Ministro Francês deixou foi a de

um homem cheio de nervos. Um apaixonado permanente que exprime sua paixão quer fale sobre arte quer sobre política. A dificuldade de entrevistá-lo está menos na rapidez com que fala que na torrente de idéias que exprime, todas importantes, todas essenciais.²⁷¹

As primeiras perguntas foram sobre sua participação na Espanha e na China como o combatente por um ideal que pretendia vangloriar seu potencial heróico, às quais acentuou que era preciso prestar atenção para não misturar os heróis de seus livros com sua vida pessoal, apesar de confessar não existir heróis desinteressados.

Considerado pelo jornalista do *Correio da Manhã* o mais importante crítico de arte contemporânea, ao ser perguntado se a arte substituiria a religião para o homem moderno, Malraux respondeu que

desde que a religião foi um fator preponderante na vida social não existiu arte. Existiu uma expressão posta a serviço de Deus. O grego do século V não tinha idéia de estátua como objeto artístico. Para ele, ou havia um artigo decorativo ou havia um Deus. Na Idade Média também não existiam esculturas. Existiam santos, existiam imagens diante das quais a atitude do homem era de adoração e de prece.

²⁶⁹ SILVA, Edson Rosa da. *André Malraux discours au Brésil – août 1959/Palavras no Brasil – agosto 1959*. Rio de Janeiro: Funarte, 1998, p. 25.

²⁷⁰ MALRAUX EVOCA OS TERRORISTAS RUSSOS PARA JUSTIFICAR O RIGOR NA ARGÉLIA. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28 ago. 1959, p. 5.

²⁷¹ ENTREVISTA COM MALRAUX: ASSUNTO FOI ARTE, HERÓIS, ARGÉLIA, POLÍTICA E PSICANÁLISE. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1959, p. 4.

Ainda sobre esta coletiva, o *Diário de Notícias*²⁷² foi um dos poucos jornais que abordou a entrevista sem mencionar a faceta literária do Ministro e com relativa neutralidade. O jornal explorou, sobretudo, as respostas dadas às perguntas sobre a cooperação econômica franco-brasileira no setor da exploração do petróleo, sobre as torturas ocorridas na Argélia, sobre o Mercado Comum Europeu, sobre a posição da França em relação à Argélia e sobre a existência de censura à imprensa na França.

7.1.4 Escritor e crítico de arte

No discurso em resposta à saudação do Presidente Juscelino Kubitschek, o único de ampla divulgação e comentado por Edson Rosa da Silva, na introdução ao livro *André Malraux discours au Brésil – août 1959/Palavras no Brasil – agosto 1959*, viu Brasília como “a primeira das capitais da nova civilização” e “um dos maiores centros culturais do país”. Embora, como acredita Edson da Silva, que tais previsões não tenham se realizado, o discurso teve grande repercussão porque nele se pode encontrar alguns dos aspectos essenciais do pensamento do escritor.

Naquele momento, a pessoa mais profundamente impressionada pelas palavras do discurso foi com certeza o próprio Presidente:

O Senhor Juscelino Kubitschek ficou de tal forma entusiasmado e comovido com o discurso do Ministro da Cultura da França, considerando que faltava à [sic] Brasília precisamente aquele tratamento de dignidade literária com inequívoca repercussão internacional, que prontamente recomendou a providência de que se cuidasse da publicação de um livreto com o texto do discurso traduzido para diversos idiomas. Essa plaqueta, ainda dentro do plano do Senhor Kubitschek, deverá ser distribuída por todos os países através dos escritórios comerciais de Embaixadas brasileiras.²⁷³

Efetivamente, no mesmo ano, o serviço de documentação da Presidência da República publicou *Brasília na palavra de André Malraux*²⁷⁴, traduzido pelo escritor Otto Lara Resende.

²⁷² MALRAUX: COMÉRCIO DA FRANÇA COM O BRASIL. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1959, capa e p. 13.

²⁷³ OTTO LARA PARA TRADUZIR MALRAUX. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1959, p. 5.

²⁷⁴ BRASÍLIA NA PALAVRA DE ANDRÉ MALRAUX. Rio de Janeiro: Presidência da República, Serviço de Documentação, 1959.

O jornal *Correio da Manhã* publicou a alocução na íntegra, sem, no entanto, tecer comentários, limitando-se a colocar em evidência um trecho final:

Saibamo-nos unir, por um porvir fraterno ainda mais do que por um passado comum. Tivestes razão e não deveis perder a esperança em nós, nas horas mais sombrias, disse o General De Gaulle que recolheu como herança todas as feridas de um país que encontrava novamente, malgrado essas feridas, a linguagem secular da França para lembrar ao mundo que “é o homem que se trata de salvar”. E que a cultura tem duas fronteiras intransponíveis: a servidão e a fome. Que lhe seja dado contribuir para eliminá-las, que lhe seja possível criar uma civilização que se assemelhe a nossa esperança ou que venha a ser a primeira a colocar todas as grandes obras da humanidade a serviço de todos os homens que as almejam.²⁷⁵

Por outro lado, o jornal paulista *O Estado de São Paulo*²⁷⁶ dividiu o discurso em temas e publicou-os com os subtítulos que resumem a exaltação de Malraux diante da grandiosa Brasília: símbolo do desenvolvimento, nova civilização e capital da esperança. Esta última expressão, “capital da esperança”, mantém-se viva até hoje nos dizeres de políticos ao se referirem ao Distrito Federal. Malraux impressionou-se com o fato de Brasília nascer do desejo de um homem, diferenciando-se do processo natural de surgimento das cidades, e cunhou a expressão “Capital da Esperança” para defini-la.

O *Diário de Notícias*²⁷⁷ foi um dos primeiros a colocar em título a expressão, referindo-se a Malraux como “um dos homens mais cultos do Ocidente”. Também publicou na íntegra o discurso de Brasília, dividindo-o nos seguintes temas: audácia x confiança, valor histórico, perspectivas, a sombra de Satã e porvir fraterno.

Na nova capital, o escritor francês viu valorizada a sua concepção artística de que apenas a arte enquanto marca do humano poderia dar alma aos espaços físicos. Neste discurso, Malraux ressaltou a luta da América Latina em defesa da sua cultura e a relação dos homens com a arte. O Professor Edson disse que

²⁷⁵ UMA FOTO COM O PRESIDENTE E O MINISTRO ANDRÉ MALRAUX. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959, p. 8 e últ. pág.

²⁷⁶ MALRAUX EXALTA BRASÍLIA COMO EXEMPLO DE AUDÁCIA E ENERGIA. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1959, capa e p. 6.

²⁷⁷ ANDRÉ MALRAUX EM BRASÍLIA VÊ A CAPITAL DA ESPERANÇA. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959, capa.

André Malraux vê no nascimento dessa nova cidade, prometida à glória da cultura e dos sentimentos mais nobres, uma das metamorfoses possíveis, às quais a arte não pode absolutamente escapar, em virtude de sua íntima relação com os homens e com os tempos. E a valorização do humano e dos sentimentos humanísticos parece-lhe sem dúvida uma forma de vitória contra o destino fatal do homem.²⁷⁸

Alguns jornais valeram-se da presença do escritor no país para relembrar seus testemunhos da arte como antidesestino, ou seja, ela precisa do homem para reviver.²⁷⁹

Na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, Malraux recebeu a condecoração de *Doutor Honoris Causa* e discursou sobre o papel da arte como reveladora da dignidade do homem, exaltando o nascimento de Brasília como um exemplo do progresso dos tempos modernos a serviço da cultura. Este discurso foi publicado no dia 27 de agosto de 1959, no jornal *O Estado de São Paulo*²⁸⁰. O mesmo periódico comentou a visita realizada pelo Ministro ao Museu de Arte Moderna – MAM, durante a qual Malraux demonstrou admiração pela pintura brasileira, e, logo em seguida, sua passagem pela V Bienal de Arte Moderna e da II de Artes Plásticas do Teatro, percorreu demoradamente apenas o pavilhão brasileiro.²⁸¹

Mas não foi apenas pela arte brasileira que o escritor francês manifestou interesse. Quando esteve no Palácio dos Campos Elíseos com o Governador do Estado, quis saber mais sobre a situação econômica de São Paulo, quais as culturas agrícolas mais desenvolvidas no Estado, os problemas suscitados pela industrialização, os efeitos produzidos pela inflação e carência devida, questões que levantou durante o encontro com o Ministro dos Assuntos Culturais da França e o Governador Paulista, Carvalho Pinto.²⁸²

No momento em que terminava a estada em São Paulo, Malraux foi surpreendido por um admirador que, no aeroporto de Congonhas, levou-lhe um exemplar de uma de suas obras para ser autografado, o que fez com uma assinatura muito despretensiosa na contra capa do livro.²⁸³

²⁷⁸ SILVA, *op. cit.*, 1998, p. 19.

²⁷⁹ LETRAS ESTRANGEIRAS: MALRAUX E A OBRA DE ARTE. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 set. 1959, Primeiro Caderno, p. 9.

²⁸⁰ O PROBLEMA DE NOSSA ERA: QUE É O HOMEM, QUE É A CIVILIZAÇÃO. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 ago. 1959, p. 13.

²⁸¹ MALRAUX NA BIENAL. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 ago. 1959, p. 9.

²⁸² MALRAUX INTERESSOU-SE PELA SITUAÇÃO ECONÔMICA DE SÃO PAULO. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1959, p. 6.

²⁸³ UM ÚLTIMO ADMIRADOR. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 ago. 1959, p. 15.

Quando retornou ao Rio de Janeiro, no dia 27, Malraux prestigiou a retrospectiva do cinema francês promovida pelo Museu de Arte Moderna e realizada no cinema Ópera, durante a qual presidiu a premiação especial atribuída pelo júri do Festival: uma placa de ouro a René Clair “por suas obras completas” e outra à Cinémathèque Française, “pelo trabalho em prol da conservação dos filmes”.²⁸⁴ No catálogo do Festival, elaborado pela Cinemateca do Museu, incluiu-se o ensaio malrucciano *Esboço de uma psicologia do cinema* traduzido pela primeira vez para o português.²⁸⁵ Por escolha do próprio Malraux, o filme *Le Million*, de René Clair, foi exibido neste dia. Na ocasião, os jornais referiram-se *en passant* ao Malraux cineasta de *Sierra de Teruel*. De acordo com Jairo Maurício, em sua coluna *Itinerário das artes plásticas*, esta foi uma das únicas oportunidades que o escritor francês teve de um contato mais aproximado com artistas, intelectuais e aficionados pela cinematografia. Ainda naquela semana, anunciou o colunista que

o grande esteta e romancista visitaria a sede do Museu, acompanhado de seus diretores, almoçando depois, exclusivamente com personalidades da vida cultural convidadas pela instituição.²⁸⁶

Na alocução sobre a sétima arte, Malraux ressaltou a importância do cinema como retrato da cultura de um país e teceu elogios ao Festival de Cinema Francês que considerou uma promoção de alto valor artístico e cultural, aplaudindo por isso o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.²⁸⁷

Finalmente, no final da sua estada, no dia 28, conferenciou no auditório do Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro, cujo discurso está também publicado em *André Malraux discours au Brésil/palavras no Brasil*. Foi naquele momento, pelas circunstâncias do local onde se encontrava e do público que o escutava, que o seu papel de crítico de arte e intelectual falou mais alto. Conforme o próprio Malraux reconheceu e os jornais o *Estado de São Paulo*²⁸⁸ e o *Correio da Manhã*²⁸⁹ trataram de divulgar. Malraux aconselhou que o Brasil

²⁸⁴ MALRAUX NA RETROSPECTIVA AMANHÃ. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1959, Segundo Caderno, p. 3.

²⁸⁵ MALRAUX HOJE NO FESTIVAL DO MUSEU DE ARTE MODERNA. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1959, p. 4 e últ. pág..

²⁸⁶ MAURICIO, Jairo. André Malraux no Museu de Arte Moderna. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1959, Segundo Caderno, p. 2.

²⁸⁷ HISTÓRIA DO CINEMA FRANCÊS. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1959, p. 3.

²⁸⁸ MALRAUX: O BRASIL DEVE CRIAR SUA PRÓPRIA CULTURA. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 29 ago. 1959, p. 5.

²⁸⁹ NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, MALRAUX FOI HOMENAGEADO E FEZ CONFERÊNCIA. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1959, p. 3.

não se deixasse impor por outras culturas, pois

de fato, ou os países que têm afinidades tentarão com liberdade e igualdade tornar a cultura comum entre si pela livre escolha, ou tais países hão de se arrastar tristemente atrás de outros grandes países bem sucedidos, porque a cultura se escolhe e não se impõe.²⁹⁰

Neste encontro Malraux insistiu na idéia de que nossa civilização é a primeira a questionar a cultura como fonte de nobreza e afirmou que “o objeto da cultura é a descoberta do elemento invulnerável do homem e daquilo que pode fundamentar sua grandeza”, além de retomar o que tinha dito em Brasília sobre os meios de comunicação como difusores de obras de arte.

7.1.5 Repercussões

Muitos anos se sucederam à visita de Malraux e seus discursos continuam sendo objeto de estudo. Em abril de 1998, como mencionamos anteriormente, o maior malruciano brasileiro, Edson Rosa da Silva, traduziu e publicou em edição bilíngüe os discursos proferidos no Rio de Janeiro: na chegada e no Ministério da Educação e Cultura; em Brasília: no Senado; e em São Paulo: na Universidade de São Paulo. *André Malraux discours au Brésil/Palavras no Brasil – août 1959/agosto 1959* foi lançado na 15ª Bienal de São Paulo, ao mesmo tempo em que a tradução do romance *A Condição Humana* e da biografia *Assinado, Malraux* estavam sendo publicados.²⁹¹

Mesmo após sua partida do Brasil, o escritor francês foi assunto do *Jornal de Letras*, do Rio de Janeiro, que recordou que Malraux foi o grande responsável pela chegada da obra de Jorge Amado à França.

Cabe lembrar também aqui que graças a esse escritor foi Jorge Amado lançado há 20 anos na França. Entusiasmado pela leitura de “Jubiabá”, aconselhou Malraux à Gallimard a publicação daquele romance.²⁹²

²⁹⁰ SILVA, *op. cit.*, 1998, p. 59.

²⁹¹ TRÊS VEZES MALRAUX. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 abr. 1998, sup. lit. Mais!, p. 5.

²⁹² MALRAUX NO BRASIL. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, set. 1959, capa.

Anos mais tarde, na sessão do dia 3 de novembro de 1988, a Academia Brasileira de Letras comemorou o vigésimo primeiro aniversário da eleição de André Malraux como sócio-correspondente da ABL e o Acadêmico Austregésilo de Athayde referiu-se ao episódio da visita de Malraux dizendo:

Transcorre hoje, mais um aniversário da integração de André Malraux como sócio-correspondente da Academia Brasileira de Letras. Não há muitas razões para que façamos celebrações dele, não que não tenha sido um grande vulto, criador do Ministério de Cultura na França, grande escritor, mas porque deu pouca importância à Academia Brasileira. Veio aqui, foi eleito sócio-correspondente. Fiz-lhe a comunicação e ele nunca respondeu. Não teve esse gesto pela honraria que lhe concedíamos naquele momento.²⁹³

Sabemos que Malraux nunca foi um escritor com pretensões acadêmicas. Como exemplificado em outro momento deste trabalho, no depoimento de Victoria Ocampo²⁹⁴, ele recusou vários convites para ingressar entre os imortais franceses com a simples justificativa de não encontrar razão para aceitá-lo.

Na mesma ocasião comemorativa, o senhor Austregésilo solicitou ao Acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco que dissesse algumas palavras sobre o escritor francês, já que fora ele quem o recebera quando da visita ao Senado, em Brasília, em 1959. Sendo assim, disse Afonso Arinos:

Senhor Presidente, Malraux está num daqueles álbuns da *Pléyade* ao lado de Proust e de outros grandes escritores. Ali estão descritas a vida dele, como combatente e lutador, homem de guerra e a parte criativa literária que parece fundamental. Sou pouco conhecedor da obra de Malraux. Conheci-o pessoalmente. Quando ele passou pelo Congresso, pediram-me que o saudasse. Esteve em Brasília. Não me lembro bem se foi na Câmara ou no Senado. Posso exprimir-me razoavelmente em francês. Ele agradeceu muito. Foi uma cena muito cordial. Mas nunca me deu importância alguma.²⁹⁵

²⁹³ VIGÉSIMO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA ELEIÇÃO DE ANDRÉ MALRAUX. *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, vol. 156, p.265-267, Anais de 1988, jul-dez..

²⁹⁴ OCAMPO, *op. cit.*, 1976, p. 18.

²⁹⁵ *Ibidem*, p. 265.

Vinte anos depois, a visita de Malraux ainda seria analisada por Fernando Henrique Cardoso²⁹⁶, no prefácio que escreveu à obra de Edson Rosa da Silva onde estão reunidos os discursos de Malraux. Em análise isenta do calor do entusiasmo do momento, que motivou muitos comentários apresentados anteriormente, Fernando Henrique Cardoso considerou que os discursos não cumpriram apenas formalidades, mas celebraram o pensamento e as reflexões causaram forte impressão nos intelectuais brasileiros da época. Para o ex-Presidente do Brasil, Malraux foi um dos poucos visitantes que soube entender o nosso país e compreender que uma nova civilização, capaz de confiar em si mesma, estava sendo construída aqui, refletida nas formas arrojadas da arquitetura e urbanismo de Brasília.

O grande impacto causado pelos discursos não se explica apenas porque Malraux alimentou a autoconfiança e otimismo brasileiros com suas análises e comparações das formas arquitetônicas da nova capital com as da Grécia antiga, lembrando que “os monumentos estão a serviço do espírito”. Mas porque Malraux expressou alguns dos desafios que as sociedades da época estavam enfrentando, como a infantilização cultural produzida pelos meios de comunicação, antecipou um dos principais dilemas da globalização que através do processo de mundialização da cultura faz com que cada civilização seja ela própria, salientou a necessidade de, naquele momento de pós-guerra, as sociedades se esforçarem para alcançar um sonho, um ideal.

Ao contrário do que alguns críticos comentaram, para Fernando Henrique Cardoso o fato de Malraux ter sido político e escritor, intelectual e combatente ao mesmo tempo, possibilitou-lhe “compreender e falar sobre as angústias e esperanças de nosso tempo.”

Em todos os jornais que se dedicaram aos cinco dias da permanência de Malraux no Brasil, ficou nítido que mais do que o Ministro, os brasileiros queriam ver e ouvir o escritor, autor de obras por eles bem conhecidas: *La Condition humaine*, *L'Espoir*, *Les Conquérants*, *Le temps du mépris*. Por força das circunstâncias, foi o Ministro da Cultura do Governo de Charles De Gaulle que eles mais ouviram, já que foi este o papel que Malraux veio desempenhar.

Se literariamente não é fácil agradar a gregos e troianos, politicamente torna-se ainda mais difícil, sobretudo quando se faz parte de um governo comandado por uma personalidade de direita e que estava vivendo uma crise internacional, acusado de torturas na Guerra contra a Argélia.

²⁹⁶ CARDOSO, Fernando Henrique. Pref. a SILVA, Edson Rosa da. *André Malraux discours au Brésil – août 1959/Palavras no Brasil – agosto 1959*. Rio de Janeiro: Funarte, 1998, p. 9-11.

Contudo, não resta dúvida que a acolhida brasileira foi suficientemente calorosa, deixando uma excelente impressão no francês que, apesar de tudo, nunca mais retornou ao nosso país.²⁹⁷

7.2 A voz que silenciou - 1976

Um dos faróis da nossa época e do nosso país se apaga, depois de ter iluminado, durante meio século, com uma luz fulgurante, os caminhos da ação, da arte e do pensamento.
 Françoise Giroud²⁹⁸,
 23 de novembro de 1976

Em novembro de 1976, uma vez mais, as atenções voltaram-se para Paris. Tanto no Brasil como na Espanha, os meios de comunicação se mobilizaram para cobrir as últimas semanas de Malraux e expressaram, com emoção, o seu desaparecimento, confirmando a premissa de que ele era um dos espíritos mais universais da época. Muitas foram as manifestações de apreço e admiração, e tanto na França quanto no Brasil e na Espanha, a morte de André Malraux foi recebida com grande pesar e a ela dedicadas honras de Chefe de Estado. No Consulado da França, no Rio de Janeiro, a bandeira francesa foi içada a meio-pau.

Antes disso, Malraux foi internado devido a uma infecção pós-operatória, operação realizada em agosto do mesmo ano por causa de uma congestão pulmonar. As notícias chegaram de Paris informando o estado de saúde do ex-ministro francês, como a que pode ser lida na nota “André Malraux hospitalizado”²⁹⁹, no dia 18 de novembro, publicada no jornal *O Globo*.

Naquele mesmo dia, como correspondente em Paris do jornal espanhol *El País*, Feliciano Fidalgo, que acompanhava os fatos de perto, relatou com detalhes a penúltima internação do escritor em um hospital parisiense, colocando o leitor espanhol a par do histórico da frágil saúde de Malraux que “desde hace ya varios años, ha pasado por altos y bajos más o menos inquietantes”.

²⁹⁷ ANÁLISE: MALRAUX E JK. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1959, p. 6.

²⁹⁸ CHABROL, Arlette. Uma luz da nossa época. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1976, sup. lit. Caderno B, p. 2.

²⁹⁹ ANDRÉ MALRAUX HOSPITALIZADO. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 nov. 1976, p. 19.

O artigo termina afirmando que

con el filósofo y escritor, Jean Paul Sartre, aunque con trayectorias humanas y literarias divergentes, Malraux forma el *tandem* vivo de *monstruos* de las letras galas.³⁰⁰

Os boletins médicos eram diários. No dia 19 de novembro, o mesmo jornal brasileiro *O Globo*³⁰¹, esperançoso de uma rápida melhora do escritor, anunciou que em breve ele poderia ter alta, pois estava reagindo bem ao tratamento à base de antibióticos. De fato, como confirmou Reali Jr.³⁰², correspondente de *O Estado de São Paulo* em Paris, inicialmente, os boletins médicos eram animadores.

Ninguém esperava que esta fosse a última internação de Malraux, apesar do seu estado de saúde estar necessitando de atenções, pois ele produzira intensamente nos dias que antecederam a sua internação como se soubesse quem venceria esta batalha.

Infelizmente a esperança foi frustrada com a posterior notícia do porta-voz do hospital parisiense, declarando que o estado do escritor havia piorado e que não se podia fazer mais do que facilitar a sua morte.

A partir deste momento os meios de comunicação nacionais e internacionais referiram-se infatigavelmente a André Malraux. Os jornalistas foram tomados de uma comoção geral e não permitiram, em momento algum, que a imagem e as ações de Malraux desaparecessem com ele. Os comentários, relatos e testemunhos sobre a biografia e as obras se repetiram nos jornais. Leu-se diariamente resumos que relembrou: o prêmio *Goncourt*, conquistado com *La Condition humaine*, a sua participação na Guerra Civil Espanhola, na II Guerra Mundial e no governo de De Gaulle, primeiro como ministro de Informação e por último como ministro da Cultura.³⁰³

Como nunca antes havia acontecido com Malraux, os que sempre o apoiaram e os que desconfiavam de suas tomadas de posição política juntaram-se para render homenagem àquele que não pensou em política quando foi para pedir solidariedade e respeito à dignidade do homem.

³⁰⁰ FIDALGO, Feliciano. Hospitalizado por congestión pulmonar. Ligera mejoría de André Malraux. *El País*, Madri, 18 nov. 1976, p. 24.

³⁰¹ ANDRÉ MALRAUX PODE TER ALTA EM TRÊS DIAS. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 nov. 1976, p. 17.

³⁰² REALI JR. A morte na própria casa, o desejo que não foi cumprido. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 nov. 1976, p. 13.

³⁰³ EFE. Se agrava el estado de salud de Malraux. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 23 nov. 1976, p. 5.

O jornal *O Estado*, de Florianópolis, preparou os admiradores de Malraux para o pior. Advertiu os leitores de que o relatório médico anunciara que o escritor poderia morrer dentro de alguns dias ou de algumas horas, pois, em função da embolia pulmonar, ele estava respirando por meios mecânicos e já não havia esperanças de salvá-lo.³⁰⁴

Como o estado de saúde era grave, Feliciano Fidalgo, para quem *Le Musée imaginaire* foi a obra mais célebre da época em que Malraux estava ligado ao General francês, preferiu antecipar comentários sobre a biografia, principalmente, e a obra do francês, elencando os principais atos da vida do escritor:

el autor de *La Condición humana*, el aventurero permanente, el hombre de la *gran marcha* en China, el comandante de la aviación “roja” en la Guerra Civil española, el coronel Berger de la resistencia, el ministro de la cultura de De Gaulle.³⁰⁵

No dia 23 de novembro, às 9 horas e 36 minutos (hora local), a voz silenciou aos 75 anos de idade. André Malraux teve uma morte tranqüila, serena e digna no hospital Henri Mondor, em Créteil, nos arredores de Paris, tendo sido assistido por Sophie de Vilmorin, sobrinha de Louise de Vilmorin, sua última companheira, falecida em 1969.

Esse anúncio só fez aumentar a comoção geral e as declarações de admiração e reconhecimento. Como pode-se ler no jornal *Mundo Diário*, de Barcelona: “una de las figuras más apasionantes en lo que va de siglo”.³⁰⁶

Foi André Vilmorin, irmão de Louise, que ao sair do hospital muito emocionado, quando o escritor já havia falecido, quem informou os jornalistas que o corpo seria trasladado para a última residência de Malraux, em Verrières-le-Buisson.

Jornais brasileiros do Rio de Janeiro e de São Paulo informaram os leitores sobre a cerimônia e o local do enterro em notas: “Malraux será sepultado em seu jardim”³⁰⁷ e “Só os amigos íntimos foram à despedida final de Malraux”.³⁰⁸ Por desejo expresso do escritor, a cerimônia de sepultamento foi simples e contou apenas com a participação de familiares e de

³⁰⁴ MALRAUX PASSA MAL. *O Estado*, Florianópolis, 23 nov. 1976, p. 2.

³⁰⁵ FIDALGO, Feliciano. El domingo sufrió una embolia pulmonar André Malraux, en extrema gravedad. *El País*, Madrid, 23 nov. 1976, p. 21.

³⁰⁶ FRANCIA: A LOS 75 AÑOS DE EDAD. HA MUERTO ANDRÉ MALRAUX. *Mundo Diário*, Barcelona, 24 nov. 1976, p. 8.

³⁰⁷ MALRAUX SERÁ SEPULTADO EM SEU JARDIM. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1976, p. 1.

³⁰⁸ SÓ OS AMIGOS ÍNTIMOS FORAM À DESPEDIDA FINAL DE MALRAUX. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 nov. 1976, p. 25.

cinquenta amigos mais próximos.³⁰⁹ Durante a cerimônia, sem discursos nem orações, os convidados depositaram rosas vermelhas sobre o caixão. Neste local, Malraux permaneceu enterrado ao lado da sua última companheira, Louise de Vilmorin, até 1996, quando então foi trasladado para o Panthéon, em Paris.

O Governo francês, por sua vez, realizou uma cerimônia pública em honra a Malraux, no Museu do Louvre, na famosa colunata Perrault, da qual participaram cerca de doze mil pessoas, entre elas o então Presidente Valéry Giscard d'Estaing e membros do Gabinete. O Primeiro-Ministro Raymond Barre foi o orador oficial da homenagem que ressaltou a importância da obra literária deixada por Malraux e citou a consternação que o seu desaparecimento causara na China e na Espanha.³¹⁰

Não surpreende que a França tenha sido o país que mais se comoveu com o desaparecimento do escritor, contribuindo para isso, a maneira como foi dada a notícia ao povo francês mostrou que quem acabara de morrer era alguém muito especial: “Todas as rádios do país interromperam imediatamente seus programas para comunicar a morte do escritor, uma das glórias da França (...)”.³¹¹

O jornal *La Vanguardia Española*, quando se confirmou o falecimento, publicou uma pequena nota informativa, lamentando a perda de um dos homens mais insígnies da França.³¹² Neste mesmo tom, o jornal brasileiro *O Estado* publicou dois artigos intitulados “Malraux. Um ativo anti-fascista”³¹³ e “Malraux”³¹⁴, informando o ocorrido.

Como geralmente acontece com um desaparecimento tão significativo, títulos como “Malraux, o herói inquieto”³¹⁵, “Herói de nosso tempo, soube conciliar ação e pensamento”, “Malraux, el penúltimo gigante”, “Un gigante del siglo XX. Ha muerto Malraux” são apenas alguns exemplos das declarações públicas de admiração e carinho. Para Frederico Branco, a disposição de Malraux de tentar transformar em consciência a mais vasta experiência possível

lhe confere, de direito, a posição de herói de nossa era, que bem poderia ter por epitáfio as palavras de desafio final que pôs nos lábios de seu personagem Vincent Berger: “Se eu tivesse de escolher outra vida, escolheria a minha”.³¹⁶

³⁰⁹ NO ENTERRO DE MALRAUX, SÓ A FAMÍLIA E AMIGOS. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 nov. 1976, p. 22.

³¹⁰ HOMENAGEM A MALRAUX REÚNE 12 MIL NO LOUVRE. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 nov. 1976.

³¹¹ MORRE MALRAUX, UM ESPÍRITO UNIVERSAL. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1976, p. 18.

³¹² HA MUERTO ANDRÉ MALRAUX. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 24 nov. 1976, p. 1.

³¹³ MALRAUX. UM ATIVO ANTI-FASCISTA. *O Estado*, Florianópolis, 24 nov. 1976, p. 2.

³¹⁴ MALRAUX. *O Estado*, Florianópolis, 24 nov. 1976, p. 4.

³¹⁵ MALRAUX, O HERÓI INQUIETO. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1976, p. 35.

³¹⁶ BRANCO, Frederico. Herói de nosso tempo, soube conciliar ação e pensamento. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 nov. 1976, p. 12.

O *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, foi mais efusivo e dedicou duas páginas inteiras do *Caderno B* ao escritor. O primeiro artigo, “André Malraux 1901-1976”³¹⁷ transmitiu a notícia do falecimento e relatou as primeiras reações do país frente ao ocorrido: a Rádio Francesa interrompeu sua programação e passou a transmitir música clássica, a UNESCO emitiu um comunicado de pêsames e destacou a contribuição de Malraux para o entendimento entre os povos, o rei Hassan do Marrocos, em visita oficial a Paris, transmitiu os pêsames ao Presidente Giscard d’Estaing.

O segundo artigo, intitulado “O testemunho da condição humana”³¹⁸, transcreveu o testemunho de Malraux sobre alguns assuntos que o interessavam como: De Gaulle, a França, o nacionalismo, a Europa, a morte, o heroísmo. Finalmente, o terceiro artigo, da correspondente na França, Arlette Chabrol³¹⁹, apresentou o testemunho emocionado daqueles que conviveram e trabalharam com o escritor falecido. Na última página, está o texto biográfico “Desta vez a morte compareceu ao encontro”, de Marcos Santarrita³²⁰, que relembrou os principais acontecimentos daquela vida tumultuada.

Outros jornais espanhóis importantes, tanto de Madri como de Barcelona, também anunciaram a morte do escritor em longas reportagens. *El País* considerou-o um dos maiores e mais legendários escritores franceses vivos, uma das vidas mais intensas do século, uma das cabeças mais lúcidas da França e um dos grandes transformadores da cultura francesa.

Ao aproximá-lo de Camus, Sartre, Mauriac, Montherlant e Valéry, o jornal ressaltou que apesar de serem da mesma época ou de terem colaborado para a formação da cultura francesa, a diferença entre eles era a de que Malraux

fue una extraordinaria mezcla de militante, aventurero, político e intelectual: gran intérprete de su tiempo, combatió en tres guerras (China, España y la segunda mundial), y fue prisionero de los nazis, líder del extremismo izquierdista, ministro de De Gaulle y gran definidor de la cultura y del arte hasta su muerte.³²¹

³¹⁷ ANDRÉ MALRAUX 1901-1076. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1976, Caderno B, p. 2.

³¹⁸ O TESTEMUNHO DA CONDIÇÃO HUMANA. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1976, sup. lit. Caderno B, p. 2.

³¹⁹ CHABROL, *op. cit.*, 1976, p. 2.

³²⁰ SANTARRITA, Marcos. Desta vez a morte compareceu ao encontro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1976, sup. lit. Caderno B, p. 10.

³²¹ UN GIGANTE DEL SIGLO XX. HA MUERTO MALRAUX. *El País*, Madri, 24 nov. 1976, p. 1.

As facetas malrucianas citadas acima foram destacadas por escritores, jornalistas e admiradores. Por exemplo, Juan Ramon Masoliver comentou as aventuras de Malraux no Ocidente e algumas de suas obras. Para o crítico, Malraux foi um autobiográfico, um

gran testigo y actor de nuestro revuelto siglo que intentó una metafísica: de su impar conocimiento de la vida con el socorro de su nueva erudición contemplar lo mucho que puede el hombre, para poder preguntarse luego quién es.³²²

Mesmo não agradando a muitos, o intelectual engajado que influenciou uma geração foi admirado quase que por unanimidade.

Em artigo, já citado, Baltasar Porcel³²³ homenageou o recente desaparecimento transcrevendo uma frase pronunciada por André Malraux numa entrevista à revista francesa *L'Express*, três semanas antes de falecer. A declaração era o retrato do próprio Malraux: cheio de controvérsias, de misturas incitantes e controvertidas. Havia cinco anos, o escritor tentara, através de Max Aub, entrevistar Malraux. Porém, por indefinições e incompatibilidade de datas, foi impossível realizar o encontro. Fato que o jornalista espanhol lamentou, apesar de não ser um admirador do francês. Contudo, Malraux o fascinava pela “figura de intelectual que representa, la doblada en hombre de acción, en aventurero incluso.” Para ele, Malraux foi o último ou um dos grandes monstros da literatura francesa, de quem não se deve falar bem ou mal do que realizou, deve-se falar sobretudo da obra e do itinerário da sua vida.

Outro espanhol, Rafael Conte³²⁴, num texto emocionado, “Varias vidas en una”, escreveu praticamente uma homenagem ao escritor francês, para dizer que considerava Malraux um escritor fabuloso, “un fenómeno que desborda lo específicamente literario”, que escreveu a história do século XX entremeada com ficção para assim melhor explicá-la. Analisou brevemente alguns personagens malrucianos, mas, sobretudo apresentou um romancista inteiramente ligado aos acontecimentos históricos, um crítico que se afastou da sua intimidade para aproximar-se da Humanidade.

E quando não estava tratando do destino dos homens, era da arte que ele se ocupava. O escritor acabara de publicar o último volume da série *Les méthamorphoses des Dieux* –

³²² MASOLIVER, Juan Ramon. Malraux, vida de (o/en) un siglo. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 24 nov. 1976, p. 31.

³²³ PORCEL, *op. cit.*, 1976, p. 8.

³²⁴ CONTE, Rafael. Varias vidas en una. *Cuadernos para el dialogo*, Madri, 4-10 dez. 1976, nº 188, p. 56-58.

L'Intemporel, que se tratava de uma visão particular sobre a arte. No entanto, a doença não lhe tinha permitido entregar ao editor um ensaio sobre a literatura, *L'homme précaire et la littérature*, que teve seu lançamento póstumo.

O correspondente em Paris do jornal *O Estado de São Paulo*, Gilles Lapouge, assinou o artigo “E a condição humana dita seu último capítulo: morre Malraux”, no qual procurou sintetizar “em um só mistério, o do Absoluto” as tantas existências contraditórias de Malraux, indistintas em meio a tantas vozes. O homem que sempre se considerou agnóstico, sendo que para ele todo pensamento agnóstico só pode ser um pensamento interrogador, questiona Lapouge,

não terá tido ele, exatamente, sempre Deus como parceiro? Dito de outra forma, Malraux procurou sempre preencher esse “vazio de Deus” com outras formas de Absoluto, procurando transcender sua condição individual.³²⁵

Nesta mesma edição, Lourenço Dantas Mota, autor de *André Malraux no caminho das tentações*³²⁶, uma breve biografia que aborda os três temas principais do autor: a aventura, a história e a arte, escreveu o artigo “O fim da busca do absoluto leva-o a uma teologia da arte”, onde fez uma cronologia da reflexão malruciana. Retomando a questão do absoluto, abordada por Gilles Lapouge, Lourenço Dantas Mota disse que a procura de uma justificação para a existência começou na História como objeto de reflexão. A partir do momento em que Malraux passou a atuar na História ao lado de De Gaulle, ou seja, transferindo a ação individual para a coletiva, foi a arte que se tornou central nas suas reflexões, a tal ponto que ele praticamente a elevou ao nível de uma certa religiosidade.

E finalmente, o crítico parece encontrar uma resposta para tamanha comoção:

Malraux talvez comova principalmente porque - como ele sempre diz - mais importante que a Liberdade e a Igualdade, é a Fraternidade. Essa “fraternidade viril” que nunca o abandonou em suas andanças em busca do Absoluto.³²⁷

³²⁵ LAPOUGE, Gilles. E a condição humana dita seu último capítulo: morre Malraux. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 nov. 1976, p. 12.

³²⁶ MOTA, Lourenço Dantas. *André Malraux no caminho das tentações*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982. Col. Encanto Radical, nº 10.

³²⁷ MOTA, Lourenço Dantas. O fim da busca do absoluto leva-o a uma teologia da arte. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 nov. 1976, p. 12.

A morte do escritor despertou no autor de “Al margen. De inmortales”³²⁸ sua revolta contra a Academia Sueca encarregada de nomear o ganhador do prêmio Nobel de Literatura por nunca ter entregue este título a Malraux, sempre com uma desculpa para não fazê-lo. Por esta razão e, principalmente, neste momento, o crítico supunha que o “ilustrado” grupo de acadêmicos estava “pasando màs que mal”. Várias e variadas foram as justificativas encontradas para retardar tal nomeação: ora políticas, ora ideológicas. Com o falecimento do escritor, não há mais maneira de esperar o momento certo.

Malraux passou, então, a fazer parte da lista dos “não-nobelizados”, o que para o jornalista, “tampoco es pequeño deslíz. Aunque no demasiado grave”, já que nesta outra lista figuram também nomes importantes da literatura mundial.

Mas não foram apenas manifestações individuais que surgiram na Espanha e no Brasil. Poucos meses depois, o Instituto Francês de Madri homenageou o recente desaparecimento de Malraux em um ato que contou com a presença do escritor Jean Lacouture, vindo especialmente de Paris para participar do evento e que com a morte do escritor passou a ser uma das pessoas mais solicitadas a falar sobre ele.

Lacouture declarou, antes de embarcar, que Malraux foi um dos poucos escritores que se interessou e trouxe para a França informações do mundo exterior, especialmente da Ásia e da Espanha. Até então, a obra biográfica que Lacouture dedicou a Malraux, *Une vie dans le siècle*, era considerada a melhor sobre o assunto. Atualmente, já existem outras obras biográficas de igual importância. Em uma entrevista para a jornalista Any Bourrier³²⁹, o biógrafo confessou que inicialmente ele pretendia escrever um livro sobre François Mauriac, mas o editor norte-americano achou que o leitor dos Estados Unidos se interessaria mais por Malraux. Foi a partir daí que Lacouture, que já conhecia o escritor e identificava-se com ele, começou a pesquisa que daria origem ao livro. Falou também sobre os contatos que teve com Malraux para a redação da biografia, da influência que exerceu sobre a sua geração, da adesão ao gaullismo e da influência das mulheres na sua vida.

Outro escritor esperado no Instituto Francês de Madri, mas que por motivos de saúde não pôde comparecer à homenagem, foi o espanhol José Bergamín. Apesar disso, se fez presente através de uma mensagem que enviou para que fosse lida:

³²⁸ AL MARGEM. DE INMORTALES. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 25 nov. 1976, p. 49.

³²⁹ BOURRIER, Any. André Malraux – Uma vida no século. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 nov. 1976.

Ni Dios, ni el diablo, ni, tal vez, Malraux han querido que yo os hable esta noche. Gracias, entonces, a los señores, con mi involuntaria ausencia os envío mi silencio: un silencio que corresponde al suyo: después de más de cuarenta años que los dos, entre silencio y ausencias, dialogamos juntos.³³⁰

No Brasil, o Presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde, que conheceu pessoalmente Malraux em sua visita ao nosso país, prometeu dedicar uma parte da sessão na ABL em memória do escritor francês.³³¹

Além da literatura e da arte, surgiram alguns comentários sobre a importância política que Malraux exerceu quando estava no cargo de Ministro da Cultura do governo de De Gaulle.

Na Espanha, um dia após o falecimento, *La Vanguardia Española* publicou o artigo de Jaime Arias sobre a relação entre Malraux e Charles De Gaulle, o escritor e o presidente. Aqui, Arias confirmou a amizade que se estabeleceu entre os dois, que se definia por admiração e respeito. Esta relação foi muito criticada e, inclusive, incompreendida pela grande maioria esquerdista. O jornalista espanhol conseguiu explicar a razão que levou um esquerdista e um direitista a atuarem juntos durante tantos anos. Foi, principalmente, porque ambos tinham uma forte idéia de patriotismo e, baseado nesta ideologia, nasceu o binômio De Gaulle-Malraux.

El hombre de acción que había en Malraux encontró en aquel héroe el mejor motivo de supervivencia, de la misma manera que el intelectual que había en De Gaulle veía en su amigo, al artista que había de perpetuar su gloria.³³²

Malraux teve muitos admiradores em vida. Porém, foi talvez na Espanha que ele deixou marcas mais profundas. Como já mostramos, a Guerra Civil Espanhola foi uma luta do povo pelo povo e Malraux dela participou intensamente. Ele utilizou todas as armas que estavam ao seu alcance para ajudar os espanhóis: metralhadoras, palavras e imagens. Por isso que, mesmo terminada a guerra, ele nunca esqueceu a Espanha. Tal relação pode ser vista nas palavras daqueles que estiveram com Malraux em solo espanhol.

³³⁰ LACOUTURE: “MALRAUX FUE UNO DEPOSITARIO DE CIVILIZACIONES”. ACTO EN MEMORIA DEL FALLECIDO ESCRITOR. *El País*, Madri, 22 jan. 1977, p. 19.

³³¹ FALAM OS AMIGOS NO RIO. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1976, p. 18.

³³² ARIAS, Jaime. Junto a De Gaulle. El héroe y el artista. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 24 nov. 1976, p. 31.

O catalão Jaume Miravittles³³³ conviveu com ele durante a Guerra Civil Espanhola e testemunhou o apego do escritor francês pela Catalunha e pelo seu povo. Apesar de Malraux não ter sido “catalanista”, ele se interessou pelo desenvolvimento cultural da região e manteve relações de amizade com figuras catalãs ilustres. Malraux, enquanto Ministro dos Assuntos Culturais, participou diretamente da reabilitação do monastério de Cuixà³³⁴, em 1952.

Outro episódio que contou com a colaboração do então Ministro da Cultura da França e relatado por Miravittles foi a ajuda financeira enviada a Carmen Companys, viúva de Lluís Companys, presidente da Catalunha fuzilado em 1940, em Barcelona, que estava passando por necessidades financeiras.

Jaume Miravittles foi o responsável em informar André Malraux dos problemas que estavam acontecendo. Através de cartas, ele escrevia ao ministro pedindo ajuda e foi sempre atendido.

Também um leitor de *La Vanguardia Española*, Fernando Gutierrez³³⁵, deu seu testemunho sobre Malraux. Conheceu-o através de um amigo, que o aconselhou a ler *La Condition humaine*, pois esta, segundo o amigo, “pone en claro muchas cosas que nosotros tenemos todavía en turbio”. O segundo encontro com o escritor francês foi através de *Les voix du silence*. Fernando Gutierrez analisou a obra dizendo que Malraux, “como un iluminado”, escutou as vozes do silêncio, da obra dos homens para aproximar-se de Deus. As vozes do silêncio revelaram a Malraux a alma da obra de arte. Com o falecimento do escritor, as vozes retrocedem ao silêncio, disse Fernando Gutierrez, mas fica “la condición humana del silencio que él oyó y la humana condición de sus voces.”

Um outro artigo homenageou o escritor francês com um texto de tom pessoal, onde revelou sua admiração e amizade, além de oferecer informação sobre o comportamento e fatos da vida de Malraux, definindo-o como um homem que procurava a ação com ferocidade. O autor deste artigo, que apenas se identificou como “Spectator”, foi um grande admirador e conheceu pessoalmente André Malraux quando este esteve em Barcelona, durante a Guerra Civil Espanhola.

Relatou também que durante sua vida teve oportunidade de conhecer personalidades relevantes da atualidade internacional, mas foi Malraux quem “ha dejado una huella más

³³³ MIRAVITLLES, Jaume. Su amor a Cataluña. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 24 nov. 1976, p. 30.

³³⁴ HISTÒRIES DE CATALUNYA. ESPAIS DE LA SERIE – SAN MIQUEL DE CUIXÀ. Disponível em: <<http://www.tvcatalunya.com/historiesdecatalunya/espais/esp102923746.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2006.

³³⁵ GUTIERREZ, Fernando. Aliados ejemplares. Malraux, o el silencio de las voces. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 26 nov. 1976, p. 8.

profunda en mi [su] recuerdo”. Impressionava-se com o fato de Malraux, aos 19 anos de idade, ter escrito um livro ilustrado pelos grandes pintores da época: Picasso, Braque, Leger e Derain.

Ao contrário de Fernando Gutiérrez, para “Spectator” o primeiro contato com o escritor deu-se através de *Les Conquistadores*. Após uma leitura devoradora do livro, o leitor espanhol manifestou seu interesse em traduzi-lo para o catalão. Mas, mesmo tendo recebido uma resposta positiva do editor, por motivos pessoais, não pôde colocar o projeto em prática.

Foi a Guerra Civil Espanhola que transformou o francês em “verdadero amigo” do Espanhol e, a partir de então, mantiveram contato. Enquanto Malraux permaneceu em Barcelona, encontraram-se freqüentemente. Porém, o autor do artigo não esclareceu sua função ao lado da equipe de Malraux, mencionando apenas que Malraux e seus colaboradores almoçavam no restaurante

La Puñalada, prácticamente incautado por mis servicios, para recibir a los huéspedes que visitaron España y Barcelona procedentes de todos los rincones del mundo.³³⁶

Referiu-se também ao seu “despacho del Comissariat”. De acordo com as descrições, o contato entre ambos era realmente grande, pois foi capaz de oferecer detalhes da filmagem e produção do único filme dirigido por Malraux. Impressionava-se com a erudição, com a semântica, com os monólogos “fabulosos” e com a memória do Francês.

Com o subtítulo “Perseguido por la desgracia”, “Spectator” relatou alguns fatos trágicos da biografia malruciana, como o suicídio do pai, o fuzilamento do irmão, o acidente de Josette Clotis e dos dois filhos, Gauthier e Vincent. Tudo isso para justificar o sentido trágico da vida que encarnava. “Todas las personas a su alrededor murieron antes de él y muchas de ellas en circunstancias trágicas.”

Terminou dizendo que esta foi a segunda morte de André Malraux, sendo a primeira algum tempo antes, deixando como resultado da experiência da morte a obra *Lazáre*.

O título deste artigo, “Malraux, el penúltimo gigante”³³⁷, é revelador da admiração do jornalista. “Gigante”, assim o definiu, como também definiu o que significa ser gigante: um

³³⁶ SPECTATOR. Malraux y el sentido tragico de la vida. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 24 nov. 1976, p. 30.

³³⁷ MALRAUX, EL PENÚLTIMO GIGANTE. *El País*, Madri, 5 dez. 1976, p. 18.

grande homem, um símbolo vivo de um tempo histórico, um ser lúcido e iluminado capaz de romper com os valores herdados e mudar o curso das coisas. E como condição final para ser um gigante, é preciso ter um caráter legendário e uma vertente mística.

Quando estive no Brasil, em agosto de 1959, Malraux fez amizades com personalidades do mundo intelectual e político, algumas das quais foram ouvidas pelo jornal *O Globo*. Luiz Forjaz Trigueiros, diretor da Editora Nova Fronteira, que em 1988 publicaria em português *La Voie royale*, comentou algumas características das obras e do homem Malraux que tanto impressionaram a sua geração. E finalmente, a senhora Sara Kubitschek falou em nome do seu marido, grande amigo de Malraux. Segundo ela,

Juscelino, se estivesse vivo, choraria ao receber a notícia de sua morte, porque além de uma amizade profunda, persistiu sempre entre eles uma afinidade: a compreensão dos problemas angustiantes do mundo e a salutar eficácia do perdão.³³⁸

Em 1976, Malraux já não estava mais atuando publicamente. Contudo, seu nome e suas atitudes continuavam vivos na memória dos franceses, espanhóis e brasileiros.

7.3 A conquista da eternidade - 1996

Malraux no entra al Pantheón como guardián del museo,
sino como alma viviente que revitalizará
el cuerpo anquilosado de nuestro viejo país,
conquistando la Esperanza.
Alain Peyrefitte³³⁹

Novembro de 1996 foi um mês especial para a história de André Malraux, para a História da França e da literatura francesa. Em função dos vinte anos de morte de Malraux, o Presidente Jacques Chirac transferiu as cinzas do escritor, que estava enterrado no mausoléu da família no cemitério de Verrières-le-Buisson, ao sul de Paris, para o Panthéon francês, onde já se encontrava outros nomes consagrados.

³³⁸ O GLOBO, *op. cit.*, 24 nov. 1976, p. 18.

³³⁹ PEYREFITTE, Alain. Malraux conquista la esperanza. *La Vanguardia*, Barcelona, 24 nov. 1996, p. 26.

La Vanguardia, um dos jornais editados em Barcelona, publicou inúmeros artigos sobre o fato. De maneira geral, os comentários foram elogiosos e exaltaram as atitudes e as realizações do escritor e do político. Outros aproveitaram a oportunidade para criticar o governo do presidente Jacques Chirac, sobretudo o seu ministério da Cultura.

O crítico José Luis de Vilallonga³⁴⁰ homenageou a transferência das cinzas ressaltando o “grande homem de idéias e de ação que descansa merecidamente” ao lado de outros importantes nomes da França. O texto de Vilallonga não apenas está recheado de frases de Malraux, assim como elas introduzem e finalizam o artigo. José Luis de Vilallonga não escondeu sua admiração por André Malraux como homem político que soube defender o gaullismo com lucidez – “la lucidez que no estaba al alcance de todos los que creían dominar los entresijos de la política” – e como homem das letras que conseguia resumir “en muy pocas palabras el concepto que tenía de la vida.”

Alain Peyrefitte³⁴¹, igualmente sem economizar elogios, anunciou a entrada do escritor no Panthéon parisiense em “Malraux conquista la esperanza”. Segundo ele, o que faz de Malraux um “hombre de excepción” é o fato de ele ter sido um grande escritor e um homem de ação, além de ter sido o único a ser ministro em apenas e em todos os governos de De Gaulle e a ter assumido compromissos. Para o jornalista, o acontecimento em Paris serviu para provar a gratidão que a França tem pelo seu escritor.

Porém, nem todos foram condizentes com a atitude do governo francês. Muitos jornalistas espanhóis manifestaram desacordo e criticaram tanto o governo de Jacques Chirac quanto André Malraux. Um dos insatisfeitos foi Baltasar Porcel³⁴² que criticou e até mesmo ironizou no seu artigo “El último gigante”. Disse que Malraux tornou-se “santón de la Francia engreída, espléndida, republicana” quando suas cinzas foram transferidas para o Panthéon. Dessa forma, Malraux passou a fazer parte dos gigantes franceses, “fabricados” por eles mesmos e pelo povo, segundo alguma fórmula, e que já não existem mais gigantes como antes. Além do que a grandeza (literária?) da França não existiria sem eles.

O cronista comparou Malraux a três escritores franceses: Régis Debray, Gide e Sartre e ao general Charles De Gaulle. O primeiro seria a imagem de Malraux nos nossos dias, porém rebaixada e valorizada apenas por ter ido atrás de Che Guevara e não por seus livros e feitos. O segundo decepciona e o terceiro cansa. E De Gaulle foi um militar que se meteu em

³⁴⁰ VILALLONGA, José Luis de. Entrar en arte. *La Vanguardia*, Barcelona, 25 nov. 1996, p. 19.

³⁴¹ PEYREFITTE, *op. cit.*, 1996.

³⁴² PORCEL, Baltasar. El último gigante. *La Vanguardia*, Barcelona, 26 nov. 1996, p. 17.

política e que gozou da fascinação dos franceses. Segundo o crítico, Malraux vale mais por suas contradições do que por seus atos. Ao relacionar algumas de suas atitudes, afirmou que em arte disse “cosas interesantes como gratuitas”. Confessou também que o único livro que leu e admirou foi *La Condition humaine*, pois considerou os outros muito retóricos.

A crítica não pára aí, pois segundo ele, da mesma forma que os escritores são inventados pelo povo, os franceses inventaram a si mesmos. E Malraux não foi exceção. O sistema francês mistifica aqueles que a ele se rendem, como foi o caso da atriz de teatro María Casares, e os de Milan Kundera, Kadoré e Ionesco, todos estrangeiros instalados em Paris.

Por sua vez, Óscar Caballero³⁴³ aproveitou o evento francês para criticar o presidente Jacques Chirac no que consiste sua atitude em relação ao desenvolvimento da cultura na França. Para ele, Chirac recorreu às cinzas de Malraux para “exorcizar la depresión colectiva que sufre su país y, sobre todo, afirmar su identidad cultural.” Segundo O. Caballero, o governo de Chirac é um governo sem carisma que precisou recorrer a Malraux, mesmo vinte anos depois de sua morte, para criar um programa cultural.

Jaime Arias, em “Malraux redivivo”, além de falar do acontecimento literário e político do momento, mencionou a relação de trabalho e amizade que Malraux manteve com dois espanhóis, Elvira Farreras e Jaume Miravittles, quando esteve em Barcelona durante a Guerra Civil Espanhola. Como testemunho desta amizade, Met Miravittles escreveu *La gent que he conegut*, em que fala de Malraux traçando um

perfil a retazos, espigado de anécdotas, de las que se desprende su interés por las cosas de Cataluña, cuyos tesoros artísticos no pudo escrutar como deseaba, en la posguerra, al convertirse aquí en ‘persona non grata’.³⁴⁴

Elvira Farreras i Valenti continua dando o testemunho daquela época que marcou sua vida. A maioria de seus artigos concentra-se em discorrer sobre o filme *Sierra de Teruel*, no qual teve participação como secretária de Malraux.

Para Jaime Arias, o apogeu malruciano aconteceu com *Las Voces del silencio*. Apesar de não se deter na literatura malruciana, mencionou *La Psychologie de l’art* e *Le Musée imaginaire* como resultados de um momento da vida do escritor. Também não pôde deixar de

³⁴³ CABALLERO, Óscar. El ingreso de Malraux en el Panteón sirve a Chirac para proclamar la democracia cultural. *La Vanguardia*, Barcelona, 24 nov. 1996, p. 54.

³⁴⁴ ARIAS, Jaime. Malraux redivivo. *La Vanguardia*, Barcelona, 24 nov. 1996, p. 27.

referir-se ao apego de Malraux por Goya e por Picasso. Sobre a posição política de Malraux, Jaime Arias provou que em várias ocasiões o próprio Malraux justificou suas atitudes, sobretudo sua adesão ao gaullismo.

De difusão nacional, *El País* também noticiou com grande ênfase este acontecimento. Publicou diversas críticas, homenagens, manifestações, além de relatar com detalhes a cerimônia no artigo de Enric González³⁴⁵, “André Malraux entra en la leyenda de los grandes hombres de la literatura francesa”. Malraux encontrou uma segunda pátria em terras vizinhas, porém negou-se a regressar à Espanha enquanto durasse a ditadura de Franco, conforme observação já feita anteriormente.

A volta de Malraux às notícias diárias foi uma ocasião para reavivar algumas pendências entre Espanha e França. *El País* publicou o artigo “Fin de una larga vergüenza”³⁴⁶ sobre o descaso com que o governo francês tratava, até então, os antigos membros das brigadas internacionais da Guerra Civil Espanhola. Com os eventos comemorativos do centenário de Malraux, o presidente francês Jacques Chirac aproveitou para conceder-lhes o título de ex-combatentes e pagar-lhes uma pensão como reconhecimento. Segundo o jornalista, este foi o último serviço que Malraux prestou a favor da liberdade, pois este fato vinha sendo discutido durante anos na Assembléia Nacional. Da mesma forma, Jordi Borja³⁴⁷ iniciou uma discussão sobre os participantes da Guerra Civil e criticou o governo espanhol por não ter dado a devida atenção a esses heróis estrangeiros sobreviventes, que vieram lutar pela democracia, quando se apresentaram em Madri.

Em “Nuestro Fantoma”³⁴⁸, o crítico francês Régis Debrau afirmou sua admiração por Malraux. Considera que cada francês tem uma parte dele e que todos o têm por inteiro, porque, para Debrau, Malraux em suas diferentes facetas reunia um pouco do caráter do homem do século XX. Régis Debrau comentou também o fato de Malraux não ter obtido uma indicação ao Prêmio Nobel e acredita que isto aconteceu por ele ter sido um homem impulsivo e comprometido com revoluções.

O caderno de literatura de *El País*, dias antes da transferência das cinzas, dedicou-lhe um texto crítico e um trecho da tradução espanhola da sua obra sobre Lawrence da Arábia, além de mencionar algumas referências bibliográficas sobre/e do escritor.

³⁴⁵ GONZÁLEZ, Enric. André Malraux entra en la leyenda de los grandes hombres de la literatura francesa. *El País*, Madrid, 24 nov. 1996.

³⁴⁶ E. G. Fin de una larga vergüenza. *El País*, Madri, 24 nov. 1996.

³⁴⁷ BORJA, Jordi. Los héroes necesarios. *El País*, Madri, 14 dez. 1996.

³⁴⁸ DEBRAU, Régis. Nuestro Fantoma. *El País*, Madri, 24 nov. 1996.

Em dezembro de 1996 foi apresentada uma exposição chamada *Frente a la historia 1933-1996*³⁴⁹, cujo tema enfocava o que fora feito pelos artistas contemporâneos para reagirem aos acontecimentos históricos, a partir do triunfo do nazismo até 1996. Essa exposição fez uma homenagem a Malraux que, para Francisco Calvo Serraller³⁵⁰, foi muito coerente em função do tema, mas que provavelmente teria sido melhor “que el arco de tensión hubiera tenido como ejes significativos los *Fusilamientos de la Moncloa y el Guernica*”. Considerou que, apesar da idéia ter sido ousada e interessante, o planejamento da exposição foi confuso, pois esta época escolhida estava marcada por sentimentalismos, ansiedades e polarização política, além da crise das vanguardas. Na opinião do crítico, se o objetivo era buscar um sentido ao processo histórico, deveria ter sido fixada como data fronteira maio de 1968.

A revista literária e cultural *El Urogallo* dedicou a edição de novembro a dois escritores franceses: André Malraux e Marguerite Duras. Sobre Malraux, publicou artigos dos críticos Rafael Conte e Fernando Castro Florez, além de uma parte de *Saturno*, o seu livro sobre Goya, até então inédito na Espanha.

Rafael Conte nunca deixou de admirar Malraux, como se percebe nos artigos que escreveu sobre ele. Em “La aventura y la metamorfosis” faz comentários sobre a publicação das *Obras Completas* de Malraux, que a Editora Anaya estava proporcionando pela primeira vez a Espanha. *El demonio del absoluto* recebeu uma atenção especial por ter sido um dos inéditos a aparecer nesta nova publicação. Para Rafael Conte,

André Malraux no es solamente un escritor, sino algo más, es un aventurero, una especie de místico laico, un profeta, un ‘gurú’ y siempre un revolucionario a su manera en busca de una trascendencia que encontró en el arte y la literatura, más que en la política, y que si bien nunca fue creyente siempre decía que ‘de dios nadie puede escapar jamás’, y que ‘el siglo XXI será religioso o no será’, cosa que está sucediendo a su pesar.³⁵¹

Em outro periódico de divulgação nacional, *El Mundo*, Kosme de Barañano³⁵² comentou o evento francês. Foi de opinião que a atitude de Chirac de transladar os restos de Malraux para o Panthéon serviu para revitalizar a herança cultural do seu partido político.

³⁴⁹ Infelizmente o artigo deixou de informar detalhes sobre a cidade e local onde ocorreu a exposição. (N. A.)

³⁵⁰ SERRALLER, Francisco Calvo. Una idea interesante y un planteamiento confuso. *El País*, Madri, 15 dez. 1996, p. 28.

³⁵¹ CONTE, Rafael. La aventura y la metamorfosis. *El Urogallo, Revista literaria y cultural*. Nov. 1996, p. 28-36.

³⁵² BARAÑANO, Kosme de. Un horizonte ecuménico. *El Mundo*, Madri, 24 nov. 1996, p. 58.

Ao tratar da Espanha atual, pensa que todos deveriam reler a obra *Las Voces del silencio* que, assim como *El Museo imaginario de la escultura mundial*, continua sendo válida pela visão global da arte mundial. Em seu artigo, achou necessário assinalar a capacidade que Malraux tinha de trabalhar, de saber observar todas as manifestações da escultura no mundo, fato este que não pode ser esquecido.

O correspondente em Paris do mesmo jornal³⁵³ descreveu em algumas linhas a cerimônia que durou 65 minutos. Chamou Jacques Chirac de “sumo sacerdote” que oficializou a cerimônia laica com um discurso de elogio para Malraux. Também notificou a presença de familiares e acadêmicos que, de uma forma ou de outra, estiveram ligados a Malraux.

Iñaki Gil comparou a atuação de Chirac com a de Malraux em semelhante ocasião, porém trinta e dois anos antes, quando o escritor leu as *Oraisons Funèbres* em homenagem a Jean Moulin. O resultado da comparação foi de que Chirac estava longe da vibração própria de Malraux. O crítico foi mais detalhista no artigo que publicou no jornal *La Esfera*, “Las cenizas de un hombre de acción”, quando num tom crítico e biográfico, indagou-se qual Malraux estava sendo ‘santificado’, ao mesmo tempo respondendo com palavras de Bernard Henri Lévy, que disse:

algunos encontramos en ese tipo de hombre [inventado por Malraux] no un modelo sino una medida del arte y de lo humano que nos ayuda a evaluar nuestras vidas, nuestras obras y nuestros sueños.³⁵⁴

Para o crítico, se a obra malruciana voltou a ser lida recentemente, apenas em função da data comemorativa, o mito criado pelo próprio Malraux nunca foi esquecido. O presidente da França, Jacques Chirac, também foi gaullista como Malraux, porém a relação entre os dois não ultrapassava a fascinação que ambos tinham pela arte, pela Ásia e, claro, por Charles De Gaulle.

O crítico classificou as várias etapas da vida de Malraux. Chamou de “período de fascinação pelos paraísos artificiais” as viagens que o autor fez para a Pérsia, para o Afeganistão e para a Índia; que durante a visita a URSS, Malraux encarnou o protótipo do intelectual comprometido; que durante a Segunda Guerra Mundial, ele se converteu em um

³⁵³ GIL, Iñaki. Chirac lleva Malraux al Pantéon. *El Mundo*, Madri, 24 nov. 1996, p. 58.

³⁵⁴ GIL, Iñaki. Las cenizas de un hombre de acción. *El Mundo*, Madri, 23 nov. 1996, sup. lit. *La Esfera*, p. 2-3.

francês médio, resignado à derrota, esperando que os outros procedessem à sua libertação. Seguindo a cronologia malruciana, terminou o texto comentando a relação entre De Gaulle e Malraux e os anos passados no ministério de Cultura. O artigo não aprofundou-se na literatura malruciana, mas disse que as suas *Antimemorias* mudaram as regras do gênero autobiográfico.

Como conclusão, Iñaki Gil questionou-se uma vez mais. Desta vez foi para saber qual seria a imagem que os jovens de 20 anos, em 1996, teriam de Malraux, já que para os que viveram a Guerra Civil Espanhola e o Maio de 68, o escritor foi um herói. E novamente, o crítico respondeu com palavras de outros, de uma jovem francesa para quem “Malraux exaltou as virtudes da dignidade humana na ação individual, algo raro no espírito da juventude atual.”

Miguel Salabert preferiu homenagear o escritor apresentando o Malraux de *Lazare*, considerada por ele como sua melhor obra. Disse no texto “Contra la nada” que

en *Lázaro* escribió las mejores páginas de su obra, en las que la gravedad del pensamiento se armoniza con la del tono y el estilo en un condensado lirismo que excluye esa grandilocuencia tan presente en muchas otras obras suyas y que tiene su más clara filiación en Chateaubriand y Barrès.³⁵⁵

E concluiu, fazendo referência à obra cujo tema foi a Guerra Civil Espanhola, dizendo que foi apenas na frente literária que a República espanhola ganhou a guerra de forma espetacular.

No Brasil, desde agosto já se falava no traslado das cinzas de Malraux. O *Jornal do Brasil*, do dia 10 de agosto, anunciou na sessão “Registros”³⁵⁶ a publicação do evento no Diário Oficial do Governo francês e mencionou a participação do escritor no governo de De Gaulle, na Resistência, assim como alguns de seus títulos.

Em setembro, a Aliança Francesa³⁵⁷ de Niterói organizou um ciclo de palestras para discutir as idéias do escritor francês. Fizeram parte deste evento a projeção do filme *Sierra de Teruel* e a exposição de cartazes sobre Malraux. Em outubro, ela promoveu o curso de extensão “A reflexão estética de André Malraux: o romance, o cinema e o ensaio”³⁵⁸, cuja primeira palestra, “A Guerra Civil Espanhola: do romance ao filme”, foi proferida pelo

³⁵⁵ SALABERT, Miguel. Contra la nada. *La Esfera*, 23 nov. 1996, p. 3.

³⁵⁶ JORNAL DO BRASIL. Registro, Rio de Janeiro, 10 ago. 1996, p. 22.

³⁵⁷ ALIANÇA LEMBRA ANDRÉ MALRAUX. *Jornal do Brasil*, Niterói, 15 set. 1996, p. 52.

³⁵⁸ JORNAL DO BRASIL. Niterói, 6 out. 1996, p. 53.

professor Edson Rosa da Silva, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e um dos coordenadores do evento que incluiu a apresentação diária do filme *Espoir-Sierra de Teruel*.

Em outubro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro³⁵⁹, Malraux foi o homenageado da Segunda Semana de Letras Neolatinas.

O *Jornal do Brasil* anunciou dia 25 de novembro, na sessão “Sepultados”³⁶⁰, o traslado das cinzas “de um dos intelectuais mais famosos da França do século XX”. No mês seguinte, publicou a reportagem de Charles Trueheart³⁶¹ sobre a entrada das cinzas do “último personagem romântico da França” no Panthéon. Este acontecimento reacendeu na memória dos franceses a lembrança do compatriota que, para o cineasta Daniel Rondeau, “representa os vínculos estreitos entre literatura e história, e portanto entre literatura e política, sem os quais nós franceses não seríamos o que somos”. O jornalista enumerou alguns eventos que aconteceram na cidade, que se enfeitou com cartazes e fotos de Malraux: lançamento de livros e documentários, mesas-redondas nas universidades, especiais de revistas e um dia inteiro dedicado ao escritor no canal de televisão que mantém no ar notícias vinte e quatro horas por dia. Numa segunda parte do artigo, Trueheart deu relevância para alguns aspectos da biografia: quando foi ministro da cultura, suas façanhas na China, na Espanha e na Segunda Guerra Mundial.

A definição de Malraux como homem de ação repercute até os nossos dias. No ano do vigésimo aniversário de sua morte e transferência das cinzas para o Panthéon francês, em novembro de 1996, lemos em *Babélie*, o caderno de literatura de *El País*, o texto “Un hombre de acción”. O autor, Ignacio Echevarría, também nos dirá que Malraux, influenciado pelas vanguardas da época, se orientou na ação. Porém, seu ideal de ação era diferente do daquelas vanguardas, pois

remite a un horizonte más remoto [y non abierto a la conciencia desde el romanticismo]: aquel sobre el que se perfila la figura del héroe, anterior y en cierto modo contrapuesta a la del genio romántico y por completo extraña al artista moderno.³⁶²

³⁵⁹ JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 5 out. 1996, sup. lit. Idéias, p. 6.

³⁶⁰ SEPULTADOS. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 nov. 1996, p. 23.

³⁶¹ TRUEHEART, Charles. França homenageia Malraux. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 dez. 1996, sup. lit. Idéias livros, p. 7.

³⁶² ECHEVARRÍA, Ignacio. Un hombre de acción. *El País*, Madrid, 16 nov. 1996, sup.lit. Babélie, p. 10-11.

Portanto, a vocação literária de Malraux se nutria da tensão que exercia sobre ele um ideal heróico. O crítico adverte que essa idéia de ação deve estar sempre presente para que a obra de Malraux não seja interpretada apenas como um reflexo da sua vida.

Há também referências aos comentários que Sartre havia feito sobre os escritores militantes, denunciando que esse tipo de escritor aventureiro, que ele chamou de “parásito heroico”, viaja a lugares com a pretensão de que alguns homens que não tenham podido escolher sua luta legitimem a morte que ele – o escritor aventureiro escolheu. Para Echevarría, o Malraux dos anos 20 correspondia diretamente ao escritor referido pela crítica sartriana. A imagem de aventureiro e de militante transformou-se na de revolucionário, sobretudo depois da participação na Guerra Civil Espanhola. E foi ainda depois da aliança com Charles De Gaulle que Malraux passou a aceitar os limites da ação e, conseqüentemente, começou a dedicar-se à arte “en el que reconoce el acto supremo ‘mediante el cual el hombre arranca algo a la muerte’”.

Como introdução para sua análise crítica, Ignacio Echevarría transcreveu um diálogo extraído de *Antimémoires*, no qual os personagens buscam uma definição para o suicídio e chegam à conclusão de que o homem é aquilo que ele faz. Segundo o crítico, por essas afirmações avalia-se a trajetória vital e a problemática posteridade da obra malruciana, porém, não se pode deixar enganar pelo mito do personagem que o autor mesmo criou.

7.4 Tributo a Malraux - 2001

Qui fut jamais moins voué en apparence aux commémorations solennelles,
 au marbre et à l'encens que ce rebelle vagabond, ce maquisard hyperbolique,
 cet athlète complet du roman de gestes et de la guérilla planétaire,
 ce hors-la-loi condamné à vingt ans par la justice coloniale,
 pourchassé à quarante par la police du IIIe Reich ?
 Mais lequel de nos contemporains s'offre mieux aux grands exercices
 funéraires et commémoratifs que ce ministre fécond en musées réels et
 imaginaires, gardien dévot du patrimoine, blanchisseur de cathédrales et
 champion, à l'égal de Bossuet, de l'oraison funèbre ?
 Jean Lacouture

O escritor André Malraux criou também o personagem Malraux, que despertou interesse não só em estudiosos de literatura, mas ainda naqueles curiosos em desvendar seus mistérios literários e biográficos. Por isso, jornalistas e escritores dedicaram anos de pesquisa em documentos e entrevistas que ajudaram a responder inúmeras dúvidas que permaneceram mesmo depois da morte do escritor francês.

No Brasil, José Castello³⁶³ resenhou a biografia *Assinado, Malraux*, publicada pela Editora Record, de autoria do filósofo francês Jean-François Lyotard e traduzida por Gilberta Acselrad. O título da resenha, “Filósofo faz um magnífico retrato de Malraux”, já revela o quanto José Castello admirou a obra de Lyotard, que pretendeu “estabelecer a fronteira entre a biografia e a psicanálise”. Segundo ele, o filósofo agiu com paciência para poder percorrer os dois lados de Malraux: “de um lado o homem engajado, o viajante, o indignado e, de outro, o introvertido sempre agarrado às saias da mamãe, o artista recluso e triste”. Em função da grande quantidade de datas, fatos e nomes, num certo momento a biografia perdeu um pouco o ritmo, sem, no entanto, deixar de mostrar o grande legado de Malraux: “a memória de um homem que se confunde com seus personagens e essa coragem para enfrentar o que não se define.”

Essa mesma biografia também mereceu a atenção de Maria José Moreira França³⁶⁴ no artigo “O museu imaginário de Malraux”. Para a autora do artigo, o livro é um estudo sobre a vida e a obra do escritor francês, ironicamente o único ministro que nem sequer foi bacharel mas que foi o autor de uma obra reconhecida e estudada no mundo. A escritora considerou a

³⁶³ CASTELLO, José. Filósofo faz magnífico retrato de Malraux. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 set. 1998.

³⁶⁴ FRANÇA, *op. cit.*, 1998.

biografia excepcional, indispensável para os estudiosos e fascinante para os leitores em geral, pois o autor conseguiu captar todas as facetas de Malraux, pesquisou os ângulos, retrçou caminhos, vãos e lutas.

*O Jornal da Tarde*³⁶⁵, ao comentar os principais títulos da 15ª Bienal, mencionou a obra de Lyotard, assinalando que na Bienal as obras estrangeiras predominaram, pois autores nacionais foram uma minoria na mostra.

Além de François Lyotard, outro escritor francês, Olivier Todd, dedicou-se a estudar a vida de Malraux. O resultado foi a obra *André Malraux, une vie*, sobre a qual o *Jornal o Estado de São Paulo* do dia 16 de junho de 2001 publicou três reportagens, em duas seções diferentes: “Pesquisa” e “Caderno 2”.

A reportagem do *Caderno 2*, “Aventuras e mentiras do gigante Malraux”³⁶⁶, introduziu as outras duas que se seguiram. O jornalista apenas anunciou a obra de Olivier Todd, que além de contar a trajetória do escritor francês recriando os lances corajosos de sua vida, revela também o jornalista fantasioso. Nesta mesma edição, publicou-se um trecho do capítulo do livro de Todd sobre a viagem de Malraux em busca dos tesouros da Rainha de Sabá³⁶⁷, realizada em dezembro de 1933.

No segmento *Pesquisa*, Yves Stravridrès³⁶⁸, da revista *L'Express*, fez um breve resumo e comentou a obra, classificando-a como “a primeira biografia que penetra verdadeiramente na vida e nas entranhas de seu tema, proporcionando-nos com isso um grande deleite”. O jornalista disse também que o biógrafo não se satisfiz em somente assinalar e analisar a mitomania ativa, épica e útil na obra e na vida de seu personagem, mas ele apresentou um Malraux menos extravagante, mais humano, com suas deficiências e seus talentos.

Na Espanha, Luis Antonio de Villena³⁶⁹ analisou essa mesma biografia e considerou-a uma obra polêmica e controvertida, apresentando um Malraux autofabricador e um aventureiro, que também colocava arte e idéias na aventura fazendo de sua própria vida a sua melhor obra. Apesar de ter deixado claro que o francês foi um mito e influenciou sua geração, baixou-o do pedestal que o sustentava até então.

³⁶⁵ J.P.J. Obras estrangeiras predominam. Autor nacional é minoria. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28 fev. 1998, Caderno de Sábado.

³⁶⁶ AVENTURAS E MENTIRAS DO GIGANTE MALRAUX. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 jun. 2001, Caderno 2.

³⁶⁷ EM BUSCA DOS TESOUROS DA RAINHA DE SABÁ. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 jun. 2001, Pesquisa.

³⁶⁸ STAVRIDRÈS, Yves. Biografia recupera o herói e o farsante Malraux. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 jun. 2001, Pesquisa.

³⁶⁹ VILLENA, Luis Antonio de. André Malraux. Una vida. *El Mundo*. Madri, 10 mar. 2002. sup. El Cultural.

O jornal *El Mundo* compartilhou o lançamento da biografia de Malraux escrita por Olivier Todd que, como indica o título do artigo, “desmiente una parte de su leyenda vital.”³⁷⁰ Ao resumir a obra, o jornalista admitiu que Todd escreveu sobre “uno de los símbolos del apoyo de los intelectuales al bando republicano en la Guerra Civil española”.

O ano de 2001 foi importante para a recepção crítica da obra de Malraux, pois o seu centenário de nascimento foi marcado por comemorações que reforçaram a lembrança e a importância do escritor na França e no mundo.

Algumas manifestações ocorridas na França, principalmente a que teve lugar na Casa de Cultura da cidade de Bourges, a primeira a ser criada e a mais emblemática de todas, foram relatadas brevemente pelo jornal *El Mundo*. Em “Francia homenajea a Malraux en el centenario de su nacimiento”³⁷¹, o jornal referiu-se às contradições que marcaram a vida do escritor e a sua última biografia, de autoria de Olivier Todd.

Em Barcelona, o centenário do escritor foi festejado com o encontro *Malraux, glòria o misèria*, organizado por Elvira Farreras i Valentí, pelo Instituto de Cultura do Ayuntamiento e pelo Institut Français, que contou com a participação do biógrafo Olivier Todd e com a projeção do filme *L’Espoir. Sierra de Teruel*³⁷². No mesmo artigo que anunciou o evento, Jaime Arias³⁷³ falou de um André Malraux apaixonado pela França e grande admirador de seu governante, Charles De Gaulle, um leitor assíduo que o considerava um amigo.

No entanto, para Josep Mengual Català³⁷⁴, que considera Malraux um dos “intelectuales franceses más valiosos, carismáticos y atractivos que nos ha dejado el siglo XX”, ao contrário do que aconteceu na França, o centenário de André Malraux passou despercebido na Espanha.

Possivelmente, se comparadas as manifestações que ocorreram no país natal do escritor e no país vizinho, é muito provável e compreensível que na França tenha havido um número maior de comemorações. Mas não seria justo dizer que o fato passou despercebido na Espanha, pois ocorreram lançamentos de livros sobre Malraux, palestras foram proferidas nas universidades, a biografia escrita por Olivier Todd recebeu atenção especial da crítica e ainda o filme *Sierra de Teruel* foi assistido por muitos espanhóis em diferentes cidades.

³⁷⁰ EFE. Una nueva biografía sobre Malraux desmiente una parte de su leyenda vital. *El Mundo*, Madri, 30 abr. 2001.

³⁷¹ EFE. Autor de *La Condición humana*: Francia homenajea a Malraux en el centenario de su nacimiento. *El Mundo*, Madri, 26 nov. 2001.

³⁷² CENTENÁRIO DEL NACIMIENTO DE MALRAUX. *La Vanguardia*, Barcelona, 13 nov. 2001.

³⁷³ ARIAS, Jaime. Malraux, gaullista. *La Vanguardia*, Barcelona, 10 nov. 2001.

³⁷⁴ CATALÀ, Josep Mengual. Biografía. La trepanación de un mito. *Quimera, Revista de Literatura*. Barcelona, nº 224-225, p. 120-122, jan. 2003.

No artigo “Un centenario contra el mito y a favor del personaje”, Octavi Martí³⁷⁵ relatou alguns eventos ocorridos na França: o lançamento da biografia *André Malraux. Une vie* que foi tema da emissão do programa *Bouillon de Culture*; manifestação na cidade de Bourges por ter sido a primeira a ter uma *Maison de Culture*, projeto criado e desenvolvido por Malraux; exposição, em Paris, do que seria o Museu Imaginário do escritor – foram obras que Malraux estimava importantes para a compreensão do mundo; projeção do filme biográfico *Malraux, tu m'étonnes*, de Michèle Rosier; reedição das obras consideradas mais importantes e transmissão pela televisão das *Oraisons Funèbres*. Sobre essa transmissão, Octavi Martí considerou que “(...) el estilo engolado de su declamación y el delirio lírico de sus mejores textos no encajan en la época. Quedan, eso sí, sus frases.”

Octavi Martí tinha razão. Inúmeras frases malrucianas são ainda nos nossos dias pronunciadas para exemplificar idéias, introduzir assuntos, justificar atitudes. Alguns artigos podem ilustrar esta constatação. Uma das frases de Malraux mais citadas, sobretudo neste início de século, é: “Le siècle prochain sera religieux ou ne le sera pas”. Enric Benavent³⁷⁶ comentou a frase e a partir dela, os acontecimentos e comportamentos que seguem com o novo milênio. Para ele, as novas formas religiosas adotaram um disfarce laico e continuaram sendo as mesmas. E disse que “el siglo que viene va a ser, si no religioso en el sentido estricto, si beato, y devoto del santo que a cada cual más le convenga.”

A propósito desta frase, Edmond Blattchen³⁷⁷, apresentador do programa *Noms de Dieux*, transmitido pela televisão belga, contou que, ao entrevistar dois participantes, cujos nomes não foram revelados, sobre o tema “Les libre-penseurs”, eles fizeram referência à frase “le XXIe siècle sera spirituel ou ne sera pas” dizendo que, ao contrário do que se repete, ela não pertence a Malraux. A partir de então, Edmond Blattchen pesquisou nos textos e entrevistas de Malraux e, efetivamente, não a encontrou. No entanto, localizou a frase: “Je pense que la tâche du prochain siècle, devant la plus terrible menace qu’ait connue l’humanité, va être d’y réintégrer les dieux”, pronunciada por Malraux durante uma entrevista para uma revista dinamarquesa, em 1955, sobre os dez anos da bomba de Hiroshima, e traduzida e publicada pela revista francesa *L’Express*.

Um outro exemplo de que as máximas de Malraux atravessaram as fronteiras do tempo e do espaço, foi durante uma conferência sobre *La revolución de la información en la*

³⁷⁵ MARTÍ, Octavi. Un centenario contra el mito y a favor del personaje. *El País*, Madri, 15 dez. 2001, sup. lit. Babelia.

³⁷⁶ BENAVENT, Enric. El siglo que viene. *El País*, Madri, 21 set. 1999.

³⁷⁷ RASIR, Yves. Pour une télévision ouverte au sacré. *Nouvelles Clés*. Disponible em: <<http://www.nouvellescles.com/Entretien/Blattchen/Blattchen.htm>>. Acesso em: 24 out. 2004.

nueva sociedad, em um ato organizado pelo Pavilhão da Espanha na Expo 92. Francisco Pinto Balsemão³⁷⁸, ex-primeiro ministro de Portugal, analisou a repercussão do que ele chamou a terceira revolução, a da informação na sociedade e nas ideologias. Para introduzir sua conferência, começou com uma frase de André Malraux: “Es necesario inventar un nuevo Marx para explicar los servicios”.

A Editora Edhasa³⁷⁹, de Barcelona, publicou o livro *Escritos y dichos sobre el libro*, da coleção *Aforismos*, com diversas frases de autores prestigiados e figuras públicas sobre o livro. A frase de Malraux que escolheram foi: “Pouco importa que um escritor se equivoque na política, em que não se pode equivocar é na literatura.”

Para dar início a um texto sobre o conflito basco, Javier Tusell³⁸⁰ referiu-se à máxima pronunciada por Malraux sobre as atitudes dos comunistas, fascistas e intelectuais durante uma reunião internacional: o comunista esconde em baixo da mesa um punhal para evitar que se dêem conta das suas más intenções, o fascista coloca os pés em cima da mesa e o intelectual coça a cabeça e faz perguntas. Comparou a relação entre Parlamento Basco e Governo com a que Malraux fez entre o comunista e o fascista, dizendo que ninguém atua como o intelectual, o que, segundo ele, seria o mais correto.

José Ramón Recalde discutiu, em “Los pactos y la espada”, a real necessidade e conseqüências de uma guerra, pois naquele momento colocava-se em questão a intervenção da OTAN para deter a agressão de Milosevic contra os albano-kosovares. Para concluir, citou uma frase de *L'Espoir* na qual um combatente ao defender a Espanha contra o fascismo opôs seu pensamento ao de Unamuno:

Hay guerras justas... – la nuestra, en este momento -, pero no hay ejércitos justos. Y que un intelectual, un hombre cuya función es la de pensar, llegue a decir, como Miguel, me aparto de vosotros porque sois justos...; eso lo encuentro inmoral, amigo mío.³⁸¹

Carlos Fuentes³⁸², no artigo “Soldados por la memoria”, também citou uma frase de Malraux: “...busco la región crucial del alma donde el Mal absoluto se opone a la Fraternidad” – para ilustrar o seu horror em relação aos acontecimentos do holocausto da Segunda Guerra Mundial que estavam sendo recordados no mês de maio de 1995.

³⁷⁸ PINTO BALSEMÃO DICE EN SEVILLA QUE LA INFORMACIÓN “MEDIATIZA Y LEGITIMA” EL PODER. *El País*, Madri, 24 jan. 1992, p. 28.

³⁷⁹ DOS LIBROS EN TORNO AL LIBRO. *La Vanguardia*, Barcelona, 14 abr. 2000.

³⁸⁰ TUSELL, Javier. Rigodón vasco. *El País*, Madri, 20 fev. 1999.

³⁸¹ RECALDE, José Ramón. Los pactos y la espada. *El País*, Madri, 3 jun. 1999.

³⁸² FUENTES, Carlos. Soldados por la memoria. *El País*, Madri, 14 maio 1995.

capítulo 8

Malraux na Internet

Sabemos que a Internet é hoje um meio de difusão de informações que atinge vários níveis sociais e culturais e que aspira estabelecer-se também como um instrumento de pesquisa. Como existe pouca censura e quase nenhuma seleção de informação, é possível encontrar ali todo tipo de texto. Dentre um número infinito de documentos variados, incluem-se também textos jornalísticos, pois muitos jornais de difusão local, nacional e internacional possuem uma *web* onde publicam seus artigos. Além disso, encontram-se endereços eletrônicos de editoras, de escritores, de críticos e de leitores que pretendem divulgar suas idéias, obras e estudos.

Em um estudo semelhante a este, “Um escritor na Web: Borges, por exemplo”, uma análise da função acadêmica da Internet sobre a recepção do escritor argentino, Jorge Luis Borges, Leyla Perrone-Moysés³⁸³ observou que o resultado que se obtém deste tipo de pesquisa é uma quantidade imensa de informação literária e não-literária, pois este é um campo ampliado *ad infinitum*. Com relação à velocidade de surgimento e quantidade de informação, Perrone-Moysés declarou ser incompatível com o tempo de reflexão crítica que se tinha antes.

Ela classificou os portais resultantes da pesquisa sobre Borges em doze categorias. No entanto, essas categorias, por serem abrangentes, podem ser verificadas na nossa pesquisa sobre Malraux, já que encontramos igualmente:

1. Páginas bio-bibliográficas, que funcionam como verbetes de enciclopédia, contendo um resumo da vida e da obra do escritor.
2. Páginas anunciando livros recém-publicados, em geral com possibilidade de compra *on line*.
3. Anúncios de conferências ou simpósios sobre o escritor, em várias partes do mundo.
4. Reproduções de textos de Malraux.

³⁸³ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Um escritor na Web: Borges, por exemplo. Trabalho apresentado no VIII Congresso Internacional de Literatura Comparada – ABRALIC, Belo Horizonte, 2002.

5. Coletâneas de citações de Malraux.
6. Artigos breves sobre o escritor, avulsos ou reproduzidos de jornais e revistas.
7. Entrevistas com o escritor.
8. Páginas de artistas inspirados pelas obras de Malraux.
9. Páginas didáticas interativas preparadas por professores de literatura francesa (questionários, testes).
10. Páginas de explicação de textos de Malraux, oferecida por um professor.
11. Páginas de atualização bibliográfica.
12. Portais de centros de pesquisa exclusivamente consagrados ao escritor.

Como conclusão de sua experiência cibernética, a crítica confessou ter sido divertida, porém pouco produtiva em se tratando de pesquisa acadêmica. Comparou-a a um imenso e desordenado catálogo de biblioteca.

Como nas grandes bibliotecas, aquele que acha alguma coisa de útil é aquele que sabe, de antemão, o que procura. E a única vantagem da rede, para os universitários, talvez seja a possibilidade de se informar sobre os trabalhos de colegas empenhados em pesquisas similares, e de, eventualmente, dialogar com eles. A rede também fornece informações sobre congressos e colóquios; para alguns, essas relações universitárias e as viagens decorrentes são mais importantes do que a pesquisa, quando deveriam ser um resultado e um desenvolvimento desta.

Neste trabalho reunimos e comentamos artigos publicados na Internet sobre André Malraux, encontrados no mega-buscador *Google*, em *sites* publicados no Brasil e na Espanha.

Em tempos de Internet é delicado querer manter as fronteiras, pois basta digitar uma palavra-chave em qualquer buscador para que apareçam todas as páginas que contenham a palavra desejada. Como nossa pesquisa tem um tema bem delimitado, a formação do *corpus* ficou restrita àqueles endereços eletrônicos definidos por *.br* e por *.es* que os identifica como tendo sido construídos nos respectivos países. Por isso, sempre que mencionarmos as páginas *webs .br* e *.es* utilizaremos os adjetivos “brasileiros” ou “do Brasil” e “espanhóis” ou “da Espanha”.

A pesquisa no www.google.com.br, onde é possível optar pelos *sites* brasileiros e em língua portuguesa, iniciou-se em 2001 e terminou em 2004. Neste período, a média de publicação encontrada foi de 850 artigos. A pesquisa no www.google.es, em *sites* espanhóis em língua castelhana, catalã e galega, começou em 2003 e foi acessada pela última vez em 2004, a média de publicação encontrada foi de 2740 artigos.

Uma pesquisa quantitativa deste gênero precisa considerar alguns fatores para que o resultado final seja o mais fiel possível.

Constantemente os endereços eletrônicos se repetem, aparecendo mais de uma vez numa mesma pesquisa; como criar *webs* deixou de ser uma tarefa de especialistas, publicações surgem de um dia para o outro, mas também desaparecem rapidamente; pode acontecer que páginas eletrônicas expirem, ou seja, permaneçam por um período disponíveis na rede até serem desativadas. Porém, mesmo depois de perderem a validade elas não são retiradas da Internet, aparecendo como não-disponível.

A grande disparidade entre o número de artigos encontrados aqui no Brasil e os publicados na Espanha é explicável pelo fato de Malraux ter tido uma participação ativa na História daquele país. Por essa razão, ele é constantemente lembrado na Espanha. Outro fator que contribuiu para o número elevado de notícias no *site* espanhol é que na praça que leva o seu nome, em Barcelona, em agosto de 2001, durante alguns dias, cento e sessenta imigrantes ilegais ali se instalaram. Este acontecimento ocupou inúmeras páginas dos jornais e, inevitavelmente, da Internet.

Nesta pesquisa, encontramos artigos sobre os mais variados temas. No entanto, selecionamos aqueles que tratam de André Malraux como escritor e autor de obras importantes, comentam as obras, informam sobre os eventos comemorativos do centenário de nascimento em 2001, mencionam a participação na Guerra Civil Espanhola em 1936 ou relembram a visita ao Brasil em 1959 (estes aparecem exclusivamente em *sites* brasileiros). O nome Malraux está presente também em alguns artigos que não estão diretamente ligados à literatura francesa, brasileira ou espanhola. Por vezes, ele é citado por uma de suas frases ou máximas, por realizações como Ministro da Cultura da França, assim como é objeto de referência em textos de diferentes áreas. Tanto na área política ou na cultural quanto na artística ou na literária. Pelos documentos eletrônicos é possível ter uma visão ampla das diferentes atuações do escritor e demonstrar como sua obra, suas idéias e suas ações são atemporais.

Na Internet os textos raramente estão datados, já que este meio de divulgação não obedece cronologias. Como mencionamos, qualquer pessoa pode criar uma página *web* para divulgar aquilo que considera importante para ser compartilhado com outras pessoas. Até mesmo alguns jornais e revistas de tiragem em papel dispõem de uma ferramenta de arquivo, através da qual o leitor pode acessar edições passadas que estejam devidamente publicadas neste meio. Por isso, existe a dificuldade em selecioná-los por período. Os textos que apresentamos aqui resultaram de uma viagem, cujo critério foi selecionar informações importantes para o estudo da obra malruciana e a curiosidade dos fatos que relatam. Sendo assim, neste capítulo, optamos por ignorar as datas das publicações.

Muitos desses *sites* não têm grande importância crítico-literária. Sua importância está na verificação de que Malraux continua presente no imaginário brasileiro e espanhol através de suas frases, obras, atitudes, pensamentos e ações, o que contribui para o estudo de recepção crítica.

8.1 Críticas *on line*

Na Internet vemos concretizadas as idéias de biblioteca de Babel, de museu imaginário, onde todos têm voz, existem, divulgam, discutem... e o leitor é o único responsável pela seleção das informações. As vantagens deste “novo” meio de comunicação são muitas, porém não as enumeramos aqui. Na área da literatura, é rápido e fácil constatar os avanços e as facilidades provenientes deste meio. Com a Internet, o leitor está sempre informado dos novos lançamentos no setor editorial, já que as editoras disponibilizam seus *sites* com a única intenção de promover suas vendas. Antes de tomar a decisão da compra do livro, o interessado pode ler resenhas críticas e resumos das obras, além de obter informações sobre número de páginas, tamanho do volume, preço e optar por receber a compra em seu domicílio. Os lançamentos das traduções brasileiras de *A Condição Humana*, em 1998, e *A Esperança*, em 2001, receberam a atenção das editoras e de alguns críticos.

A tradução feita por Ivo Barroso de *A Condição Humana* foi lançada no Brasil em 1998. Esse lançamento fez parte do projeto da Editora Record, chamado *Grandes Traduções*, e colocou a obra de Malraux entre os grandes livros estrangeiros mercedores de novas

traduções. Não era a primeira vez que *La Condition humaine* estava sendo traduzida aqui, pois em 1948 e 1972 encontrava-se em português do Brasil.

No *site* editoras.com/record³⁸⁴, pode-se encontrar informações técnicas sobre a obra (preço, número de páginas, formato, registro), além de comentários e breve resumo da obra e da vida do seu autor. O *site* oferece também a possibilidade de obter mais informações sobre o escritor francês uma vez que outros dois endereços eletrônicos franceses são colocados à disposição do internauta.

Na Espanha, em 2001, *La Condition* também fez parte de uma coleção que selecionou e publicou em nova edição os melhores livros do segundo milênio. A editora Círculo de Lectores escolheu Mario Vargas Llosa para dirigir o projeto. Como leitor e grande admirador do escritor francês, sobretudo desta obra, ele mesmo escreveu o prólogo que foi colocado à disposição dos leitores no www.circulo.es³⁸⁵. O escritor peruano apresentou rapidamente o que ele chamou de obra pró-comunista e a considerou uma das obras mais admiráveis do século XX. No único parágrafo que escreveu sobre Malraux, salientou que ele “es una de esas figuras literarias que, de no existir, deberían ser creadas” e um dos mais importantes escritores do século passado.

Dentro da mesma perspectiva, o jornal espanhol *El Mundo* elaborou uma lista com os cem melhores livros do segundo milênio. No *site* www.ociototal.com³⁸⁶ podemos encontrar todos os eleitos acompanhados de pequena resenha e do resumo da obra. Ao acessar *La condición humana*, o *link* nos remete ao *site* do jornal no qual podemos ler a resenha assinada por Gabriel Albiac³⁸⁷, que considera a morte de Katow descrita na obra como a mais homericamente bela da literatura do século XX.

Além daqueles portais que pretende divulgar e vender as obras, encontramos outros que as analisam e comentam. Por exemplo, em “O amor como vínculo”, Ney Marinho³⁸⁸ fez uma reflexão sobre os vários vínculos existentes no amor, reutilizando os mesmos termos propostos por Bion: Amor x Conhecimento, Amor x Amor, Amor x Ódio. A relação de Kyo e

³⁸⁴ A CONDIÇÃO HUMANA (LA CONDITION HUMAINE). Disponível em: <<http://www.editoras.com/record/05082.htm>>. Acesso em: 23 out. 2001.

³⁸⁵ LLOSA, Mario Vargas. André Malraux. La condición humana. Disponível em: <<http://www.circulo.es/Contenido/Libros/Libro.asp?Codigo=14987>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

³⁸⁶ LOS LIBROS DEL MILENIO. Disponível em: <http://www.ociototal.com/recopila2/r_news/100/libros.html>. Acesso em: 31 ago. 2004.

³⁸⁷ ALBIAC, Gabriel. La condición humana. André Malraux/1933/Novela/Francia. *La Esfera de los Libros: La condición humana. André Malraux*. Disponível em: <<http://www.el-mundo.es/esfera/ficha.html?27/esf924264255>>. Acesso em: 31 ago. 2004.

³⁸⁸ MARINHO, Ney. O amor como vínculo. Reflexões sobre os vínculos L (amor) e -L (-amor). Disponível em: <<http://www.gradiva.com.br/mat24.htm>>. Acesso em: 26 out. 2001.

May, personagens de *A Condição Humana*, serviu de exemplo para ilustrar o vínculo Amor x Amor. O episódio escolhido pelo psicanalista foi o da revelação da traição da própria May ao seu marido, Kyo. Marinho justificou sua escolha dizendo que no texto de Malraux se evidenciam as relações entre a arte e a vida. Segundo os biógrafos malrucianos, esta relação literária reproduz a relação entre André Malraux e Clara Malraux, vivenciada em episódio semelhante.

Em 8 de maio de 2002, Pedro Conde Sturia³⁸⁹ escreveu um artigo para o jornal digital *Periodico Siglo21 Digital* cumprimentando a atitude do capitão venezuelano Rodríguez que, por ter desobedecido ordens, foi o responsável pela permanência do presidente Hugo Chávez no poder. Neste contexto, o jornalista fez referência a situações semelhantes que aconteceram nas literaturas francesa e americana e citou a frase pronunciada por um dos personagens do livro de sua maior devoção, *La condición humana*: “solamente un bellaco mata o se deja matar por obediencia”.

A mais recente tradução brasileira de uma obra de Malraux, *A Esperança*, mereceu, no Brasil, destaque no portal sites.uol.br/site.malraux. Este relançamento (em 1940 saiu a primeira tradução brasileira de *L'Espoir*) deve-se às comemorações, em 2001, do centenário de nascimento do autor e teve apoio do Ministério da Cultura da França.

Sobre esse lançamento da Editora Record, podemos ler quatro resenhas no mais completo *site* brasileiro dedicado exclusivamente à divulgação das obras, eventos, publicações sobre o escritor francês no ano do centenário: *André Malraux (1901-1976) – 100 anos* (sites.uol.br/site.malraux), idealizado pelo Professor Edson Rosa da Silva. Todas as resenhas foram publicadas em jornais de vinculação nacional, porém como elas tiveram destaque neste portal malruciano, optamos por analisá-las neste capítulo.

A primeira resenha, assinada por Renato Bittencourt Gomes³⁹⁰ (também publicada no jornal *O Globo*, no dia 10 de março de 2001) foi chamada “Urgência da palavra contra a guerra” e fez um breve, porém crítico e interessante resumo da trama, estabelecendo uma comparação com o romance anterior, *A Condição Humana*. Renato B. Gomes terminou dizendo que “o romance tem a urgência de uma aventura da palavra num país de ninguém chamado guerra”.

³⁸⁹ STURIA, Pedro Conde. Un Mensaje a Rodríguez. Botella en el mar. *Periodico Siglo21 Digital*, 8 maio 2002, ed. 54. Disponível em: <<http://www.periodicosiglo21.com/archivo/e54/opinion/p06b.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2004.

³⁹⁰ GOMES, Renato Bittencourt. Urgência da palavra contra a guerra. Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/site.malraux/Esperanca-2.htm>>. Acesso em: 3 maio 2002.

A outra publicação é o artigo de José Castello³⁹¹ (*O Estado de São Paulo*), que considerou a obra de excelente qualidade, a mais ousada de todas as que Malraux escreveu e a que mais contém embate de idéias desconexas, fazendo a riqueza do livro. Castello mostrou um Malraux político, romancista, homem de ação, apaixonado pelas artes, “um homem vigoroso e desassossegado, um eterno insatisfeito com as limitações humanas, um visionário.”

A terceira resenha (publicada no *Jornal do Brasil, Idéias*, de 9 de junho de 2001), assinada pelo professor de Literatura Francesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Marcelo Jacques de Moraes³⁹², fez alusão aos eventos que aconteceram no ano de 2001 em função das festividades de comemoração do centenário de nascimento de Malraux. Os eventos realizados nos quatro cantos do mundo não restringiram-se aos encontros literários para debates sobre a obra malruciana, mas estenderam-se a mostras de filmes, exposições de artes plásticas e lançamento de livros. Marcelo Moraes introduziu rapidamente outras obras, de Olivier Todd e de Henri Godard, detendo-se na tradução de Eliana Aguiar de *A Esperança*. No comentário e análise, o Professor pretendeu buscar uma resposta para a pergunta que ele mesmo se fez: “por que ler, ainda, Malraux?”. E o primeiro argumento encontrado por Marcelo Moraes foi de que a narrativa malruciana em *L’Espoir* oscila entre a “grandeza lírica e a crueza realista”.

A resenha é enriquecida com exemplos ilustrativos a partir dos quais o Professor discutiu algumas questões colocadas por Malraux, como a relação entre o indivíduo e a história, a transformação pela morte da vida em destino, as relações entre a obra de arte e a história. Ele chegou à conclusão de que se “a concepção da arte e da literatura é de combate contra o destino, contra a morte, contra o tempo, contra tudo o que se afigura como inexorável” e que “se o destino do indivíduo é inevitavelmente a morte, a história dos homens é infinita.” E talvez seja por essa razão que, até certo ponto, o romance para Malraux nunca deixou de ser um laboratório de esperança.

A quarta e última resenha, de autoria do também do mesmo professor, autor de vários livros sobre Malraux e idealizador e organizador desse *site*, Edson Rosa da Silva³⁹³, é intitulada “Organizar o Apocalipse” (com publicação na *Folha de São Paulo, Jornal de resenhas*, de 9 de junho de 2001), conforme já mencionamos anteriormente. Edson da Silva

³⁹¹ CASTELLO, José. Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/site.malraux/Esperanca-2.htm>>. Acesso em: 3 maio 2002.

³⁹² MORAES, Marcelo Jacques de. Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/site.malraux/Esperanca-2.htm>>. Acesso em: 3 maio 2002.

³⁹³ SILVA, Edson Rosa da. Organizar o Apocalipse. Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/site.malraux/Esperanca-2.htm>>. Acesso em: 3 maio 2002.

elaborou a resenha de acordo com a organização do romance, resumindo e comentando as três partes que constituem *A Esperança*. Segundo ele, a acolhida da obra na época da primeira publicação na França, em 1937, foi calorosa, ainda que com reservas, e pela primeira vez Malraux aproximou a função do artista da sua ação no mundo. O fato do livro ter um fim não verossímil significou que “a dimensão da esperança, título do livro e também da terceira parte, não permitia aceitar a derrota.”

Os textos que se dedicaram à edição brasileira da Editora Record, acima descritos, deram pouca ou quase nenhuma atenção aos aspectos técnicos da tradução. Todas as resenhas preocuparam-se em comentar a obra malruciana pelo conteúdo filosófico e a mensagem política transmitidos em *A Condição Humana* e *A Esperança*. Os autores dos artigos recordaram os papéis que Malraux exerceu na História político-social-literária-artística da França e essencialmente político-social, da Espanha, durante a Guerra Civil.

Também falando de Guerra Civil, em “Glorias y miserias de la improvisación de un ejército”, Felipe C. R. Maldonado³⁹⁴ reúne textos escritos pelo compositor Gustavo Durán a respeito da Guerra Espanhola. Felipe Maldonado, assim como o autor de “La revolución y la guerra de España”, não resistiu e em alguns momentos no texto salientou a relação entre a História e a literatura de Malraux. Logo de início, salienta a presença do personagem Manuel, de *L'Espoir*, que foi inspirado em Durán. Imitando a realidade, no romance aparece um “diário de campanha” com anotações feitas pelo compositor espanhol. As notas do “diário” correspondem ao período que Durán deixa a Motorizada e se incorpora ao Estado Mayor do general Kleber (Larz Fakeete). Outro fato, igualmente mencionado no livro, foi a saída de Durán da unidade do front e sua entrada na sessão madrilenha do SIM (Servicio de Investigación Militar).

Do “diário de campanha”, Malraux inspirou-se em uma frase anônima dita no momento em que Durán e seus companheiros estavam em meio a um tiroteio que arrancava as folhas das oliveiras: “Está lloviendo verde”. No entanto, Felipe Maldonado comenta que esta cena, no livro de Malraux, está situada na serra onde não há oliveiras e o terreno não é barreado.

No livro *La revolución y la guerra de España*, de Pierre Broué e Emile Térmime³⁹⁵, Malraux foi citado no capítulo 7 (De la revolución a la Guerra Civil), como exemplo de

³⁹⁴ MALDONADO, Felipe C. R. Memoria republicana. Glorias y miserias de la improvisación de un ejército. Disponível em: <<http://www.sbhac.net/Republica/TextosIm/Duran/Duran.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2004.

³⁹⁵ BROUE, Pierre. TÉRMIME, Emile. De la revolución a la Guerra Civil. *La revolución y la guerra de España*. 1962. *Izquierda revolucionaria – por el poder de los trabajadores y el socialismo internacional*. Disponível em: <<http://www.elmundoalreves.org/libro.php?id=espania&cap=07>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

literatura que transcreveu com grande autenticidade fatos realmente vividos. Os historiadores citam dois episódios da Guerra Civil Espanhola: “los milicianos que insultaban a los guardias civiles mientras les distribuían cigarrillos y hojas de afeitar” e “los milicianos hicieron resistencia en algunas partes, pero en otras se apoderó de ellos el pánico y huyeron en medio de una terrible desbandada”.

Referências a Malraux repetiram-se no capítulo 9 deste mesmo livro, intitulado “El gobierno Caballero y la restauración del Estado”³⁹⁶: “André Malraux cita el ejemplo de un artillero que mandaba disparar sobre las milicias y Borkenau denunció casos de sabotaje.” Ao referirem-se ao compositor Gustavo Durán como um dos chefes de origem obreira, os autores, compartilhando a análise de Felipe Maldonado, inserem uma nota dizendo que ele teria servido de modelo a Malraux para um dos personagens de *L'Espoir*, o comunista Manuel. Nesses dois capítulos, nenhuma outra referência foi feita a esta obra literária. É interessante observar que *L'Espoir* é um romance contextualizado na Espanha no período da guerra, no entanto, Broué e Términe fizeram referência à obra de tal maneira que um leitor desavisado seria levado a pensar em *L'Espoir* como uma obra historiográfica.

São raros os artigos publicados no meio eletrônico sobre *Antimémoires*. Entretanto, encontramos uma crítica espanhola escrita por Leopoldo de Trazegnies Granda³⁹⁷, “La carcajada del diablo”, que analisou títulos de obras de diferentes autores. Ele percebeu que alguns deles reutilizaram ou readaptaram para suas próprias obras títulos que já existiam. Um dos exemplos foi o reemprego de *Antimemorias*, por Alfredo Price del Penique, que plagiou para subtítular um conjunto de suas memórias. Porém, ao contrário de outros escritores que se calaram ao agir dessa mesma forma na hora de nomear seus trabalhos, Penique mencionou o uso do título malruciano no prólogo da obra. No entanto, Leopoldo Granda não escondeu seu estranhamento pelo fato de um autor apreciador de Céline ter plagiado um título de Malraux.

De todas as referências a Malraux na Internet apenas estas acima tiveram algum teor de análise literária das obras malrucianas. Inclui-se aí a divulgação de eventos que projetaram o filme *Sierra de Teruel* e alguns artigos que o mencionam.

³⁹⁶ BROUE, Pierre. TÉRMINE, Emile. El gobierno Caballero y le restauración del Estado. *La revolución y la guerra de España*. 1962. *Izquierda revolucionaria – por el poder de los trabajadores y el socialismo internacional*. Disponível em: <<http://www.elmundoalreves.org/libro.php?id=espania&cap=09>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

³⁹⁷ GRANDA, Leopoldo de Trazegnies. La refiesta del Monstruo. *La carcajada del diablo*. Disponível em: <<http://www.arrakis.es/~trazeg/libro3/16refiesta.html>>. Acesso em: 16 set. 2003.

8.2 *Sierra de Teruel (Espoir)* nos cinemas espanhóis

Sierra de Teruel (Espoir) foi a única produção cinematográfica realizada por Malraux e está baseado em episódios da obra *L'Espoir*. Filmado na Espanha, de julho de 1938 a janeiro de 1939, em plena Guerra Civil, este filme foi financiado pelo governo republicano espanhol e pelo amigo francês Edouard Corniglion-Molinier, com o objetivo de servir de propaganda para arrecadar fundos para a luta dos republicanos. Contou com a colaboração do escritor espanhol Max Aub, de atores e técnicos espanhóis e franceses e foi um dos primeiros filmes que utilizou espaço e tempo reais.

Como já dissemos, não se pode falar de *Sierra de Teruel* sem dar a Max Aub o valor que lhe é merecido. Além de ter traduzido a obra para o espanhol, Aub ajudou a escrever o roteiro, os diálogos, dirigiu cenas e emprestou sua voz para um dos personagens.

Em 1943, ele decidiu exilar-se no México com sua família, onde continuou trabalhando com cinema, tanto filmando quanto ensinando. Juan Rodríguez³⁹⁸ escreveu o texto “La aportación del exilio republicano español al cine mexicano”, no qual não poderia faltar referência a Max Aub. O reconhecimento do trabalho realizado em *Sierra de Teruel* aconteceu quando ele solicitou exílio no México e colocou o filme como pretexto. A partir de então, o que antes era um trabalho ocasional, passou a ocupar espaço maior na vida profissional do franco-espanhol, pois ele começou a trabalhar como professor no Instituto Cinematográfico do México, como assessor técnico da Comisión Nacional de Cinematografía de la Secretaría de Gobernación e formou parte da Comisión Técnico-Literaria del Banco Nacional Cinematográfico.

Na Internet, *Sierra de Teruel* ocupa um grande espaço. Pode-se ter acesso a programações de cinema de diversos cine clubes e associações que reforçam a importância da obra, ainda nos nossos dias, para a sociedade espanhola. Ao contrário, no Brasil, por motivos evidentes, o filme não teve a mesma divulgação e por isso está ausente das telas das cinematecas.

³⁹⁸ RODRÍGUEZ, Juan. La aportación del exilio republicano español al cine mexicano. Disponível em: <<http://clio.rediris.es/exilio/cinejuan.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

No dia 9 de outubro de 2000, inaugurou-se em Las Palmas o ciclo *1939 – 1964. Veinticinco años de cine español*³⁹⁹ e o filme escolhido para abrir o evento foi *Sierra de Teruel*.

Em outra província espanhola, durante cinco dias do mês de setembro de 2002, o Ateneo Navarro⁴⁰⁰, junto com as universidades navarras, organizaram um ciclo de apresentação e discussão sobre a literatura e o cinema cujo tema foi a Guerra Civil. O objetivo do evento foi impulsionar uma reflexão científica sobre o conflito e uma divulgação atraente sobre este período desgarrado da vida espanhola. Por isso, entre outras produções, *Sierra de Teruel* foi projetado no dia 12 de setembro.

Por sua vez, o Cine Clube de Compostela⁴⁰¹, no dia 9 de março de 2004, projetou na sala Yago os filmes *Sierra de Teruel*, de Malraux e o *Gernika*, de Alain Resnais.

Uma produção cinematográfica que resgatou, sobretudo no Brasil, a importância de *Sierra de Teruel* foi *Land and Freedom*, de Ken Loach, de 1995. Algumas cenas deste filme foram comparadas com as de *Sierra de Teruel*, pela comoção que a “terrível beleza revolucionária” transmite.⁴⁰² Ele também foi destaque no site brasileiro www.azul.net⁴⁰³. O texto “Terra e Liberdade”, de autoria anônima, revelou que desde a produção de *L’Espoir*, *Mourir à Madrid* e *The Spanish Civil War*, 60 anos se passaram e surgiu outro filme de igual importância. O crítico reconheceu o valor cinematográfico da obra de Malraux, mas considerou que o autor menosprezou o papel dos anarquistas, apesar de não se assumirem porta-vozes dos comunistas.

³⁹⁹ LA PELÍCULA “SIERRA DE TERUEL” ABRE MAÑANA EL CICLO “25 AÑOS DE CINE ESPAÑOL”. *El Dia Digital. Cultura*, 8 out. 2000. Disponível em: <<http://80.81.104.134/2000-10-08/cultura/cultura6.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2004.

⁴⁰⁰ PROGRAMA DE PROYECCIONES SOBRE LA GUERRA CIVIL ESPAÑOLA. ATENEO NAVARRO DEL 9 AL 13 DE SEPTIEMBRE. Disponível em: <<http://www.saide.es/s2.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

⁴⁰¹ CINE CLUBE DE COMPOSTELA. Disponível em: <<http://www.usc.es/xorna/media/cineclub/imagenes/malraux.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2004.

⁴⁰² BARBARA, Luis de Santa. (trad.) “Tierra y Libertad Ken Loach and Freedom”. Disponível em: <<http://www.bauleros.org/tierraylibertad.html>>. Acesso em : 31 ago. 2004.

⁴⁰³ TERRA E LIBERDADE. Disponível em: <<http://www.azul.net/confronto/html/terra.htm>>. Acesso em: 23 out. 2001.

8.3 A Escuadrilla España e a Guerra Civil

Nem *L'Espoir* e tão pouco *Sierra de Teruel (Espoir)* teriam existido se Malraux não tivesse participado da Guerra Civil, pois inúmeras situações inspiraram o escritor a imortalizá-las nas duas criações. Durante quase um ano, de 1936 a 1937, esteve nos campos de batalha espanhóis como comandante de uma esquadrilha aérea chamada *Escuadrilla España*, formada por mercenários e estrangeiros decididos a lutar contra o fascismo.

O artigo sobre a aviação internacional na Guerra Civil Espanhola, intitulado “Escuadrilla Malraux”, tem como tema a participação de estrangeiros na aviação republicana. A primeira parte do artigo foi dedicada a comentários sobre os homens “voluntarios que luchaban por sus ideales y los auténticos mercenarios” que formaram parte da esquadrilha de Malraux. E a segunda parte, aos outros estrangeiros que compuseram a aviação republicana.

Não é novidade que a *Escuadrilla España* seja criticada pela qualidade e origem de seus componentes e por ter sido chefiada por um homem sem experiência na aviação. A opinião de um chefe da aviação republicana, Hidalgo de Cisneros, transcrita neste artigo, deixou evidente o que se pensava a respeito de Malraux:

pudo en su calidad de escritor ser mucho más útil, pero él mismo se anuló al pretender ser jefe de una escuadrilla sin haber visto un avión en su vida, sin tener la menor idea de lo que es un avión y que se puede jugar a ser aviador sin serlo y menos en una Guerra.⁴⁰⁴

De fato, este episódio da vida do nosso escritor alimenta opiniões contraditórias. Aqueles que estiveram na *Escuadrilla*, por exemplo Paul Nothomb, defendem a importância das ações de Malraux e confirmam sem sobra de dúvidas que o escritor arriscou sua vida nas batalhas que empreendeu.

⁴⁰⁴ ESCUADRILLA MALRAUX. *Aviación internacional en la Guerra Civil española*. Disponível em: <<http://usuarios.lycos.es/henrisb/helpinter/INTER.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

8.4 www.andremalraux.br

Neste item daremos especial atenção ao sites.uol.br/site.malraux que, como já mencionamos, é o único *site* brasileiro dedicado exclusivamente a André Malraux, criado pelo professor Edson Rosa da Silva, que é um especialista de Malraux no Brasil e autor do texto da página de abertura de *André Malraux (1901-1976) – 100 anos*.

Ao apresentar o personagem, Edson da Silva questionou qual seria a melhor forma de sintetizá-lo e sem querer buscar em André Malraux características únicas e definitivas, numa mistura de razão e sentimento, consegue em algumas palavras transmitir a essência do Francês, que “nunca definiu fronteiras claras entre fatos vividos e ficção”, que “não se volta para a sua vida, mas para a sua obra, não busca fronteiras, não quer separar os fatos vividos dos fatos inventados”.

Além de fotos, o *site* possui *links* que permitem a divulgação de eventos referentes a Malraux no Brasil, na França e no mundo. Na época em que foi acessado, oferecia as últimas publicações – especificamente uma entrevista com Olivier Todd, autor de *André Malraux, une vie*. Neste *site* o internauta pode ler os pronunciamentos de Malraux quando da sua visita ao Brasil, em 1959, como Ministro da Cultura, no governo de Charles De Gaulle, reunidos em um livro de autoria de Edson. E também ler artigos sobre Malraux, assim como ter acesso a outros *sites*, franceses, brasileiros ou portugueses, relacionados à obra malruciana.

Além das informações disponíveis, o organizador colocou o *site* à disposição de leitores e pesquisadores para receber colaborações que pudessem enriquecer esse banco de dados malruciano autenticamente brasileiro.

Dois artigos estavam publicados no *site*: um de Eric Nepomuceno, em português, e outro de Jean-Claude Larrat, em francês. O de Eric Nepomuceno⁴⁰⁵, “André Malraux e a permanência da sede”, homenageou os cem anos de nascimento do escritor francês dizendo que Malraux ajudou a enriquecer, a transformar, a tornar ainda mais perpétua a sua pátria. Apontou que a vida de Malraux está, de certa forma, entrelaçada com as idas e vindas da história e que ele se tornou um ícone permanente de uma época. O escritor e jornalista comentou também as atividades do escritor francês como militante de esquerda: “E se foi dos primeiros intelectuais europeus a advertir contra o nazismo de Hitler, muito antes havia sido

⁴⁰⁵ NEPOMUCENO, Eric. André Malraux e a permanência da sede. Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/site.malraux/Artigos.htm>>. Acesso em: 23 out. 2001.

um dos pioneiros a concluir, de maneira clara e rotunda, que a história era muito mais ampla que o mapa da Europa.” E referiu-se também às suas atividades como ministro da Cultura, pois mesmo sendo homem de ação, Malraux nunca deixou de ser homem de reflexão. Lembrou-nos também de seus escritos sobre arte e da luta permanente pela dignidade e pela liberdade de expressão dos homens.

8.5 O político, o literato, o filósofo...

Malraux esteve sempre envolvido nos acontecimentos sociais, artísticos e políticos de sua época. Por isso, às vezes torna-se difícil separar o político do literato, do filósofo, do crítico de arte... Sendo assim, a Internet reúne inúmeros artigos que fazem referência a uma de suas facetas ou a várias ao mesmo tempo. Em muitos desses textos, os autores falam com intimidade das idéias malrucianas e do próprio escritor francês, a ponto de não introduzi-lo ao leitor e nem de citar o seu prenome, referindo-se a ele apenas pelo sobrenome, pois supõem que os leitores conheçam a obra e a atuação política e engajada de Malraux.

A dificuldade que existe em estabelecer uma categoria para classificar André Malraux é inerente ao personagem, que ele mesmo as evitava. As fronteiras entre a literatura e a política são praticamente imperceptíveis na sua obra, pois o político e o literato andaram sempre juntos. Por esta razão, Malraux aparece nos mais variados textos, desde aqueles que tratam de arte (cinema, museus) até os que o definem como teórico da intertextualidade. Relacionamos abaixo exemplos dessas manifestações.

Em 1965, o sociólogo Gilberto Freyre⁴⁰⁶ fez uma conferência na Faculdade de Ciências Econômicas, de Campina Grande, intitulada “Como e Porque sou Escritor”. O texto da palestra de Freyre, que pode ser lido na íntegra na Internet, procurou explicar e definir o que é ser escritor e a razão que o levou a escolher esta profissão. Ele confessou que foi difícil manter-se independente de qualquer ideologia política ou sistema religioso ou escola filosófica ou seita sociológica, mas mesmo assim ele considerava possível que um escritor pertencente a um destes sistemas pudesse escrever uma obra notável. Malraux está entre alguns exemplos identificados por Freyre como “casos raríssimos”, por provarem que o

⁴⁰⁶ FREYRE, Gilberto. Como e porque sou escritor. *Opúsculos. Biblioteca virtual Gilberto Freyre*. Disponível em: <<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugueses/obra/opusculos/como.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2002.

escritor autêntico quando tem idéias pioneiras, revolucionárias, pode ser um executivo de sucesso.

Também o jornalista Alexandre Gambirásio⁴⁰⁷, ao escrever “Um estilo reservado e polido” para homenagear Perseu Abramo, seu colega de profissão, referiu-se aos tempos difíceis da revolução brasileira de 1964 e citou Malraux como um dos gigantes dos anos 60, entre Kennedy, De Gaulle, Stalin e outros.

No site da *Revista de História Régio* encontramos dois textos que fazem referência a Malraux. O primeiro é de Alexandre Hecker⁴⁰⁸, chama-se “A ciência isenta e a mão no leme da história”, no qual ele discutiu o papel do historiador e sua relação com a política citando André Malraux e Arthur Koestler como importantes pensadores do nosso século. Esses dois intelectuais responderam ao shakespeariano dilema do intelectual contemporâneo – participar ou não participar da política, eis a questão – desaprovando a atuação do historiador em uma área minada pelo compromisso. A obra malruciana mencionada foi um trecho de *L’Espoir*, no qual Malraux observou que, enquanto o intelectual é antimaniqueísta, o político é maniqueísta.

Dentro desse mesmo tema, na Espanha, Santiago Martin Bermúdez⁴⁰⁹ respondeu à pergunta que intitula seu artigo “¿De qué hablamos cuando hablamos de compromiso?”. Segundo ele, é uma característica dos intelectuais franceses se meterem onde não foram chamados. Mas, ao contrário da opinião brasileira, o espanhol considera uma tradição saudável, apontando fatos políticos que tiveram a participação efetiva de intelectuais. Foi na década de 30 que se iniciaram as manifestações de compromisso intelectual, mais precisamente em 1934, em Paris, durante a Mutualité, da qual Malraux fez parte. Durante sua vida, Malraux demonstrou sempre seu compromisso com a paz mundial e, por isso, foi considerado um exemplo.

É de opinião geral que Malraux contribuiu significativamente como Ministro da Cultura da França e algumas de suas ações e leis continuam servindo de exemplo para muitos países, conforme se lê no segundo texto da revista *Revista de História Régio*. Este é uma nota

⁴⁰⁷ GAMBIRÁSIO, Alexandre. Um estilo reservado e polido. *Unidade - Jornal dos jornalistas. Imprensa sem patrão*. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/apres/unidade03.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2002.

⁴⁰⁸ HECKER, Alexandre. A ciência isenta e a mão no leme da História. *Revista de História Régio*. Vol. 4, nº 2, Inverno 1999. Disponível em: <<http://www.uepg.br/rhr/v4n2/hecker.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2002.

⁴⁰⁹ BERMÚDEZ, Santiago Martin. ¿De qué hablamos cuando hablamos de compromiso? *Las puertas de del drama. Revista de la Asociación de Autores de Teatro*. Nº 13. Madri: 2003. Disponível em: <<http://elcultural.es/HTML/200040722/Teatro/TEATRO-SEM/Revistas.asp>>. Acesso em: 30 ago. 2004.

de leitura de Pedro Paulo A. Funari⁴¹⁰ baseada em duas obras de Dominique Audrerie sobre o patrimônio. Ao falar da defesa do patrimônio histórico, o autor da nota referiu-se a uma das leis criadas por Malraux em 1962, que defende a proteção patrimonial, permitindo “que, na França, a deteriorização dos centros históricos fosse limitada pela proteção ativa ao conjunto antigo das cidades, algo que só poderia ser feito ‘com e pelos seus habitantes e não apenas tendo em vista fins culturais e turísticos’”.

No *Jornal da Ciência*⁴¹¹ da UNICAMP, na seção *Pensamentos do dia*, encontramos três citações: a primeira, de Kofi Annan, secretário geral das Nações Unidas; a segunda, de Austin Smith, da Universidade de Edimburgo, Escócia e a terceira, de Pierre Coureux, fundador e atual presidente da Association Amitiés Internationales André Malraux. O *Jornal da Ciência* publicou apenas um trecho da entrevista de Coureux, no jornal *Folha de São Paulo*, no qual ele lembra que as leis criadas por Malraux garantiram a dignidade de monumentos e prédios históricos da França.

No artigo “O Poder da Cultura”, Rodolfo Konder⁴¹², no papel de Secretário Municipal da Cultura de São Paulo, defendeu a política cultural exercida por sua equipe. Para mostrar que a idéia de mudança está presente há muito tempo no universo intelectual e artístico, Konder repetiu o que Malraux já havia dito: “o mundo da cultura não é o da imortalidade, mas o da transformação”. Segundo o Secretário, essas mudanças no início do século XXI confirmam a previsão feita por Malraux de que o próximo século seria o século da cultura.

A idéia das Casas de Cultura criadas durante o período no qual Malraux ocupou o cargo de ministro da Cultura não foi exclusiva do governo francês. Em “Aportaciones a la proximidad. Tipologías y trayectorias de los equipamientos en Europa y en España (1ª part)”, Eduard Miralles e Montserrat Saboya⁴¹³ traçaram coordenadas básicas para explicar a trajetória do que eles chamaram “equipamientos de proximidad”, ou seja, espaços públicos para promover e desenvolver a arte, a cultura e a religião na Espanha.

⁴¹⁰ FUNARI, Pedro Paulo A. *Revista de História Régio*. Vol. 4, nº 1, verão 1999. Disponível em: <<http://www.rhr.uepg.br/v4n1/funari.htm>>. Acesso em: 2 maio 2002.

⁴¹¹ PENSAMENTOS DO DIA. *Jornal da Ciência*. Campinas: UNICAMP, 30 jan. 2001. Disponível em: <<http://www.ifi.unicamp.br/jornal-da-ciencia/msg00636.html>>. Acesso em: 30 abr. 2002.

⁴¹² KONDER, Rodolfo. O Poder da Cultura. Disponível em: <<http://infosampa.prodam.sp.gov.br/quiosque/ccsp/vindo.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2002.

⁴¹³ MIRALLES, Eduard. SABOYA, Montserrat. Aproximaciones a la proximidad. Tipologías y trayectorias de los equipamientos en Europa y en España (1ª part). *Cercles. La revista digital de CERC – Centre d’Estudis i Recursos Culturals de la Diputació de Barcelona*. 6 out. 2000. Disponível em: <http://www.lamalla.net/cercles/cultura_i_municipi/article_pic.asp?id_pic=2909&municipi>. Acesso em: 30 ago. 2004.

Segundo os autores, a partir dos anos setenta, as Casas de Cultura, um tipo desses equipamentos de proximidade, foram importantes para a democratização da cultura, tanto na França quanto nos países culturalmente afins. A primeira *Maison de la Culture* foi inaugurada em Le Havre, em 1961. No entanto, em 1969, quando Malraux deixou o ministério apenas sete unidades estavam funcionando. A partir de então elas começaram a decair e deram lugar aos Centros de Ação Cultural e às *Maisons de Quartier*.

Na Espanha, durante a ditadura de Franco, em 1951, foram criados centros cujo objetivo era o mesmo das Casas de Cultura, ou seja, ser centros de convivência e de difusão cultural, constituídos por entidades públicas ou privadas, mediante participação do Estado através de convênio e implantados preferentemente em zonas suburbanas.

Jorge Sebastián Lozano⁴¹⁴, na comunicação “Catálogos nacionales de patrimonio en Europa: una visión de conjunto”, apresentada no congresso CULTURTEC 2000, em Madri, sobre os inventários nacionais e como eles estavam sendo difundidos, citou uma observação que Malraux fez quando era ministro da Cultura e que está no prefácio do Inventário francês de 1978. Segundo Lozano, ninguém melhor que Malraux soube expressar que a documentação do patrimônio, além de obedecer decisões políticas, também é influenciada por julgamentos de valor.

Gabriel Albiac⁴¹⁵, num artigo sobre os trinta anos que se passaram desde a revolução de maio de 1968, comentou o livro que escreveu sobre esta época e disse que foi iniciado com uma citação de *Antimémoires*, de Malraux, na qual ele relembra seu reencontro com Max Aub, no Palais Royal, quando era ministro da cultura. Gabriel Albiac relembra com certo tom de decepção nostálgica aquele tempo que ele chama de “nosso tempo”. Passados trinta anos, o crítico conclui que aquela geração foi ingênua, solitária, órfã, entusiasta, lúcida e ignorante... E termina com a imagem de que o que passou “parece todo el decorado pésimo de una película neorealista”.

O trabalho “Questões de Bioética: morte e direito de morrer”⁴¹⁶ foi apresentado na Mesa Redonda “Diálogos” promovida pela UNISO-PUCSP Sorocaba, em junho de 1998, e está sem assinatura. O texto coloca a morte como uma condição humana e discute a que ponto o ser humano tem o direito de optar por ela. Entre citações de escritores, teólogos, filósofos

⁴¹⁴ LOZANO, Jorge Sebastián. Catálogos nacionales de patrimonio en Europa: una visión de conjunto. Disponível em: <<http://www.uv.es/gdha/publica/culturtec2000h.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2004.

⁴¹⁵ ALBIAC, Gabriel. Treinta años. *C.N.I.C.E.* Disponível em: <<http://www.cnice.mecd.es/tematicas/filosofia/04articulos/columnas/genera68/6898p.htm>>. Acesso em: 16 set. 2003.

⁴¹⁶ QUESTOES DE BIOÉTICA: MORTE E DIREITO DE MORRER. UNISO-PUCSP. Sorocaba, jun. 1998. Disponível em: <<http://www.suigeneris.pro.br/socied20.htm>>. Acesso em: 23 out. 2001.

que discutiram o viver e o morrer em suas obras, aparece Malraux: “Aquele que se mata corre atrás de uma imagem que ele se formou de si próprio; nunca ninguém se mata senão para existir”. E continua, “só a morte transforma a vida em destino”.

Mas a presença de Malraux no Brasil vai muito além de citação de máximas, ele foi um modelo, uma referência ideológica para toda uma geração de intelectuais. Uma das primeiras manifestações da crítica brasileira sobre a sua obra foi a criação do “Grupo Malraux”, em 1944. No dia 10 de maio, dois dias depois do fim da Segunda Guerra Mundial, um grupo de jovens escritores se reuniu no bar “Vermelhinho”, no Rio de Janeiro, para expor suas poesias. Malraux representava para essa geração a soma de ação e pensamento, por isso os jovens escritores e artistas decidiram usar o seu sobrenome para denominar o Grupo, que durou de 1944 até 1947. Um dos integrantes e secretário desse grupo foi o Acadêmico Antonio Olinto⁴¹⁷, ocupante da cadeira número 8 da Academia Brasileira de Letras.

Muitos textos que falam de arte citam Malraux, como o de Ludmila Brandão⁴¹⁸, “Aspectos de uma estética deleuziana”. Entre discussões que repensam a arte como meio de comunicação e o lugar que ela ocupa, Ludmila afirmou que Malraux já havia repensado a relação entre arte e ato de resistência quando disse que “a arte é a única coisa que resiste à morte”. Disse ainda que Gilles Deleuze e Felix Guattari inspiraram-se em Malraux para compor o último capítulo de *O que é filosofia?*.

Ainda tratando de criação artística, em “Segredos da criatividade”, Luis Pellegrini⁴¹⁹ defendeu a tese de que todas as pessoas são capazes de criar. Para isso, basta evitar o conformismo e o negativismo e deixar que as inquietações e as emoções se manifestem sem medo. Sobre essa faculdade possível a todos, Pellegrini citou Malraux, a quem ele identificou como um “filósofo”, que disse “que o homem cria como respira.”

Na coluna “Duas vezes Choderlos de Laclos” há uma discussão sobre as traduções do título de *Les liaisons dangereuses*. Essas traduções foram realizadas primeiro por Ceorio Borba, para a Editora José Olympio e depois, por Carlos Drummond de Andrade, para a Livraria do Globo. Borba preferiu traduzir *liaisons* por ‘ligações’ e Drummond optou por ‘relações’. Malraux teve uma grande participação na resolução daquele impasse, pois segundo o autor da coluna, num

⁴¹⁷ ANTONIO OLINTO. Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/Templates/biografias/antonioolinto.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2002.

⁴¹⁸ BRANDAO, Ludmila. Aspectos de uma estética deleuziana. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/bases/texto016.asp>>. Acesso em: 22 out. 2001.

⁴¹⁹ PELLEGRINI, Luis. Segredos da criatividade. Disponível em: <http://criativa.globo.com/edic/ed137/rep_segredos.htm>. Acesso em: 15 maio 2002.

magnífico estudo incluído no *Tableau de la littérature française, de Corneille à Chénier*, demonstrou o sentido profundo do romance, sinal de esgotamento da arquivela mitologia do amor e, doutro lado, modelo literário de uma estratégia maquiavelística que será a arma da nova burguesia.⁴²⁰

Conclusão: a partir dessa definição achou-se mais conveniente a opção feita por Drummond de traduzir *liaisons* por ‘relações’.

Com o objetivo de buscar diferentes projetos contemporâneos de ficção histórica, Ítalo Moriconi⁴²¹ homenageou Silviano Santiago numa análise comparativa com o argentino Ricardo Piglia. A presença de Malraux é mais forte nas notas bibliográficas que no próprio texto, no qual Moriconi diz que Silviano Santiago estava mais para Claude Simon que para André Malraux ao se posicionar num quadro de referência francês nos anos 80. Porém, nas notas Moriconi afirma que o fim do milênio foi rico em mudanças e sugere a leitura de *Signé Malraux*, de Jean-François Lyotard e da resenha de Bruckner “Malraux désembaumé”, em *Le Nouvel Observateur*, nº 1663.

Além de filósofo e romancista, Malraux também é reconhecido por muitos outros autores como um grande cronista da história humana. É o que mostra o texto de Marília Pacheco Fiorillo⁴²² sobre o livro de Nicolas Bouvier, *Crônica Japonesa*, lançado junto com a coleção *Bazar de Aventuras*, pela editora L&PM. A autora menciona Malraux ao lado de Graham Greene como um dos “fabulosos cronistas da história”.

Sob o mesmo aspecto, o escritor francês é citado por Maria da Conceição Tavares⁴²³. Num texto de memórias, “Memórias de uma adolescente do século XX”, ela diz que nunca conseguiu apagar da memória as lembranças dos campos de concentração e do holocausto e lembra “aquele horror que levou Malraux a afirmar que ‘o demônio estava sobre o Mundo’”.

Em outras situações, muitas delas sem relação direta com a literatura, surgem referências surpreendentes ao escritor francês. Por exemplo, um leitor espanhol, da região da Galícia, ao expressar seu desagrado com as atitudes do governo em relação ao acidente do

⁴²⁰ DUAS VEZES CHORDELOS DE LACLOS. *Província de São Pedro*. nº 11, p. 161. Disponível em: <<http://www.ipct.pucrs.br/letras/saopedro/htm/11/161.HTM>>. Acesso em: 2 maio 2002.

⁴²¹ MORICONI, Ítalo. Improviso para abismo para homenagem (1). *Navegar é preciso, viver... Escritos para Silviano Santiago*. SOUZA, Eneida Maria de. MIRANDA, Wander Melo. (orgs.). Belo Horizonte: Editora UFMG, UFBA, UFF, 1997, p. 53-60. Disponível em: <<http://acd.rfrj.br/pacc/literaria/improviso.html>>. Acesso em: 30 abr. 2002.

⁴²² FIORILLO, Marília Pacheco. *Crônica Japonesa*. Nicolas Bouvier. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/c219_001.htm>. Acesso em: 25 mar. 2002.

⁴²³ TAVARES, Maria da Conceição. Memórias de uma adolescente do século XX. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 jan. 2000. Disponível em: <http://www.abordo.com.br/mctavares/art01_00.htm>. Acesso em: 30 abr. 2002.

navio Prestige nas costas galegas, citou Malraux para mostrar o quanto a sociedade estava-se sentindo humilhada: “Dicía André Malraux que o contrario da humillación é a fraternidade. (...) Espallada a morte, só nos resta a fraternidade de Malraux e a nosa dignidade.”⁴²⁴

Muitas vezes, máximas de Malraux são empregadas em epígrafes. Ao dedicar sua coluna a María Moreno Pérez, Francisco Correal⁴²⁵ citou a frase “¿Hay un estilo en las revoluciones?”, que está em *La Esperanza*, para introduzir o artigo que fala essencialmente de María Moreno, “la pasionaria de los jornaleros”, uma revolucionária “de los pies a la cabeza”. Sobre Malraux fez rápidos comentários da sua participação numa batalha no Ebro, sobre ter sido lembrado no centenário de Max Aub, com quem produziu *Sierra de Teruel* e sobre a publicação de *Oraciones fúnebres* com uma foto de Malraux no porto de Cádiz servindo de capa.

A lenda da Rainha de Sabá foi um mistério, entre outros, que seduziu Malraux. Os escritores Vicente Plédel, Marián Ocaña y Javier Jayme⁴²⁶, autores de *Tras las Huellas de la Reina de Saba*, publicaram o primeiro capítulo do livro no *site* dos expedicionários. Assim como Malraux, eles foram em busca da descoberta de Bilqs, a Rainha de Sabá, e se questionam sobre a origem da lenda. Tanto os três espanhóis quanto o francês foram seduzidos por essa lenda que veio do passado e permanece até hoje despertando curiosidades.

8.6 Escritor engajado

Uma parte da literatura de Malraux diferencia-se da literatura romanesca por estar datada e situada em contextos históricos: China, Espanha, França. Porém, isso não é o suficiente para identificá-lo como um escritor engajado. Malraux expressou sua ideologia em suas obras, como em *Les Conquistadores*, *La Voie Royale*, *La Condition humaine* e *L'Espoir*, para citar algumas. E, através do seu discurso, revelou problemas e chamou a atenção para a necessidade de solidariedade humana e de luta pela dignidade.

⁴²⁴ FERNÁNDEZ NAVAL, Francisco X. Humillación ou dignidade. Disponível em: <<http://www.vieiros.com/noticia.asp?Ed=1&N=25739>>. Acesso em: 31 ago. 2004.

⁴²⁵ CORREAL, Francisco. La revolución muerde con dieste de diablo. *Diario de Jerez digital*, Jerez, 4 set. 2003. Disponível em: <http://www.diariodejerez.com/pg030904/opinion/opinion_opinion265806.htm>. Acesso em: 19 set. 2003.

⁴²⁶ PLÉDEL, Vicente. OCAÑA, Marián. JAYME, Javier. Una leyenda para soñar. *Tras las Huellas de la Reina de Saba*. Grupo Gráfico GSF, 2003. Disponível em: <<http://www.ruta-imperios.com/espana/CapituloI.htm>>. Acesso em: 16 set. 2003.

No *site* da Fundación Andreu Nin, www.fundanin.org, o internauta encontra os artigos que deram lugar à conhecida discussão entre Malraux e León Trotsky, que teve início nos comentários deste último sobre a obra *Les Conquérants*. De um lado, Trotsky tentava explicar o desastre da política do bolchevismo, enquanto que Malraux se esforçava em justificar sua obra do ponto de vista de um espectador presente nos acontecimentos.

Os textos à disposição dos leitores fazem parte do segundo tomo de *Literatura y revolución y otros escritos sobre la literatura y el arte*, de Trotsky, publicado em Paris, em 1969: “La revolución estrangulada”⁴²⁷, escrito em 9 de fevereiro de 1931 e “De la revolución estrangulada y de sus estranguladores”⁴²⁸, uma resposta que Trotsky deu a um artigo de Malraux que, por sua vez, contestava os primeiros comentários do escritor russo.

Também pode-se ler o texto “Encuentros con León Trotsky”⁴²⁹, que Malraux escreveu sobre seus encontros com o Russo e que foi publicado em castelhano na antologia *Trotsky*, em 1969.

O artigo “Malraux y Trotsky: encuentros y desencuentros”, de Pepe Gutierrez⁴³⁰, apareceu para comentar a relação que existia entre o Francês e o Russo. O crítico, ao repassar seus recortes de jornais, deu-se conta de que ainda nos nossos dias se fala de Malraux. Vários fatos comprovam esse interesse, como as comemorações de seu centenário, um acontecimento nacional francês e europeu, a comemoração dos vinte e cinco anos de falecimento, que repercutiu nos meios de comunicação com numerosos artigos, exposições e reedições das obras. Recentemente, a publicação de uma nova biografia continua afirmando o interesse público por Malraux. Ele fez um apanhado histórico-psicológico que envolvia as atitudes e pensamentos do autor, tanto dentro da política, quanto dentro da obra literária. Porém, para Pepe, o maior prestígio de Malraux resultaria no fato de ser um intelectual comprometido.

Pepe Gutiérrez⁴³¹ é também autor de um outro artigo sobre a relação de Malraux com Trotsky, onde fez referência às obras que considera as verdadeiras grandezas do escritor francês. Julgou *La Condition humaine* como a mais magistral evocação da revolução chinesa.

⁴²⁷ TROTSKY, León. La revolución estrangulada. Disponível em: <<http://www.fundanin.org/trotski2.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2004.

⁴²⁸ TROTSKY, León. De la revolución estrangulada y de sus estranguladores. Disponível em: <<http://www.fundanin.org/trotski2.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2004.

⁴²⁹ MALRAUX, André. Encuentros con León Trotsky. Disponível em: <<http://www.fundanin.org/malraux.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2004.

⁴³⁰ GUTIÉRREZ, Pepe. Malraux y Trotsky: encuentros y desencuentros. 2000. Disponível em: <<http://www.fundanin.org/gutierrez11.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2004.

⁴³¹ GUTIÉRREZ, Pepe. Quan Malraux visitava Trotsky. *Contracorrent* n° 7. Disponível em: <<http://batzac.pangea.org/contracorrent7.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

E *L'Espoir*, a maior obra que se escreveu sobre a Guerra Civil Espanhola, inspiradora da obra prima *Sierra de Teruel*. Para o crítico, Malraux tem o reconhecimento que lhe é dedicado mais pelas obras que escreveu que pelas suas atuações militares-políticas.

Também analisou a relação entre o Francês e o Russo do ponto de vista político, afirmando existir uma ambivalência entre a mítica malruciana e a sua razão revolucionária. Pois, mesmo que Malraux se considerasse um companheiro de estrada de Trotsky, ele criticou o que estava acontecendo em Moscou, onde os “processos” liquidavam os protagonistas e o ideal da Revolução de Outubro.

Esta discussão, bem conhecida no meio acadêmico, acabou por motivar outros críticos a escrever e a restituir no cinema tal relação. Gutiérrez entendeu que a diferença estava no ponto de vista de cada um, pois Trotsky lia as obras de Malraux sob o ponto de vista histórico, enquanto que Malraux, como escritor, estava preocupado com os detalhes romanescos. Finalmente, hoje sabemos que Trotsky admirou a atuação de Malraux e que o nome e as obras do Francês permanecem ligados à revolução.

Essa vida conturbada, cheia de fatos e situações polêmicas, suscita ainda hoje muitos estudos e pesquisas, que se revelam em diferentes biografias.

8.7 O legado de Malraux em biografias

A glória de ser Malraux já foi relatada em várias biografias. Podemos encontrar comentários e críticas sobre as mais recentes em diferentes endereços eletrônicos.

Em novidades bibliográficas da editora Edhasa⁴³², foi apresentado o livro do escritor belga Paul Nothomb, intitulado *Malraux en España*. Nothomb ingressou na esquadrilha organizada por Malraux, na Guerra Civil Espanhola, como piloto de avião e testemunhou a atuação do francês como comandante do grupo. Neste livro, o escritor belga defende a participação ativa de Malraux e faz um histórico, com fotos e testemunhos, daquele período que durou a Escuadrilla España. Este foi o argumento que a editora Edhasa empregou para venda, pois Nothomb mostra através de fotografias, em total de cento e vinte e três, que

⁴³² PAUL NOTHOMB. MALRAUX EN ESPAÑA. *Novidades Bibliográficas Edhasa/Noviembre 2*. Disponível em: <<http://www.liceus.com/cgi-bin/ac/07/02111.asp>>. Acesso em: 16 set. 2003.

Malraux realmente interveio na luta antifascista durante a Guerra Civil, ao contrário do que muitos biógrafos tentam demonstrar.

O livro de Paul Nothomb abrangeu um ano da vida de Malraux, de 1936 até 1937, passados na Espanha. No entanto, outra biografia, *André Malraux. Une vie*, escrita por Olivier Todd, é o resultado de uma pesquisa completa sobre a vida do escritor. Ela foi lançada em 2001, em comemoração ao centenário de nascimento, e colocada à venda em inúmeros *sites* especializados neste tipo de comércio e em *sites* de livrarias. Como é de praxe neste tipo de promoção, além das informações técnicas de tamanho e preço do volume, eles oferecem uma resenha explicativa da obra com o único objetivo de vender o produto. Por exemplo, nas resenhas disponíveis pelo www.tirant.es⁴³³ e pelo portal da editora Tusquets⁴³⁴ o trabalho de Olivier Todd é muito elogiado, respondendo a perguntas que o próprio Malraux suscitava como escritor, intelectual, político e personagem pública. O biógrafo separou as experiências vividas por Malraux das imaginadas por ele, para assim desvendar sua personalidade e recuperar um dos ícones do século XX. Segundo os Editores, “la irrupción de Malraux en la escena literaria a finales de los años veinte impuso un tono, un estilo, un personaje.” Em www.agapea.com⁴³⁵ outra pequena resenha foi igualmente elogiosa.

Manuel Alcántara⁴³⁶, comentando sobre as biografias que estavam sendo publicadas, percebeu que elas se assemelhavam por criticar o personagem principal e mostrou-se contrariado em relação à biografia escrita por Todd que, segundo o crítico, não escreveu sobre Malraux, mas contra Malraux.

No entanto, com relação à elucidação das dúvidas deixadas por Malraux, argumento empregado pela editora Tusquets, José J. Escandell⁴³⁷ declarou-se insatisfeito e decepcionado com a biografia *André Malraux. Una vida*. Pelo volume da obra, o leitor esperava encontrar respostas para inúmeras dúvidas relativas aos episódios da vida do escritor e continuou sem elucidar perguntas que revelassem as razões que levaram Malraux a fazer várias mudanças na sua vida. No entanto, para Escandell, “falta poner a la vista lo que era André Malraux en muchas de sus dimensiones más personales.” Ele achou que Todd não soube explorar a

⁴³³ ANDRÉ MALRAUX UNA VIDA. *Libreria Tirant Lo Blanch*. Disponível em: <<http://www.tirant.es/detalle?articulo=8483108267>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

⁴³⁴ TIEMPO DE MEMORIA. ANDRÉ MALRAUX. UNA VIDA. Disponível em: <http://www.tusquets-editores.es/lib_ficha_prn.cfm?Id=1545>. Acesso em: 16 set. 2003.

⁴³⁵ ANDRÉ MALRAUX. UNA VIDA. Disponível em: <<http://www.agapea.com/Andre-Malraux-Una-vida-n10539li.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

⁴³⁶ ALCÁNTARA, Manuel. Biografías. *Criterios. Comentario internacional*, 7 mar. 2002. Disponível em: <<http://80.81.104.134/2002-03-07/criterios/criterios4.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2004.

⁴³⁷ ESCANDELL, José J. Una biografía con demasiadas preguntas abiertas. Disponível em: <http://www.hispanidad.com/lib_Malraux.htm>. Acesso em: 19 set. 2003.

grandeza que existe na vida de Malraux, apenas “algo tristemente humana, algo asediado por la crueldad de la ironía.”

José Escandell justificou o que chamou de parcial fracasso da biografia, a falta de contexto ponderado e considerou lamentáveis as páginas dedicadas à Guerra Civil Espanhola. No entanto, elogiou o estilo de Todd e a tradução feita para o espanhol. E terminou dizendo que a obra é valiosa, mas que o biógrafo não teve capacidade analítica e crítica para interpretar a vida de Malraux.

O crítico espanhol Carlos Semprún Maura⁴³⁸ concordou com Olivier Todd que, na biografia, destrói o mito de heróico combatente antifascista criado durante a Guerra Civil Espanhola, pois considera Malraux um farsante, um mentiroso. Para Semprún Maura o evento “Malraux et l’Espagne”, em 1989, em Paris, foi uma exorcização das farsas e das mentiras sobre a participação do escritor na Guerra Civil. No entanto, ele admitiu achar *La Condition humaine* sua melhor obra.

Em outro artigo, “Tiempos de nauseas y desprecio”⁴³⁹, o mesmo crítico aproveitou a recente publicação das biografias sobre Sartre e Malraux para comparar os dois escritores franceses. O primeiro ponto de coincidência relevado por Carlos Semprún Maura é o fato de ambos nada entenderem de arte apesar de terem escrito muito a respeito. Porém, o crítico deteve-se no que considerou a coincidência mais importante: tanto Sartre quanto Malraux “formaron parte de la elite de los protagonistas del totalitarismo, y ambos sin carné.”

No entanto, Semprún Maura não se restringiu aos personagens das biografias. Criticou também os autores de forma direta e, às vezes, indelicada, dizendo que ambos deixaram de ocultar o compromisso histórico com o crime. A ponto de chamar Olivier Todd de oportunista, acusando-o por não se ter dado conta de que Malraux foi um dos organizadores de manifestações que aparentemente eram antifascistas, mas na verdade estavam diretamente ligadas a Moscou, a Stalin.

O interessante é que no decorrer da biografia malruciana, apenas Carlos Semprún Maura foi capaz de denunciar este fato, já que, como ele mesmo disse, passou despercebido pelos jurados do prêmio *Goncourt*, em 1933, pelos meios de comunicação da época e, atualmente, pelo último biógrafo.

⁴³⁸ MAURA, Carlos Semprún. Sabor y sinsabores. *La Revista. Libertad Digital*. 9 mar. 2001. Disponível em: <<http://revista.libertaddigital.com/articulo.php/746>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

⁴³⁹ MAURA, Carlos Semprún. Tiempos de nauseas y desprecio. *La ilustración Liberal. Revista española y americana*. Nº 9, Intelectuales. Disponível em: <http://www.libertaddigital.com:83/ilustracion_liberal/articulo.php/166>. Acesso em: 23 ago. 2004.

Convencido de que Malraux tinha relação com o crime totalitário, o crítico reclama a ausência desse fato na obra de Todd. Chega a dizer que o escritor não se informou corretamente, pois, segundo Maura, “desprecia España, inconscientemente o no”, já que não mostrou os estragos que o comunismo fez naquele país.

Com posição ideológica antagônica, Antonio García Vila⁴⁴⁰ comentou a biografia escrita por Olivier Todd. Considerou-a magnífica e a consagração de Malraux veio com a participação na Guerra Civil Espanhola, já que *La Esperanza* é a sua melhor obra.

Tanto a obra de Paul Nothomb quanto a de Olivier Todd pretendem elucidar fatos ainda desconhecidos ou desacreditados da vida do escritor. Os dois trabalhos surgiram em uma época na qual Malraux estava sendo lembrado e discutido, o ano do seu centenário de nascimento.

8.8 Comemorações do centenário de nascimento

Em 2000, um ano antes das grandes festividades do centenário de André Malraux, foram comemorados os trinta anos da morte do general De Gaulle. Nesta ocasião, a TV Cultura⁴⁴¹ transmitiu, no dia 5 de novembro de 2000, às 19 horas, um especial da TV Suisse Romande sobre Malraux e Charles de Gaulle, intitulado *De Gaulle a Malraux*.

Com igual prestígio, os cem anos de vida de André Malraux, festejados no dia 3 de novembro de 2001, foram mundialmente comemorados. Em diferentes cidades do Brasil, aconteceram eventos universitários, apresentações em congressos, projeção de filmes, discussões e palestras sobre a obra malruciana. É possível encontrar informações sobre os eventos nos sites: www.globo.com, na seção *Diversão e arte*, www.france.org.br/abr/communik, da Embaixada da França no Brasil, www.geocities.com/neolatinas e no sites.uol.com.br/site.malraux.

O site já mencionado de autoria do professor Edson Rosa da Silva, sites.uol.com.br/site.malraux, publicou o cronograma dos eventos referentes a Malraux no Rio

⁴⁴⁰ VILA, Antonio García. Una Biografía. Disponível em: <<http://www.lateral-ed.es/revista/estanteria/101estanteria.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

⁴⁴¹ TV CULTURA. Homenagem a De Gaulle e Malraux. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/tvcultura/destaquetv0011/destaquetv001105.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2002.

de Janeiro: na Universidade Federal, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Congresso Latino-Americano de Professores de Francês sediado na cidade, na Mediateca – Centro de informações da Maison de France, Aliança Francesa e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

O evento do Centro Cultural Banco do Brasil, do Rio de Janeiro, foi anunciado, além de na sua própria *web*, sob o título “André Malraux: o romancista, o esteta e o cineasta”⁴⁴², também no site da Globo.com, do dia 5 de junho de 2001, na sessão *Diversão e Arte*, com a chamada “CCBB comemora centenário do escritor francês André Malraux”⁴⁴³. O curador do evento, Prof. Edson Rosa da Silva, contou com a parceria do *Bureau du Livre* e do Consulado da França. Na ocasião, o professor tunisiano Moncef Kherimi proferiu a palestra “Malraux: o romancista e sua paixão pela arte” e foram apresentados dois filmes seguidos de debates dos quais participaram professores da Faculdade de Letras da UFRJ, Prof. Edson Rosa da Silva e Prof. Marcelo Jacques de Moraes, e professores de teoria da comunicação e de cinema da PUC-Rio, Prof^a. Angeluccia Bernardes Harbet, Prof. Miguel Pereira e Prof. Silvio Tandler. Os filmes apresentados foram *As metamorfoses do olhar*, de Clovis Prévost, sobre Malraux, e *Sierra de Teruel (Espoir)*.

A Aliança Francesa do Rio de Janeiro organizou o *Ciclo Malraux*. Da programação, fazia parte uma exposição mostrando os vários aspectos da personalidade do escritor e as projeções dos filmes *André Malraux ou la grande vie*, de Daniel Rondeau e Alain Ferrari, de 1995, e *Sierra de Teruel*.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, por ocasião do Fórum de Ciência e Cultura, foi oferecido um curso de extensão sobre *A literatura francesa e a pintura*, composto por duas palestras sobre Malraux: *Malraux e Picasso: um constante combate de formas*, Prof. Edson R. da Silva; *Malraux e o mundo de Goya*, Prof^a. Maria Elizabeth de Sá Cunha Carneiro (UFES).

Nos primeiros dias do mês de junho de 2001, o Rio de Janeiro sediou o XII Congresso Latino-Americano de Professores de Francês (SEDIFRALE), que também prestou homenagens a Malraux. Foi proferida a conferência *Malraux et la passion de l'art*, pelo mesmo professor tunisiano Moncef Kherimi; foi organizada uma mesa-redonda *André Malraux – un intellectuel à travers le siècle*, composta por três estudiosos da obra do escritor

⁴⁴² ANDRÉ MALRAUX: O ROMANCISTA O ESTETA E O CINEASTA. Disponível em: <<http://www.geocities.com/neolatinas/91evento.html>>. Acesso em: 1 out. 2002.

⁴⁴³ GLOBO.COM. CCBB comemora centenário do escritor francês André Malraux. 5 jun. 2001. Disponível em: <<http://www.globo.com/diversaoarte/arquivo/diversao/20010605/4xermq.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2001.

francês: o Prof. Edson R. da Silva, apresentando a comunicação *L'artiste et les formes de l'art*, o Prof. Marcelo J. de Moraes, com um trabalho de comparação intitulado *Baudelaire, Malraux et l'idée de métamorphose* e, finalmente, a Prof^a. Maria Elisabeth Pinheiro, com a comunicação *André Malraux et l'autoportrait*.

Outro encontro aconteceu na Mediateca do Centro de Informações da *Maison de France*, igualmente na cidade do Rio de Janeiro, com a participação de dois professores suíços na mesa-redonda *L'esthétique dans la tourmente: Ramuz et Malraux, esthétiques croisées*. Os debatedores foram: Noël Cordonnier, Alain RoCHAT, Alexandre Schild e Edson R. da Silva, e como mediador: Pierre Guisan.

O Rio de Janeiro foi a cidade brasileira que mais promoveu eventos para comemorar o centenário do escritor francês. No entanto, ela não foi a única, pois mais ao sul, na cidade de Porto Alegre, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul organizou o ciclo de palestras *100 anos de André Malraux. História, Literatura, Arte*, sob a coordenação do Prof. Robert Ponge e contou com a presença dos anteriormente mencionados Professores Moncef Khemiri e Edson R. da Silva. A divulgação do evento foi feita através do *site* dessa Universidade e pelo jornal local *Zero Hora*.

Outra cidade brasileira que não deixou passar em branco o centenário foi Brasília. O Professor tunisiano também esteve ali proferindo conferências na Embaixada da França⁴⁴⁴. Sua visita foi anunciada no *site* da Embaixada.

Muito provavelmente outras manifestações ocorreram em universidades brasileiras, apesar de não terem sido divulgadas por Internet. Nos *sites* espanhóis também é possível encontrar artigos que fizeram referência ao aniversário, no entanto, dos três que se dedicaram ao assunto, apenas um mencionou a realização de eventos que, porém, não ocorreram na Espanha, mas sim, na França. Na Espanha, os críticos preferiram expressar sua participação através de artigos em jornais.

Como o exemplo de Renata Dorada⁴⁴⁵ que surpreende pois, motivada pelo centenário, escreveu “Cien años de Malraux”, mas ao contrário do que o título indica a autora não se refere ao fato. Mantendo sempre claro que considera o escritor um homem de grande magnetismo, ela analisa a mudança radical do francês quanto à sua posição política e se

⁴⁴⁴ EMBAIXADA DA FRANÇA. Disponível em: <<http://www.france.org.br/abr/comunik/CO%20222001.htm>>. Acesso em: 26 out. 2001.

⁴⁴⁵ DORADA, Renata. Cien años de Malraux. Disponível em: <http://www.satiria.com/libros/opinion_naufrago_malraux.htm>. Acesso em: 23 ago. 2004.

decepciona ao descobrir que Malraux não participou da revolução chinesa como pretendia fazer acreditar, e que, apesar de ter organizado uma esquadrilha aérea durante a Guerra Civil, nunca tinha pilotado um avião e, nem mesmo, um carro. Termina dizendo que “no cabe duda... un tipo con la ideas claras: todo en pos de su único y particular beneficio.”

Por sua vez, Luis Lezama⁴⁴⁶, em “En el centenario de André Malraux”, preferiu resumir a biografia do escritor. Considerou *La Condition humaine* o melhor de seus livros e afirmou que sua passagem pelo Ministério de Cultura da França deixou marcas que influenciam ainda nos nossos dias.

8.9 Os discursos de 1959 - mais de 40 anos depois...

Sabemos que quando o então Ministro da Cultura da França, André Malraux, esteve no Brasil em visita oficial em agosto de 1959, proferiu discursos⁴⁴⁷ em Brasília, em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Em Brasília, discursou para o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira na ocasião de lançamento da pedra fundamental da Casa da Cultura Francesa; em São Paulo recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo; e finalmente em visita ao Rio de Janeiro conferenciou no auditório do Ministério da Educação e Cultura. Seus discursos foram amplamente divulgados na época e, ainda hoje, mais de quarenta anos depois do seu pronunciamento, continuam sendo objetos de citações em textos dedicados à cultura e à arte. Porém, a expressão incansavelmente repetida desde a sua visita, é a que empregou para definir Brasília como a “Capital da Esperança”.

Pode-se ler no *site* do Ministério de Relações Exteriores⁴⁴⁸ o discurso que o então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso fez ao Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, em 13 de julho de 1998. Considerou bem-vinda a referência feita por Kofi Annan a Lúcio Costa e ao desenho de Brasília e lembrou a visita do escritor francês: “até porque um

⁴⁴⁶ LEZAMA, Luis. En el centenario de André Malraux. Disponível em: <http://www.frances.profes.net/archivo2.asp?id_contenido=25248>. Acesso em: 23 ago. 2004.

⁴⁴⁷ SILVA, *op. cit.*, 1998.

⁴⁴⁸ CARDOSO, Fernando Henrique. Discurso do Senhor Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, em almoço oferecido ao Secretário-Geral da Onu, Kofi Annan. Brasília, 13 jul. 1998. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/sei/onukofi.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2002.

outro visitante ilustre, que por aqui esteve na ocasião da fundação de Brasília, André Malraux, disse que Brasília era a Capital da Esperança”.

Neste mesmo *site* está publicado o artigo “Mudanças na Continuidade”⁴⁴⁹, do Embaixador Celso Lafer, no qual o Diplomata, referindo-se ao mesmo discurso de Malraux em Brasília, afirmou que o então Ministro de Cultura francês foi o primeiro a aclamar o alcance simbólico da construção de Brasília ao defini-la como “a Capital da Esperança” e realçar seus espaços e edifícios. Lafer referiu-se também ao “sentimento expresso por Malraux em discurso proferido na Universidade de São Paulo, segundo o qual uma das mais elevadas funções da arte seria a de ‘despertar nos homens a consciência da grandeza que ignoram em si mesmos’”.

Ao comentar a reedição do livro *Mudanças na Continuidade*, no qual ele revela os tesouros artísticos integrantes dos acervos dos dois Palácios Itamaraty, no Rio e em Brasília, Lafer justificou que o livro ilustra a afirmação feita por Malraux segundo a qual “as noções de moderno e de clássico podem ser complementares”. Continuou referindo-se constantemente a Malraux quando explicou a construção de Brasília e do Palácio do Itamaraty, justificando as intenções dos arquitetos que participaram da construção da cidade. Segundo o Embaixador, Lúcio Costa disse que para a construção de uma cidade como Brasília seria necessário haver “dignidade e nobreza de intenções” para se alcançar a qualidade monumental desejada.

Para Lafer, quando Malraux afirmou que Brasília representava “um novo começo em nossa história”, ele estava julgando que o movimento de início já estava sendo uma “mudança na continuidade”, pois antes de Brasília a capital foi a cidade do Rio de Janeiro que também tinha um Palácio do Itamaraty.

O Embaixador retomou a idéia de Malraux já referida acima de que “as noções de moderno e clássico podem ser complementares” para demonstrar como os dois Palácios do Itamaraty, o do Rio e o de Brasília, testemunham que os vetores da tradição e da modernidade podem atuar de forma complementar.

Outro crítico, José Álvaro Moisés⁴⁵⁰, citou uma frase do discurso que Malraux fez no Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro, no artigo sobre a importância do cinema brasileiro. Ele disse: “o cinema exprime e revela, ao exprimi-lo, um certo número de sonhos

⁴⁴⁹ KAFER, Celso. Mudanças na Continuidade. 31 ago. 2001. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/sei/lafer-gm310801.htm>>. Acesso em: 2 maio 2002.

⁴⁵⁰ MOISÉS, José Álvaro. A importância do cinema brasileiro. Disponível em: <<http://www.minc.gov.br/textos/ja16.htm>>. Acesso em: 2 maio 2002.

permanentes e poderosos da humanidade.”

A relação de Malraux com as artes em geral é tema de estudos e pesquisas variados, nos quais se aborda especialmente o conceito de museu imaginário, criado por ele.

8.10 Museu Imaginário - um conceito malruciano

No www.plural.com.br/plaza, Julio Plaza⁴⁵¹ escreveu sobre interatividade ao analisar os conceitos de arte interativa e as relações autor-obra-receptor. Malraux foi referido no início do artigo graças ao conceito de “Museu Imaginário” e à afirmação de que “obra de arte não é criada somente a partir da visão do artista, mas a partir de outras obras”. Segundo Plaza, Malraux já falava do “fenômeno da intervisualidade como processo” e da “recepção pelo viés da reprodutibilidade fotográfica.” Em outro ensaio, Plaza discutiu a arte como instituição, o significado da palavra ‘ser’, as identidades, as similaridades, as diferenças e as interdisciplinaridade arte e ciência. Uma vez mais ele recorreu ao Museu Imaginário para afirmar que

esta mudança de paradigma [interdisciplinaridade], vem sendo modificada constante e sistematicamente pela ação dos meios tecnológicos, que, como a fotografia, cria o ‘Museu Imaginário’ como ‘imprensa das artes plásticas’.⁴⁵²

O crítico francês Régis Debray⁴⁵³ escreveu “Travessia”, um texto sobre o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado que levou o nome do projeto de exposição fotográfica que Salgado estava preparando. Debray definiu o sistema de trabalho de Salgado e recorreu a Malraux para mostrar que o cinema e a fotografia são uma indústria.

O conceito de “Museu imaginário” surgiu a partir de 1947, quando Malraux resolve dar uma pausa nas suas ações públicas e lança o primeiro volume, de três, de uma antologia

⁴⁵¹ PLAZA, Julio. Arte e interatividade: autor-obra-recepção. Maio 2000. Disponível em: <<http://www.plural.com.br/jplaza/texto01.htm>>. Acesso em: 26 out. 2001.

⁴⁵² PLAZA, Julio. Arte/Ciência: uma consciência. 1994-1996. Disponível em: <<http://www.alfredo-braga.pro.br/ensaios/plaza2.html>>. Acesso em: 26 out. 2001.

⁴⁵³ DEBRAY, Régis. Travessia. *Dossiê Brasil*. Disponível em: <<http://www.dossiebrasil.org.org/debray.html>>. Acesso em: 30 abr. 2002.

dedicada à arte: *Psychologie de l'art, Le Musée Imaginaire*. Mais tarde, em 1951, os três volumes foram reunidos em um único chamado *Les Voix du silence*, no qual o escritor faz uma reflexão complexa sobre a arte e chama a atenção para a importância do museu nas civilizações. Surpreende o fato de que na civilização européia o museu exista há apenas dois séculos e que em outras, provavelmente, ele nunca existiu e nunca existirá.

Le rôle des musées dans notre relation avec les oeuvres d'art est si grand, que nous avons peine à penser qu'il n'en existe pas, qu'il n'en exista jamais, là où la civilisation de l'Europe moderne est ou fut inconnue; et qu'il n'en existe chez nous depuis moins de deux siècles.⁴⁵⁴

O *Museu imaginário* passou a existir logo após a invenção da fotografia. Segundo Jean-Pierre Zarader⁴⁵⁵, o termo “museu imaginário” está associado à idéia de pluralidade e de totalidade e pretende reunir todas as obras de todas as civilizações, mesmo aquelas que não estão em museus.

Para Malraux, a reprodução das obras de arte aproxima as pessoas da herança artística mundial e as torna herdeiras dela. Com o advento da fotografia ficou mais fácil a realização de museus pessoais, pois cada um pode levar para sua casa aquele quadro, aquela escultura, aquele detalhe de uma obra, objetos de arte, que tenham agradado. Dessa maneira, possibilitou-se o acesso às obras de arte a pessoas que antes, por motivos diversos, não freqüentavam os museus e as exposições. Uma famosa citação de Malraux em *Les Voix du silence* diz que “les arts plastiques ont inventé leur imprimerie”.

(...) Aujourd'hui un étudiant dispose de la reproduction en couleurs de la plupart des oeuvres magistrales, découvre nombres de peintures secondaires, les arts archaïques, les sculptures indienne, chinoise et précolombienne des hautes époques, une partie de l'art byzantin, les fresques romanes, des arts sauvages et populaires.⁴⁵⁶

André Malraux também considera o novo como resultado da transformação daquilo que existia antes. Para o crítico francês, uma escultura não é percebida hoje da mesma forma

⁴⁵⁴ www.malraux2001.culture.fr/culture/Malraux/Malraux.htm

⁴⁵⁵ ZARADER, Jean Pierre. Le Musée Imaginaire, entre ouverture et clôture. In *Revue André Malraux Review*. v. 30, n° 1/2. Tennessee: University of Tennessee, p. 135-143, 2001.

⁴⁵⁶ MALRAUX, *op. cit.*, 2001.

que quando ela foi criada. Inclusive sua função inicial não é mais a mesma. Esta mudança de percepção e de função das obras é o que ele denominou *metamorfose*.

Un crucifix roman n'était pas d'abord une sculpture, la *Madone de Cimabue* n'était pas d'abord un tableau, même la *Pallas Athéné* de Phidias n'était pas d'abord une statue.⁴⁵⁷

Edson Rosa da Silva considera difícil definir a noção de metamorfose, apesar desta ter um papel capital na obra malruciana, pois ao estudar as obras de Malraux, pode-se perceber que a idéia de metamorfose está ligada a três elementos: história, transcendência e presença.

La métamorphose introduit, ainsi, une distinction importante entre la résistance temporelle de l'homme aux menaces de l'histoire et celle de l'art devant les forces du destin. (...)
'La plus profonde métamorphose', est celle qui permet la création du Musée imaginaire et qui permet également la transcendance des oeuvres, leur survie hors du temps.⁴⁵⁸

Segundo Malraux, o que faz com que a arte seja durável no tempo são as novas formas que lhe são dadas. Assim explica Marcelo Jacques de Moraes:

ao se metamorfosar, isto é, os referentes do presente que fazem com que se possa sempre atribuir-lhe sentidos e reformá-la, ela [a arte] resiste a esses novos sentidos e a essas novas formas e reclama outros, instaurando, por isso mesmo, um novo presente, em cujo museu ou biblioteca – em cuja cultura – poderá penetrar como obra.⁴⁵⁹

Malraux afirmou que a reunião de tantas obras num museu deixa de fora outras tantas, o que convoca ao espírito do observador todas as obras de arte. Um museu pode apresentar exemplares de um número inestimável de obras de arte, mas nunca poderá reuni-las integralmente. No entanto, quando se trata do conteúdo, impossível não lembrar da

⁴⁵⁷ MALRAUX, *idem*, 2001.

⁴⁵⁸ SILVA, Edson Rosa da. La métamorphose de l'art: la lutte contre les formes et contre le temps. In *Revue André Malraux Review*. v. 30, nº 1/2. Tennessee: University of Tennessee, p.89-96, 2001.

⁴⁵⁹ MORAES, Marcelo Jacques de. *Ipotesi. Revista de estudos literários*. v. 5, nº 2. Juiz de Fora: Editora UFJF, p. 138, jul/dez. 2001.

“Biblioteca de Babel” de Jorge Luis Borges, que considera a biblioteca um universo, afirmando assim a sua condição de infinita.

Car j’affirme que la Bibliothèque est interminable. (...) La Bibliothèque existe *ab aeterno*. (...) La bibliothèque est illimitée et périodique. (...) La Bibliothèque est totale. (...) La Bibliothèque est si énorme que toute mutilation d’origine humaine ne saurait être qu’infinimentale. Si chaque exemplaire est unique et irremplaçable, il y a toujours, la Bibliothèque étant totale, plusieurs centaines de milliers de fac-similés presque parfaits qui ne diffèrent du livre correct que par une lettre ou par une virgule.⁴⁶⁰

Pensando na composição de uma obra de arte e nas influências que ela recebeu, da mesma forma que a biblioteca, o museu reúne todos os quadros e que por isso ele também é infinito. Malraux, apesar de não ter sido o primeiro a referir-se à justaposição de obras, foi o primeiro a chamar a atenção para o impacto que isto causou sobre a sensibilidade artística dos pintores, escultores e simples amantes das artes do século XX.⁴⁶¹

Marcelo Jacques de Moraes afirma que para o escritor francês as obras de arte são filiais de outras criações não apenas pela cronologia ou história das idéias, mas “partem dela, vêm relê-la, deformá-la, reformá-la, metamorfoseá-la, enfim, em uma outra criação.”⁴⁶² Assim como nos livros, uma obra de arte também remete a outra, o que Julia Kristeva chamou de intertexto.

Por sua vez, Gaëtan Picon confirma a intertextualidade da pintura e completa a idéia ao dizer que ela é capaz de unir pintores e obras.

Entre les peintres que séparent des valeurs culturelles et des inventions formelles irréductibles, il se peut que la peinture elle-même serve de trait d’union, et qu’elle creuse un abîme infranchissable entre ceux qui partagent des significations et des valeurs équivalentes.⁴⁶³

Ao conceber a metamorfose da arte, Malraux afirma que ela também é plural e que existe um diálogo entre as artes. Uma época que não filtra a arte do passado o ignora. A arte para Malraux é a única forma de afirmar a permanência do homem. Sobre isso, ele

⁴⁶⁰ BORGES, Jorge Luis. *La bibliothèque de babel*. In *Fictions*. Paris : Gallimard/Folio, 1983, p. 71-81.

⁴⁶¹ CATE, Curtis. *Malraux*. Paris: Flammarion, 1994, p. 463.

⁴⁶² MORAES, *op. cit.*, 2001, p. 126.

⁴⁶³ PICON, Gaëtan. Malraux et “La Psychologie de l’Art”. In *Les critiques de notre temps et Malraux*. Paris: Editions Garnier Frères, 1970, p. 129-135.

deixou claro em sua *Psychologie* que “a arte é o antideestino” e que o artista é um ser privilegiado capaz de vencer o espaço, o tempo e a morte.

Botticelli devient décoratif auprès de Piero, Ribera auprès du Greco; tous les petits Hollandais anecdotiques auprès de la *Jeune Fille au Turban* (Jan Vermeer); et cette réurrection n'est pas seulement celle d'une famille de formes, car Grünewald et Chagrin y participent. La paisible maîtrise du second rejoint en nous le génie ravagé du premier, comme elle rejoint la folie de Van Gogh. (...) Ce n'est pas sa folie que Van Gogh ressuscite dans Grünewald, c'est sa plénitude déchirée.⁴⁶⁴

Depois de ter escrito sua *Psychologie*, Malraux carregou a idéia do museu imaginário como bandeira até o final de sua vida. Atualmente, a idéia ainda se repete. Por exemplo, em 1998, houve a fusão de algumas obras do museu Georges Pompidou com as do museu Guggenheim, em New York. Este fato foi definido pela jornalista Tonica Chagas⁴⁶⁵ como a expansão do que Malraux previa: um “museu sem paredes.”

8.11 Malraux como protagonista de um romance policial

André Malraux sempre confundiu-se com seus personagens. O limite entre criador e criação não está bem delimitado nas obras de ficção que escreveu. Poderia ele imaginar que um dia se tornaria um verdadeiro personagem ficcional?

A *Revista Época* publicou no seu *site* a resenha que Maurício Stycer⁴⁶⁶ escreveu sobre o livro de Leandro Konder, *A Morte de Rimbaud*. A editora Companhia das Letras lançou, no ano 2000, a coleção *Literatura ou Morte*, composta por obras de escritores contemporâneos cujos protagonistas foram autores famosos. Em *A Morte de Rimbaud*, Malraux é um dos suspeitos do crime, além de Claudel, Aragon e Rousseau.

⁴⁶⁴ MALRAUX, *op. cit.*, 2001.

⁴⁶⁵ CHAGAS, Tonica. www.estado.estadao.com.br/edicao/pano/98/12/23/ca2540.html

⁴⁶⁶ STYCER, Maurício. O prazer do crime. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/edic/ed20032000/cult8.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2002.

8.12 Máximas de Malraux

No Brasil e na Espanha existem *sites* que divulgam pensamentos, provérbios, mensagens de auto-ajuda, pequenos poemas criados por intelectuais, filósofos, escritores, poetas, artistas... Na maioria dos casos, são *webs* pessoais, mesmo se seus autores raramente se identificam. As frases aparecem sempre traduzidas e, às vezes, com uma pequena alteração de um *site* para o outro. No entanto, não se sabe se elas foram retiradas diretamente das obras traduzidas ou se os autores dos *sites* foram os tradutores. Os internautas ficam igualmente carentes de saber a fonte bibliográfica das citações, pois, em geral, o autor é a única identificação fornecida. Não analisamos aqui o ato tradutório, mas verificamos quais frases de Malraux foram selecionadas e quantas vezes elas se repetem.

Nos *sites* brasileiros, quatorze frases malrucianas foram colocadas à disposição dos internautas, sendo que quatro delas se repetem em oito *sites*, do total de dezessete. E nos *sites* espanhóis, doze frases foram publicadas, sendo que também quatro frases aparecem em sete *sites* diferentes, do total de onze. No entanto, apenas duas delas podem ser lidas tanto em português quanto em espanhol. São elas: em português, “As idéias: há que vivê-las”, e sua versão castelhana, “Las ideas no son para ser pensadas, sino para ser vividas” e “Aprendi que uma vida não vale nada; mas também nada vale uma vida” e “He aprendido que una vida no vale nada, pero también que nada vale una vida”.

A primeira frase acima citada pode ser lida em apenas um *site* tanto no Brasil quanto na Espanha. Porém, a segunda tem mais adeptos brasileiros porque ela é acessada em quatro diferentes endereços eletrônicos *.br*, enquanto os espanhóis a acessam em apenas um *.es*. É interessante observar que a mesma frase teve três traduções diferentes para o português.

Nas páginas *web* brasileiras, encontramos duas vezes as frases “A verdade sobre o homem é antes de tudo aquilo que ele mantém escondido”, “Pode enganar-se a vida muito tempo, mas ela acaba sempre por fazer de nós aquilo para que somos feitos” e também “O homem é aquilo que ele próprio faz”. As outras dez restantes foram relacionadas em apenas um *site* cada uma.

Nas *webs* espanholas, nos deparamos com um número maior de repetições. Contudo, apenas a frase “La muerte sólo tiene importancia en la medida en que nos hace pensar en la vida” foi traduzida duas vezes e divulgada em três *sites*. As outras, apesar de uma única tradução, aparecem em *sites* variados. Por exemplo a máxima “La cultura es lo que, en la

muerte, continúa siendo la vida” foi exposta em três lugares; “La juventud es una religión a la que uno siempre acaba convirtiéndose” está em dois endereços eletrônicos; e “Todo hombre se parece a su dolor”, em três. As demais, apenas uma vez.

No anexo 2 encontra-se a relação completa das máximas encontradas.

Conclusão

Como vimos, Malraux despertou inicialmente a atenção dos críticos e leitores com seus romances ideológicos, participativos e até revolucionários, adequados ao horizonte de expectativa dos leitores da época dominado pela política e pela ideologia. *La Condition humaine* e *L'Espoir*, que relataram episódios de duas grandes revoluções na primeira metade do século XX, foram escritos com técnica semelhante à utilizada em roteiros cinematográficos e em documentários. Finalmente, sua produção romanesca culminaria em *Antimémoires*, um livro que traz reflexões pessoais do autor até então espalhadas nas suas diversas obras.

A frase “transformar em consciência a mais ampla experiência possível”, de *L'Espoir*, sintetiza a mentalidade dos primeiros cinquenta anos do século que passou. E por isso a literatura engajou-se na luta pela solução de problemas sociais decorrentes das loucuras fascista, nazista e stalinista. E assim, os escritores uniram-se ao povo, utilizando como arma as palavras para atuar em favor do homem, da dignidade, da solidariedade, despertando a consciência ideológica. Nesse contexto, destacaram-se Malraux, Hemingway, Orwell, Bergamín, Garcia Lorca e tantos outros escritores porque além da literatura, eles empregaram armas de verdade e arriscaram suas vidas por uma sociedade mais justa. Em consequência, para uma geração que estava se sentindo órfã, eles muitas vezes foram considerados verdadeiros heróis.

Palavras-chave que se repetiram nos textos críticos de *La Condition humaine* e de *L'Espoir*, como fraternidade, dignidade, ação, aventura, solidariedade, e inúmeros questionamentos humanos, revelam o espírito de duas obras profundamente influenciadas pela época, de caráter ideológico e com alguma intenção política e prática. Pois vimos que nelas as duas personagens principais são a massa e a revolução, sendo dois tipos constantes de revolucionários: o dirigente e o terrorista.

Verifica-se uma vez mais que é impossível separar o homem do seu tempo, e essas expressões são provas do quanto Malraux estava engajado na luta em favor do homem.

La Condition humaine foi sem dúvida o primeiro grande sucesso de Malraux, encaixando-se perfeitamente no momento em que a literatura era reportagem e que havia grande sentimento de angústia espalhado pelo mundo. Apesar de não ter havido um consenso

da crítica em favor da premiação do *Goncourt*, em 1933, nenhum crítico manifestou-se contra a obra, que foi louvada unanimemente.

Malraux nunca foi um escritor convencional. Embora esteja retratado em várias de suas personagens, os problemas que estas revelam não são de ordem puramente individual, mas grandes perguntas universais. De estilo marcante em forma de reportagem, numa narrativa atemporal, *La Condition humaine* pode ser considerada um clássico, pois se mantém legível e empolgante já que é o relato de vidas humanas, e por isso integrou várias listas que elegeram os melhores do ano e do século XX.

O público leitor brasileiro, e também o espanhol que já admirava a literatura malruciana, recebeu *L'Espoir* sem reservas e de forma calorosa.

Além de preservar o teor comunista, humanista e de defesa da dignidade humana da obra anterior, *L'Espoir* trata de perto dos problemas da Guerra Civil Espanhola vivenciados por Malraux. Aqueles fatos do início do século XX permanecem muito fortes na memória coletiva do povo espanhol, pois a ditadura do general Franco estendeu-se por muitos anos (até 1975). Há os que consideram a obra de Malraux como sendo a grande novela da Guerra Civil, cuja leitura, tanto no Brasil quanto na Espanha, foi recomendada pelos críticos.

Não satisfeito, Malraux imortalizou sua obra no filme *Sierra de Teruel (Espoir)*, continuamente projetado em cinematecas e transmitido pela televisão espanhola, principalmente em programas cujo tema é a Guerra Civil.

Os textos dedicados a *Antimémoires* resumem, de certa forma, a recepção crítica da obra romanesca de Malraux. Contudo, esta obra teve uma recepção diferente das outras. Porque Malraux tinha ficado alguns anos sem publicar coisa alguma, mas participando ativamente do Governo de Charles De Gaulle, a idéia de que sua autobiografia seria publicada movimentou o mercado editorial. Na França, rapidamente as edições se esgotaram. Porém, quando os leitores perceberam que não eram exatamente as memórias que ali estavam registradas, mas contínuas reflexões sobre o homem e o mundo, ficaram decepcionados.

O valor universal de *La Condition humaine* e de *L'Espoir* é continuamente reforçado pela crítica, o que faz com que as obras sejam traduzidas, aclamadas e lidas ainda hoje. No entanto, apesar da recepção de *Antimémoires* ter sido a princípio calorosa, houve pouco interesse em reeditá-la.

Podemos observar no anexo 5 os gráficos indicativos da frequência das edições das traduções brasileiras e espanholas das três obras estudadas. Existe uma diferença significativa

do número de edições das obras traduzidas na Espanha e no Brasil. Porém, apenas *Antimémoires* foi editada uma única vez em ambos os países.

Na Espanha, as edições malrucianas começaram após a década de 60, sendo que *La Esperanza* surgirá somente na década de 70 quando os quarenta anos da ditadura do General Franco estavam chegando ao seu fim. *La condición humana* foi a primeira a ter uma edição espanhola. Porém, não podemos ignorar as leituras feitas, até aquele momento, da obra de Malraux em edições de outros países de língua espanhola e em edições francesas.

No Brasil, de 1933 a 1973 tivemos uma edição de obras malrucianas a cada década. Depois deste período, voltaríamos a ler *A Condição Humana* e *A Esperança* na década de 90 e em 2001. Ao contrário do que aconteceu na Espanha, o período de ditadura militar não impediu que os brasileiros lessem Malraux em português do Brasil.

Com relação aos gráficos indicativos da frequência de publicação dos textos críticos sobre a obra (anexo 8), observa-se que no Brasil o maior número deles concentrou-se nas décadas de 50 e 60, porque em 1959, em função de sua visita, Malraux foi presença obrigatória nos jornais brasileiros.

Entretanto, na Espanha, a ausência de textos críticos da década de 40 à década de 60 coincide com a total falta de edições das traduções espanholas de toda a produção literária malruciana. No entanto, o número expressivo de textos publicados nos jornais espanhóis entre 1993 e 2001 ocorre ao mesmo tempo em que se comemora os sessenta anos do início, 1996, e do fim, 1999, da Guerra Civil Espanhola.

No anexo 9, a título de ilustração, pode-se ver fotografias de Barcelona durante a Guerra Civil. As fotografias selecionadas foram pesquisadas no Arquivo Público fotográfico, em Barcelona. Foi através do texto de Malraux que chegamos a elas, pois em *L'Espoir* as batalhas nas ruas são descritas com riqueza de detalhes e os nomes dos lugares (ruas, praças, bairros, edifícios) por onde passavam as milícias e as tropas do governo nos guiam dentro das cidades espanholas. Selecionamos trechos dos primeiros dias desta “guerra romântica” relatados na primeira parte, em “L’Illusion Lyrique”.

Na atualidade, no contexto da literatura brasileira, o maior especialista de Malraux é sem dúvida o professor Edson Rosa da Silva. Em função disso, por ocasião do centenário de nascimento do escritor, houve uma grande movimentação no Rio de Janeiro, organizada por esse professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na Espanha, o escritor Jorge

Semprún pode ser apontado como aquele que mais influência sofre na sua produção literária e que ainda hoje continua proferindo palestras sobre o escritor francês.

Além da pesquisa que fizemos em jornais e revistas, a Internet também foi uma fonte importante de informações. Constatamos que as críticas se ramificaram, ou seja, por meio eletrônico é possível encontrar um número grande de documentos abrangendo todas as facetas malrucianas. Pela Internet observa-se que não foram apenas críticos literários e jornalistas que leram as obras e manifestaram suas opiniões publicamente, pois Malraux está também muito presente em trabalhos de professores universitários e de críticos esporádicos.

Em artigo citado no capítulo que trata do momento do desaparecimento de Malraux, à pergunta “Que faceta desta vida tão eclética ficará para o mundo?”, Jean Lacouture respondeu que seria a do escritor engajado.⁴⁶⁷ De certa maneira, a profecia do biógrafo se confirmou. Malraux fez, disse e escreveu o que toda uma geração gostaria de ter feito naquele momento específico, e por isso continuou a atrair o interesse dos leitores da segunda metade do século XX.

Essa é a diferença, em termos de recepção, entre os leitores da primeira metade do século XX e os da outra metade até os dias atuais. Ainda nos nossos dias, Malraux é lembrado como homem de ação e reflexão que marcou uma época, mas a geração que hoje lê Malraux admira, sobretudo, o fator estético da sua obra, pois já não existe a mesma motivação para a ação, como era feito naquela época. Mesmo em 1959, já era possível perceber mudanças de comportamentos da recepção das obras de ficção malrucianas, conforme Cláudio Abramo observou, então já não era fácil entender personagens, como Kyo, Tchen, Hong ou Garine, de *La Condition humaine* e *Les Conquérants*, respectivamente. Porém, da véspera da Grande Guerra a 1959, Manuel, personagem de *L'Espoir*, era mais reconhecível e identificável ao novo gênero do revolucionário, pois o Partido torna-se um coadjuvante na ação.

Se percebemos em *L'Espoir* a conversão do grande escritor ao culto da eficiência, não é menor a influência que ele soube exercer com esse livro entre milhares de jovens que se tornaram revolucionários nesse período; e se admitimos essa conversão de Malraux como um dado efetivo da sua biografia, é fácil compreender porque o aventureiro dos templos Kmer, o delegado do Kuomintern, o chefe da aviação republicana espanhola se tenha convertido ao degaullismo. Se a influência de Malraux foi tão grande na área revolucionária, nenhum intelectual ou literato pode afirmar atualmente que não conhece nele o grande escritor. Se ele hoje influi menos é porque travados, desfigurados, surpreendidos entre duas ciclópicas forças de convulsão, os homens jovens ou

⁴⁶⁷ SOURRIER, *op. cit.*, 1976.

não impossibilitados de vislumbrar o cume da montanha, passaram a ocupar-se do brilho do regato que corre no vale. Nenhum escritor comunista soube dizer o que Malraux disse a nossa geração (com exceção de Ciloni e Victor Serge que não eram mais comunistas no sentido vulgar da palavra) e se tal sucedeu é menos por culpa dos escritores comunistas do que pela extraordinária capacidade de comunicação do grande escritor francês, e menos culpa dos escritores do que por culpa de seu comunismo.⁴⁶⁸

O contexto histórico em que vivemos já não é o mesmo do início do século XX. O homem encarou a ação e fez história. Vive agora uma nova ordem mundial onde já não existe mais nazismo, franquismo e as colônias já não são mais territoriais. As angústias são outras. Mesmo assim *La Condition humaine* e *L'Espoir* continuam a ser traduzidas e publicadas em português e em espanhol.

As traduções atuais de *La Condition humaine* e *L'Espoir*, no Brasil e na Espanha, demonstram que a reflexão de Malraux é atemporal, pois ele continua despertando interesse num público que não conheceu o contexto em que as obras foram escritas. Não surpreende esse interesse extemporâneo uma vez que reflexões sobre a morte, a razão de ser do homem e suas ações, a luta pela dignidade humana, pela fraternidade e pela solidariedade ultrapassam a fronteira do tempo e do espaço. Até mesmo alguns de seus temas permanecem atuais, como por exemplo, o terrorismo, que tem especialmente hoje suas causas e conseqüências freqüentemente analisadas nos meios de comunicação e está bem presente na política internacional.

Quanto aos processos tradutórios das três obras, pouca análise foi feita por parte dos críticos. Fica-se sem saber o quanto houve de perda, compensação e até mesmo de ganho nas novas versões. Os críticos brasileiros e espanhóis limitaram-se a anunciar e a comentar as obras, quase sempre tecendo elogios ao escritor francês, mas pouco falando sobre a qualidade técnica das traduções. Este é um trabalho ainda por fazer no que se refere à tradução das obras de Malraux.

⁴⁶⁸ ABRAMO, Cláudio. A influência de Malraux. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, ago. 1959, sup. lit.

bibliografia

A bibliografia está dividida em cinco itens.

No primeiro estão relacionados os textos utilizados para o embasamento teórico do Capítulo 1, ou seja, textos sobre Literatura Comparada, Estética da Recepção, Crítica Literária e Tradução. No segundo, aparecem os textos críticos brasileiros e, no terceiro item, os textos críticos espanhóis que fazem parte do *corpus*. O quarto item é composto por textos de dois estudiosos brasileiros que se dedicaram a Malraux crítico de arte. E o quinto, pelos *sites* brasileiros e espanhóis acessados.

1. BIBLIOGRAFIA	215
1.1 Textos consultados para a fundamentação teórica	215
1.2 Malruciana brasileira	217
1.3 Malruciana espanhola	226
1.4 Textos brasileiros dedicados a Malraux crítico de arte	235
1.5 Malraux na Internet	236

1 Bibliografia

1.1 Textos consultados para a fundamentação teórica

BAKER, Mona. Lingüística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução? In MARTINS, M. A. P. *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Ed. Lucena, 1999.

BASSNETT, Susan. ¿Qué significa Literatura Comparada hoy? *Comparative Literature. A Critical Introduction*. Oxford: Blackwell, 1993a. Trad. de NAUPERT, Cristina.

_____. From Comparative Literature to Translation Studies. In *Comparative literature: a critical introduction*. Oxford: Blackwell, 1993b. Trad. de FRANCISCO, Amanda Ramos. Da literatura comparada aos estudos da tradução.

BEHAR, Lisa Block de. A invenção teórica do discurso crítico latino-americano. In *Limiares Críticos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1998.

CARVALHAL, Tania Franco. A Tradução Literária. In *Organon*, Porto Alegre, Instituto de Letras, 7 (20): 47-52, 1993.

_____. La Littérature Comparée dans le monde: Questions et Méthodes. *Comparative Literature worldwide: Issues and Methods/La Littérature Comparée dans le monde: Questions et Méthodes*. Porto Alegre: L&PM/VITAE/AILC, 1997, p. 9-14.

_____. Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Niterói: Abralic/Ed. Rocco, 1991.

_____. *O próprio e o alheio. Ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

CASTRO, Nancy Campi de. A crítica comparatista no Brasil. In *Limiares Críticos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1988, p. 113-121.

CHAMBERLAIN, Lori. Gênero e a Metáfora da Tradução. In OTTONI, P. (org.). *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

CHEVREL, Yves. Écrire l'histoire des lectures?, *L'histoire littéraire aujourd'hui*. In BEHAR, Henri e FAYOLLE, Roger (orgs.). Paris: Armand Colin Ed., 1990.

COUTINHO, Eduardo. Sentido e função da Literatura Comparada na América Latina. In *Literatura Comparada na América Latina*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2003, p. 11-29.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Antropofagia no país de sobremesa. In *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Salvador: ABRALIC, nº 4, 2000.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica. Quatro ensaios*. São Paulo: Cultrix, 1957.

GILLESPIE, Gerald. ¿Rinoceronte, unicornio o quimera? Visión polisitémica de una posible tipología de la literatura comparada en el próximo siglo. In ROMERO, D. *Orientaciones en Literatura Comparada*. Madrid: Arco, 1998, p. 173-186.

GUILLÉN, Claudio. De influencias y convenciones. *Teorías de la literatura literaria*, Madrid: Espasa Calpe, 1989.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. As conseqüências da estética da recepção: um início postergado. In ROCHA, João Cezar de Castro. (org.) *Corpo e Forma*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998, p. 23-46.

JAUSS, Hans Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Trad. de Claude Maillard. Paris: Gallimard, 1978.

JURT, Joseph. *La réception de la littérature par la critique journalistique. Lectures de Bernanos 1926-1936*. Paris: Editions Jean-Michel Place, 1980.

LEFEVERE, André. The System: Patronage. In__. *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. Londres: Routledge, 1992.

LINS, Álvaro. *Literatura e vida literária - diário e confissões*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1963.

MACHADO DE ASSIS, J. M. Instinto de nacionalidade. In *Crítica literária*. Rio de Janeiro: Jackson, 1957.

NEIS, Ignácio Antônio. Por uma poética da tradução para *A Mesa*. In NEIS, I. A. e PETERSON, M. (trad.) *A Mesa*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PAES, José Paulo. *Tradução. A ponte necessária*. São Paulo: Ática, 1990.

PAZ, Octavio. *Traducción: literatura y literaridad*. Barcelona: Tusquets, 1975.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Um escritor na Web: Borges, por exemplo. Trabalho apresentado no VIII Congresso Internacional de Literatura Comparada – ABRALIC, Belo Horizonte, 2002.

RIFFATERRE, Michael. *A produção do texto*. São Paulo: Martins Fontes Editora LTDA, 1989. Trad. de PAIVA, Eliane Fitipaldi Pereira Lima de.

STEINER, George. Lire en frontalier. *Passions Impunies*. Paris: Gallimard, 1996.

VALLS, Fernando. El sentido de la realidad y el ejercicio crítico. In RODENAS, Domingo. (org.) *La crítica literaria en la prensa*. Madrid: Estudios y ensayos Marenostrom, 2003, p. 75-83.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução*. São Paulo: EDUSC, 2002.

WEISSTEIN, Ulrich. “Influencia” e “imitación”. *Introducción a la literatura comparada*. Barcelona: Planeta, 1975.

1.2 Malruciana brasileira

A ARGÉLIA COM DE GAULLE E MALRAUX. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1959, p. 6.

A CONDIÇÃO DE MINISTRO. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 ago. 1959, capa.

A CONDIÇÃO HUMANA. *Boletim de Ariel, mensário crítico-bibliográfico*, Rio de Janeiro, nº 5, p. 125, fev. 1934.

A ESPERANÇA NÃO CIRCULA EM VERSAO ESPANHOLA. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 nov. 1976, p. 25.

A ESPERANÇA. Disponível em: <<http://www.estado.com.br/jornal/01/01/21/news289.html>>. Acesso em: 24 jul. 2001.

A MORTE DE CHARLES PLISNIER, *Revista Branca*, Rio de Janeiro, p. 11, out. 1952.

A RECEPÇÃO OFICIAL. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25 ago. 1959, últ. pág.

A VISITA DE MALRAUX. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959, p. 4.

ABRAMO, Cláudio. A influência de Malraux. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, ago. 1959, sup. lit.

A.F.P. Livro de Malraux em inglês. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 4 out. 1967, p. 7.

_____. Malraux é êxito de vendas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 set. 1967, p. 14.

_____. Malraux publicará memória. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 set. 1967, p. 9.

ALIANÇA LEMBRA ANDRÉ MALRAUX. *Jornal do Brasil*. Niterói, 15 set. 1996, p. 52.

ALVES, Hamilton. Uma tarde com Ivo Barroso. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 7 maio 2005, sup. Variedades: Cultura, p. 16.

ANÁLISE: MALRAUX E JK. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1959, p. 6.

ANDRÉ MALRAUX 1901-1076. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1976, Caderno B, p. 2.

ANDRÉ MALRAUX CHEGARÁ AO BRASIL COMO “CIDADÃO CARIOCA”. *O Globo*, 17 ago. 1959, p. 6.

ANDRÉ MALRAUX CHEGARÁ SEGUNDA-FEIRA AO RIO. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1959, p. 3.

ANDRÉ MALRAUX CHEGOU AO RIO. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25 ago. 1959, últ. pág.

ANDRÉ MALRAUX EM BRASÍLIA VÊ A CAPITAL DA ESPERANÇA. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959, capa.

ANDRÉ MALRAUX EM SÃO PAULO. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27 ago. 1959, p. 7.

ANDRÉ MALRAUX HOSPITALIZADO. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 nov. 1976, p. 19.

ANDRÉ MALRAUX PARTE AMANHÃ DE PARIS. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 ago. 1959, capa.

ANDRÉ MALRAUX PODE TER ALTA EM TRÊS DIAS. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 nov. 1976, p. 17.

ANDRÉ MALRAUX: A FRANÇA CRÊ NA AUDÁCIA DO BRASIL. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959, capa e p. 2.

ANJOS, Cyro dos. O Romance Moderno. *Revista Branca*, Rio de Janeiro, nº 3, p. 9 e 27, 1948.

AS FÉRIAS DE MALRAUX E ROBERT MERLE. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 1 out. 1950, sup. lit. Letras e Artes, nº 179, p. 6.

AVENTURAS E MENTIRAS DO GIGANTE MALRAUX. *O Estado de São Paulo*. Caderno 2. São Paulo, 16 jun. 2001.

BARATA, Mário. Artes e Museus – Transcrições sobre André Malraux. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, Segunda Sessão, p. 2.

BARROSO, Ivo. André Malraux, a testemunha do futuro. Pref. à MALRAUX, André. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Ed.Record, col. Grandes Traduções, 1998, p. 9-17.

BOLETIM DE ARIEL, MENSÁRIO CRÍTICO-BIBLIOGRÁFICO, Rio de Janeiro, nº 7, p. 196, abr. 1934.

BOTROT, Jean. O novo livro de Camus. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 8 out. 1950, sup. lit. Letras e Artes, nº 180, p. 2.

BOURRIER, Any. André Malraux – Uma vida no século. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 nov. 1976.

BRANCO, Frederico. Herói de nosso tempo, soube conciliar ação e pensamento. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 nov. 1976, p. 12.

BRASILIA NA PALAVRA DE ANDRÉ MALRAUX. Rio de Janeiro: Presidência da República, Serviço de Documentação, 1959.

CANDIDO, Antonio. Lucia. *Jornal do Brasil*. 13 mar. 1993.

CARDOSO, Fernando Henrique. Pref. à SILVA, Edson Rosa da. *André Malraux discours au Brésil – août 1959/Palavras no Brasil – agosto 1959*. Rio de Janeiro: Funarte, 1998, p. 9-11.

CARONI, Italo. O romancista da condição humana. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12 dez. 1976, Suplemento Cultural, nº 9, p. 4.

CASTELLO, José. Filósofo faz magnífico retrato de Malraux. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 set. 1998.

CHABROL, Arlette. Uma luz da nossa época. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1976, sup. lit. Caderno B, p. 2.

CHEGA AMANHÃ EM VISITA AO BRASIL O MINISTRO MALRAUX. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 ago. 1959, p. 5.

CLASSIFICAÇÃO DOS ESPÍRITOS FRANCESES. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 22 maio. 1949, sup. lit. Letras e Artes, p. 14.

CONFERÊNCIA SOBRE MALRAUX. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 ago. 1959, p. 10.

COUTINHO, Frederico dos Reys. *André Malraux. Três aspectos e uma síntese: a aventura, a política, a arte*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1ª ed., 1971.

_____. Malraux, De Gaulle e a última homenagem. *Boletim de Ariel, mensário crítico-bibliográfico*, Rio de Janeiro, vol. 1, p. 18, jul. 1973.

DANTAS, Raymundo Souza. A contribuição de Emmanuel Mounier. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 23 abr. 1950, sup. lit. Letras e Artes, nº 162, p. 7.

DESCAVES, Pierre. Uma coleção de “Prêmios Goncourt”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1950, p. 3.

EM BUSCA DOS TESOUROS DA RAINHA DE SABÁ. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 jun. 2001, Pesquisa.

EM CONTATO COM O MUNDO ARTÍSTICO, MALRAUX INAUGUROU CANTINA DO MUSEU. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1959, p. 3.

ENTREVISTA COM MALRAUX: ASSUNTO FOI ARTE, HERÓIS, ARGÉLIA, POLÍTICA E PSICANÁLISE. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1959, p. 4 e últ. pág.

ENTREVISTA IMAGINÁRIA COM MALRAUX. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959.

FALAM OS AMIGOS NO RIO. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1976, p. 18.

FALCÃO, Luiz Annibal. Posição do Romance Francês. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 dez. 1949, p. 5.

_____. Rebelados. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 5 fev. 1950, p. 7.

FIGUEIREDO, Cláudio. O tradutor. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 jun. 1997, p. 2.

FRANÇA, Maria José Moreira. O museu imaginário de Malraux. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 23 maio 1998, sup. lit. Caderno de sábado.

_____. O vigor de *A Condição Humana*. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 23 maio 1998, sup. lit. Caderno de Sábado.

FREITAS, Maria Teresa de. Ficção e história na autobiografia francesa contemporânea. *Literatura e Memória cultural*. Vol. 2. Belo Horizonte: ABRALIC, p. 85-90, 1991.

_____. Poder, mau negócio para artista. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 jun. 1985, sup. lit. Folhetim, nº 438, p. 2-3.

_____. Vers une nouvelle forme narrative littéraire: l'Entre-Deux-Guerres français et le Modernisme brésilien. In Congresso Nacional de Professores de Francês, 8º, Porto Alegre, 1987. *Revista ELOS. O francês no Brasil*, Porto Alegre, p. 32-36, 1987.

GUTH, Paul. Como foram designados os doze melhores romances franceses do meio do século. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 jun. 1950, p. 2.

HISTÓRIA DO CINEMA FRANCÊS. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1959, p. 3.

HOMENAGEM A MALRAUX REÚNE 12 MIL NO LOUVRE. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 nov. 1976.

IGLESIAS, Francisco. Lembrando Saint-Exupéry. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1950, p. 4.

J.G.N.M. "Antimemórias" de André Malraux: uma reportagem de nosso tempo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 1967.

J.P.J. Obras estrangeiras predominam. Autor nacional é minoria. *O Estado de São Paulo*, Caderno de Sábado. São Paulo, 28 fev. 1998.

JORNAL DO BRASIL. Niterói, 6 out. 1996, p. 53.

JORNAL DO BRASIL. Registro. Rio de Janeiro, 10 ago. 1996, p. 22.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 5 out. 1996, p. 6, sup. lit. Idéias.

KANENKA, Michel. André Malraux, o esboço de uma ideologia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1959, p. 8 e Segundo Caderno, p. 2.

L.M. A Sociedade: o Ministro Malraux. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 ago. 1959, p. 9.

LAFER E MALRAUX CONVERSARAM SOBRE O ACORDO DO CAFÉ. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1959, capa.

LAFETÁ, João Luiz. A literatura subjugada. In *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000, p. 126. Col. Espírito Crítico.

LAPOUGE, Gilles. E a condição humana dita seu último capítulo: morre Malraux. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 nov. 1976, p. 12.

_____. Malraux lançou as suas “Antimémoires”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 set. 1967, p. 9.

LETRAS ESTRANGEIRAS: MALRAUX E A OBRA DE ARTE. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 set. 1959, Primeiro Caderno, p. 9.

LETRAS ESTRANGEIRAS: MALRAUX E A TRAGÉDIA. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 set. 1959, Primeiro Caderno, p. 9.

LIVROS NOVOS. *Correio do Povo*, Rio de Janeiro, 20 set. 1940, p. 5.

LOPES, Napoleão, Augusto. Malraux na Sorbonne. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 6 abr. 1947, sup. lit. Letras e Artes, nº 37, p. 4 e 7.

MAGALDI, Sábato. Teatro: *A Condição Humana*. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 ago. 1959, sup. lit., p. 5.

MALRAUX AO CHEGAR AO RIO: “BRASIL, PAÍS DE ESPERANÇA”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 ago. 1959, capa.

MALRAUX CHEGA HOJE A SÃO PAULO, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 ago. 1959, p. 9.

MALRAUX E CAMUS ESTÃO DOENTES. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 23 jul. 1950, sup. lit. Letras e Artes, nº 172, p. 7.

MALRAUX ESGOTA. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 nov. 1976, p. 8.

MALRAUX EVOCA OS TERRORISTAS RUSSOS PARA JUSTIFICAR O RIGOR NA ARGÉLIA. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28 ago. 1959, p. 5.

MALRAUX EXALTA BRASÍLIA COMO EXEMPLO DE AUDÁCIA E ENERGIA. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1959, capa e p. 6.

MALRAUX HOJE NO FESTIVAL DO MUSEU DE ARTE MODERNA. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1959, p. 4 e últ. pág..

MALRAUX INTERESSOU-SE PELA SITUAÇÃO ECONÔMICA DE SÃO PAULO. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1959, p. 6.

MALRAUX MINISTRO E HOMEM EM UM ENCONTRO INCOMUM. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 ago. 1959, capa.

MALRAUX NA BIENAL. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 ago. 1959, p. 9.

MALRAUX NA RETROSPECTIVA AMANHÃ. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1959, Segundo Caderno, p. 3.

MALRAUX NO BRASIL. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, set. 1959, capa.

MALRAUX NO RIO: “O BRASIL É A PÁTRIA DA ESPERANÇA”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959, p. 4 e últ. pág.

MALRAUX PASSA MAL. *O Estado*, Florianópolis, 23 nov. 1976, p. 2.

MALRAUX SERÁ SEPULTADO EM SEU JARDIM. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1976, p. 1.

MALRAUX VAI CONHECER OBRAS DO ALEIJADINHO. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1959, p.5.

MALRAUX VEM DIA 24 COM MENSAGEM DE DE GAULLE. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 ago. 1959, capa.

MALRAUX, DE GAULLE, MAO E A OBSESSÃO. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 ago. 1959, p. 13.

MALRAUX, EMBAIXADOR DA CULTURA FRANCESA. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959, p. 4.

MALRAUX, O HERÓI INQUIETO. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1976, p. 35.

MALRAUX. *O Estado*, Florianópolis, 24 nov. 1976, p. 4.

MALRAUX. UM ATIVO ANTI-FASCISTA. *O Estado*, Florianópolis, 24 nov. 1976, p. 2.

MALRAUX: COMÉRCIO DA FRANÇA COM O BRASIL. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1959, capa e p. 13.

MALRAUX: O BRASIL DEVE CRIAR SUA PRÓPRIA CULTURA. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 29 ago. 1959, p. 5.

MALRAUX: SAUDAÇÃO AO BRASIL COMO “O PAÍS DA ESPERANÇA”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959, capa e p. 8.

MAURICIO, Jairo. André Malraux no Museu de Arte Moderna. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1959, Segundo Caderno, p. 2.

MINISTRO FRANCÊS DEVERÁ VISITAR A AMÉRICA DO SUL. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 7 ago. 1959, p. 1.

MORRE MALRAUX, UM ESPÍRITO UNIVERSAL. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1976, p. 18.

MOSSUZ, Janine. Malraux e o degaullismo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14-15 set. 1969. Caderno Especial, p. 3.

MOTA FILHO, Cândido. Koestler. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 18 jan. 1948, nº 91, p. 11.

MOTA, Lourenço Dantas. *André Malraux no caminho das tentações*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982. Col. Encanto Radical, nº 10.

_____. O fim da busca do absoluto leva-o a uma teologia da arte. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 nov. 1976, p. 12.

NO ENTERRO DE MALRAUX, SÓ A FAMÍLIA E AMIGOS. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 nov. 1976, p. 22.

NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, MALRAUX FOI HOMENAGEADO E FEZ CONFERÊNCIA. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1959, p. 3.

O PRÊMIO GONCOURT. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1950, últ. pág.

O PROBLEMA DE NOSSA ERA: QUE É O HOMEM, QUE É A CIVILIZAÇÃO. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 ago. 1959, p. 13.

O TESTEMUNHO DA CONDIÇÃO HUMANA. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1976, sup. lit. Caderno B, p. 2.

OFERECIDO UM ALMOÇO AO SR. ANDRÉ MALRAUX. *O Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 21 ago. 1959, últ. pág.

OS 100 MELHORES ROMANCES DO SÉCULO. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 jan. 1999.

OS CINCOENTA ANOS DE MALRAUX. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1952, sup. lit. Letras e Artes, nº 240, p. 11.

OTTO LARA PARA TRADUZIR MALRAUX. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1959, p. 5.

PEREIRA, Lucia Miguel. André Malraux – Le Temps du mépris – N.R.F. 1934. *Boletim de Ariel, mensário crítico-bibliográfico*, Rio de Janeiro, nº 11, p. 297, ago. 1935.

PERRONE MOISÉS, Leyla. As *Antimemórias* de Malraux. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 fev. 1968, sup. lit., p. 1.

PRÊMIOS LITERÁRIOS. *Boletim de Ariel, mensário crítico-bibliográfico*, Rio de Janeiro, nº 4, p. 103, jan. 1934.

QUADROS BURGUESES DE PINTORES COMUNISTAS. *Revista Branca*, p. 1, set. 1952.

REALI JR. A morte na própria casa, o desejo que não foi cumprido. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 nov. 1976, p. 13.

REVERBEL, Carlos. Um comício com André Malraux. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 10 abr. 1948, nº 162, p. 4.

RIOS, José Arthur. A metamorfose do Sr. Malraux. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 ago. 1959, p. 5.

SALES GOMES, Paulo Emílio. Cinema: contribuições de Malraux. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 ago. 1959, sup. lit., p. 5.

SANTARRITA, Marcos. Desta vez a morte compareceu ao encontro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1976, sup. lit. Caderno B, p. 10.

SCHWARTZ, Adriano. O dia que resume o século. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 jan. 1999, sup. lit. Caderno Mais!

SENA, Jorge de. Pref. à MALRAUX, André. *A Condição Humana*. Lisboa, Ed. Livros do Brasil, col. Dois Mundos, jan. 56 – ago. 58.

SEPULTADOS. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 nov. 1996, p. 23.

SILVA, Edson Rosa da, Organizar o Apocalipse. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 9 jun. 2001, sup. lit. Jornal de resenhas, p. 5.

_____. *André Malraux discours au Brésil – août 1959/Palavras no Brasil – agosto 1959*. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.

_____. André Malraux e o cinema. *Alea: Estudos Neolatinos*. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 37-58, 1999.

_____. *As (Não-)Fronteiras Espaço-Temporais em L'Espoir de André Malraux*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1978.

SÓ OS AMIGOS ÍNTIMOS FORAM À DESPEDIDA FINAL DE MALRAUX. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 nov. 1976, p. 25.

STAVRIDRÈS, Yves. Biografia recupera o herói e o farsante Malraux. *O Estado de São Paulo*. Pesquisa. São Paulo, 16 jun. 2001.

TRÊS VEZES MALRAUX. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 abr. 1998, sup. lit. Mais!, p. 5.

TRUEHEART, Charles. França homenageia Malraux. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 dez. 1996, sup. lit. Idéias livros, p. 7.

UM ÚLTIMO ADMIRADOR. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 ago. 1959, p. 15.

UMA FOTO COM O PRESIDENTE E O MINISTRO ANDRÉ MALRAUX. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1959, p. 8 e últ. pág.

VEJA, nº 3, ed. Abril, edição 1684, ano 34, p. 129, 24 jan. 2001.

VIGESIMO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA ELEIÇÃO DE ANDRÉ MALRAUX. *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, vol. 156, p.265-267, Anais de 1988, jul-dez..

WIZNITZER, Louis. “Letras e Artes” ouve Georges Duhamel em Paris. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 10 jul. 1949, sup. lit. Letras e Artes, nº 130, p. 5.

_____. A arte não é uma revolta contra a natureza – diz Zervos. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 20 jan. 1952, sup. lit. Letras e Artes, nº 237, p. 6, 7 e 10.

1.3 Malruciana espanhola

A. F. Un hombre de acción. *El País*, Madri, 15 set. 1987.

A.Q. Malraux pide el ingreso en la Asociación de Aviadores de la República. *El País*, Madri, 25 jul. 1976, p. 14.

AL MARGEM. DE INMORTALES. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 25 nov. 1976, p. 49.

ALBERTI, Rafael. A las Brigadas Internacionales. *Hora de España*, Valência, p. 35, maio 1937.

ALONSO, Rodolfo. 40 años después, Malraux aún pelea en España. *Camp de l'Arpa*, Barcelona, p. 63-64, fev-mar. 1979.

AMELL, Samuel. Max Aub, André Malraux y Luis Buñuel: cine y literatura. *Cuadernos para Investigación de la Literatura Hispánica*. Fundación Universitaria Española. Seminario "Menéndez Pelayo", nº 19, Madri, 1994.

ANDRÉ MALRAUX – SIERRA DE TERRUEL, CINE CLUB, 9. *Camp de l'Arpa*, Barcelona, nº 40, p. 29, jan. 1977.

ARAMBURU, Juan. Crónica de París: Los premios Goncourt y Renaudot. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 14 dez. 1933, p. 5.

ARIAS, Jaime. Cultura y elitismo. *La Vanguardia*, Barcelona, 8 set. 2001.

_____. Junto a De Gaulle. El heroe y el artista. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 24 nov. 1976, p. 31.

_____. Malraux redivivo. *La Vanguardia*, Barcelona, 24 nov. 1996, p. 27.

_____. Malraux, gaullista. *La Vanguardia*, Barcelona, 10 nov. 2001.

AUB, Max. André Malraux et le cinéma. *Archivos de la Filmoteca. Revista de estudios históricos sobre la imagen*. Valência, nº 3, p. 27, set-nov. 1989.

BANQUETE EN HONOR DE LOS SEÑORES LENORMAND, CASSOU Y MALRAUX. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 24 maio 1936, p. 25.

BARAÑANO, Kosme de. Un horizonte ecuménico. *El Mundo*, Madri, 24 nov. 1996, p. 58.

BASSETS, Lluís. Malraux, la nostalgia de España. *El País*, Madri, 15 dez. 2001, sup. lit. Babélie, p. 15.

BELTRAN, Adolf. La Filmoteca valenciana publica el guión original de "Sierra de Teruel". *El País*, Madri, 15 nov. 1989, p. 38.

- BENAVENT, Enric. El siglo que viene. *El País*, Madri, 21 set. 1999.
- BERGAMIN, Jorge. La condición humana y la esperanza. *El País*, Madri, 24 nov. 1976, p. 21.
- BORJA, Jordi. Los héroes necesarios. *El País*, Madri, 14 dez. 1996.
- BORJA-VILLEL, Manuel J. La cultura como reclamo. *La Vanguardia*, Barcelona, 9 set. 2001.
- BRAGA, Corpus. El II Congreso Internacional de Escritores. Su significación. *Hora de España*, nº 8, València, p. 5-10, ago. 1937.
- BUSTAMANTE, Enrique. It's the content, stupid! *El País*, Madri, 13 out. 2000.
- CABALLERO, Óscar. El ingreso de Malraux en el Panteón sirve a Chirac para proclamar la democracia cultural. *La Vanguardia*, Barcelona, 24 nov. 1996, p. 54.
- CARDO, José María Fernández. Pref. à MALRAUX, André. *La Esperanza*. Madri: Cátedra, 1995, p. 63-64.
- CATALÀ, Josep Mengual. Biografía. La trepanación de un mito. *Quimera, Revista de Literatura*. Barcelona, nº 224-225, p. 120-122, jan. 2003.
- CISTERÓ, Mertxe. Ciclo de cine en Florencia sobre la historia de los frentes populares de España y Francia. *La Vanguardia*, Barcelona, 26 nov. 1987, p. 40.
- CONGRESISTAS EXTRANJEROS TIDEN TRIBUTO A LOS DEFENSORES Y AL PUEBLO DE MADRI EN UNA SOLEMNE SESION PUBLICA. *ABC*, Madri, 8 jul. 1937, p. 9.
- CONGRESO DE INTELLECTUALES. LA SESIÓN DE AYER. *ABC*, Madri, 9 jul. 1937, p. 8.
- CONTE, Rafael. La aventura y la metamorfosis. *El Urogallo, Revista literaria y cultural*, p. 28-36, nov. 1996.
- _____. Varias vidas en una. *Cuadernos para el dialogo*, Madri, nº 188, p. 56-58, 4-10 dez. 1976.
- CRUZ, Juan. La musica de la literatura. *El País*, Madri, 18 abr. 1998.
- DEBRAU, Régis. Nuestro Fantoma. *El País*, Madri, 24 nov. 1996.
- DÍEZ, Florentino Heras. El Malraux español. *El País*, Madri, 21 dez. 1989, p. 19.
- DURÁN, Ángeles. Sesenta años después. *El País*, València, 21 dez. 1999.
- E. G. Fin de una larga vergüenza. *El País*, Madri, 24 nov. 1996.

ECHEVARRÍA, Ignacio. Un hombre de acción. *El País*, Madri, 16 nov. 1996, sup. lit. Babelia, p. 10-11.

EFE. Se agrava el estado de salud de Malraux. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 23 nov. 1976, p. 5.

EL CONGRESO DE LOS INTELLECTUALES PARA LA DEFENSA DE LA CULTURA. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 4 jul. 1937, p. 3.

EL MACBA DEDICA UNA AMPLIA RETROSPECTIVA AL CINE DE PORTABELLA. *La Vanguardia*, Barcelona, 1 fev. 2001.

EL MUNDO. Las novelas que marcaran las vidas de... Cristóbal Halffter, Juan Genovés, Butragueño, Juan Manuel Bonet y Juan Pablo Fusi. *El Mundo*, Madri, 27 dez. 2000.

EL PAÍS. France Culture emite un programa sobre la Guerra Civil española. *El País*, Madri, 13 ago. 1986, p. 38.

EL PAÍS. Michael Cimino rodará *La condición humana*. *El País*, Madri, 9 nov. 2001.

ESQUERRA, Ramon. França: Premis literaris. *El Matí*, Barcelona, 3 jan. 1934, nº 1435, p. 9.

_____. Malraux i el nihilisme. *El Matí*, Barcelona, 7 mar. 1934, nº 1489, p. 9.

F. F. La destitución del director del "Odéon". *La Vanguardia Española*, Barcelona, 6 set. 1968, p. 15.

FERNÁNDEZ-SANTOS, Ángel. Conmovedora derrota. *El País*, Madri, 7 abr. 1995.

_____. El novelista Ray Loriga inicia un prometedor pero torpe viaje en el relato cinematógráfico. *El País*, Madri, 31 out. 1997.

_____. Estar y ser, según los criterios de oficio. *El País*, Madri, 2 jul. 1995.

_____. Otros vacíos, otras ofensas. *El País*, Madri, 2 jul. 1993.

FIDALGO, Feliciano. El domingo sufrió una embolia pulmonar André Malraux, en extrema gravedad. *El País*, Madri, 23 nov. 1976, p. 21.

_____. El Estado francés piensa pasar a manos privadas la tarea de animación cultural. *El País*, Madri, 22 jul. 1980, p. 28.

_____. Hospitalizado por congestión pulmonar. Ligera mejoría de André Malraux. *El País*, Madri, 18 nov. 1976, p. 24.

FRANCIA: A LOS 75 AÑOS DE EDAD. HA MUERTO ANDRÉ MALRAUX. *Mundo Diálogo*, Barcelona, 24 nov. 1976, p. 8.

FUENTES, Carlos. Soldados por la memoria. *El País*, Madri, 14 maio 1995.

GAMEZ, Ana. Universidade de verano. Jorge Semprún acusa. El escritor critica que los intelectuales no se comprometan contra el racismo. *La Vanguardia*, Barcelona, 21 ago. 2001.

GARCÍA, Rocío. El escritor mexicano Carlos Fuentes asegura que la ficción es más cierta que la vida. *El País*, Madri, 7 jul. 1995.

GARDO, Antonio. ¿Comenzó la II Guerra Mundial en España? *El País*, Madri, 5 fev. 1997.

GIL, Iñaki. Chirac lleva Malraux al Pantéon. *El Mundo*, Madri, 24 nov. 1996, p. 58.

_____. Las cenizas de un hombre de acción. *La Esfera*, 23 nov. 1996, p. 2-3.

GINER, Salvador. MORATÓ, Arturo Rodríguez. La necesaria política cultural. *El País*, Madri, 5 jul. 2000.

GOMEZ, José Marti. La génesis de un escritor. El día en que Vargas Llosa contó cómo nacieron sus cuatro primeras obras. *La Vanguardia*, Barcelona, 25 abr. 1999.

GÓMEZ, Juan J. Regàs y Bonilla lamentan la falta de novelas sobre la Guerra Civil. *El País*, Madri, 29 nov. 2000.

GONZÁLEZ, Enric. André Malraux entra en la leyenda de los grandes hombres de la literatura francesa. *El País*, Madri, 24 nov. 1996.

GOYTISOLO, Juan. Una novela europea. *El País*, Madri, 9 ago. 1998.

GUARDIA, Maria Asunción. Vargas Llosa recupera su biblioteca. El autor presenta en Barcelona *Conversación en la catedral* y *La casa verde*, reeditados por Alfaguara. *La Vanguardia*, Barcelona, 21 abr. 1999.

GUBERN, Román. Max Aub en el cine. *Insula. Revista bibliografica de ciencias y letras*. Madri, nº 320-321, p. 11, jul-ago. 1973.

GUTIERREZ, Fernando. Aliados ejemplares. Malraux, o el silencio de las voces. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 26 nov. 1976, p. 8.

HA MUERTO ANDRÉ MALRAUX. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 24 nov. 1976, p. 1.

HERMIDA, Xosé. Los poemas de Manuel Rivas salen a la venta junto a un disco. *El País*, Madri, 14 dez. 1996, p. 35.

J. A. S. Unas imágenes de Malraux. *El País*, Madri, 12 dez. 1989.

JURISTO, Juan Angel. André Malraux. La sombra de Nietzsche. *El Urogallo*, Madri, nº 74/75, p. 30-33, jul/ago. 1992.

L.G. Michael Cimino: “El cine actual es un puro ‘remake’”. *El País*, Madri, 2 set. 2001.

LA LECCIÓN DE FRANCIA. *El País*, Madri, 16 out. 1979, p. 2.

LA ROSA, Tristán. Las *Antimemorias* de André Malraux. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 24 set. 1967a, p. 18.

_____. París: El partido comunista sigue apoyando a de Gaulle en su actitud ante Gran Bretaña. *La Vanguardia Española*. Barcelona, 28 dez. 1967b, p. 14.

LA VANGUARDIA. Centenario del nacimiento de Malraux. *La Vanguardia*, Barcelona, 13 nov. 2001.

LACOUTURE: "MALRAUX FUE UNO DEPOSITARIO DE CIVILIZACIONES". ACTO EN MEMORIA DEL FALLECIDO ESCRITOR. *El País*, Madrid, 22 jan. 1977, p. 19.

LAS ANTIMEMORIAS DE MALRAUX. *El País*, Madrid, 9 maio 1992, sup. lit. Babélica, p. 21.

LIBROS DEL MES. ANTIMEMORIAS. *El Urogallo*, Madrid, nº 73, p. 92, jun. 1992.

LIBROS DEL MES. NARRATIVA EXTRANJERA. *El Urogallo*, Madrid, nº 110-111, p. 136, jul-ago. 1995.

LIBROS RECIBIDOS. *La Vanguardia*, Barcelona, 7 dez. 1978, p. 53.

LOS INTELLECTUALES ANTIFASCISTAS. *ABC*, Madrid, 6 jul. 1937, p. 8.

LOS QUE FUERAN A ESPAÑA. Buenos Aires: Editorial Jorge Álvarez S. A., 1966.

AL MARGEM. DE INMORTALES. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 25 nov. 1976, p. 49.

M. R. R., La gran novela de la Guerra Civil. *El País*, Madrid, 7 jul. 2001, sup. lit. Babélica, p. 16.

MALRAUX, EL PENÚLTIMO GIGANTE. *El País*, Madrid, 5 dez. 1976, p. 18.

MARICHAL, Juan. Malraux y la perennidad literaria de la guerra española. *El País*, Madrid, 23 nov. 1996, p. 11.

MARTÍ, Octavi. Un centenario contra el mito y a favor del personaje. *El País*, Madrid, 15 dez. 2001, sup. lit. Babélica.

MASO, Marta. Girona recuerda el final de la Guerra Civil. *El País*, Madrid, 7 fev. 1999.

MASOLIVER, Juan Ramon. Malraux, vida de (o/en) un siglo. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 24 nov. 1976, p. 31.

MIGUEZ, Alberto. Malraux, pero menos. *El País*, Madrid, 10 abr. 1977, p. 20.

MIRAVITLLES, Jaume. Su amor a Cataluña. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 24 nov. 1976, p. 30.

MONTALBAN, Manuel Vázquez. Comín. *El País*, Madri, 24 jul. 2000.

_____. Entre el canibalismo y la gastronomía. *El País*, Madri, 27 set. 1990, p. 38.

_____. La ambición secreta del eslabón perdido. *El País*, Madri, 18 jan. 1985, p. 23.

MORA, Miguel. Malefakis sostiene que la crueldad de Franco alargó la Guerra Civil. *El País*, Madri, 28 nov. 1996.

MOYA, Domingo Ródenas de. La crítica literaria en la prensa del siglo XX. In _____. *La crítica literaria en la prensa*, Madri: Estudios y Ensayos Marenostum, 2003, p. 183-213.

MUÑOZ, Maryse Bertrand de. La Guerra Civil Española y la creación literaria. *Anthropos. Revista de documentación científica de la cultura*, nº 148, Barcelona, p. 6-24, set. 1993.

MURIAS, Carlos. Béjart estrenará en Barcelona su última coreografía. *El País*, Madri, 30 set. 1987.

NOTHOMB, Paul. *Malraux en España*. Edhasa: Barcelona, 2001, p. 9. Trad. de José Carlos Cataño.

OCAMPO, Victoria. Conciencia de su propia grandeza. *El País*, Madri, 5 dez. 1976, p. 18.

PANERO, Juan Luis. Los espejos del suicida. *El País*, Madri, 30 maio 1992.

PERMANYER, Lluís. Libros. L'art i els seus llocs/El arte y sus lugares. El museo imaginario de Tàpies. *La Vanguardia*, Barcelona, 18 fev. 2000.

PEYREFITTE, Alain. Malraux conquista la esperanza. *La Vanguardia*, Barcelona, 24 nov. 1996, p. 26.

PINTO BALSEMÃO DICE EN SEVILLA QUE LA INFORMACIÓN “MEDIATIZA Y LEGITIMA” EL PODER. *El País*, Madri, 24 jan. 1992, p. 28.

PLA, Xavier. Vida en la 84 Brigada Mixta. *La Vanguardia*, Barcelona, 5 mar. 2003.

PORCEL, Baltasar. El último gigante. *La Vanguardia*, Barcelona, 26 nov. 1996, p. 17.

_____. Malraux, en escorzo. Individualidad y contradicciones. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 26 nov. 1976, p. 8.

R. R. Cineclassics dedicará un ciclo de películas de la Guerra Civil española. *El País*, Madri, 31 out. 2001.

RAYMOND, Gino. André Malraux y el dilema radical. *Debats*, nº 26, València: Ediciones Alfons el Magnànim. Institució Valènciana d'Estudis i Investigació, p. 97-105, dez. 1988.

RECALDE, José Ramón. Los pactos y la espada. *El País*, Madri, 3 jun. 1999.

RELAÑO, Alfredo. Fútbol y Guerra Civil. *El País*, Madri, 24 nov. 1979, p. 25.

RIAL, Horacio Vázquez. Vindicación de Jean-Paul Sartre. *El País*, Madri, 20 ago. 1987.

RIBAS, Antoni. *Elvira Farreras i Joan Gaspar: Memòries. Art i Vida a Barcelona. 1911-1996*. Barcelona: Ed. La Campana, mar. 1997.

RICO, Mercedes. Un espectáculo flojo. *El País*, Madri, 23 out. 1987.

RIVAS, Rosa. Una ópera videográfica conmemora esta noche la muerte de Goya. *El País*, Madri, 28 mar. 1996.

RUBIO, Andrés F. 25.000 personas al día se asoman al “pozo de las imágenes” de Francia. *El País*, Sevilla, 5 maio 1992.

S. B. La Cinemateca sevillana de UGT homenajea a André Malraux. *El País*, Madri, 25 out. 2001.

SAGARRA, Joan de. Azúa trabaja en su primer texto dramático. *El País*, Madri, 4 abr. 1991.

_____. Malraux, en la panza del buey. *El País*, Barcelona, 6 maio 2001.

SALABERT, Miguel. Contra la nada. *La Esfera*, 23 nov. 1996, p. 3.

SAMPEDRO, Javier. Jorge Semprún llama a los intelectuales al compromiso y pone como modelo a Malraux. *El País*, Madri, 15 jul. 1997.

SANCHÍS, Ima. “Dalí era un hombre triste”. *La Vanguardia*, Barcelona, 14 jan. 2004.

SEGUNDO CONGRESO INTERNACIONAL DE ESCRITORES. LOS CONGRESISTAS EXTRANJEROS TIDEN TRIBUTU A LOS DEFENSORES Y AL PUEBLO DE MADRI EN UNA SOLEMNE SESION PUBLICA. *ABC*, Madri, 8 jul. 1937, p. 9.

SEMPRÚN, Jorge. La aventura fraternal. *El País*, Madri, 15 dez. 2001, sup. lit. Babélica, p. 14-15.

_____. Prólogo. *Archivos de la Filmoteca. Revista de estudios históricos sobre la imagen*. València, nº 3, p. 9, set-nov. 1989.

SERRAHIMA, Maurici. Pref. à MALRAUX, André. *La Condió humana*. Barcelona: Edicions Proa, 1ª ed., 1966, p. 5-12. Trad. Salvador Vives.

SERRALLER, Francisco Calvo. Una idea interesante y un planteamiento confuso. *El País*, Madri, 15 dez. 1996, p. 28.

SÒRIA, Enric. Un universo en singular. *La Vanguardia*, Barcelona, 12 mar. 2003.

SOROLLA, José A. Semprún modificará el reglamento del Cervantes para retirar al ministro de Cultura del jurado. *El País*, Madri, 12 dez. 1989.

SPECTATOR. Malraux y el sentido tragico de la vida. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 24 nov. 1976, p. 30.

SUAY, Ricardo Muñoz. *La Esperanza de Malraux*. *El País*, Madri, 30 nov. 1996, sup. lit. Babélica, p. 2-3.

T.C./C.S. Una variada filmoteca particular ocupa el Macba. *El País*, Barcelona, 1 fev. 2001.

TECGLÉN, Eduardo Haro. Fugitivo de las viejas peleas. *El País*, Madri, 16 jan. 2003.

THOMAS, Hugh. Homenaje a Aragón. *El País*, Madri, 10 out. 1995.

THORNBERRY, Robert S. El debate político en La Esperanza de Malraux. *Anthropos. Revista de documentación científica de la Cultura*, Barcelona, nº 148, p. 69-72, set. 1993.

TOMELO, Carlos. Vargas Llosa reconoce el origen de su vocación en las lecturas de su niñez. *El País*, Soria, 3 jul. 1997.

TORRES, Rosana. Béjart, un coreógrafo que busca su inspiración en los más pequeños actos de la vida. *El País*, Madri, 21 out. 1987.

TUSELL, Javier. Rigodón vasco. *El País*, Madri, 20 fev. 1999.

TV-PELÍCULAS. *La Vanguardia*, Barcelona, 23 mar. 2001.

UMBRAL, Francisco. Spleen de París. La nacionalización de la incultura. *El País*, Madri, 24 nov. 1981, p. 31.

UN GIGANTE DEL SIGLO XX. HA MUERTO MALRAUX. *El País*, Madri, 24 nov. 1976, p. 1.

VALENTÍ, Elvira Farreras i. Malraux: recuerdos barceloneses. *La Vanguardia*, Barcelona, 24 nov. 1996, p. 54.

_____. Para rodar *L'Espoir*. Cuando fui secretaria de Malraux. *La Vanguardia Española*, Barcelona, 24 nov. 1976, p. 31.

VALLBONA, Rafael. La condición humana. *El Mundo Catalunya*, Barcelona, 27 nov. 1996, p. 12.

VALVERDE, José María. André Malraux: un luchador romántico. Pref. à MALRAUX, André. *La Condición humana*. Barcelona: RBA Editores, S.A., Coll. Narrativa Actual. Clásicos del Siglo XX, 1995.

VARGAS LLOSA, Mario. La tentación de lo imposible. *El País*, Madri, 25 abr. 1995.

VILALLONGA, José Luis de. Entrar en arte. *La Vanguardia*, Barcelona, 25 nov. 1996, p. 19.

VILARO, Ramon. El "New York Times" publicó un reportaje inventado sobre Camboya. *El País*, Madri, 25 fev. 1982, p. 6.

VILLENA, Luis Antonio de. ¿Intelectual o aventurero? *El Mundo*, Madri, 31 out.-6 nov. 2001, sup. lit. El Cultural, p. 12.

VILLENA, Miguel Ángel. Las Brigadas regresan a Albacete. *El País*, Madrid, 29 mar. 1999.

YALMAN, Nur. Modernización y religión en el Islam. *La Vanguardia*, Barcelona, 18 nov. 2001.

1.4 Textos brasileiros dedicados a Malraux crítico de arte

MORAES, Marcelo Jacques de. André Malraux e a metamorfose: autonomia da arte? Atas da 4ª Semana de Letras Neolatinas, 2001, Rio de Janeiro. 4ª Semana de Letras Neolatinas – Cadernos Neolatinos. 2002. v. 1. (CD-Rom)

_____. André Malraux: A Metamorfose da Arte na História. *Terceira Margem*. Rio de Janeiro: UFRJ, nº 3, p. 187-192, 1996.

_____. Arte, cultura e metamorfose: uma leitura de André Malraux. *Ipotesi*. Juiz de Fora: UFJF, v. 5, nº 2, p. 123-140, 2001.

_____. Baudelaire, Malraux et l'idée de métamorphose. Actes du XII SEDIFRALE 2001, Rio de Janeiro: XII Sedifrale, 2003.

SILVA, Edson Rosa da. André Malraux e o cinema, *Alea: Estudos Neolatinos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

_____. Do museu à Biblioteca Imaginária. In SANTOS, Gilda & alii, org. *Cleonice, clara em sua geração*. Rio de Janeiro: Edit. UFRJ, 1995, p. 147-154.

_____. Do real ao ficcional: a experiência estética de André Malraux. *Ponto e vírgula*. Porto Alegre, 2001.

_____. Literatura e História: o romance revolucionário de André Malraux. *Revue André Malraux Review*. Alberta, 1989.

_____. Malraux e o diálogo das artes. In VAZ, Paulo Bernardo & CASA NOVA, Vera., org. *Estação imagens: desafios*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. Malraux e Picasso : a autonomia da arte moderna. *Alea: Estudos Neolatinos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

_____. O diálogo entre História e ficção nos romances de André Malraux. In OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de & alii, org. *Signos em interação*. Vitória: UFES Departamento de Línguas e Letras, p. 39-45, 1996.

_____. O museu imaginário e a difusão da cultura. *Semear*. Rio de Janeiro, 2001.

_____. Um garimpeiro da condição humana. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 9 jun. 2001, Segundo Caderno, p. 3.

1.5 Malraux na Internet

A CONDIÇÃO HUMANA (LA CONDITION HUMAINE). Disponível em: <<http://www.editoras.com/record/05082.htm>>. Acesso em: 23 out. 2001.

ALBIAC, Gabriel. La condición humana. André Malraux/1933/Novela/Francia. *La Esfera de los Libros: La condición humana. André Malraux*. Disponível em: <<http://www.el-mundo.es/esfera/ficha.html?27/esf924264255>>. Acesso em: 31 ago. 2004.

_____. Treinta años. *C.N.I.C.E.* Disponível em: <<http://www.cnice.mecd.es/tematicas/filosofia/04articulos/columnas/genera68/6898p.htm>>. Acesso em: 16 set. 2003.

ALCÁNTARA, Manuel. Biografías. *Criterios. Comentario internacional*, 7 mar. 2002. Disponível em: <<http://80.81.104.134/2002-03-07/criterios/criterios4.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2004.

ANDRÉ MALRAUX UNA VIDA. *Libreria Tirant Lo Blanch*. Disponível em: <<http://www.tirant.es/detalle?articulo=8483108267>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

ANDRÉ MALRAUX. UNA VIDA. Disponível em: <<http://www.agapea.com/Andre-Malraux-Una-vida-n10539li.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

ANDRÉ MALRAUX: O ROMANCISTA O ESTETA E O CINEASTA. Disponível em: <<http://www.geocities.com/neolatinas/91evento.html>>. Acesso em: 1 out. 2002.

ANTONIO OLINTO. Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/Templates/biografias/antonioolinto.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2002.

BARBARA, Luis de Santa. (trad.) “Tierra y Libertad Ken Loach and Freedom”. Disponível em: <<http://www.bauleros.org/tierraylibertad.html>>. Acesso em : 31 ago. 2004.

BERMÚDEZ, Santiago Martin. ¿De qué hablamos cuando hablamos de compromiso? *Las puertas de del drama. Revista de la Asociación de Autores de Teatro*. Nº 13. Madri: 2003. Disponível em: <<http://elcultural.es/HTML/200040722/Teatro/TEATRO-SEM/Revistas.asp>>. Acesso em: 30 ago. 2004.

BRANDAO, Ludmila. Aspectos de uma estética deleuziana. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/bases/texto016.asp>>. Acesso em: 22 out. 2001.

BROUE, Pierre. TÉRMIME, Emile. De la revolución a la Guerra Civil. *La revolución y la guerra de España*. 1962. *Izquierda revolucionaria – por el poder de los trabajadores y el socialismo internacional*. Disponível em: <<http://www.elmundoalreves.org/libro.php?id=espania&cap=07>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

_____. El gobierno Caballero y le restauración del Estado. *La revolución y la guerra de España*. 1962. *Izquierda revolucionaria – por el poder de los trabajadores y el socialismo internacional*. Disponível em: <<http://www.elmundoalreves.org/libro.php?id=espania&cap=09>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

CARDOSO, Fernando Henrique. Discurso do Senhor Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, em almoço oferecido ao Secretário-Geral da Onu, Kofi Annan. Brasília, 13 jul. 1998. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/sei/onukofi.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2002.

CASTELLO, José. Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/site.malraux/Esperanca-2.htm>>. Acesso em: 3 maio 2002.

CINE CLUBE DE COMPOSTELA. Disponível em: <www.usc.es/xorna/media/cineclube/imaxes/malraux.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2004.

CORREAL, Francisco. La revolución muerde con dieste de diablo. *Diario de Jerez digital*. Jerez, 4 set. 2003. Disponível em: <http://www.diariodejerez.com/pg030904/opinion/opinion_opinion265806.htm>. Acesso em: 19 set. 2003.

DEBRAY, Régis. Travessia. *Dossiê Brasil*. Disponível em: <<http://www.dossiebrasil.org.org/debray.html>>. Acesso em: 30 abr. 2002.

DORADA, Renata. Cien años de Malraux. Disponível em: <http://www.satiria.com/libros/opinion_naufrago_malraux.htm>. Acesso em: 23 ago. 2004.

DUAS VEZES CHORDELOS DE LACLOS. *Província de São Pedro*. nº 11, p. 161. Disponível em: <<http://www.ipct.pucrs.br/letras/saopedro/htm/11/161.HTM>>. Acesso em: 2 maio 2002.

EMBAIXADA DA FRANÇA. Disponível em: <<http://www.france.org.br/abr/comunik/CO%20222001.htm>>. Acesso em: 26 out. 2001.

ESCANDELL, José J. Una biografía con demasiadas preguntas abiertas. Disponível em: <http://www.hispanidad.com/lib_Malraux.htm>. Acesso em: 19 set. 2003.

ESCUADRILLA MALRAUX. *Aviación internacional en la Guerra Civil española*. Disponível em: <<http://usuarios.lycos.es/henrisb/helpinter/INTER.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

FERNÁNDEZ NAVAL, Francisco X. Humillación ou dignidade. Disponível em: <<http://www.vieiros.com/noticia.asp?Ed=1&N=25739>>. Acesso em: 31 ago. 2004.

FIORILLO, Marília Pacheco. Crônica Japonesa. Nicolas Bouvier. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/c219_001.htm>. Acesso em: 25 mar. 2002.

FREYRE, Gilberto. Como e porque sou escritor. *Opúsculos. Biblioteca virtual Gilberto Freyre*. Disponível em: <<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugueses/obra/opusculos/como.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2002.

FUNARI, Pedro Paulo A. *Revista de História Régio*. Vol. 4, nº 1, verão 1999. Disponível em: <<http://www.rhr.uepg.br/v4n1/funari.htm>>. Acesso em: 2 maio 2002.

GAMBIRÁSIO, Alexandre. Um estilo reservado e polido. *Unidade - Jornal dos jornalistas. Imprensa sem padrão*. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/apres/unidade03.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2002.

GLOBO.COM. CCBB comemora centenário do escritor francês André Malraux. 5 jun. 2001. Disponível em: <<http://www.globo.com/diversaoarte/arquivo/diversao/20010605/4xermq.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2001.

GOMES, Renato Bittencourt. Urgência da palavra contra a guerra. Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/site.malraux/Esperanca-2.htm>>. Acesso em: 3 maio 2002.

GRANDA, Leopoldo de Trazegnies. La refiesta del Monstruo. *La carcajada del diablo*. Disponível em: <<http://www.arrakis.es/~trazeg/libro3/16refiesta.html>>. Acesso em: 16 set. 2003.

GUTIERREZ, Pepe. Malraux y Trotsky: encuentros y desencuentros. 2000. Disponível em: <<http://www.fundanin.org/gutierrez11.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2004.

_____. Quan Malraux visitava Trotsky. *Contracorrent n° 7*. Disponível em: <<http://batzac.pangea.org/contracorrent7.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

HECKER, Alexandre. A ciência isenta e a mão no leme da História. *Revista de História Régio*. Vol. 4, n° 2, Inverno 1999. Disponível em: <<http://www.uepg.br/rhr/v4n2/hecker.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2002.

KONDER, Rodolfo. O Poder da Cultura. Disponível em: <<http://infosampa.prodam.sp.gov.br/quiosque/ccsp/vindo.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2002.

LA PELÍCULA “SIERRA DE TERUEL” ABRE MAÑANA EL CICLO “25 AÑOS DE CINE ESPAÑOL”. *El Día Digital. Cultura*, 8 out. 2000. Disponível em: <<http://80.81.104.134/2000-10-08/cultura/cultura6.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2004.

LAFER, Celso. Mudanças na Continuidade. 31 ago. 2001. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/sei/lafer-gm310801.htm>>. Acesso em: 2 maio 2002.

LEZAMA, Luis. En el centenario de André Malraux. Disponível em: <http://www.frances.profes.net/archivo2.asp?id_contenido=25248>. Acesso em: 23 ago. 2004.

LLOSA, Mario Vargas. André Malraux. La condición humana. Disponível em: <<http://www.circulo.es/Contenido/Libros/Libro.asp?Codigo=14987>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

LOS LIBROS DEL MILENIO. Disponível em: <http://www.ociototal.com/recopila2/r_news/100libros.html>. Acesso em: 31 ago. 2004.

LOZANO, Jorge Sebastián. Catálogos nacionales de patrimonio en Europa: una visión de conjunto. Disponível em: <<http://www.uv.es/gdha/publica/culturtec2000h.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2004.

MALDONADO, Felipe C. R. Memoria republicana. Glorias y miserias de la improvisación de un ejército. Disponível em: <<http://www.sbhac.net/Republica/TextosIm/Duran/Duran.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2004.

MALRAUX, André. Encuentros con León Trotsky. Disponível em: <<http://www.fundanin.org/malraux.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2004.

MARINHO, Ney. O amor como vínculo. Reflexões sobre os vínculos L (amor) e -L (-amor). Disponível em: <<http://www.gradiva.com.br/mat24.htm>>. Acesso em: 26 out. 2001.

MAURA, Carlos Semprún. Sabor y sinsabores. *La Revista. Libertad Digital*. 9 mar. 2001. Disponível em: <<http://revista.libertaddigital.com/articulo.php/746>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

_____. Tiempos de nauseas y desprecio. *La ilustración Liberal. Revista española y americana*. Nº 9, Intelectuales. Disponível em: <http://www.libertaddigital.com:83/ilustracion_liberal/articulo.php/166>. Acesso em: 23 ago. 2004.

MIRALLES, Eduard. SABOYA, Montserrat. Aproximaciones a la proximidad. Tipologías y trayectorias de los equipamientos en Europa y en España (1ª part). *Cercles. La revista digital de CERC – Centre d'Estudis i Recursos Culturals de la Diputació de Barcelona*. 6 out. 2000. Disponível em: <http://www.lamalla.net/cercles/cultura_i_municipi/article_pic.asp?id_pic=2909&municipi>. Acesso em: 30 ago. 2004.

MOISÉS, José Álvaro. A importância do cinema brasileiro. Disponível em: <<http://www.minc.gov.br/textos/ja16.htm>>. Acesso em: 2 maio 2002.

MORAES, Marcelo Jacques de. Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/site.malraux/Esperanca-2.htm>>. Acesso em: 3 maio 2002.

MORICONI, Ítalo. Improviso para abismo para homenagem (1). *Navegar é preciso, viver... Escritos para Silviano Santiago*. SOUZA, Eneida Maria de. & MIRANDA, Wander Melo. (orgs.). Belo Horizonte: Editora UFMG, UFBA, UFF, 1997, 53-60 pp. Disponível em: <<http://acd.rfrj.br/pacc/literaria/improviso.html>>. Acesso em: 30 abr. 2002.

NEPOMUCENO, Eric. André Malraux e a permanência da sede. Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/site.malraux/Artigos.htm>>. Acesso em: 23 out. 2001.

PAUL NOTHOMB. MALRAUX EN ESPAÑA. *Novedades Bibliográficas Edhasa/Noviembre 2*. Disponível em: <<http://www.liceus.com/cgi-bin/ac/07/02111.asp>>. Acesso em: 16 set. 2003.

PELLEGRINI, Luis. Segredos da criatividade. Disponível em: <http://criativa.globo.com/edic/ed137/rep_segredos.htm>. Acesso em: 15 maio 2002.

PENSAMENTOS DO DIA. Jornal da Ciência. Campinas: UNICAMP, 30 jan. 2001. Disponível em: <<http://www.ifi.unicamp.br/jornal-da-ciencia/msg00636.html>>. Acesso em: 30 abr. 2002.

PLAZA, Julio. Arte e interatividade: autor-obra-recepção. Maio 2000. Disponível em: <<http://www.plural.com.br/jplaza/texto01.htm>>. Acesso em: 26 out. 2001.

_____. Arte/Ciência: uma consciência. 1994-1996. Disponível em: <<http://www.alfredobraga.pro.br/ensaios/plaza2.html>>. Acesso em: 26 out. 2001.

PLÉDEL, Vicente, OCAÑA, Marián, JAYME, Javier. Una leyenda para soñar. *Tras las Huellas de la Reina de Saba*. Grupo Gráfico GSF, 2003. Disponível em: <<http://www.rutaimperios.com/espana/CapituloI.htm>>. Acesso em: 16 set. 2003.

PROGRAMA DE PROYECCIONES SOBRE LA GUERRA CIVIL ESPAÑOLA. ATENEO NAVARRO DEL 9 AL 13 DE SEPTIEMBRE. Disponível em: <<http://www.saide.es/s2.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

QUESTOES DE BIOÉTICA: MORTE E DIREITO DE MORRER. UNISO-PUCSP. Sorocaba, junho 1998. Disponível em: <<http://www.suigeneris.pro.br/socied20.htm>>. Acesso em: 23 out. 2001.

RODRÍGUEZ, Juan. La aportación del exilio republicano español al cine mexicano. Disponível em: <<http://clio.rediris.es/exilio/cinejuan.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

STURIA, Pedro Conde. Un Mensaje a Rodríguez. Botella en el mar. *Periodico Siglo21 Digital*, 8 maio 2002, ed. 54. Disponível em: <<http://www.periodicosiglo21.com/archivo/e54/opinion/p06b.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2004.

STYCER, Maurício. O prazer do crime. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/edic/ed20032000/cult8.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2002.

TAVARES, Maria da Conceição. Memórias de uma adolescente do século XX. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 jan. 2000. Disponível em: <http://www.abordo.com.br/mctavares/art01_00.htm>. Acesso em: 30 abr. 2002.

TERRA E LIBERDADE. Disponível em: <<http://www.azul.net/confronto/html/terra.htm>>. Acesso em: 23 out. 2001.

TIEMPO DE MEMORIA. ANDRÉ MALRAUX. UNA VIDA. Disponível em: <http://www.tusquets-editores.es/lib_ficha_prn.cfm?Id=1545>. Acesso em: 16 set. 2003.

TROTSKY, León. De la revolución estrangulada y de sus estranguladores. Disponível em: <<http://www.fundanin.org/trotski2.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2004.

_____. La revolución estrangulada. Disponível em: <<http://www.fundanin.org/trotski2.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2004.

TV CULTURA. Homenagem a De Gaulle e Malraux. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/tvcultura/destaquetv0011/destaquetv001105.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2002.

VILA, Antonio García. Una Biografía. Disponível em: <<http://www.lateral-ed.es/revista/estanteria/101estanteria.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2004.

anexos

Anexo 1	
Discurso de Malraux, Madri, 7 de julho de 1937	242
Anexo 2	
Máximas de Malraux	244
Anexo 3	
Tabela das edições das traduções brasileiras e espanholas das obras de Malraux	247
Anexo 4	
Gráfico indicativo da frequência das edições das traduções brasileiras e espanholas das obras de Malraux	254
Anexo 5	
Gráficos indicativos da frequência das edições das traduções brasileiras e espanholas de <i>La Condition humaine</i> , <i>L'Espoir</i> e <i>Antimémoires</i>	255
5.1 Por obra de 1933 a 2001	255
5.2 Por obra de 1933 a 2001:	256
Gráfico 1 - no Brasil e Gráfico 2 – na Espanha	
Anexo 6	
Malruciana brasileira (1933-2001)	257
6.1 Por ano de publicação dos artigos	257
6.2 Por fonte da publicação	262
6.3 www.andremalraux.br	267
Anexo 7	
Malruciana espanhola (1933-2001)	269
7.1 Por ano de publicação dos artigos	269
7.2 Por fonte da publicação	277
7.3 www.andremalraux.es	285
Anexo 8	
Gráficos indicativos da frequência de publicação dos textos críticos – por decênio – no período estudado (1933-2001)	288
8.1 Malruciana brasileira	288
8.2 Malruciana espanhola	288
Anexo 9	
Fotografias de Barcelona durante a Guerra Civil	289
Foto 1 – Avinguda Tibidabo	290
Fotos 2 e 3 – Caserna de Pedralbes	291
Foto 4 – Plaza Cataluña	292
Fotos 5 e 6 – Rambla Cataluña e Central telefônica	293
Foto 7 – Hotel Colón	294
Foto 8 – Plaza Cataluña	295
Fotos 9 e 10 – Atarazanas e Fortaleza de Montjuïc	296

Anexo 1 – Discurso de Malraux, Madri, 7 de julho de 1937⁹³¹

56

André Malraux (Francia)

Es imposible hablar a un mismo tiempo de cuestiones profesionales y dirigirse al pueblo de Madrid. Opto pues por hablarnos, camaradas, de los hombres que he encontrado y que os amaban.

Bergamín, en un discurso admirables, decía hace dos días: España está sola. Es muy cierto: el Gobierno de España, con respecto a los restantes gobiernos y especialmente en relación con aquellos que pocos meses antes de la rebelión de Franco hablaban aquí de asumir un compromiso formal de no comprar armas más que en Francia, para negarlas cuando los perros tomaron las suyas, vive hoy una trágica soledad.

Pero si a nivel de Gobiernos sucede esto, no ocurre lo mismo con los hombres y es de ellos de quienes voy hablar. En uno de los países más pobres, o mejor, en una de las regiones más pobres, tan parecida a España, en el Canadá francés, en donde se halla la misma miseria y el mismo valor, nos han entregado cheques y dólares.

En Canadá se hizo circular una bandeja y en ella se depositaron algunos dólares, muchas monedas, calderilla y un reloj, un viejo reloj de 1860. pregunto al camarada que había pasado la bandeja la procedencia del reloj.

- Es un obrero viejo quien lo ha dado, no quería dar calderilla.

Le pregunto:

- ¿Está afiliado al sindicato? ¿Es un camarada militante, político?

No, no pertenecía a nada. Quise ver al hombre y antes de marchar conversé con él.

- ¿Por qué ha regalado su reloj? Sé que es pobre. ¿Es usted de los nuestros?

- No sé nada de política, me repuso, pero sobre España hay una cosa que ahora he comprendido. He entendido que había hombres que se habían sublevado para que las gentes como yo, los ppobres del mundo entero, no puedan continuar siendo humillados, y que había hombres, sea cual sea su actitud política, que luchan actualmente para que acabe el derecho de despreciar a los hombres y para que se pueda merecer su confianza. Y algo tan simple es la

⁹³¹ SOLER, Manuel Aznar & SCHNEIDER, Luis Mario. II congreso internacional de escritores para la defensa de la cultura (1937). Actas, ponencias, documentos y testimonios. València, Generalitat Valenciana, 1987, p. 134-135.

cosa más importante de mi vida y es por eso por lo que he puesto en la bandeja para España lo único que poseía, aquello a lo que atribuía la máxima importancia.

Poco tiempo después llegué a Hollywood y entré a ver la película de Marlène Dietrich justo en el momento en que empezaba. A mi lado, Marlène; al otro, el director, Lubitch, uno de los hombres más ricos, y cerca también los maquinistas.

Llegaba por delante y en ese momento vi que todos los electricistas estaban dispuestos para seguirla con atención. Mirando con mayor detenimiento vi que tenían en la mano, entrecerrada, una pequeña España de cobre que habían hecho recortar por sus camaradas.

Durante la primera parte de la guerra, nuestros camaradas españoles no habían tenido nunca una ametralladora que funcionase bien. Las ametralladoras francesas e inglesas que correspondían al Gobierno español antes del levantamiento de Franco no habían sido jamás entregadas. Teníamos ametralladoras españolas, de las antiguas, que se encasquillaban constantemente.

La ayuda más importante que ha sido aportada al pueblo español, no la he conocido directamente. Era de otra naturaleza. Nos encontramos con algunos compañeros en la carretera, la aviación enemiga acababa de bombardear muy intensamente varios puntos; había bombas de avión sin explotar al otro lado de la carretera.

Extrañados, mi camarada y yo abrimos una e inmediatamente encontramos en su interior, bombas enviadas desde Alemania a través de Portugal, un papel en el cual se había escrito lo siguiente: “Camaradas, esta bomba no estallará”.

El 1º de mayo en París se celebró la jornada de solidaridad con el pueblo español. Decenas de miles de obreros llegaban con banderas sindicales ante los postulantes por España que mantenían entre cuatro enormes sábanas. Para hacer comprensible lo que realizaban habían puesto en el centro de la sábana la fotografía que todos conocéis: la de los niños muertos.

Cuando los obreros llegaron delante, inclinaron sus banderas. Pero otros muchos acudieron con su propio hijo e inclinaron al hijo vivo con un grave gesto de resignación.

Camaradas, ¡felicitaos por ese saludo! Fue acaso aquella la mayor emoción de mi vida, y no puedo impedir el recordarla mientras aquí se oye el ruido del cañón que amenaza esta ciudad.

Recibid el saludo de quienes estamos aquí, ya como combatientes, ya como escritores, y, del mismo modo que los obreros inclinaban a sus hijos, nos inclinamos ante vuestro valor. Estas bombas que os amenazan, en la medida en que podamos, no estallarán.

ANEXO 2 - Máximas de Malraux

- BRASIL

<i>SITES.BR</i>	<i>MÁXIMAS</i>
<p>www.internewws.eti.br/materias/pensamentos.shtml www.paginadobim.hpg.ig.com.br/prov.html www.cpunet.com.br/paralerepensar/a.htm www.1fatimasantos.hpg.ig.com.br/Paginas/pensamentos.htm www.sobradinho.df.gov.br/ViverBem.htm</p>	<p>A vida de uma pessoa não vale nada, mas não há nada que valha a vida de uma pessoa.</p> <p>Aprendi que uma vida não vale nada; mas também nada vale uma vida.</p> <p>Uma vida pode não valer nada, mas nada vale uma vida.</p>
<p>www.pausa.hpg.ig.com.br/18.html</p>	<p>Cultura é o que fica depois de esquecer tudo o que foi aprendido.</p>
<p>www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/humanas/portugues/interpoesia/zappa.html</p>	<p>A cultura não se herda, ela se conquista.</p>
<p>www.apitopages.hpg.ig.com.br/pensamentos.htm www.cpunet.com.br/paralerepensar/a.htm</p>	<p>A verdade sobre o homem é antes de tudo, aquilo que ele mantém escondido.</p>
<p>www.pausa.hpg.ig.com.br/5.html</p>	<p>Poucos são os que nunca tiveram uma oportunidade de alcançar a felicidade - e, menos ainda, os que aproveitaram essa oportunidade.</p>
<p>www.teleon.com.br/~michla/Literatura.htm www.sendnet.com.br/nefrita/paloma.htm</p>	<p>Pode enganar-se a vida muito tempo, mas ela acaba sempre por fazer de nós aquilo para que somos feitos.</p>
<p>www.lions.org.br/lionsbatel/jornal/jor9610.htm</p>	<p>As idéias: há que vivê-las.</p>
<p>www.filologia.org.br/filologo/pub_filologo23.html</p>	<p>Os intelectuais são como as mulheres, os militares os fazem sonhar.</p>
<p>www.cpunet.com.br/paralerepensar/a.htm www.reflita.brs.com.br/quedefinem.html</p>	<p>O homem é aquilo que ele próprio faz.⁸⁰⁹</p>

⁸⁰⁹ “O homem é aquilo que ele faz”, *Antimemórias*, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968, p. 10.

www.imn.com.br/frases/arte.htm	A arte é um antidesestino. ⁸¹⁰
www.paulocoelho.com.br/engl/intervw9.html	O século XXI será espiritual, ou não será.
www.ocaixote.com.br/frases.htm	Jesus: um anarquista que teve êxito. O único.
www.volt.bsite.com.br/arcwolrd/frases.htm	A amizade não consiste em apoiar os amigos quando estão com razão, mas sim quando erram.
www.xangrila.com/ENTRAR.HTM	O rio atinge os objetivos porque aprendeu a contornar os obstáculos.

• ESPANHA

<i>SITES.ES</i>	<i>MÁXIMAS</i>
www.proverbia.net/citas_autor.asp?nombre=And%E9&apellidos=Malraux&autor=MALRAUXAND humano.ya.com/elocuax/vida/vida27.htm personal.telefonica.terra.es/web/ideasmuertas/frases%20de%20importantes%20sabios.htm	La cultura es lo que, en la muerte, continúa siendo la vida.
www.proverbia.net/citas_autor.asp?nombre=And%E9&apellidos=Malraux&autor=MALRAUXAND www.kronos.org/bitacora/01-h/2294Miercoles12-1-HEdicionTarde.txt	La juventud es una religión a la que uno siempre acaba convirtiéndose.
www.proverbia.net/citas_autor.asp?nombre=And%E9&apellidos=Malraux&autor=MALRAUXAND www.reflejosdeluz.net/F.%20Muerte.htm humano.ya.com/elocuax/vida/vida30.htm	<p>La muerte sólo tiene importancia en la medida en que nos hace pensar en la vida.</p> <p>La muerte sólo tiene importancia en la medida en que nos hace reflexionar sobre el valor de la vida.</p>
www.telecable.es/personales/coruxa/textos/sexo.html	Un hombre que piensa no en una mujer como en el complemento de un sexo, sino en el sexo como complemento de una mujer, no está maduro para el amor: Tanto peor para él.

⁸¹⁰ “L’art est un anti-destin”. *Les voix du silence*. Paris: NRF, 1951.

www.proverbia.net/citas_autor.asp?nombre=And%E9&apellidos=Malraux&autor=MALRAUXAND mural.uv.es/bedea/frases.html www.quo.wanadoo.es/quo/citas/tristeza	<p>Todo hombre se parece a su dolor.</p>
www.alu.ua.es/m/msq1/citas.htm	<p>Toda narración está más cerca de las narraciones anteriores que del mundo que nos rodea; y cuando las obras más divergentes se reúnen en el museo o la biblioteca, no lo hacen por su relación con la realidad, sino por sus relaciones mutuas. La realidad no tiene estilo ni talento.</p>
www.museopecharroman.arrakis.es/museo_pecharroman_4.htm	<p>El artista se define ahora mediante la ruptura con todo lo que le ha precedido, a través de una lenta y voluntaria conquista de sí mismo.</p>
www.movimientocontralaintolerancia.com/html/denuncias2BL/eticaJusticia/eticaJusticia.asp	<p>Las ideas no son para ser pensadas, sino para ser vividas.</p>
www.proverbia.net/citas_autor.asp?nombre=And%E9&apellidos=Malraux&autor=MALRAUXAND	<p>El verdadero combate empieza cuando uno debe luchar contra una parte de sí mismo. Pero uno sólo se convierte en un hombre cuando supera estos combates.</p>
www.proverbia.net/citas_autor.asp?nombre=And%E9&apellidos=Malraux&autor=MALRAUXAND	<p>Si de veras llegásemos a poder comprender, ya no podríamos juzgar.</p>
www.proverbia.net/citas_autor.asp?nombre=And%E9&apellidos=Malraux&autor=MALRAUXAND	<p>He aprendido que una vida no vale nada, pero también que nada vale una vida.</p>
www.proverbia.net/citas_autor.asp?nombre=And%E9&apellidos=Malraux&autor=MALRAUXAND	<p>La tradición no se hereda se conquista.</p>

Anexo 3 - Tabela das edições das traduções brasileiras e espanholas das obras de André Malraux

	FRANÇA	BRASIL (1)	ESPANHA (2)
• <i>Lunes en papier</i>	1921 Paris Editions de la Galerie Simon		
• <i>La tentation de l'Occident</i>	1926 Paris Grasset		
• <i>Les Conquérants</i> <i>Os Conquistadores</i> (1) <i>Els Conqueridors</i> (em catalão) (2) <i>Los Conquistadores</i> (2)	1928 Paris Grasset	1935 Heitor Moniz Rio de Janeiro Ed. Guanabara 1944 Eloy Pontes Rio de Janeiro Ed. Irmãos Pongetti	1929, 1931 José Viana Madrid Ed. Imp. Argis 1929 José Viana Madrid Ed. Oriente 1977, 1980 Fabián García-Prieto Barcelona Ed. Argos Vergara 1986, 1989 M.C. Cugeró e M.R. Vallribera Barcelona Ed. de 1984 (em catalão)

			1992, 1995, 2003 Fabián García-Prieto Barcelona Ed. RBA, D.L. 1992 Fabián García-Prieto Barcelona Ed. Origen
• <i>Royaume-Farfelu</i>	1928 Paris Gallimard		
• <i>La Voie royale</i> <i>O Caminho real</i> (1) <i>A estrada real</i> (1) <i>La vía real</i> (2)	1930 Paris Grasset	1988 Ana Maria Falcão Rio de Janeiro Ed. Nova Fronteira	1977, 1980 Fabián García-Pietro Barcelona Ed. Argos Vergara 1995, 1996 Fabián García-Pietro Madrid Ed. Espasa-Calpe, D.L.
• <i>Vie de Napoléon par lui-même</i> <i>A vida de Napoleão por ele mesmo</i> (1) <i>Vida de Napoleón: contada por él mismo</i> (2)	1930	1995 Joana d'Avila Melo São Paulo Editora Siciliano	1993 Xavier Lloveras Barcelona Ed. Edhasa 2001 Xavier Lloveras Barcelona Ed. RBA Coleccionables
• <i>La Condition humaine</i> <i>A Condição Humana</i> (1) <i>La Condição humana (catalão)</i> (2) <i>La condición humana</i> (2)	1933 Paris Gallimard	1948 Lívio de Almeida Rio de Janeiro Casa Ed. Vecchi Ltda 1960 (?) Curitiba Ed. Guaíra	1966 César A. Comet Barcelona Ed. Aymá 1966, 1985 Salvador Vives Barcelona Ed. Proa (em catalão)

		<p>1972 Jorge de Sena São Paulo Ed. Abril Cultural col. Os Imortais da literatura universal</p> <p>1998 Ivo Barroso Rio de Janeiro Ed. Record</p>	<p>1971, 1973, 1977, 1978, 1979, 1982, 1988, 1997 César A. Comet Barcelona Ed. Edhasa</p> <p>1979, 1980, 1981, 1989 César A. Comet Barcelona Ed. Planeta</p> <p>1983, 1984, 1985 César A. Comet Barcelona Seix Barral</p> <p>1995 César A. Comet Barcelona Ed. RBA, D.L.</p> <p>1995, 1999, 2000 César A. Comet Barcelona Ed. Altaya</p> <p>1999 César A. Comet Madrid Unidad Editorial</p>
--	--	---	--

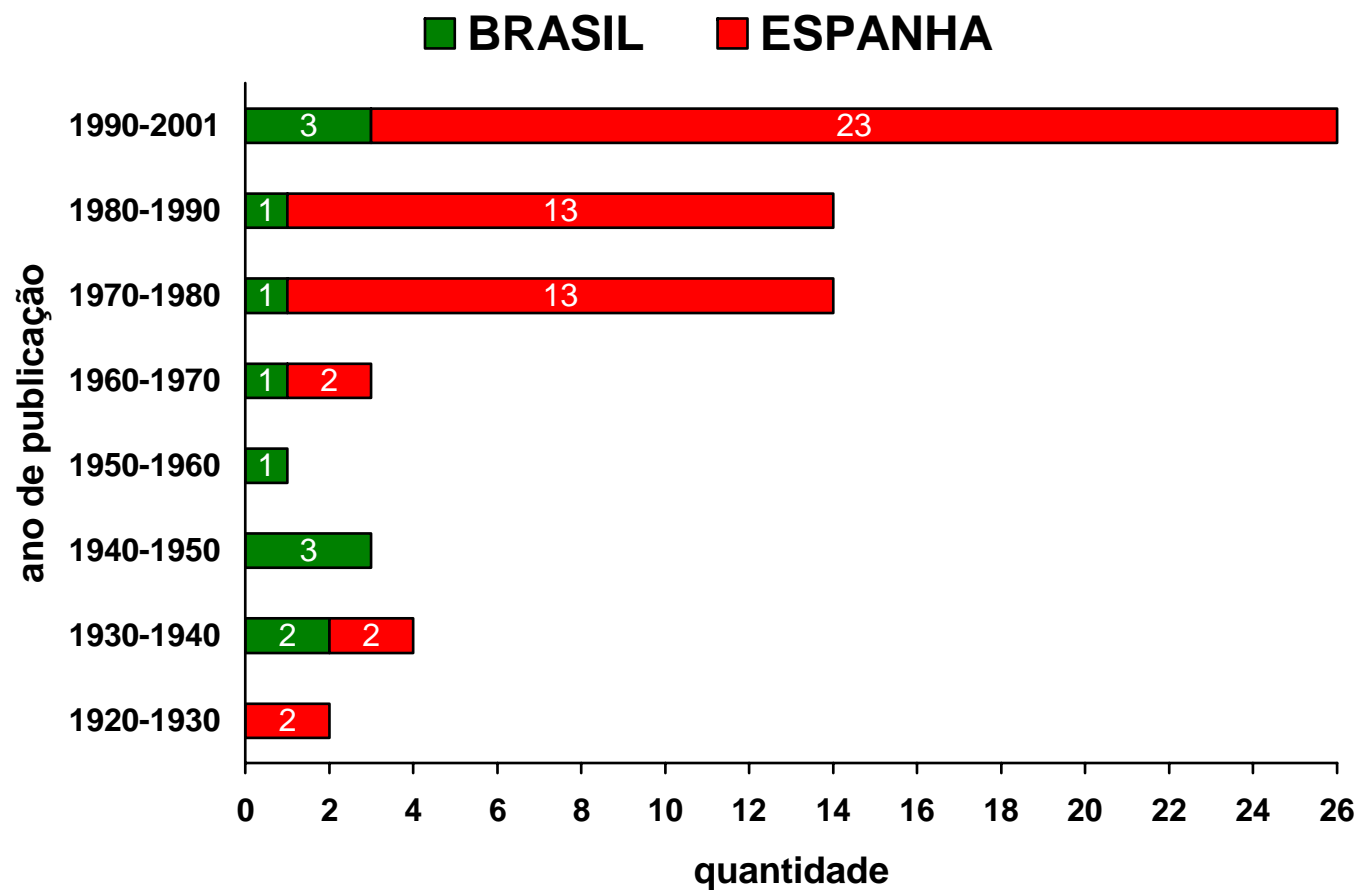
			1999 César A. Comet Barcelona Ed. Bibliotex 2001 César A. Comet Barcelona Ed. Círculo de Lectores
<ul style="list-style-type: none"> • <i>La Reine de Sabá, une aventure géographique</i> (texte présenté et annoté par Philippe DELPUECH) 	1934 (1993) Paris Gallimard (Cahiers de la N.R.F)		
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Le Temps du mépris</i> <i>O Tempo do desprezo</i> (1) <i>Dias de desprecio</i> (2) 	1935 Paris Gallimard	1948 Frederico dos R. Coutinho Rio de Janeiro Casa Ed. Vecchi Ltda	1936 Julio G. de la Serna Madrid Ed. Cruz y Raya
<ul style="list-style-type: none"> • <i>L'Espoir</i> <i>A Esperança</i> (1) <i>La Esperanza</i> (2) <i>L'esper: Sierra de Teruel</i> (2a) 	1937 Paris Gallimard	1940 David Jardim Júnior Curitiba Ed. Guaíra 2000 Eliana Aguiar Rio de Janeiro Ed. Record	1978, 1979, 1989, 2001, 2001 (2a) José Bianco Barcelona Ed. Edhasa 1987, 1988 José Bianco, Barcelona Ed. Orbis 1995 José de Bianco Barcelona Cátedra, D.L.

			1995 José de Bianco Madrid Ed. Cátedra
			1996 José Bianco Barcelona Ed. Altaya
<ul style="list-style-type: none"> • <i>La lutte avec l'ange – Les Noyers d'Altenburg</i> <i>Los Nogales del Altenburg (2)</i> 	1943 Lausanne Editions du Haut-Pays		2001 Juan Hilario Martínez Granada Ed. Comares
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Esquisse d'une psychologie du cinéma et Scènes choisies</i> 	1946 Paris Gallimard		
<ul style="list-style-type: none"> • <i>La Psychologie de l'Art I : Le Musée imaginaire</i> 	1947 Genève Skira		
<ul style="list-style-type: none"> • <i>La Psychologie de l'Art II : La Création artistique</i> 	1948 Genève Skira		
<ul style="list-style-type: none"> • <i>La Psychologie de l'Art III : La Monnaie de l'Absolu</i> 	1949 Genève Skira		
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Saturne (essai sur Goya)</i> 	1950 Paris Gallimard		
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Les voix du silence</i> 	1951 Paris Gallimard La Galerie de la Pléiade		

<ul style="list-style-type: none"> • <i>Le Musée imaginaire de la Sculpture mondiale :</i> <p>I. La statuaire</p> <p>II. Des bas-reliefs aux grottes sacrées</p> <p>III. Le monde chrétien</p>	<p>1952 Paris Gallimard La Galerie de la Pléiade, N.R.F.</p> <p>1954 Paris Gallimard</p> <p>1955 Paris Gallimard</p>		
<ul style="list-style-type: none"> • <i>La Métamorphose des Dieux: Le surnaturel</i> 	<p>1957 Paris Gallimard</p>		
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Les Antimémoires</i> <p><i>Antimemórias</i> (1) <i>Antimemorias</i> (2)</p>	<p>1967 Paris Gallimard</p>	<p>1968 Moacir W. de Castro São Paulo Ed. Difusão Européia do Livro</p>	<p>1992 Enrique Pezzoni Barcelona Ed. Círculo de Lectores, D.L.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Le Triangle noir</i> 	<p>1970 Paris Gallimard</p>		
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Les Chênes qu'on abat</i> 	<p>1971 Paris Gallimard</p>		
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Oraisons funèbres</i> <p><i>Oraciones fúnebres</i> (2)</p>	<p>1971 Paris Gallimard</p>		<p>1996 Miguel Rubio Madrid Ed. Anaya & Mario Muchnik</p>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>La Métamorphose des Dieux: L'Irréel</i> 	<p>1974 Paris Gallimard</p>		

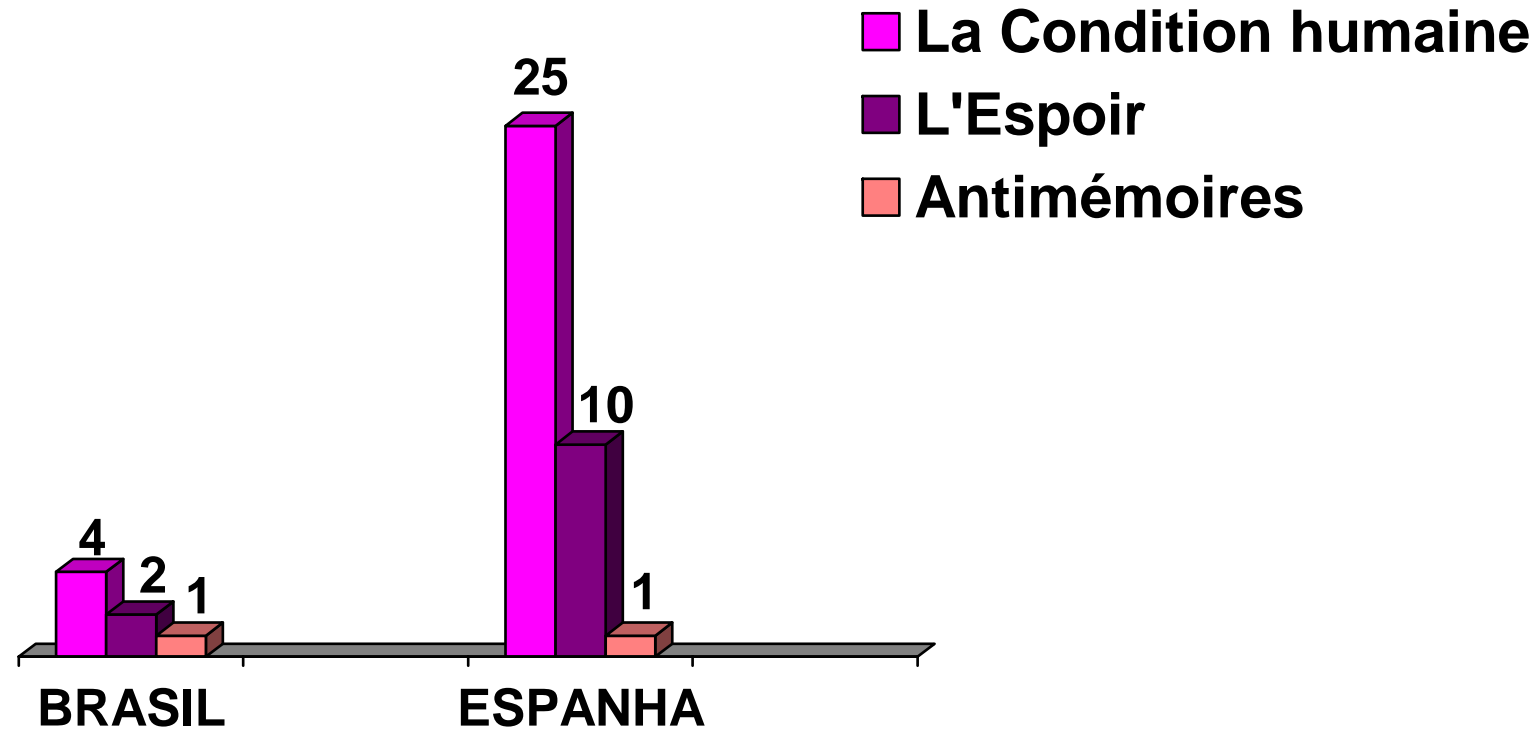
• <i>Lazare</i>	1974 Paris Gallimard		
• <i>La Tête d'obsidienne</i>	1974 Paris Gallimard		
• <i>Hôtes de passage</i>	1975 Paris Gallimard		
• <i>La Métamorphose des Dieux: L'Intemporel</i>	1976 Paris Gallimard		
• <i>L'homme précaire et la littérature</i>	1977 Paris Gallimard, N.R.F		
• <i>Et sur la terre...</i>	1977 Paris Editions Maeght		

Anexo 4 - Gráficos indicativos da frequência das edições das traduções brasileiras e espanholas das obras de André Malraux



Anexo 5 - Gráficos indicativos das edições das traduções brasileiras e espanholas de *La Condition humaine*, *L'Espoir*, e *Antimémoires*

5.1 Por obra de 1933 a 2001



5.2 Por obra de 1933 a 2001

Gráfico 1 - no BRASIL

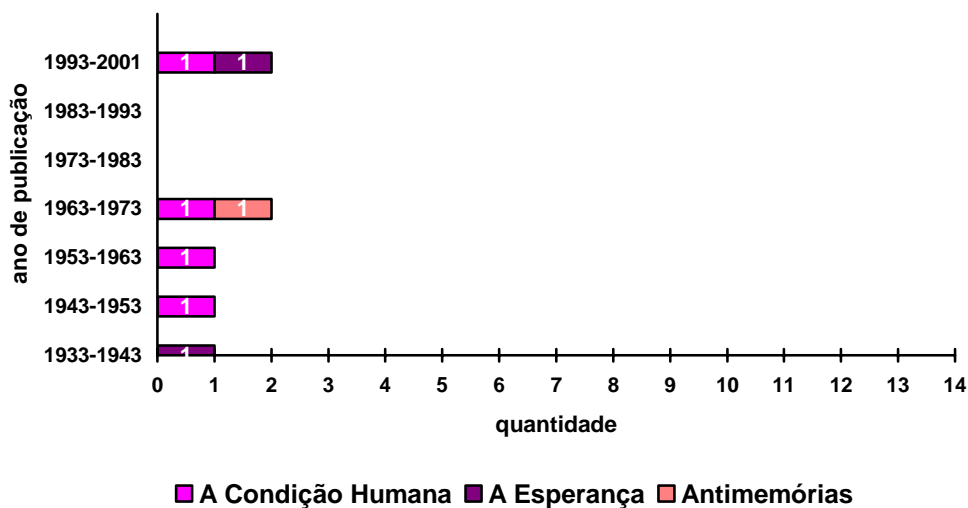
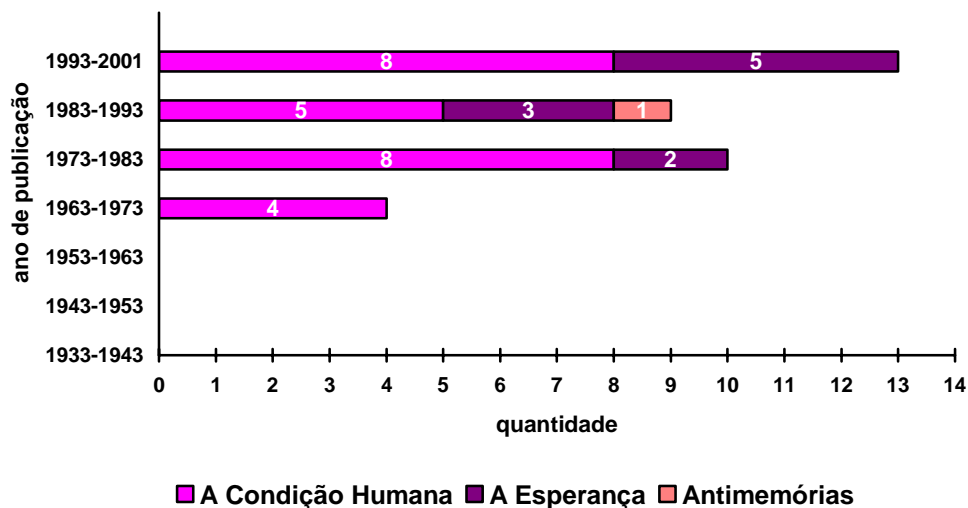


Gráfico 2 - na ESPANHA



Anexo 6 - Malruciana brasileira (1933-2001)

6.1 Relação dos artigos por ano de publicação

DATA	PUBLICAÇÃO	TÍTULO	AUTOR
1934	1. Boletim de Ariel	(página 7)	s/a
	2. Boletim de Ariel	A Condição Humana	s/a
	3. Boletim de Ariel	Prêmios literários	s/a
1935	1. Boletim de Ariel	André Malraux – Le Temps du mépris – N.R.F. 1934	Lúcia Miguel Pereira
1940	1. Correio do Povo	Livros novos	s/a
1946	1. A Manhã	Ficção	s/a
1947	1. A Manhã	Malraux na Sorbonne	Napoleão Augusto Lopes
1948	1. A Manhã	André Malraux	Walter Ribeiro de Andrade
	2. A Manhã	Malraux - um exemplo e uma esperança	s/a
	3. Correio do Povo	Koestler	Cândido Mota Filho
	4. Correio do Povo	Um comício com André Malraux	Carlos Reverbel
	5. Revista Branca	Livros e Revistas	s/a
	6. Revista Branca	O Romance Moderno	Cyro dos Anjos
1949	1. A Manhã	“Letras e Artes” ouve Georges Duhamel em Paris	Louis Wiznitzer
	2. A Manhã	Classificação dos espíritos franceses	s/a
	3. Correio da Manhã	Posição do Romance Francês	Luiz Annibal Falcão
1950	1. A Manhã	A contribuição de Emmanuel Mounier	Raymundo Souza Dantas
	2. A Manhã	Aldous Huxley fala a “Letras e Artes”	Louis Wiznitzer
	3. A Manhã	As férias de Malraux e Robert Merle	s/a
	4. A Manhã	Conversa com André Billy	Louis Wiznitzer
	5. A Manhã	Daniel Havelly e Henri Massis falam a “Letras e Artes”	Louis Wiznitzer
	6. A Manhã	Gabriel Marcel e o existencialismo cristão	Louis Wiznitzer
	7. A Manhã	Malraux e Camus estão doentes	s/a
	8. A Manhã	Malraux e o seu museu imaginário	Bernard de Champigneulle
	9. A Manhã	O novo livro de Camus	Jean Botrot
	10. A Manhã	O último livro de Malraux	s/a

	11. Correio da Manhã 12. Correio da Manhã 13. Correio da Manhã 14. Correio da Manhã 15. Correio da Manhã 16. Correio da Manhã 17. Correio da Manhã	A França de M. Fallières André Malraux ante a obra de Goya Como foram designados os doze melhores romances franceses do meio século Lembrando Saint-Exupéry O “Prêmio Goncourt” Rebelados Uma coleção dos “Prêmios Goncourt”	Jean Botrot John A. Klein Paul Guth Francisco Iglesias s/a Luiz Annibal Falcão Pierre Descaves
1952	1. A Manhã 2. A Manhã 3. A Manhã 4. Revista Branca 5. Revista Branca 6. Revista Branca	A arte não é uma revolta contra a natureza - diz Zervos Os cinquenta anos de Malraux “As vozes do silêncio” de Malraux Entrevista em Paris com Claude-Edmonde Magny Quadros burgueses de pintores comunistas A morte de Charles Plisnier	Louis Wiznitzer s/a Jean-Louis Bruch Louis Wiznitzer s/a s/a
1959	1. Correio da Manhã 2. Correio da Manhã 3. Correio da Manhã 4. Correio da Manhã 5. Correio da Manhã 6. Correio da Manhã 7. Correio da Manhã 8. Correio da Manhã 9. Correio da Manhã 10. Correio da Manhã 11. Correio da Manhã 12. Correio da Manhã 13. Correio da Manhã 14. Correio da Manhã 15. Correio da Manhã 16. Correio da Manhã 17. Correio da Manhã 18. Correio da Manhã	A Argélia com De Gaulle e Malraux. Análise: Malraux e JK Uma foto com o Presidente e o Ministro André Malraux Em contato com o mundo artístico, Malraux inaugurou cantina do museu Letras estrangeiras: Malraux e a obra de arte Malraux hoje no Festival do Museu de Arte Moderna André Malraux, o esboço de uma ideologia Letras estrangeiras: Malraux e a tragédia No Ministério da Educação, Malraux foi homenageado e fez conferência Entrevista com Malraux: assunto foi arte, heróis, Argélia, política e psicanálise Entrevista imaginária com Malraux André Malraux no Museu de Arte Moderna Malraux interessou-se pela situação econômica de São Paulo História do cinema francês Malraux na retrospectiva amanhã Malraux no Rio: “O Brasil é a pátria da esperança” Malraux ministro e homem em um encontro incomum André Malraux chegará segunda-feira ao Rio	s/a s/a s/a s/a s/a s/a Michel Kanenka s/a s/a s/a s/a Jairo Maurício s/a s/a s/a s/a s/a s/a

19. Correio do Povo	A recepção oficial	s/a
20. Correio do Povo	André Malraux chegou ao Rio	s/a
21. Correio do Povo	André Malraux em São Paulo	s/a
22. Correio do Povo	Ministro francês deverá visitar a América do Sul	s/a
23. Diário de notícias	A visita de Malraux	s/a
24. Diário de notícias	Malraux: comércio da França com o Brasil	s/a
25. Diário de notícias	Malraux vem dia 24 com mensagem de De Gaulle	s/a
26. Diário de notícias	A metamorfose do Sr. Malraux	José Arthur Rios
27. Diário de notícias	Oferecido um almoço ao Sr. André Malraux	s/a
28. Diário de notícias	André Malraux em Brasília vê a capital da esperança	s/a
29. Diário de notícias	André Malraux: a França crê na audácia do Brasil	s/a
30. Jornal de Letras	Malraux no Brasil	s/a
31. Jornal do Brasil	Otto Lara para traduzir Malraux	s/a
32. O Estado de São Paulo	A condição de Ministro	s/a
33. O Estado de São Paulo	A influência de Malraux	Cláudio Abramo
34. O Estado de São Paulo	Conferência sobre Malraux	s/a
35. O Estado de São Paulo	Cinema: contribuições de Malraux	Paulo Emílio Sales Gomes
36. O Estado de São Paulo	Um último admirador	s/a
37. O Estado de São Paulo	Malraux, De Gaulle, Mao e a obsessão	s/a
38. O Estado de São Paulo	Malraux: o Brasil deve criar sua própria cultura	s/a
39. O Estado de São Paulo	Malraux evoca os terroristas russos para justificar o rigor na Argélia	s/a
40. O Jornal	Malraux exalta Brasília como exemplo de audácia e energia	s/a
41. O Estado de São Paulo	Malraux na Bienal	s/a
42. O Estado de São Paulo	Teatro: A Condição Humana	Sábato Magaldi
43. O Estado de São Paulo	Malraux ao chegar ao Rio: “Brasil, país de esperança”	s/a
44. O Estado de São Paulo	O problema da nossa era: que é o homem, que é a civilização	s/a
45. O Estado de São Paulo	Malraux chega hoje a São Paulo	s/a
46. O Estado de São Paulo	André Malraux parte amanhã de Paris	s/a
47. O Globo	André Malraux chegará ao Brasil como “cidadão carioca”	s/a
48. O Globo	Lafer e Malraux conversam sobre o acordo do café	s/a
49. O Globo	Malraux vai conhecer obras do Aleijadinho	s/a
50. O Jornal	Malraux, Embaixador da cultura francesa	s/a
51. O Jornal	Malraux: saudação ao Brasil como “o País da Esperança”	s/a
52. O Jornal	Chega amanhã em visita ao Brasil o Ministro Malraux	s/a

1967	1. Folha de São Paulo	“Antimemórias” de André Malraux: uma reportagem de nosso tempo	J.G.N.M.
	2. O Estado de São Paulo	Livro de Malraux em inglês	A.F.P.
	3. O Estado de São Paulo	Malraux é êxito de vendas	A.F.P.
	4. O Estado de São Paulo	Malraux lançou as suas “Antimemórias”	Gilles Lapouge
	5. O Estado de São Paulo	Malraux publicará memória	A.F.P.
1968	1. O Estado de São Paulo	As <i>Antimemórias</i> de Malraux	Leyla Perrone Moisés
1969	1. Jornal do Brasil	Malraux e o degaullismo	Janine Mossuz
1973	1. Boletim de Ariel	Malraux, De Gaulle e a última homenagem	Frederico dos R. Coutinho
1976	1. Jornal do Brasil	André Malraux 1901-1976	s/a
	2. Jornal do Brasil	Uma luz da nossa época	Arlette Chabrol
	3. Jornal do Brasil	O testemunho da condição humana	s/a
	4. Jornal do Brasil	Desta vez a morte compareceu ao encontro	Marcos Santarrita
	5. O Estado	Malraux passa mal	s/a
	6. O Estado	Malraux	s/a
	7. O Estado	Malraux. Um ativo anti-fascista	s/a
	8. O Estado de São Paulo	Herói de nosso tempo, soube conciliar ação e pensamento	Frederico Branco
	9. O Estado de São Paulo	A <i>Esperança</i> não circula em versão espanhola	s/a
	10. O Estado de São Paulo	O fim da busca do absoluto leva-o a uma teologia da arte	Lourenço Dantas Mota
	11. O Estado de São Paulo	Só os amigos íntimos foram à despedida final de Malraux	s/a
	12. O Estado de São Paulo	A morte na própria casa, o desejo que não foi cumprido	Reali Jr.
	13. O Estado de São Paulo	E a condição humana dita seu último capítulo: morre Malraux	Gilles Lapouge
	14. O Estado de São Paulo	O romancista da condição humana	Italo Caroni
	15. O Globo	André Malraux hospitalizado	s/a
	16. O Globo	André Malraux pode ter alta em três dias	s/a
	17. O Globo	Malraux será sepultado em seu jardim	s/a
	18. O Globo	Morre Malraux, um espírito universal	s/a
	19. O Globo	No enterro de Malraux, só a família e amigos	s/a
	20. O Globo	Malraux esgota	s/a
	21. O Globo	Malraux, o herói inquieto	s/a
	22. O Globo	Falam os amigos no Rio	s/a
	23. O Globo	Homenagem a Malraux reúne 12 mil no Louvre	s/a
	24. O Globo	André Malraux – Uma vida no século	Any Bourrier
1985	1. Folha de São Paulo	Poder, mau negócio para artista	Maria Teresa de Freitas

1987	1. Revista Elos	Vers une nouvelle forme narrative littéraire : l'Entre-Deux-Guerres français et le Modernisme brésilien	Maria Teresa de Freitas
1988	1. Revista da Academia Brasileira de Letras	Vigésimo primeiro aniversário da eleição de André Malraux	s/a
1993	1. Jornal do Brasil	Lucia	Antonio Candido,
1996	1. Jornal do Brasil 2. Jornal do Brasil 3. Jornal do Brasil	Registro. Aliança lembra André Malraux Sepultados	s/a s/a s/a
1997	1. Jornal do Brasil	O tradutor	Cláudio Figueiredo
1998	1. Folha de São Paulo 2. Jornal da Tarde 3. Jornal da Tarde 4. Jornal do Brasil 5. O Estado de São Paulo 6. O Estado de São Paulo	Três vezes Malraux O museu imaginário de Malraux O vigor de A Condição Humana Brasília entusiasma escritor Obras estrangeiras predominam. Autor nacional é minoria Filósofo faz magnífico retrato de Malraux	s/a Maria José Moreira França Maria José Moreira França s/a J.P.J. José Castello
1999	1. Alea: Estudos Neolatinos 2. Folha de São Paulo 3. Folha de São Paulo	André Malraux e o cinema Os 100 melhores romances do século O dia que resume o século	Edson Rosa da Silva s/a Adriano Schwartz
2001	1. Folha de São Paulo 2. O Estado de São Paulo 3. O Estado de São Paulo 4. O Estado de São Paulo 5. O Estado de São Paulo 6. VEJA	Organizar o Apocalipse A Esperança Aventuras e mentiras do gigante Malraux Em busca dos tesouros da Rainha de Sabá Biografia recupera o herói e o farsante Malraux (sem título)	Edson Rosa da Silva s/a s/a s/a Yves Stavridès s/a

6.2 Relação dos artigos por fonte da publicação

PUBLICAÇÃO	TÍTULO	DATA	AUTOR
A Manhã, Letras e Artes	1. Ficção	29 dez. 1946	s/a
	2. Malraux na Sorbonne	6 abr. 1947	Napoleão Augusto Lopes
	3. Malraux - um exemplo e uma esperança	14 mar. 1948	s/a
	4. André Malraux	21 mar. 1948	Walter Ribeiro de Andrade
	5. Classificação dos espíritos franceses	22 maio 1949	s/a
	6. “Letras e Artes” ouve Georges Duhamel em Paris	10 jul. 1949	Louis Wiznitzer
	7. Gabriel Marcel e o existencialismo cristão	1 jan. 1950	Louis Wiznitzer
	8. A contribuição de Emmanuel Mounier	23 abr. 1950	Raymundo Souza Dantas
	9. Malraux e Camus estão doentes	23 jul. 1950	s/a
	10. Conversa com André Billy	23 jul. 1950	Louis Wiznitzer
	11. As férias de Malraux e Robert Merle	1 out. 1950	s/a
	12. Aldous Huxley fala a “Letras e Artes”	8 out. 1950	Louis Wiznitzer
	13. Malraux e o seu museu imaginário	8 out. 1950	Bernard de Champigneule
	14. O novo livro de Camus	8 out. 1950	Jean Botrot
	15. O último livro de Malraux	15 out. 1950	s/a
	16. Daniel Havely e Henri Massis falam a “Letras e Artes”	22 out. 1950	Louis Wiznitzer
	17. A arte não é uma revolta contra a natureza - diz Zervos	20 jan. 1952	Louis Wiznitzer
	18. Os cinquenta anos de Malraux	17 fev. 1952	s/a
	19. “As vozes do silêncio” de Malraux	17 ago. 1952	Jean-Louis Bruch
Alea: Estudos Neolatinos	1. André Malraux e o cinema	1999	Edson Rosa da Silva
Boletim de Ariel	1. Prêmios Literários	Jan. 1934	s/a
	2. A Condição Humana	Fev. 1934	s/a
	3. André Malraux – Le Temps du mépris – N.R.F. 1934	Ago. 1935	Lucia Miguel Pereira
	4. Malraux, De Gaulle e a última homenagem	Jul. 1973	Frederico dos R. Coutinho
Correio da Manhã	1. Posição do Romance Francês	25 dez. 1949	Luiz Annibal Falcão
	2. Uma coleção dos “Prêmios Goncourt”	15 jan. 1950	Pierre Descaves
	3. O “Prêmio Goncourt”	15 jan. 1950	s/a
	4. Rebelados	5 fev. 1950	Luiz Annibal Falcão
	5. A França de M. Fallières	5 mar. 1950	Jean Botrot
	6. Lembrando Saint-Exupéry	12 mar. 1950	Francisco Iglesias

	7. André Malraux ante a obra de Goya	11 maio 1950	John A. Klein
	8. Como foram designados os doze melhores romances franceses do meio século	25 maio 1950	Paul Guth
	9. André Malraux, o esboço de uma ideologia	22 ago. 1959	Michel Kanenka
	10. André Malraux chegará segunda-feira ao Rio	22 ago. 1959	s/a
	11. Uma foto com o Presidente e o Ministro André Malraux	25 ago. 1959	s/a
	12. Malraux no Rio: “O Brasil é a pátria da esperança”	25 ago. 1959	s/a
	13. Entrevista imaginária com Malraux	25 ago. 1959	s/a
	14. Malraux na retrospectiva amanhã	26 ago. 1959	s/a
	15. André Malraux no Museu de Arte Moderna	26 ago. 1959	Jairo Mauricio
	16. Malraux hoje no Festival do Museu de Arte Moderna	27 ago. 1959	s/a
	17. Malraux interessou-se pela situação econômica de São Paulo	27 ago. 1959	s/a
	18. A Argélia com De Gaulle e Malraux	27 ago. 1959	s/a
	19. História do cinema francês	28 ago. 1959	s/a
	20. Entrevista com Malraux: assunto foi arte, heróis, Argélia, política e psicanálise	28 ago. 1959	s/a
	21. No Ministério da Educação, Malraux foi homenageado e fez conferência	29 ago. 1959	s/a
	22. Análise: Malraux e JK	29 ago. 1959	s/a
	23. Em contato com o mundo artístico, Malraux inaugurou a cantina do museu	29 ago. 1959	s/a
	24. Letras estrangeiras: Malraux e a tragédia	12 set. 1959	s/a
	25. Letras estrangeiras: Malraux e a obra de arte	26 set. 1959	s/a
Correio do Povo	1. Livros novos	20 set. 1940	s/a
	2. Koestler	18 jan. 1948	Cândido Mota Filho
	3. Um comício com André Malraux	10 abr. 1948	Carlos Reverbel
	4. Ministro francês deverá visitar a América do Sul	7 ago. 1959	s/a
	5. A recepção oficial	25 ago. 1959	s/a
	6. André Malraux chegou ao Rio	25 ago. 1959	s/a
	7. André Malraux em São Paulo	27 ago. 1959	s/a
Diário de notícias	1. Artes e Museus – Transcrições sobre André Malraux	s/d	Mário Barata
	2. Oferecido um almoço ao Sr. André Malraux	21 ago. 1959	s/a
	3. Malraux vem dia 24 com mensagem de De Gaulle	23 ago. 1959	s/a
	4. A visita de Malraux	25 ago. 1959	s/a

	<ol style="list-style-type: none"> 5. André Malraux: a França crê na audácia do Brasil 6. André Malraux em Brasília vê a capital da esperança 7. Malraux: comércio da França com o Brasil 8. A metamorfose do Sr. Malraux 	<p>25 ago. 1959 s/a 25 ago. 1959 s/a 28 ago. 1959 s/a 30 ago. 1959 José Arthur Rios</p>
Folha de São Paulo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Poder, mau negócio para artista 2. Três vezes Malraux 3. Os 100 melhores romances do século 4. O dia que resume o século 5. “Antimemórias” de André Malraux: uma reportagem de nosso tempo 6. Organizar o Apocalipse 	<p>16 jun. 1985 Maria Teresa de Freitas 26 abr. 1998 s/a 3 jan. 1999 s/a 3 jan. 1999 Adriano Schwartz 1 jun. 2000 J.G.N.M. 9 jun. 2001 Edson Rosa da Silva</p>
Jornal da Tarde	<ol style="list-style-type: none"> 1. O vigor de A Condição Humana 2. O museu imaginário de Malraux 	<p>23 maio 1998 Maria José Moreira França 23 maio 1998 Maria José Moreira França</p>
Jornal de Letras	<ol style="list-style-type: none"> 1. Malraux no Brasil 	<p>Set. 1959 s/a</p>
Jornal do Brasil	<ol style="list-style-type: none"> 1. Otto Lara para traduzir Malraux 2. Malraux e o degaullismo 3. Desta vez a morte compareceu ao encontro 4. Uma luz da nossa época 5. O testemunho da condição humana 6. André Malraux 1901-1076 7. Lucia 8. Registro 9. Aliança lembra André Malraux 10. Sepultados 11. O tradutor 12. Brasília entusiasma escritor 	<p>29 ago. 1959 s/a 14 set. 1969 Janine Mossuz 24 nov. 1976 Marcos Santarrita 24 nov. 1976 Arlette Chabrol 24 nov. 1976 s/a 24 nov. 1976 s/a 13 mar. 1993 Antonio Candido, 10 ago. 1996 s/a 15 set. 1996 s/a 25 nov. 1996 s/a 7 jun. 1997 Cláudio Figueiredo 23 maio 1998 s/a</p>
O Estado	<ol style="list-style-type: none"> 1. Malraux passa mal 2. Malraux 3. Malraux. Um ativo anti-fascista 	<p>23 nov. 1976 s/a 24 nov. 1976 s/a 24 nov. 1976 s/a</p>
O Estado de São Paulo	<ol style="list-style-type: none"> 1. A influência de Malraux 2. Cinema: contribuições de Malraux 3. André Malraux parte amanhã de Paris 4. Teatro: A Condição Humana 5. Malraux chega hoje a São Paulo 6. Malraux ao chegar ao Rio: “Brasil, país de esperança” 	<p>ago. 1959 Cláudio Abramo 22 ago. 1959 Paulo Emílio Sales Gomes 22 ago. 1959 s/a 22 ago. 1959 Sábato Magaldi 25 ago. 1959 s/a 25 ago. 1959 s/a</p>

	7. Conferência sobre Malraux	25 ago. 1959	s/a
	8. A condição de Ministro	26 ago. 1959	s/a
	9. Malraux na Bienal	27 ago. 1959	s/a
	10. Um último admirador	27 ago. 1959	s/a
	11. Malraux, De Gaulle, Mao e a obsessão	27 ago. 1959	s/a
	12. O problema de nossa era: que é o homem, que é a civilização	27 ago. 1959	s/a
	13. Malraux Ministro e homem em um encontro incomum	27 ago. 1959	s/a
	14. Malraux evoca os terroristas russos para justificar o rigor na Argélia	28 ago. 1959	s/a
	15. Malraux: o Brasil deve criar sua própria cultura	29 ago. 1959	s/a
	16. Malraux publicará memória	16 set. 1967	A.F.P.
	17. Malraux lançou as suas <i>Antimemórias</i>	19 set. 1967	Gilles Lapouge
	18. Malraux é êxito de vendas	26 set. 1967	A.F.P.
	19. Livro de Malraux em inglês	4 out. 1967	A.F.P.
	20. As Antimemórias de Malraux	17 fev. 1968	Leyla Perrone Moisés
	21. A morte na própria casa, o desejo que não foi cumprido	24 nov. 1976	Realí Jr.
	22. O fim da busca do absoluto leva-o a uma teologia da arte	24 nov. 1976	Lourenço Dantas Mota
	23. E a condição humana dita seu último capítulo: morre Malraux	24 nov. 1976	Gilles Lapouge
	24. Herói de nosso tempo, soube conciliar ação e pensamento	24 nov. 1976	Frederico Branco
	25. Só os amigos íntimos foram à despedida final de Malraux	25 nov. 1976	s/a
	26. A Esperança não circula em versão espanhola	25 nov. 1976	s/a
	27. O romancista da condição humana	12 dez. 1976	Italo Caroni
	28. Obras estrangeiras predominam. Autor nacional é minoria	28 fev. 1998	J.P.J.
	29. Filósofo faz magnífico retrato de Malraux	26 set. 1998	José Castello
	30. A Esperança	21 jan. 2001	s/a
	31. Em busca dos tesouros da Rainha de Sabá	16 jun. 2001	s/a
	32. Aventuras e mentiras do gigante Malraux	16 jun. 2001	s/a
	33. Biografia recupera o herói e o farsante Malraux	16 jun. 2001	Yves Stavridès
O Globo	1. Malraux vai conhecer obras do Aleijadinho	11 ago. 1959	s/a

	2. André Malraux chegará ao Brasil como “cidadão carioca”	17 ago. 1959	s/a
	3. Lafer e Malraux conversam sobre o acordo do café	26 ago. 1959	s/a
	4. André Malraux hospitalizado	18 nov. 1976	s/a
	5. André Malraux pode ter alta em três dias	19 nov. 1976	s/a
	6. Falam os amigos no Rio	24 nov. 1976	s/a
	7. Malraux, o herói inquieto	24 nov. 1976	s/a
	8. morre Malraux, um espírito universal	24 nov. 1976	s/a
	9. Malraux será sepultado em seu jardim	24 nov. 1976	s/a
	10. No enterro de Malraux, só a família e amigos	25 nov. 1976	s/a
	11. Homenagem a Malraux reúne 12 mil no Louvre	28 nov. 1976	s/a
	12. André Malraux – Uma vida no século	28 nov. 1976	Any Bourrier
	13. Malraux esgota	28 nov. 1976	s/a
O Jornal	1. Chega amanhã em visita ao Brasil o Ministro Malraux	23 ago. 1959	s/a
	2. Malraux: saudação ao Brasil como “o país da esperança”	25 ago. 1959	s/a
	3. Malraux, Embaixador da cultura francesa	25 ago. 1959	s/a
	4. Malraux exalta Brasília como exemplo de audácia e energia	26 ago. 1959	s/a
Revista Branca	1. O Romance Moderno	1948	Cyro dos Anjos
	2. Livros e Revistas	1948	s/a
	3. Entrevista em Paris com Claude-Edmonde Magny	Mar. 1952	Louis Wiznitzer
	4. Quadros burgueses de pintores comunistas	Set. 1952	s/a
	5. A morte de Charles Plisnier	Out. 1952	s/a
Revista da Academia Brasileira de Letras	1. Vigésimo primeiro aniversário da eleição de André Malraux	jul-dez. 1988	s/a
Revista Elos	1. Vers une nouvelle forme narrative littéraire : l’Entre-Deux-Guerres français et le Modernisme brésilien	1987	Maria teresa de Freitas
VEJA	1. (sem título)	24 jan. 2001	s/a

6.3 www.andremalraux.br

	<u>PUBLICAÇÃO</u>	<u>TÍTULO</u>	<u>DATA</u>	<u>AUTOR</u>
1.	www.editoras.com/record/05082.htm	A Condição Humana (La Condition humaine)	s/d	s/a
2.	www.geocities.com/neolatinas/91evento.html	André Malraux: o romancista o esteta e o cineasta	s/d	s/a
3.	www.biblio.com.br/Templates/biografias/antonioolinto.htm	Antonio Olinto	s/d	s/a
4.	www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/bases/texto016.asp	Aspectos de uma estética deleuziana	s/d	Ludmila Brandão
5.	www.mre.gov.br/sei/onukofi.htm	Discurso do Senhor Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, em almoço oferecido ao Secretário-Geral da Onu, Kofi Annan	13 jul. 1998	Fernando Henrique Cardoso
6.	sites.uol.com.br/site.malraux/Esperança-2.htm	(sem título).	s/d	José Castello
7.	www.dossiebrasil.org.org/debray.html	Travessia	s/d	Régis Debray
8.	www.ipct.pucrs.br/letras/saopedro/htm/11/161.HTM	Duas vezes Chordelos De Laclos	s/d	s/a
9.	www.france.org.br/abr/comunik/CO%20222001.htm	Embaixada da França	s/d	s/a
10.	www.lpm.com.br/c219_001.htm	Crônica Japonesa. Nicolas Bouvier.	s/d	Marília Pacheco Fiorillo
11.	prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugueses/obra/opusculos/como.htm	Como e porque sou escritor		Gilberto Freyre
12.	www.rhr.uepg.br/v4n1/funari.htm	(sem título)	verão 1999	Pedro Paulo A. Funari
13.	www.fpabramo.org.br/apres/unidade03.htm	Um estilo reservado e polido		Alexandre Gambirásio
14.	www.globo.com/diversaoarte/arquivo/diversao/20010605/4xermq.htm	CCBB comemora centenário do escritor francês André Malraux	5 jun. 2001	s/a
15.	sites.uol.com.br/site.malraux/Esperança-2.htm	Urgência da palavra contra a guerra	s/d	Renato Bittencourt Gomes
16.	www.uepg.br/rhr/v4n2/hecker.htm	A ciência isenta e a mão no leme da História	Inverno 1999	Alexandre Hecker
17.	www.mre.gov.br/sei/lafer-gm310801.htm	Mudanças na Continuidade	31 ago. 2001	Celso Lafer

18.	infosampa.prodam.sp.gov.br/quiosque/ccsp/vindo.htm	O Poder da Cultura	s/d	Rodolfo Konder
19.	www.gradiva.com.br/mat24.htm	O amor como vínculo. Reflexões sobre os vínculos L (amor) e -L (-amor)	s/d	Ney Marinho
20.	www.maritain.org.br/livros/HI/HI_introducao.htm	Heroísmo e humanismo	s/d	Jacques Maritain
21.	www.minc.gov.br/textos/ja16.htm	A importância do cinema brasileiro	s/d	José Álvaro Moisés
22.	sites.uol.com.br/site.malraux/Esperanca-2.htm	(sem título)	s/d	Marcelo Jacques de Moraes
23.	acd.rfrj.br/pacc/literaria/improviso.html	Improviso para abismo para homenagem (1).	1997	Ítalo Moriconi
24.	sites.uol.com.br/site.malraux/Artigos.htm	André Malraux e a permanência da sede	s/d	Eric Nepomuceno
25.	criativa.globo.com/edic/ed137/rep_segredos.htm	Segredos da criatividade	s/d	Luis Pellegrini
26.	www.ifi.unicamp.br/jornal-da-ciencia/msg00636.html	Pensamentos do dia	30 jan. 2001	s/a
27.	www.plural.com.br/jplaza/texto01.htm	Arte e interatividade: autor-obra-recepção	Mai 2000	Julio Plaza
28.	www.alfredo-braga.pro.br/ensaios/plaza2.html	Arte/Ciência: uma consciência. 1994-1996	s/d	Julio Plaza
29.	www.suigeneris.pro.br/socied20.htm	Questões de Bioética: morte e direito de morrer	junho 1998	s/a
30.	sites.uol.com.br/site.malraux/Esperanca-2.htm	Organizar o Apocalipse	s/d	Edson Rosa da Silva
31.	epoca.globo.com/edic/ed20032000/cult8.htm	O prazer do crime	s/d	Maurício Stycer
32.	www.abordo.com.br/mctavares/art01_00.htm	Memórias de uma adolescente do século XX.	16 jan. 2000	Maria da Conceição Tavares
33.	www.azul.net/confronto/html/terra.htm	Terra e Liberdade	s/d	s/a
34.	www.tvcultura.com.br/tvcultura/destaquetv0011/destaquetv001105.htm	Homenagem a De Gaulle e Malraux	s/d	TV CULTURA

Anexo 7 - Malruciana espanhola (1933-2001)

7.1 Relação dos artigos por ano de publicação

<u>DATA</u>	<u>PUBLICAÇÃO</u>	<u>TÍTULO</u>	<u>AUTOR</u>
1933	1. El Matí 2. La Vanguardia Española	El Premi Goncourt a André Malraux Crónica de París : Los premios Goncourt y Renaudot	s/a Juan Aramburu
1934	1. El Matí 2. El Matí	França: Premis literaris. Malraux i el nihilisme	Ramon Esquerra s/a
1936	1. La Vanguardia Española	Banquete en honor de los señores Lenormand, Cassou y Malraux	s/a
1937	1. La Vanguardia Española 2. ABC 3. ABC 4. ABC	El II Congreso de los intelectuales para la defensa de la Cultura Los intelectuales antifascistas Segundo Congreso Internacional de Escritores. Los congresistas extranjeros tیدن tributo a los defensores y al pueblo de Madrid en una solemne sesion publica. Congreso de intelectuales. La sesión de ayer.	s/a FEBUS s/a FEBUS
1938	1. La Vanguardia Española 2. La Vanguardia Española	Heroes - De Byron a Malraux André Malraux ha venido a Barcelona trayendo un donativo de siete millones de francos para a República española	Max Aub s/a
1967	1. La Vanguardia Española 2. La Vanguardia Española	París: Miscelanea para el week-end – las “Antimemorias” de André Malraux París: El partido comunista sigue apoyando a de Gaulle en su actitud ante Gran Bretaña	Tristán La Rosa Tristán La Rosa
1968	1. La Vanguardia Española	La destitución del director del “Odeon”	F. F.
1970	1. El Urogallo, rev. lit.	Algo más sobre la novela latinoamericana	Mario Vargas Llosa
1971	1. El Urogallo, rev. lit.	Defensa de la literatura – apuntes para un ensayo interminable	Elena Soriano
1973	1. Insula Revista Bibliografica de Ciências y Letras	Max Aub en el cine	Román Gubern

1975	1. Camp de l 'Arpa	Saint-Just visto por André Malraux	J. M. Corredor
1976	1. El País	Malraux pide el ingreso en la Asociación de Aviadores de la República	A. Q.
	2. Insula. Revista Bibliografica de Ciencias y Letras.	Selecccion libros recibidos: bibliografia extranjera	s/a
	3. El País	Política e historia dominan la temporada literaria en Francia	Feliciano Fidalgo
	4. El País	Hospitalizado por congestión pulmonar	Feliciano Fidalgo
	5. El País	El domingo sufrió una embolia pulmonar André Malraux, en extrema gravedad	Feliciano Fidalgo
	6. La Vanguardia Española	<u>Se agrava el estado de salud de Malraux</u>	EFE
	7. El País	La condición humana y la esperanza	José Bergamin
	8. El País	Aventurero, revolucionario, ministro, escritor, mito...	Rafael Conte
	9. El País	Un gigante del siglo XX. Ha muerto Malraux.	s/a
	10. La Vanguardia Española	<u>Ha muerto André Malraux</u>	s/a
	11. La Vanguardia Española	<u>Paris: André Malraux murió ayer</u>	corresponsal interino – capa da notícia
	12. La Vanguardia Española	Malraux y el sentido tragico de la vida	Spectator
	13. La Vanguardia Española	Su amor a Cataluña	Jaume Miravittles
	14. La Vanguardia Española	Junto a de Gaulle – el heroe y el artista	Jaime Arias
	15. La Vanguardia Española	Para rodar “L’Espoir” – cuando fui secretaria de Malraux	Elvira Farreras i Valenti
	16. La Vanguardia Española	Malraux, vida de (o/en) un siglo	Juan Ramon Masoliver
	17. El País	André Malraux, 1901-1976	s/a
	18. El País	Una permanente reflexión sobre el arte	F. Calvo
	19. Mundo Diário	Francia: a los 75 años de edad. Ha muerto André Malraux.	s/a
	20. La Vanguardia Española	Al margen – de inmortales	M.
	21. El País	Reyes, jefes de Estado, políticos, intelectuales... Impresionante reacción de dolor ante la muerte de Malraux.	Feliciano Fidalgo
	22. La Vanguardia Española	Malraux, en escorzo – individualidad y contradicciones	Baltasar Porcel
	23. La Vanguardia Española	Aliados ejemplares – Malraux, o el silencio de las voces	Fernando Gutierrez
	24. El País	Conciencia de su propia grandeza	Victoria Ocampo
	25. El País	Un forjador de trivialidades	José Luis de Vilallonga

	26. El País 27. El País 28. Cuadernos para el dialogo	Vida y obra Malraux, el penúltimo gigante Varias vidas en una	s/a s/a Rafael Conte
1977	1. Octubre – escritores y artistas revolucionarios 2. Camp de l'Arpa 3. El País 4. El País	Mensagem que Malraux e Gide deixaram em defesa de Dimitrof André Malraux – Sierra de Teruel, Cine Club, 9 Lacouture: Malraux fue uno depositario de civilizaciones. Acto en memoria del fallecido escritor. Malraux, pero menos	s/a s/a s/a Alberto Míguez
1978	1. La Vanguardia	Libros recibidos	s/a
1979	1. La Vanguardia 2. Camp de l'Arpa 3. El País 4. El País	En torno a un congreso de escritores en 1937 40 años después, Malraux aún pelea en España La lección de Francia Fútbol y Guerra Civil	Joaquín Marco Rodolfo Alonso s/a Alfredo Relaño
1980	1. El País	El Estado francés piensa pasar a manos privadas la tarea de animación cultural	Feliciano Fidalgo
1981	1. El País 2. El País	La nacionalización de la incultura Cartas abiertas a los vivos y a los muertos. A André Malraux.	Francisco Umbral Carlos Rojas
1982	1. Anuario de Estudios Filologicos V 2. El País 3. El País	Définitions de la fraternité dans <i>L'Espoir</i> de Malraux El New York Times publicó un reportaje inventado sobre Camboya Falleció en París la viuda de André Malraux	Manuel Peña Sanz Ramon Vilaro Feliciano Fidalgo
1985	1. El País	La ambición secreta del eslabón perdido	Manuel Vázquez Montalbán
1986	1. Quimera, rev. de lit. 2. El País 3. El País	Scott Fitzgerald, Malraux, Mc Carthy France Culture emite un programa sobre la Guerra Civil española Una idea de la revolución	s/a El País Horacio Vázquez Rial
1987	1. El País 2. El País 3. El País 4. El País 5. El País 6. El País	Algo se mueve en el museo Vindicación de Jean-Paul Sartre Béjart: “Yo no busco la paz, lo que quiero es trabajo.” Un hombre de acción Béjart estrenará en Barcelona su última coreografía Béjart, un coreógrafo que busca su inspiración en los más pequeños actos de la vida	Francisco Calvo Serraller Horacio Vázquez Rial A. Fancelli A. F. Carlos Murias Rosana Torres

	7. El País 8. La Vanguardia	Un espectáculo flojo Ciclo de cine en Florencia sobre la historia de los frentes populares de España y Francia	Mercedes Rico Mertxe Cisteró
1988	1. El País 2. El País 3. Debats	Malraux se equivocó Viento del Este, viento del Oeste André Malraux y el dilema radical	Feliciano Fidalgo Enzo Golino Gino Raymond
1989	1. El País 2. El País 3. El País 4. El País	La Filmoteca valenciana publica el guión original de “Sierra de Teruel” Unas imágenes de Malraux Semprún modificará el reglamento del Cervantes para retirar al ministro de Cultura del jurado “El Malraux español”	Adolf Beltran J. A. S. José A. Sorolla Florentino Heras Díez
1990	1. El País 2. El País	La obra gráfica de Chagall se expone en Madrid Entre el canibalismo y la gastronomía	s/a Manuel Vázquez Montalbán
1991	1. El País 2. El País 3. El País	La religión del Sol Azúa trabaja en su primer texto dramático El regreso de la vieja Rusia	Octavio Paz Joan de Sagarra Horacio Vázquez Rial
1992	1. Quimera, rev. de lit. 2. Quimera, rev. de lit. 3. El País 4. El País 5. El País 6. El País 7. El Urogallo 8. El Urogallo	Novedades diciembre 1991: Jean Lacouture: André Malraux – una vida en el siglo Una profecía sobre la novela Pinto Balsemao dice en Sevilla que la información “mediatiza y legitima” el poder 25.000 personas al día se asoman al “pozo de las imágenes” de Francia Las antimemorias de Malraux Libros: Los espejos del suicida Libros del mes: Antimemorias André Malraux: La sombra de Nietzsche	s/a Julio Cortázar s/a Andrés F. Rubio s/a Juan Luis Panero s/a Juan Angel Juristo
1993	1. Quimera, rev. de lit. 2. El País 3. Anthropos 4. Anthropos 5. El País	Sobre literatura, compromiso y transformación social Otros vacíos, otras ofensas Literatura de la Guerra Civil El debate político de <i>La Esperanza</i> de Malraux Vivir vidas ajenas	José Saramago Ángel Fernández-Santos Maryse Bertrand de Muñoz Robert S. Thornberry M. García-Posada

1994	1. Cuadernos para Investigación de la Literatura Hispánica 2. El País	Max Aub, André Malraux y Luis Buñuel: cine y literatura Pintar gatos por liebres	Samuel Amell Fietta Jarque
1995	1. El País 2. El País 3. El País 4. El País 5. El País 6. El Urogallo 7. El País	Conmovedora derrota La tentación de lo imposible Soldados por la memoria Estar y ser, según los criterios de oficio El escritor mexicano Carlos Fuentes asegura que la ficción es más cierta que la vida Libros del mes. Narrativa extranjera. Homenaje a Aragón	Ángel Fernández-Santos Mario Vargas Llosa Carlos Fuentes Ángel Fernández-Santos Rocío García s/a Hugh Thomas
1996	1. El País 2. El Urogallo 3. El Urogallo 4. El País 5. El País 6. El Mundo 7. El País 8. El Mundo 9. El Mundo 10. La Vanguardia 11. La Vanguardia 12. La Vanguardia 13. La Vanguardia 14. El Mundo 15. El Mundo 16. El País 17. El País	Una ópera videográfica conmemora esta noche la muerte de Goya Ventanas a Francia: André Malraux La aventura y la metamorfosis Ventanas a Francia: André Malraux Museo, biblioteca, archivo. Consideraciones (mareo) en torno a Malraux. Una mirada a Francia a través de Malraux y Duras Un Hombre de Acción André Malraux, Gore Vidal y Fernán Gómez, en LA ESFERA Malraux y la perennidad literaria de la guerra española Las cenizas de un hombre de acción Contra la nada Malraux redivivo Malraux conquista la esperanza El ingreso de Malraux en el Panteón sirve a Chirac para proclamar la democracia cultural Malraux: recuerdos barcelonenses Chirac lleva Malraux al Panteón Un horizonte ecuménico Fin de una larga vergüenza Nuestro Fantoma	Rosa Rivas Rafael Conte Fernando Castro Florez R. B. Ignacio Echevarría Anúncio da próxima edição de La Esfera Juan Marichal Iñaki Gil Miguel Salabert Jaime Arias Alain Peyrefitte Óscar Caballero Elvira Farreras i Valentí Iñaki Gil Kosme de Barañano E. G. Régis Debrau

	18. El País 19. La Vanguardia 20. El Mundo Catalunya 21. La Vanguardia 22. El Mundo Catalunya 23. El País 24. El País 25. El País 26. El País 27. El País 28. El País	André Malraux entre en la leyenda de los grandes hombres de la literatura francesa Entrar en arte La eternidad: Malraux El último gigante La condición humana Malefakis sostiene que la crueldad de Franco alargó la Guerra Civil La Esperanza de Malraux La metamorfosis de Malraux Los héroes necesarios Los poemas de Manuel Rivas salen a la venta junto a un disco Una idea interesante y un planteamiento confuso	Enric González José Luis de vilallonga Gabriel Albiac Porcel Baltasar Rafael Vallbona Miguel Mora Ricardo Muñoz Suay Mario Vargas Llosa Jordi Borja Xosé Hermida Francisco Calvo Serraller
1997	1. El País 2. El País 3. El País 4. El País 5. El País	¿Comenzó la II Guerra Mundial en España? No hablemos Vargas Llosa reconoce el origen de su vocación en las lecturas de su niñez Jorge Semprún llama a los intelectuales al compromiso y pone como modelo a Malraux El novelista Ray Loriga inicia un prometedor pero torpe viaje en el relato cinematográfico	Antonio Gardo Javier Jiménez Campo Carlos Tomeo Javier Sampedro Ángel Fernández-Santos
1998	1. El País 2. El País	La musica de la literatura Una novela europea	Juan Cruz Juan Goytisolo
1999	1. La Vanguardia 2. El País 3. El País 4. El País 5. La Vanguardia 6. El País 7. La Vanguardia 8. El País	Girona recuerda el final de la Guerra Civil. Benet critica a las instituciones por su olvido de la Guerra Civil. Rigodón vasco La escuadrilla “España” Las Brigadas regresan a Albacete Vargas Llosa recupera su biblioteca. El autor presenta en Barcelona <i>Conversación en la catedral</i> y <i>La casa verde</i> , reeditados por Alfaguara. Los pactos y la espada Malraux, íntimo El siglo que viene	Marta Maso Javier Tusell Joan de Sagarra Miguel Ángel Villena Maria Asunción Guardia José Ramón Recalde Jaime Arias Enric Benavent

	9. El País 10. La Vanguardia 11. La Vanguardia	Sesenta años después La génesis de un escritor. El día en que Vargas Llosa contó cómo nacieron sus cuatro primeras obras. Libros. <i>Malraux en Espagne</i> . André Malraux, en España.	Ángeles Durán José Martí Gomez Jaime Airas
2000	1. El País 2. La Vanguardia 3. El País 4. La Vanguardia 5. El País 6. El País 7. La Vanguardia	La necesaria política cultural Libros. <i>L'art i els seus llocs/El arte y sus lugares</i> . El museo imaginario de Tàpies. Comín A través del espejo. Leer el arte. It's the content, stupid! Regàs y Bonilla lamentan la falta de novelas sobre la Guerra Civil Libros. Especial Sant Jordi. Dos libros en torno al libro.	Salvador Giner & Arturo Rodríguez Morató Lluís Permanyer Manuel Vázquez Montalban J. F. Yvars Enrique Bustamante Juan J. Gómez s/a
2001	1. El País 2. La Vanguardia 3. La Vanguardia 4. El País 5. El Periódico 6. El País 7. El País 8. El País 9. La Vanguardia 10. La Vanguardia 11. El País 12. La Vanguardia 13. La Vanguardia 14. La Vanguardia 15. El País 16. El Mundo 17. El Mundo 18. El Mundo	Una variada filmoteca particular ocupa el Macba El Macba dedica una amplia retrospectiva al cine de Portabella El revistero – Malraux ¿Esperanza? Michael Cimino: ‘El cine actual es un puro ‘remake’’ Desmitificando Malraux El arte perseguido por los talibán se exhibe en Barcelona en vísperas bélicas Malraux, en la panza del buey La gran novela de la Guerra Civil Cultura y elitismo La cultura como reclamo Michael Cimino rodará ‘La condición humana’ De don Camilo Malraux, gaullista Centenario del nacimiento de Malraux Mitomanía Una vida La última guerra La leyenda española	T. C./C. S. s/a Xavi Ayen L. G. David Revelles Jacinto Antón Joan de Sagarra M. R. R. Jaime Arias Manuel J. Borja-Villel El País Josep M. Baget Herms Jaime Arias La Vanguardia Francisco Calvo Serraller Olivier Todd Paul Nothomb Carlos Semprún Maura

19. El Mundo	¿Intelectual o aventurero?	Luis Antonio de Villena
20. El País	André Malraux visto por Jorge Semprún	Página de capa
21. El País	La aventura fraternal	Jorge Semprún
22. El País	Malraux, la nostalgia de España	Lluís Bassets
23. El País	Un centenario contra el mito y a favor del personaje	Octavi Martí
24. El País	Olivier Todd – “Malraux se refugiaba en la mentira”	Octavi Martí
25. El País	La larga marcha del aventurero	Josep Ramoneda
26. La Vanguardia	A través del espejo - Malraux: un corazón aventurero	J. F. Yvars
27. La Vanguardia	Modernización y religión en el Islam	Nur Yalman
28. La Vanguardia	El engaño creador	Baltasar Porcel
29. La Vanguardia	Universidade de verano. Jorge Semprún acusa. El escritor critica que los intelectuales no se comprometan contra el racismo.	Ana Gamez
30. La Vanguardia	TV-Películas	Jordi Batlle Caminal
31. El País	La Cinemateca sevillana de UGT homenajea a André Malraux	S. B.
32. La Vanguardia	Malraux, desmitificado. Una monumental biografía revela las mentiras del autor de L’Espoir.	Oscar Caballero
33. El País	Cineclassics dedicará un ciclo a películas de la Guerra Civil española	R. R.

7.2 Relação dos artigos por fonte da publicação

PUBLICAÇÃO	TÍTULO	DATA	AUTOR
ABC	1. Los intelectuales antifascistas	6 jul. 1937	FEBUS
	2. Segundo Congreso Internacional de Escritores. Los congresistas extranjeros tیدن tributo a los defensores y al pueblo de Madrid en una solemne sesion publica.	8 jul. 1937	s/a
	3. Congreso de intelectuales. La sesión de ayer.	9 jul. 1937	FEBUS
Anthropos	1. Literatura de la Guerra Civil	Set. 1993	Maryse Bertrand de Muñoz
	2. El debate político de <i>La Esperanza</i> de Malraux	Set. 1993	Robert S. Thornberry
Anuario de Estudios Filológicos V	1. Définitions de la fraternité dans <i>L'Espoir</i> de Malraux	1982	Manuel Peña Sanz
Camp de l'Arpa	1. Saint-Just visto por André Malraux	Ago.-set. 1975	J. M. Corredor
	2. 40 años después, Malraux aún pelea en España	Fev.-mar. 1979	Rodolfo Alonso
	3. André Malraux – Sierra de Teruel, Cine Club, 9	Jan. 1977	s/a
Cuadernos para el dialogo	1. Varias vidas en una	4 al 10 dez. 1976	Rafael Conte
Cuadernos para Investigación de la Literatura Hispánica	1. Max Aub, André Malraux y Luis Buñuel: cine y literatura	1994	Samuel Amell
Debats	1. André Malraux y el dilema radical	Dez. 1988	Gino Raymond
El Matí	1. El Premi Goncourt a André Malraux	13 dez. 1933	s/a
	2. França: Premis literaris.	3 jan. 1934	Ramon Esquerra
	3. Malraux i el nihilisme	7 mar. 1934	s/a
El Mundo	1. André Malraux, Gore Vidal y Fernán Gómez, en LA ESFERA	22 nov. 1996	Anúncio da próxima edição de La Esfera
	2. Chirac lleva Malraux al Panteón	24 nov. 1996	Iñaki Gil
	3. Un horizonte ecuménico	24 nov. 1996	Kosme de Barañano
	4. Una vida	31 out.-16 nov. 2001	Olivier Todd
	5. La última guerra	31 out.-16 nov. 2001	Paul Nothomb
	6. La leyenda española	31 out.-16 nov. 2001	Carlos Semprún Maura
	7. ¿Intelectual o aventurero	31 out.-16 nov. 2001	Luis Antonio de Villena

	8. La eternidad: Malraux 9. La condición humana 10. Las cenizas de un hombre de acción 11. Contra la nada	25 nov. 1996 27 nov. 1996 23 nov. 1996 23 nov. 1996	Gabriel Albiac Rafael Vallbona Iñaki Gil Miguel Salabert
El País	1. Malraux pide el ingreso en la Asociación de Aviadores de la República 2. Política e historia dominan la temporada literaria en Francia 3. Hospitalizado por congestión pulmonar 4. El domingo sufrió una embolia pulmonar André Malraux, en extrema gravedad 5. La condición humana y la esperanza 6. Aventurero, revolucionario, ministro, escritor, mito... 7. Un gigante del siglo XX. Ha muerto Malraux. 8. André Malraux, 1901-1976 9. Una permanente reflexión sobre el arte 10. Reyes, jefes de Estado, políticos, intelectuales... Impresionante reacción de dolor ante la muerte de Malraux. 11. Conciencia de su propia grandeza 12. Un forjador de trivialidades 13. Vida y obra 14. Malraux, el penúltimo gigante 15. Lacouture: Malraux fue uno depositario de civilizaciones. Acto en memoria del fallecido escritor. 16. Malraux, pero menos 17. La lección de Francia 18. Fútbol y Guerra Civil 19. El Estado francés piensa pasar a manos privadas la tarea de animación cultural 20. La nacionalización de la incultura	25 jul. 1976 14 set. 1976 18 nov. 1976 23 nov. 1976 24 nov. 1976 24 nov. 1976 24 nov. 1976 24 nov. 1976 24 nov. 1976 25 nov. 1976 5 dez. 1976 5 dez. 1976 5 dez. 1976 5 dez. 1976 22 jan. 1977 10 abr. 1977 16 out. 1979 24 nov. 1979 22 jul. 1980 24 nov. 1981	A. Q. Feliciano Fidalgo Feliciano Fidalgo Feliciano Fidalgo José Bergamin Rafael Conte s/a s/a F. Calvo Feliciano Fidalgo Victoria Ocampo José Luis de Vilallonga s/a s/a s/a Alberto Miguez s/a Alfredo Relaño Feliciano Fidalgo Francisco Umbral

21. Cartas abiertas a los vivos y a los muertos. A André Malraux.	18 dez. 1981	Carlos Rojas
22. El New York Times publicó un reportaje inventado sobre Camboya	25 fev. 1982	Ramon Vilaro
23. Falleció en París la viuda de André Malraux	18 dez. 1982	Feliciano Fidalgo
24. La ambición secreta del eslabón perdido	18 jan. 1985	Manuel Vázquez Montalbán
25. France Culture emite un programa sobre la Guerra Civil española	13 ago. 1986	El País
26. La Filmoteca valenciana publica el guión original de “Sierra de Teruel”	15 nov. 1989	Adolf Beltran
27. “El Malraux español”	21 dez. 1989	Florentino Heras Díez
28. Entre el canibalismo y la gastronomía	27 set. 1990	Manuel Vázquez Montalbán
29. Pinto Balsemao dice en Sevilla que la información “mediatiza y legitima” el poder	24 jan. 1992	s/a
30. Libros: Los espejos del suicida	30 maio 1992	Juan Luis Panero
31. Malraux y la perennidad literaria de la guerra española	23 nov. 1996	Juan Marichal
32. Los poemas de Manuel Rivas salen a la venta junto a un disco	14 dez. 1996	Xosé Hermida
33. Una idea interesante y un planteamiento confuso	15 dez. 1996	Francisco Calvo Serraller
34. El arte perseguido por los talibán se exhibe en Barcelona en vísperas bélicas	3 out. 2001	Jacinto Antón
35. Las antimemorias de Malraux	9 maio 1992	s/a
36. Una mirada a Francia a través de Malraux y Duras	9 nov. 1996	R. B.
37. Un Hombre de Acción	16 nov. 1996	Ignacio Echevarría
38. La Esperanza de Malraux	30 nov. 1996	Ricardo Muñoz Suay
39. Olivier Todd – “Malraux se refugiaba en la mentira”	16 jun. 2001	Octavi Martí
40. La larga marcha del aventurero	16 jun. 2001	Josep Ramoneda
41. André Malraux visto por Jorge Semprún	15 dez. 2001	Página de capa
42. La aventura fraternal	15 dez. 2001	Jorge Semprún
43. Malraux, la nostalgia de España	15 dez. 2001	Lluís Bassets
44. Un centenario contra el mito y a favor del personaje	15 dez. 2001	Octavi Martí
45. La gran novela de la Guerra Civil	7 jul. 2001	M. R. R.
46. Una idea de la revolución	25 nov. 1986	Horacio Vázquez Rial

47. Algo se mueve en el museo	24 jan. 1987	Francisco Calvo Serraller
48. Vindicación de Jean-Paul Sartre	20 ago. 1987	Horacio Vázquez Rial
49. Béjart: “Yo no busco la paz, lo que quiero es trabajo.”	15 set. 1987	A. Fancelli
50. Un hombre de acción	15 set. 1987	A. F.
51. Béjart estrenará en Barcelona su última coreografía	30 set. 1987	Carlos Murias
52. Béjart, un coreógrafo que busca su inspiración en los más pequeños actos de la vida	21 out. 1987	Rosana Torres
53. Un espectáculo flojo	23 out. 1987	Mercedes Rico
54. Malraux se equivocó	25 abr. 1988	Feliciano Fidalgo
55. Viento del Este, viento del Oeste	8 jun. 1988	Enzo Golino
56. Unas imágenes de Malraux	12 dez. 1989	J. A. S.
57. Semprún modificará el reglamento del Cervantes para retirar al ministro de Cultura del jurado	12 dez. 1989	José A. Sorolla
58. La obra gráfica de Chagall se expone en Madrid	8 maio 1990	s/a
59. La religión del Sol	13 mar. 1991	Octavio Paz
60. Azúa trabaja en su primer texto dramático	4 abr. 1991	Joan de Sagarra
61. El regreso de la vieja Rusia	30 ago. 1991	Horacio Vázquez Rial
62. 25.000 personas al día se asoman al “pozo de las imágenes” de Francia	5 maio 1992	Andrés F. Rubio
63. Otros vacíos, otras ofensas	2 jul. 1993	Ángel Fernández-Santos
64. Vivir vidas ajenas	31 dez. 1993	M. García-Posada
65. Pintar gatos por liebres	16 mar. 1994	Fietta Jarque
66. Conmovedora derrota	7 abr. 1995	Ángel Fernández-Santos
67. La tentación de lo imposible	25 abr. 1995	Mario Vargas Llosa
68. Soldados por la memoria	14 maio 1995	Carlos Fuentes
69. Estar y ser, según los criterios de oficio	2 jul. 1995	Ángel Fernández-Santos
70. El escritor mexicano Carlos Fuentes asegura que la ficción es más cierta que la vida	7 jul. 1995	Rocío García
71. Homenaje a Aragón	10 out. 1995	Hugh Thomas
72. Una ópera videográfica conmemora esta noche la muerte de Goya	28 mar. 1996	Rosa Rivas
73. Fin de una larga vergüenza	24 nov. 1996	E. G.
74. Nuestro Fantoma	24 nov. 1996	Régis Debrau

75. André Malraux entre en la leyenda de los grandes hombres de la literatura francesa	24 nov. 1996	Enric González
76. Malefakis sostiene que la crueldad de Franco alargó la Guerra Civil	28 nov. 1996	Miguel Mora
77. La metamorfosis de Malraux	1 dez. 1996	Mario Vargas Llosa
78. Los héroes necesarios	14 dez. 1996	Jordi Borja
79. ¿Comenzó la II Guerra Mundial en España?	5 fev. 1997	Antonio Gardo
80. No hablemos	17 fev. 1997	Javier Jiménez Campo
81. Vargas Llosa reconoce el origen de su vocación en las lecturas de su niñez	3 jul. 1997	Carlos Tomeo
82. Jorge Semprún llama a los intelectuales al compromiso y pone como modelo a Malraux	15 jul. 1997	Javier Sampedro
83. El novelista Ray Loriga inicia un prometedor pero torpe viaje en el relato cinematográfico	31 out. 1997	Ángel Fernández-Santos
84. La musica de la literatura	18 abr. 1998	Juan Cruz
85. Una novela europea	9 ago. 1998	Juan Goytisolo
86. Rigodón vasco	20 fev. 1999	Javier Tusell
87. Las Brigadas regresan a Albacete	29 mar. 1999	Miguel Ángel Villena
88. Los pactos y la espada	3 jun. 1999	José Ramón Recalde
89. El siglo que viene	21 set. 1999	Enric Benavent
90. Sesenta años después	21 dez. 1999	Ángeles Durán
91. La escuadrilla “España”	26 dez. 1999	Joan de Sagarra
92. La necesaria política cultural	5 jul. 2000	Salvador Giner & Arturo Rodríguez Morató
93. Comín	24 jul. 2000	Manuel Vázquez Montalban
94. It's the content, stupid!	13 out. 2000	Enrique Bustamante
95. Regàs y Bonilla lamentan la falta de novelas sobre la Guerra Civil	29 nov. 2000	Juan J. Gómez
96. Una variada filmoteca particular ocupa el Macba	1 fev. 2001	T. C./C. S.
97. Malraux, en la panza del buey	6 maio 2001	Joan de Sagarra
98. Michael Cimino: ‘El cine actual es un puro ‘remake’’	2 set. 2001	L. G.
99. La Cinemateca sevillana de UGT homenajea a André Malraux	25 out. 2001	S. B.

	100. Cineclassics dedicará un ciclo a películas de la Guerra Civil española 101. Michael Cimino rodará 'La condición humana' 102. Mitomanía	31 out. 2001 9 nov. 2001 14 jul. 2001	R. R. El País Francisco Calvo Serraller
El Periódico	1. Desmitificant Malraux	2 nov. 2001	David Revelles
El Urogallo	1. Libros del mes: Antimemorias 2. André Malraux: La sombra de Nietzsche 3. Libros del mes. Narrativa extranjera. 4. Algo más sobre la novela latinoamericana 5. Defensa de la literatura – apuntes para un ensayo interminable 6. Ventanas a Francia: André Malraux 7. La aventura y la metamorfosis 8. Ventanas a Francia: André Malraux 9. Museo, biblioteca, archivo. Consideraciones (mareo) en torno a Malraux.	Jun. 1992 Jul.-ago. 1992 Jul.-ago. 1995 Out.-nov.-dec. 1970 Jan.-feb. 1971 Nov. 1996 Nov. 1996	s/a Juan Angel Juristo s/a Mario Vargas Llosa Elena Soriano Rafael Conte Fernando Castro Florez
Insula Revista Bibliografica de Cièncias y Letras	1. Max Aub en el cine 2. Seleccion libros recibidos: bibliografía extranjera	Jul.-Ago. 1973 set. 1976	Román Gubern s/a
La Vanguardia	1. Centenario del nacimiento de Malraux 2. Libros recibidos 3. En torno a un congreso de escritores en 1937 4. Ciclo de cine en Florencia sobre la historia de los frentes populares de España y Francia 5. Malraux redivivo 6. Malraux conquista la esperanza 7. El ingreso de Malraux en el Panteón sirve a Chirac para proclamar la democracia cultural 8. Malraux: recuerdos barcelonenses 9. Entrar en arte 10. El último gigante 11. A través del espejo - Malraux: un corazón aventurero	13 nov. 2001 7 dez. 1978 15 fev. 1979 26 nov. 1987 24 nov. 1996 24 nov. 1996 24 nov. 1996 24 nov. 1996 25 nov. 1996 26 nov. 1996 17 jun. 2001	La Vanguardia s/a Joaquín Marco Mertxe Cisteró Jaime Arias Alain Peyrefitte Óscar Caballero Elvira Farreras i Valentí José Luis de vilallonga Porcel Baltasar J. F. Yvars

12. Girona recuerda el final de la Guerra Civil. Benet critica a las instituciones por su olvido de la Guerra Civil.	7 fev. 1999	Marta Maso
13. Vargas Llosa recupera su biblioteca. El autor presenta en Barcelona <i>Conversación en la catedral</i> y <i>La casa verde</i> , reeditados por Alfaguara.	21 abr. 1999	Maria Asunción Guardia
14. La génesis de un escritor. El día en que Vargas Llosa contó cómo nacieron sus cuatro primeras obras.	25 abr. 1999	José Marti Gomez
15. Malraux, íntimo	15 ago. 1999	Jaime Arias
16. Libros. <i>Malraux en Espagne</i> . André Malraux, en España.	19 nov. 1999	Jaime Airas
17. Libros. <i>L'art i els seus llocs/El arte y sus lugares</i> . El museo imaginario de Tàpies.	18 fev. 2000	Lluís Permanyer
18. Libros. Especial Sant Jordi. Dos libros en torno al libro.	14 abr. 2000	s/a
19. A través del espejo. Leer el arte.	24 dez. 2000	J. F. Yvars
20. El Macba dedica una amplia retrospectiva al cine de Portabella	1 fev. 2001	s/a
21. TV-Películas	23 mar. 2001	Jordi Batlle Caminal
22. Malraux, desmitificado. Una monumental biografía revela las mentiras del autor de <i>L'Espoir</i> .	29 abr. 2001	Oscar Caballero
23. El engaño creador	19 maio 2001	Baltasar Porcel
24. El revistero – Malraux ¿Esperanza?	1 jun. 2001	Xavi Ayen
25. Universidade de verano. Jorge Semprún acusa. El escritor critica que los intelectuales no se comprometan contra el racismo.	21 ago. 2001	Ana Gamez
26. Cultura y elitismo	8 set. 2001	Jaime Arias
27. La cultura como reclamo	9 set. 2001	Manuel J. Borja-Villel
28. De don Camilo	9 nov. 2001	Josep M. Baget Herms
29. Malraux, gaullista	10 nov. 2001	Jaime Arias
30. Modernización y religión en el Islam	18 nov. 2001	Nur Yalman
31. Crónica de París : Los premios Goncourt y Renaudot	14 dez. 1933	Juan Aramburu
32. Banquete en honor de los señores Lenormand, Cassou y Malraux	24 maio 1936	s/a
33. El II Congreso de los intelectuales para la defensa de la Cultura	4 jul. 1937	s/a

	34. Heroes - De Byron a Malraux	19 mar. 1938	Max Aub
	35. André Malraux ha venido a Barcelona trayendo un donativo de siete millones de francos para a República española	15 maio 1938	s/a
	36. París: Miscelanea para el week-end – las “Antimemorias” de André Malraux	24 set. 1967	Tristán La Rosa
	37. París: El partido comunista sigue apoyando a de Gaulle en su actitud ante Gran Bretaña	28 dez. 1967	Tristán La Rosa
	38. La destitución del director del “Odeon”	6 set. 1968	F. F.
	39. Se agrava el estado de salud de Malraux	23 nov. 1976	EFE
	40. Ha muerto André Malraux	24 nov. 1976	s/a
	41. Paris: André Malraux murió ayer	24 nov. 1976	corresponsal interino – capa da notícia
	42. Malraux y el sentido tragico de la vida	24 nov. 1976	Spectator
	43. Su amor a Cataluña	24 nov. 1976	Jaume Miravittles
	44. Junto a de Gaulle – el heroe y el artista	24 nov. 1976	Jaime Arias
	45. Para rodar “L’Espoir” – cuando fui secretaria de Malraux	24 nov. 1976	Elvira Farreras i Valenti
	46. Malraux, vida de (o/en) un siglo	24 nov. 1976	Juan Ramon Masoliver
	47. Al margen – de inmortales	25 nov. 1976	M.
	48. Malraux, en escorzo – individualidad y contradicciones	26 nov. 1976	Baltasar Porcel
	49. Aliados ejemplares – Malraux, o el silencio de las voces	26 nov. 1976	Fernando Gutierrez
Mundo Diário	1. Francia: a los 75 años de edad. Ha muerto André Malraux.	24 nov. 1976	s/a
Octubre – escritores y artistas revolucionarios	1. Mensagem que Malraux e Gide deixaram em defesa de Dimitrof	1977	
Quimera, rev. de lit.	1. Scott Fitzgerald, Malraux, Mc Carthy	1986	s/a (hemingway falando mal dos escritores citados)
	2. Novedades diciembre 1991: Jean Lacouture: André Malraux – una vida en el siglo	1992	s/a
	3. Una profecía sobre la novela	1992	Julio Cortázar
	4. Sobre literatura, compromiso y transformación social	1993	José Saramago

7.3 www.andremalraux.es

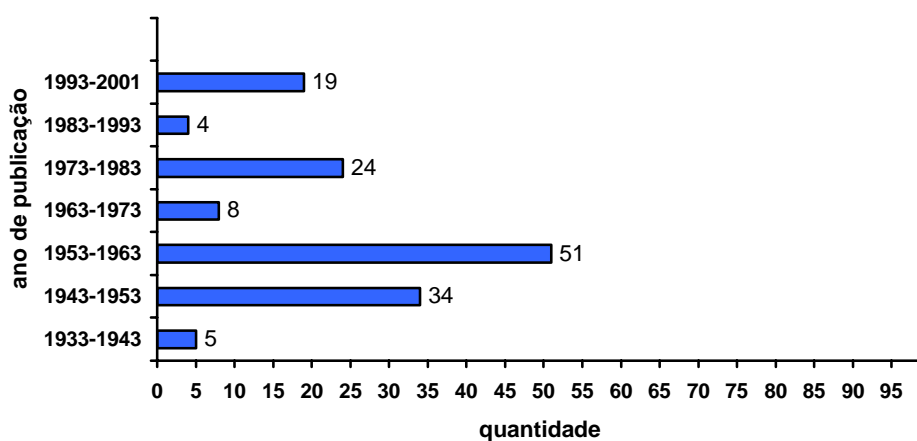
	<u>PUBLICAÇÃO</u>	<u>TÍTULO</u>	<u>DATA</u>	<u>AUTOR</u>
35.	www.ruta-imperios.com/espana	Tras las Huellas de la Reina de Saba – Capítulo I – Una leyenda para soñar	s/d	Vicente Plédel, Marián Ocaña y Javier Jayme
36.	www.saide.es	Programa de proyecciones sobre la Guerra Civil española	s/d	s/a
37.	www.arrakis.es	La Carcajada del diablo – 16. La refiesta del Monstruo	Sevilha, 2001	Leopoldo de Trazegnies Granda
38.	Sololiteratura.com	MVLL: La vida en movimiento	14 maio 2000	Alonso Cueto
39.	www.tusquets-editores.es	Tiempo de memoria – André Malraux. Una vida.	Set. 2002	Resenha do livro de O. Todd
40.	www.cnice.mecd.es	Abriel Albiac: treinta años	s/d	Gabriel Albiac
41.	Club.telepolis.com	Biografía	s/d	s/a
42.	www.satiria.com	André Malraux	s/d	s/a
43.	www.satiria.com	Cien años de Malraux	s/d	Renata Dorada
44.	Usuarios.lycos.es	Escuadrilla Malraux	s/d	s/a
45.	www.libertaddigital.com:83	Nº 9 – Intelectuales – Tiempos de nauseas y desprecio	s/d	Carlos Semprún Maura
46.	www.diariodejerez.co	La revolución muere con dientes de diablo	4 set. 2003	Francisco Correal
47.	www.opinion-encuentros.org	Monolitos	31 out. 2001	Aquilino
48.	www.noticiasdenavarra.com	No hace buen tiempo aires otoñales	29 set. 2002	s/a
49.	www.liceus.co	Novedad: Paul Nothomb – Malraux en España	Nov. 2002	s/a
50.	www.hispanidad.com	Una biografía con demasiadas preguntas abiertas	s/d	José J. Escandell
51.	www.rebellion.org	Malraux, el mejor imitador de sí mismo	2 jan. 2003	Antonio José Quesada Sánchez
52.	www.el-mundo.es/esfera/fichahtml?27/esf924264255	La condición humana. André Malraux/1933/Novela/Francia	s/d	Gabriel Albiac
53.	www.cnice.mecd.es/tematicas/filosofia/04articulos/columnas/genera68/6898p.htm	Treinta años	s/d	Gabriel Albiac

54.	80.81.104.134/2002-03-07/criterios/criterios4.htm	Biografías	s/d	Manuel Alcántara
55.	www.tirant.es/detalle?articulo=8483108267	André Malraux una vida	s/d	s/a
56.	www.agapea.com/Andre-Malraux-Una-vida-n10539li.htm	André Malraux. Una vida	s/d	s/a
57.	www.bauleros.org/tierraylibertad.html	“Tierra y Libertad Ken Loach and Freedom”	s/d	Luis de Santa Barbara
58.	elcultural.es/HTML/200040722/Teatro/TEATRO-SEM/Revistas.asp	¿De qué hablamos cuando hablamos de compromiso?	Madri: 2003	Santiago Martin Bermúdez
59.	www.elmundoalreves.org/libro.php?id=espania&cap=07	De la revolución a la Guerra Civil	s/d	Pierre Broue e Emile Térmime
60.	www.elmundoalreves.org/libro.php?id=espania&cap=09	El gobierno Caballero y le restauración del Estado	s/d	Pierre Broue e Emile Térmime
61.	www.usc.es/xorna/media/cineclubes/imaxes/malraux.pdf	CINE CLUBE DE COMPOSTELA	s/d	s/a
62.	www.diariodejerez.com/pg030904/opinion/opinion_opinion265806.htm	La revolución muerde con dieste de diablo	4 set. 2003	Francisco Correal
63.	www.satiria.com/libros/opinion_naufrago_malraux.htm	Cien años de Malraux	s/d	Renata Dorada
64.	www.hispanidad.com/lib_Malraux.htm	Una biografía con demasiadas preguntas abiertas	s/d	José J. Escandell
65.	usuarios.lycos.es/henrisb/helpinter/INTER.htm	Escuadrilla Malraux. <i>Aviación internacional en la Guerra Civil española</i>	s/d	s/a
66.	www.vieiros.com/noticia.asp?Ed=1&N=25739	Humillación ou dignidade.	s/d	Francisco X. Fernández Naval
67.	www.arrakis.es/~trazeg/libro3/16refiesta.html	La refiesta del Monstruo	s/d	Leopoldo De Trazegnies Granda
68.	www.fundanin.org/gutierrez11.htm	Malraux y Trotsky: encuentros y desencuentros. 2000	s/d	Pepe Gutierrez
69.	batzac.pangea.org/contracorrent7.htm	Quan Malraux visitava Trotsky.	s/d	Pepe Gutiérrez
70.	80.81.104.134/2000-10-08/cultura/cultura6.htm	La película “Sierra de Teruel” abre mañana el Ciclo “25 años de cine español”	8 out. 2000	s/a
71.	www.frances.profes.net/archivo2.asp?id_contenido=25248	En el centenario de André Malraux	s/d	Luis Lezama

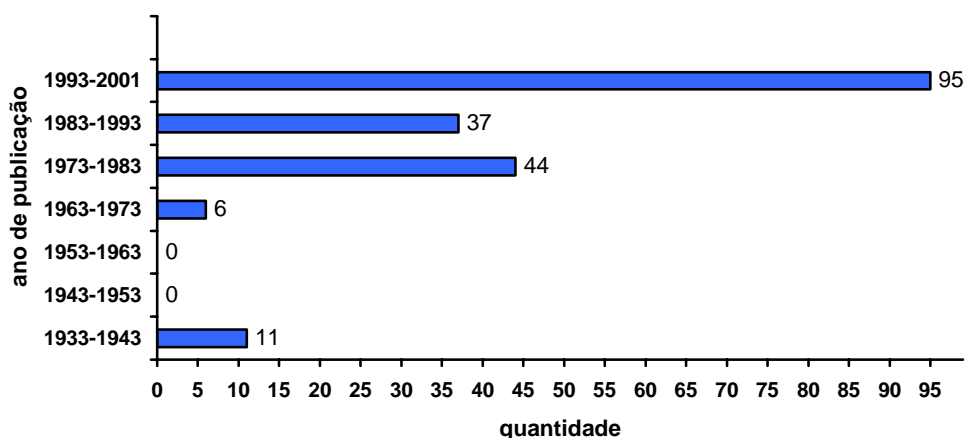
72.	www.circulo.es/Contenido/Libros/Libro.asp?Codigo=14987	André Malraux. La condición humana	s/d	Mario Vargas Llosa
73.	www.ociototal.com/recopila2/r_news/100libros.html	Los libros del milenio	s/d	s/a
74.	www.uv.es/gdha/publica/culturtec2000h.htm	Catálogos nacionales de patrimonio en Europa: una visión de conjunto	s/d	Jorge Sebastián Lozano
75.	www.sbhac.net/Republica/TextosIm/Duran/Duran.htm	Memoria republicana. Glorias y miserias de la improvisación de un ejército	s/d	Felipe C. R. Maldonado
76.	www.fundanin.org/malraux.htm	Encuentros con León Trotsky	s/d	André Malraux
77.	revista.libertaddigital.com/articulo.php/746	Sabor y sinsabores	9 mar. 2001	Carlos Semprún Maura
78.	www.libertaddigital.com:83/ilustracion_liberal/articulo.php/166	Tiempos de nauseas y desprecio		Carlos Semprún Maura
79.	www.lamalla.net/cercles/cultura_i_municipi/article_pic.asp?id_pic=2909&municipi	Aproximaciones a la proximidad. Tipologías y trayectorias de los equipamientos en Europa y en España (1ª part).	6 out. 2000	Eduard Miralles e Montserrat Saboya
80.	www.liceus.com/cgi-bin/ac/07/02111.asp	Paul Nothomb. Malraux en España	s/d	s/a
81.	www.ruta-imperios.com/espana/CapituloI.htm	Una leyenda para soñar	s/d	Vicente Plédel, Marián Ocaña e Javier Jayme
82.	www.saide.es/s2.htm	Programa de proyecciones sobre la Guerra Civil española. Ateneo navarro del 9 al 13 de septiembre	s/d	s/a
83.	clio.rediris.es/exilio/cinejuan.htm	La aportación del exilio republicano español al cine mexicano	s/d	Juan Rodríguez
84.	www.periodicosiglo21.com/archivo/e54/opinion/p06b.htm	Un Mensaje a Rodríguez. Botella en el mar	8 maio 2002	Pedro Conde Sturia
85.	www.tusquets-editores.es/lib_ficha_prn.cfm?Id=1545	Tiempo de memoria. André Malraux Una vida	s/d	s/a
86.	www.fundanin.org/trotsky2.htm	De la revolución estrangulada y de sus estranguladores	s/d	León Trotsky
87.	www.fundanin.org/trotsky2.htm	La revolución estrangulada	s/d	León Trotsky
88.	www.lateral-ed.es/revista/estanteria/101estanteria.htm	Una Biografía	s/d	Antonio García Vila

Anexo 8 - Gráficos indicativos da freqüência de publicação dos textos críticos – por decênio – no período estudado (1933-2001) no Brasil e na Espanha

8.1 MALRUCIANA BRASILEIRA



8.2 MALRUCIANA ESPANHOLA



Anexo 9 – Fotografias de Barcelona durante a Guerra Civil

Os trechos que servem de legenda para as fotografias foram retirados da primeira parte do livro *L'Espoir*, intitulada “L’Illusion Lyrique”. (MALRAUX, André. *Romans*. Paris: NRF/Gallimard, 1951)

As páginas abaixo referem-se aos trechos citados com as fotografias:

Foto 1 – Avinguda Tibidado (1936): pág. 604

Foto 2 - Caserna de Pedralbes (1934): pág. 604

Foto 3 - Caserna de Pedralbes: pág. 604

Foto 4 - Plaza Cataluña: pág. 605

Foto 5 – Rambla Cataluña: pág. 608

Foto 6 – Central telefônica: pág. 608

Foto 7 – Hotel Colón: pág. 613

Foto 8 – Plaza Cataluña: pág. 613

Foto 9 – Atarazanas: pág. 618 e 619

Foto 10 – Fortaleza de Montjuïc: pág. 619